

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Doutorado em Linguística

**A LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE: UMA
ABORDAGEM ECOLINGUÍSTICA**

Davi Borges de Albuquerque

Brasília

2014

Davi Borges de Albuquerque

**A LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE: UMA
ABORDAGEM ECOLINGUÍSTICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade de Brasília, como
requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor
em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Hildo Honório do Couto

Brasília

2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de
Brasília. Acervo 1017357.

A345L Albuquerque, Davi Borges de.
A língua portuguesa em Timor-Leste : uma abordagem
ecolinguística / Davi Borges de Albuquerque. -- 2014.
xiii, 363 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto
de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas
Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2014.
Inclui bibliografia.
Orientação: Hildo Honório do Couto.

1. Língua portuguesa - Timor Leste. 2. Língua portuguesa
- Português falado - Timor Leste. 3. Ecolinguística.
I. Couto, Hildo Honório do. II. Título.

CDU 806.90-101

Davi Borges de Albuquerque

A LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE: UMA ABORDAGEM ECOLINGUÍSTICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Brasília, 25 de agosto de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Hildo Honório do Couto
(Universidade de Brasília – LIP)
Presidente

Profa. Dra. Elza Kioko Nenoki do Couto
(Universidade Federal de Goiás)
Membro externo

Prof. Dr. Antonio Corbacho Quintela
(Universidade Federal de Goiás)
Membro externo

Prof. Dr. Antônio Augusto Souza Melo
(Universidade de Brasília – LIP)
Membro interno

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa
(Universidade de Brasília – LIP)
Membro interno

Profa. Dra. Ana Adelina Lopo Ramos
(Universidade de Brasília – LIP)
Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a minha família, que estiveram de alguma forma presentes (seja perto, seja longe): minha mãe, Maria Elizabete Borges de Albuquerque; meu pai, Paulo Cesar de Albuquerque; minha irmã, Denise Borges de Albuquerque; e minha esposa, Aurelie Marie Franco Nascimento;

A meu amigo e orientador, Hildo Honório do Couto, e sua esposa, Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, por todo suporte que me ofereceram nos caminhos da ecolinguística e além;

Um grande agradecimento ao meu amigo Gilberto Paulino de Araújo, que tanto se empenha tanto em ajudar a mim, como aos demais colegas pesquisadores, e também para contribuir de maneira significativa à ecolinguística;

Aos amigos: Zuzana Greksakova, John Holm, Nuno Almeida, Rui Ramos, Luis Pinto, Ana Sofia Deus, Jessé Fogaça Soares e sua esposa, Helem, que compartilham alguns de meus interesses pessoais, profissionais e acadêmicos (principalmente quando o assunto é Timor-Leste e (eco)linguística), e sempre estiveram disponíveis para trocar ideias;

Aos professores/pesquisadores: Donald Winford (The Ohio State University), Alan Baxter (UFBA), Hans Hägerdal (Linnaeus University), Joseph Clancy Clements (Indiana University Bloomington) e Hugo Cardoso (Universidade de Lisboa) que contribuíram com bibliografias e comentários valiosos a algumas seções deste trabalho.

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam
Da vária cor que pinta o roxo fruto;
Às aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha também Bornéu, onde não faltam
Lágrimas no licor coalhado e enxuto
Das árvores, que cânfora é chamado,
Com que da Ilha o nome é celebrado.

"Ali também Timor, que o lenho manda
Sândalo, salúífero e cheiroso (...)

Os Lusíadas, Canto X (133-134)

Luís Vaz de Camões

ABREVIATURAS UTILIZADAS

1sg ‘1ª pessoa do singular’

2sg ‘2ª pessoa do singular’

3sg ‘3ª pessoa do singular’

CL ‘classificador’

DEF ‘definido’

EXI ‘verbo existencial’

FEM ‘feminino’

IND ‘indefinido’

INT ‘intransitivizador’

IRR ‘irrealis’

LOC ‘locativo’

MSC ‘masculino’

NEG ‘negação’

PERF ‘perfectivo’

PL ‘plural’

POS ‘possessivo’

TOP ‘tópico’

LISTA DE FIGURAS, MAPAS, TABELAS E FOTOGRAFIAS

Figura 1. Ecosistema Linguístico Ecosistema Social da Língua	70
Figura 2. Ecosistema Fundamental da Língua	85
Figura. 3 Representação dos Ecosistemas Natural (1), Mental (2) e Social (3) da Língua	94
Figura 4. A filiação do Proto-Timórico	98
Figura 5. O grupo Fabrônico de línguas Timóricas	99
Figura 6. O grupo Ramelaico das línguas Timóricas	99
Figura 7. As línguas papuásicas de Timor-Leste e suas filiações	100
Figura 8: Ecosistema Mental da Língua	125
Figura 9. <i>Continuum</i> de variação do PTL	157
Figura 10. Participantes da ecologia da interação comunicativa	200
Figura 11. Possibilidades de participantes expressos nos pronomes	200
Figura 12. Representação mental do lexema	218
Figura 13. Representação mental das informações e da produção fonológica	219
Mapa 1. Timor-Leste e a distribuição das línguas nativas pelo seu território	101
Mapa 2. Os distritos de Timor-Leste	158
Mapa 3. Timor-Leste e suas fronteiras	150
Tabela 1: Exemplos do tabu linguístico <i>lia tasi</i>	122
Tabela 2: Exemplos da língua ritual <i>lia na'in</i>	124
Tabela 3. Influência da L1 e L2 na fonologia do PTL	243
Tabela 4. Frequência dos itens lexicais da L1 e L2 na fala em PTL	250
Tabela 5. Reduplicação parcial em Tetun	292
Foto 1: O autor em confraternização com uma turma da UNTL	77
Foto 2: Brincadeira no estilo passa-passa gavião entre professores e alunos	78
Foto 3. Brincadeira de escultura viva entre professores e alunos	78
Foto 4. Brincadeira mista de ciranda e 'carneirinho, carneirão' entre professores e alunos	79
Foto 5. Plantação de arroz (<i>Oryza sativa L.</i>) no distrito de Lautém	95

Foto 6. Os arredores de montanhosos da capital, Dili	96
Foto 7. Bobonaro, Monte Cablaque	97
Foto 8. Planta de Cailaco, ca.1727	103
Foto 9. Dom Boaventura. Liurai de Manufahi (1887-1912)	104
Foto 10. Ex-presidente de Timor-Leste, José Ramos-Horta, na campanha <i>Hapara violência kontra feto</i>	
‘Acabe com a violência contra as mulheres’	119
Foto 11. Campanha <i>Hapara trafiku umanu!</i> ‘Pare com o tráfico humano!’	119
Foto 12. Ministro da Agricultura e Pescas, Mariano Assanami Sabino (ao microfone), em reunião com os <i>lia nain</i> do distrito de Lautém (11 Out. 2010)	121
Foto 13. Reunião de <i>lia nain</i> no distrito de Viqueque (8 Ago. 2013).	
Foto do jornal <i>Suara Timor Lorosae</i>	121
Foto 14. Mulher trabalhando na tecelagem do <i>tais</i> , ornamento tradicional leste-timorense feito a base de algodão.	
Foto de Gabriela Spaizmann	127
Foto 15. Casa sagrada da região de Aileu, falante de Manbae	131
Foto 16. Casa sagrada no distrito de Lautém, falante de Fataluku. ©	131
Foto 17. Esquema das casas sagradas nas diferentes regiões de Timor-Leste	132
Foto 18. Preparação dos <i>ai suak</i> , ferramenta de agrícola. 2005	133
Foto 19. Ritual chamado de <i>oto koin</i> para preparar a terra a ser plantada. 2005	134
Foto 20. Ritual <i>bin gabalas no umon</i> para benzer as sementes do milho e evocar seu espírito. 2005	134
Foto 21. Ritual <i>pa’ol gota</i> de semeadura do milho feito com rezas, seguido pelo sacrifício de uma galinha, 2005	135
Foto 22. Barco tradicional de pescadores leste-timorenses	136
Foto 23. Grupo de pescadores numa embarcação tradicional preparando as redes para se lançarem ao mar. c. 1974. ©	136
Foto 24. Dom Aleixo Corte Real, usando <i>belak</i>	186
Foto 25. Um <i>liurai</i> com <i>belak</i>	186
Foto 26. Vários <i>tais</i> pendurados à venda, no <i>Dili Tais Market</i>	221
Foto 27. Extração do <i>tua</i> da palmeira	221
Foto 28. Venda do <i>tua mutin</i> em garrafas plásticas	222

Foto 29. Palmeira de areca e suas nozes ainda verdes	222
Foto 30. A trepadeira <i>betel</i> e suas folhas	223
Foto 31. Satê na bandeja	230
Foto 32. Vitrine de restaurante estilo <i>padang</i>	231
Foto 33. <i>Nasi goreng</i>	232
Foto 34. Homem segurando uma catana	234

RESUMO

A língua portuguesa é a língua oficial da República Democrática de Timor-Leste, ao lado da língua Tetun, desde sua constituição de 2002. Porém, a influência lusófona na ilha de Timor data do ano de 1515, período em que os colonizadores portugueses chegaram pela primeira vez na ilha. Atualmente, sendo falada por cerca de 5% da população, aproximadamente 50.000 pessoas, a língua portuguesa é ensinada em todos os níveis da educação formal leste-timorense, mas se encontra ameaçada por questões de natureza política, econômica e ideológica. A presente tese pretende realizar um estudo da variedade do português falado em Timor-Leste (doravante PTL) para poder valorizá-la e descrever seus aspectos linguísticos mais notórios. Para tanto, será feito uso da teoria ecolinguística e seus diferentes métodos de análise, que contemplam diversas subáreas linguísticas e extralinguísticas, para que seja possível descrever o fenômeno da presença da língua portuguesa em Timor de maneira mais acurada, contemplando diferentes aspectos do objeto pesquisado. Lembrando que o fato de preservar a variedade da língua portuguesa falada em Timor-Leste trata-se também de uma postura ecológica, visando a manutenção da diversidade linguística do português no mundo. Assim, após a introdução, será feita uma revisão bibliográfica crítica da ecolinguística, no capítulo 1. Os estudos sobre a língua portuguesa em Timor-Leste serão discutidos no capítulo 2. No capítulo 3, serão discutidos aspectos da metodologia ecolinguística. No capítulo 4, será descrito o ecossistema linguístico local de Timor-Leste antes e depois do impacto da colonização europeia, seguido pela análise de quais impactos foram esses. Após este capítulo, será feita a descrição do PTL, no capítulo 5. No capítulo seguinte, o capítulo 6, será analisada a ecologia da aquisição linguística e sua relação com o contexto em que ocorre a aquisição do português em Timor-Leste. O contato de línguas é um fator importante para se entender a situação linguística atual de Timor-Leste, assim no capítulo 7 será estudada a ecologia do contato de línguas no país. Após este capítulo serão feitas as considerações finais da presente tese, enfatizando os resultados encontrados, principalmente o fato da existência de uma variedade da língua portuguesa falada em Timor-Leste, chamada de PTL, e da ecologia da língua portuguesa no ecossistema desse país.

Palavras-chave: Língua portuguesa; ecolinguística; Timor-Leste.

ABSTRACT

Portuguese is the official language of *República Democrática de Timor-Leste* (Democratic Republic of East Timor), followed by Tetum as co-official, since the 2002 Constitution. The Portuguese influence on the island dates 1515, when the first Portuguese colonizers reach for the first time Timor Island. Nowadays, Portuguese language is probably spoken by 5% of Timor population, about 50.000 persons, and it is taught at schools in Timorese educational system, but even though Portuguese language is threaten by political, economic and ideological issues. This work intends to elaborate a study on the variety of Portuguese spoken in East Timor in order to value and to describe its conspicuous linguistic aspects. To do such work, it will be used ecolinguistic theory and its different methods which contemplate several areas of linguistics and other non-linguistic areas as well. The ecolinguistic approach was chosen due to the possibility to describe the presence of Portuguese language in Timor in a much more accurate way by studying the object of investigation through different aspects. Worth of notice is the preservation of the Portuguese variety spoken in East Timor which is an ecological attitude towards language maintenance and documentation. After the introduction, it will be elaborated a bibliographical review on ecolinguistic theory (chapter 1). Chapter 2 will be dedicated to the studies of Portuguese language in Timor. The methodology in ecolinguistics is discussed in chapter 3. In chapter 4, Timorese local linguistic ecosystem will be described comparing the impact of Portuguese colonization by showing some aspects of Timorese society before and after the contact with European people. This chapter is followed by the description of the variety of Portuguese spoken in East Timor itself – chapter 5. The next chapter – chapter 6 – it will be analyzed the ecology of language acquisition toward the context of Portuguese language acquisition in East Timor. Language contact is a crucial factor to understand Timorese history and the current linguistic situation of the country. Thus, chapter 7 will study the ecology of language contact in East Timor. After this chapter, the final remarks will be withdrawn emphasizing the results found in this study, mainly regarding to the existence of a Portuguese variety spoken in East Timor and the ecology of the presence of Portuguese language in East Timor ecosystem.

Keywords: Portuguese language; Ecolinguistics; East Timor.

SUMÁRIO

ABREVIATURAS UTILIZADAS	vi
LISTA DE FIGURAS, MAPAS, TABELAS E FOTOGRAFIAS	vii
RESUMO	x
ABSTRACT.....	xi
0 INTRODUÇÃO	14
<hr/>	
0.1 Justificativa e relevância do tema	14
0.2 Objetivos, perguntas de pesquisa e hipóteses	17
0.3 As abordagens teóricas e metodológicas utilizadas	18
0.4 Organização desta tese	21
1 A TEORIA ECOLINGUÍSTICA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	24
<hr/>	
1.1 Pressupostos teórico-filosóficos	24
1.2 Visão ecológica da língua: os precursores	37
1.3 Ecolinguística: bibliografia	39
1.4 Os problemas terminológicos	52
2 OS ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE	55
<hr/>	
2.1 O português de Timor-Leste: o PTL e o CPB	56
2.2 O português em Timor-Leste: ensino, discurso e identidade	60
2.3 A ecolinguística e Timor-Leste	65
3 A METODOLOGIA EM ECOLINGUÍSTICA	71
<hr/>	
3.1 Procedimentos metodológicos da ecolinguística	71
3.2 A coleta dos dados	87
3.3 A análise e interpretação dos dados	90
4 O ECOSISTEMA LINGUÍSTICO LOCAL	93
<hr/>	
4.1 Os ecossistemas natural, mental e social da língua em Timor-Leste	94
4.2 Breve história de Timor	101

4.3 A presença da língua portuguesa	106
4.4 O impacto do colonizador português	109
4.4.1 Adaptações nos eventos de fala	112
4.4.2 Adaptações nas situações de fala	137
4.5 A ecologia da escrita e do letramento em sociedades ágrafas	146
4.5.1 O impacto das novas mídias e tecnologias	151
4.6 O futuro do ecossistema linguístico de Timor-Leste	153
5 A VARIEDADE DO PORTUGUÊS DE TIMOR-LESTE (PTL)	155
<hr/>	
5.1 Informações preliminares	155
5.2 Aspectos fonético-fonológicos	157
5.2.1 A realização dos fonemas	157
5.2.2 A acentuação	163
5.2.3 Alguns processos fonológicos	173
5.2.4 A prosódia	176
5.3 Aspectos morfossintáticos	180
5.3.1 Uso de morfemas derivacionais	181
5.3.2 Os marcadores verbais de TAM	190
5.3.3 Uso da cópula e de conetivos	194
5.3.4 Emprego dos pronomes pessoais	198
5.3.5 Sujeito Nulo	201
5.3.6 Concordância variável	205
5.4 Aspectos léxico-semânticos	209
5.4.1 Retenções quinhentistas	211
5.4.2 Mudanças semânticas	214
5.4.3 Empréstimos das línguas locais	220
5.4.3.1 Elementos tetunófonos no PTL	220
5.4.3.2 Demais línguas locais	226
5.4.4 Empréstimos de outras línguas	228
5.4.4.1 Malaio	229
5.4.4.2 Chinês	232
5.4.4.3 Japonês	233

6 ECOLOGIA DA AQUISIÇÃO E DO MULTILINGUISMO EM TIMOR-LESTE	236
6.1 Suporte teórico: ecologia da aquisição e do multilinguismo	237
6.2 Estudos de caso de falantes leste-timorenses	241
6.2.1 Estudo de caso n ^o 1: um falante multilíngue leste-timorense	241
6.2.2 Estudo de caso n ^o 2: ecologia da interação intercultural	255
6.3 A língua portuguesa em Timor-Leste: L2, L3 ou LE?	
Situações de diglossia e multilinguismo	272
7 ECOLOGIA DO CONTATO DE LÍNGUAS EM TIMOR-LESTE	278
7.1 Situações do contato de línguas em Timor-Leste	279
7.2 Os resultados dos contatos de línguas em Timor-Leste	283
7.2.1 Resultados dos contatos interlinguísticos	283
7.2.2 Resultados dos contatos intralinguísticos	288
7.3 A ecologia dos contatos de línguas e a formação do PTL	299
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA UMA ECOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE	313
8.1 Revisitando perguntas, objetivos e hipóteses	313
8.2 Limitações deste estudo e sugestões para pesquisas futuras	316
8.3 Relevância e aplicação desta pesquisa	319
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	321
ANEXO	353

0. INTRODUÇÃO

0.1 Justificativa e relevância do tema

A língua portuguesa está entre as línguas mais faladas do mundo, com cerca de 200 milhões de falantes (LEWIS, SIMONS e FENNIG 2013). Além de Portugal, os países em que o idioma português se desenvolveu, ou vêm se desenvolvendo, são ex-colônias que resolveram manter ou adotar o português por motivos culturais, políticos e econômicos. A República Democrática de Timor-Leste, ou simplesmente Timor-Leste, enquadra-se na situação mencionada. *Timor Português*, como era conhecido em tempos antigos, era colônia portuguesa desde 1515, permanecendo sob o controle português até 1974.

Durante esse período, a educação ficou a cargo dos frades dominicanos, que acabavam por apresentar um critério tendencioso para selecionar os alunos a ser ensinados, sendo esta seleção preocupada em admitir nas escolas dominicanas somente os cidadãos nativos mais influentes, como: nobres e suas respectivas famílias, chefes de vilarejo, entre outros (HAJEK 2000). Assim, a língua portuguesa, somada a outras disciplinas do ensino formal da época, era conhecida apenas por poucos cidadãos nativos. Uma série de modificações em relação ao ensino nas colônias foi colocada em prática nos séculos XVIII e XIX, e fez com que, segundo Thomaz (1994), a porcentagem de timorenses falantes de língua portuguesa subisse para 15% da população no período anterior à invasão indonésia, no início da década de 1970.

Em 1975, a parte leste da ilha de Timor foi invadida pela Indonésia. Neste período, passou a ser chamada de *Timor Timur* (*timur* ‘leste’ em indonésio) pelos indonésios e foi anexada como 27ª província indonésia. A língua imposta à população leste-timorense foi o *bahasa indonesia* (*bahasa* ‘língua’), ou indonésio, que se trata da variedade do malaio falado na Indonésia e língua oficial do país. O governo indonésio acabou por reprimir violentamente o uso da língua portuguesa e também desvalorizar as demais línguas nativas. Além disso, iniciou uma completa reforma no ensino que se mostrou eficaz, com fluxo constante de materiais didáticos em indonésio, professores e demais profissionais capacitados na área educacional (ARENAS 1998). Isto causou quase uma extinção da língua portuguesa em Timor, que já era falada por pequena parcela da população, porém o movimento de resistência acabou por adotá-la como um símbolo de identidade timorense e na luta contra dominação indonésia. Esta situação se estendeu até 1999, quando o país realizou um plebiscito, votando a favor da retirada

indonésia. Segundo Costa (2002/2003), a igreja católica, que é a religião predominante em Timor-Leste até a atualidade, e as instituições relacionadas a ela, como seminários, externatos e colégios, que eram, na época da invasão indonésia, as únicas instituições de ensino ao lado de escolas militares, foram vigiadas pelos militares indonésios. Em um telegrama oficial do governo indonésio era decretada a eliminação de tudo que tivesse *berbau portugis* ‘sabor português’, principalmente a educação e cultura dos cidadãos leste-timorenses (COSTA 2002/2003).

O único aspecto positivo da dominação indonésia que constantemente é levantado pela própria população leste-timorense, e até por alguns estrangeiros, foi a construção de uma infraestrutura para o país, como: pavimentação, estradas, postes, pontes, estações de água e luz, residências em centros urbanos etc. Durante o período de colonização portuguesa poucas estruturas foram construídas para a população timorense, existindo uma preocupação maior com construções de estruturas ligadas à administração colonial, à igreja, à educação e ao militarismo.

Asism, este evento (a invasão indonésia) ocorrido no processo histórico da formação da nação leste-timorense foi decisivo para a situação atual da língua portuguesa, pois, além de o número de falantes de português ter aumentado significativamente nos anos anteriores à invasão (THOMAZ 1994), conforme já foi comentado acima, há a possibilidade de que o genocídio de parte da população timorense que lutou contra a Indonésia possa ter eliminado uma parcela de timorenses que fossem fluentes em português, seja como L1, seja como L2.

A liberação de Timor do jugo indonésio não foi pacífica e o período entre os anos de 1999 e 2002, que ficou sob administração provisória da ONU (Organizações das Nações Unidas) com a missão intitulada de UNTAET (*United Nations Transitional Administration in East Timor*), foi marcado por intensa violência e instabilidade, já que as tropas indonésias retiraram-se para a parte oeste da ilha, território indonésio, devastando e massacrando o que encontravam em seu caminho, contando também com o apoio de uma parcela da população leste-timorense que era simpatizante da indonésia e apoiava tal devastação contra o próprio país de origem.

Somente em 2002 ocorreu a votação para presidente, e a organização da constituição e de um governo democrático. Atualmente, a constituição promulgada atribui o status de língua oficial ao português e o Tetun¹:

¹ A língua Tetun é de origem austronésia e está entre as línguas mais faladas do país, sendo usada como língua franca pelos diferentes povos da ilha. Na presente tese foram empregadas as terminologias em

Artigo 13.º (Línguas oficiais e línguas nacionais)

1. O tétum e o português são as línguas oficiais da República Democrática de Timor-Leste.
2. O tétum e as outras línguas nacionais são valorizadas e desenvolvidas pelo Estado. (REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE 2002, p. 11-12).

A mesma constituição aceita como línguas de trabalho o inglês e o indonésio:

Artigo 159.º (Línguas de trabalho)

A língua indonésia e a inglesa são línguas de trabalho em uso na administração pública a par das línguas oficiais, enquanto tal se mostrar necessário (REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE 2002, p. 45).

Desta maneira, pode-se observar brevemente que a língua portuguesa em Timor-Leste viu uma ascensão paulatina no meio ambiente da ilha (1515-1974), porém sofreu um grande declínio (1974-1999), que a ameaçou seriamente, cujos reflexos são vistos até os dias atuais (ALBUQUERQUE e TAYLOR-LEECH 2013). É possível observar também que a língua portuguesa, ao lado da religião católica (bem como o catolicismo está relacionado ao português), são dois traços de identidade individual e grupal que serviram como uma espécie de pilar para a organização da resistência contra a dominação indonésia, a formação do Timor independente e a reconstrução do país. Apesar de a parcela da população leste-timorense falante de português ter sido sempre reduzida no decorrer da história, limitando-se a segmentos específicos da sociedade (nobres, líderes, anciãos), estes indivíduos falantes de português foram decisivos para a escolha e a implantação do português no país, já que, além de serem cidadãos leste-timorenses de destaque, que lutaram contra a Indonésia dentro ou fora do país, a escolha pela adoção da língua portuguesa como língua oficial estreita laços com toda a comunidade lusófona, suas instituições, como a CPLP, e enfatiza uma identidade leste-timorense notavelmente distinta dos demais países vizinhos, que apresentam grande influência anglófona, garantindo que em um provável futuro a Indonésia possa repetir a invasão, alegando proximidade geográfica e cultural, como fez anteriormente. A escolha da língua portuguesa acaba também por manter uma série de tradições socioculturais de Timor, pois não apenas a língua, mas a política internacional, a educação e a religião

ortografia das línguas nativas leste-timorenses. Assim, optou-se pelas formas *Tetun* e *Tetun Prasa* no lugar de *Tétum* e *Tétum-Praça*, respectivamente, sendo o mesmo válido para outros termos, que serão devidamente apontados quando necessário.

foram mantidos. Porém, deve-se enfatizar que Timor-Leste não cortou os laços com os demais países, procurando manter boas relações internacionais e tendo em mente a parcela da população nascida durante o período indonésio, o país decidiu por manter o inglês e o indonésio como línguas de trabalho.

A parcela da população que fala o português é um tanto incerta, já que os recenseamentos realizados são díspares, apresentando grande diferença entre os dados, e propensos a apoiar a ideologia de uma ou outra instituição internacional. Posteriormente, esta questão será retomada, sendo discutida com mais detalhes e alguns números apresentados. Entre entidades que possuem interesses em Timor-Leste, as mais notórias são os governos português, indonésio e australiano, a ONU, UNESCO, UNICEF e mais uma série de ONGs que atuam em diversos países, sendo que algumas delas são a favor da língua portuguesa, enquanto outras são a favor da implantação da língua inglesa e abolição do português. Foi adotado para a presente tese o número de 5% da população leste-timorense falante de português que parece ser o que está em consonância com a realidade do país, de acordo com a pesquisa de campo. Vale enfatizar também que o ensino de língua portuguesa em Timor-Leste desde sua reintrodução parece ter obtido alguns resultados, já que, segundo o *Relatório de Avaliação do Projecto de Reintrodução da Língua Portuguesa (PRLP) em Timor-Leste – 2003-2009* (BARBEIRO et al. 2010, p. 32) o número de falantes cresceu cerca de 10%, passando de 5% para 15%.

0.2 Objetivos, perguntas de pesquisa e hipóteses

Diante do complexo quadro descrito anteriormente, o objetivo do presente trabalho é analisar a variedade da língua portuguesa falada em Timor-Leste, que será o tema de investigação da presente tese. Para tanto, não se fará somente uma descrição de tal variedade, será feito um estudo holístico da língua portuguesa em Timor-Leste, levando em consideração a situação social, política e o ensino do português em Timor-Leste (para diferenciar a língua portuguesa falada formalmente em Timor-Leste e aprendida nas escolas da variedade do português que lá se desenvolveu historicamente a partir do contato, da situação de multilinguismo, entre outras), quanto fatores que contribuíram para a formação de uma variedade leste-timorense do português, chamado aqui de Português de Timor-Leste (doravante PTL). Entre esses fatores é possível mencionar: a história da língua portuguesa na ilha de Timor e na Ásia, o contato entre língua/povos que ocorreram no decorrer dessa história, os processos de aquisição e

multilinguismo que a afetaram, assim como a descrição dos traços linguísticos específicos do PTL. Assim, a investigação desses vários aspectos relacionados à presença da língua portuguesa em Timor-Leste são os objetivos secundários desta tese.

A pergunta principal de pesquisa que permeia todo o presente trabalho é a seguinte:

1- Há uma variedade da língua portuguesa falada pelos leste-timorenses que possa ser considerada como própria do país?

Esta pergunta foi considerada a principal, pois a partir dela surgem as demais perguntas que moveram o estudo realizado aqui e que se procurou responde-las adequadamente no decorrer desta tese:

- a) Caso realmente exista, como foi formada a variedade da língua portuguesa falada pelos cidadãos leste-timorenses (chamada aqui de PTL)? Foi fruto de mudança linguística, contato e/ou aquisição?
- b) Quais as diferenças entre o PTL e a língua portuguesa aprendida via educação formal em Timor-Leste?
- c) Quais são as evidências linguísticas para a hipótese da existência do PTL?
- d) Aspectos extralinguísticos, como os aspectos: históricos, sociais, culturais, geográficos, econômicos e educacionais, contribuíram de alguma maneira para a formação do PTL?

A hipótese é de que realmente existe a variedade da língua portuguesa falada pelos leste-timorenses, o PTL, possuindo esta variedade características estruturais próprias, assim como um histórico de formação e uso na sociedade leste-timorense². Para se apresentar mais evidências e argumentos a favor desta hipótese, procurou-se também descrever vários aspectos do meio ambiente leste-timorense que influenciaram no surgimento e desenvolvimento dessa variedade, e como se encontra atualmente o PTL no cenário linguístico do país.

0.3 As abordagens teóricas e metodológicas utilizadas

A abordagem utilizada será a da ecolinguística, discutida em detalhes no capítulo 1. A escolha de tal abordagem se justifica pelo fato de que uma análise tradicional do português em Timor-Leste não explicaria uma série de elementos

² Vale lembrar que a população estimada de falantes leste-timorenses de português é de 5% (NATIONAL BOARD OF STATISTICS 2006).

extralinguísticos (sociais, políticos, culturais, históricos, geográficos) que influenciaram e contribuíram para a formação da complexa situação linguística atual de Timor-Leste, especialmente do português. A ecolinguística estuda as relações entre língua e meio ambiente (HAUGEN 1972, MÜHLHÄUSLER 2003, COUTO 2007), entendendo o termo ‘meio ambiente’ em suas diferentes acepções: sentido político (a necessidade de protegê-lo, as espécies ameaçadas etc.); sentido biológico (as relações entre língua e as espécies do meio ambiente, ou seja, a fauna e a flora); sentido geográfico (as relações entre língua e o meio ambiente físico); sentido social (as relações entre as línguas e suas funções na sociedade); sentido ideológico (a língua sendo usada como instrumento de manipulação cultural e terreno de conflito de interesses). Conforme será apresentado no capítulo 1, a ecolinguística possui diferentes vertentes teóricas (LECHEVREL 2009), algumas já sendo reconhecidas como escolas teóricas (NASH 2011b), que adotam uma das acepções citadas para o termo ‘meio ambiente’ e procuram alcançar objetivos distintos em suas investigações e, desta maneira, adotam metodologias diferentes. Serão adotados aqui os pressupostos da linguística ecossistêmica (COUTO 2012a, 2012b) e da ecologia fundamental da língua (COUTO 2007), assim como alguns modelos teóricos propostos por outros autores, principalmente modelo gravitacional de Calvet (1999), o modelo evolucionário de Mufwene (2001, 2008) e o modelo de análise da Escola de Adelaide (MÜHLHÄUSLER 1996, 2003; NASH 2011a, 2011b).

Os princípios metodológicos da ecolinguística adotados para a investigação e análises do presente trabalho serão discutidos no capítulo 3. Em relação à metodologia utilizada, optou-se pela proposta empírica da Escola de Adelaide (NASH 2011a, 2011b, 2013), já citada anteriormente, que opta por um minimalismo empírico, enfatizando as comunidades de fala pequenas e isoladas; a metodologia holística de Couto (2007), que foca todos os aspectos ecológicos da interação comunicativa e da ecometodologia, que acaba por fazer uso da metodologia de outras disciplinas (COUTO 2013b).

Tal escolha de metodologia não foi aleatória, ela justifica-se pelo fato de a Escola de Adelaide focar em pequenas comunidades, principalmente do Pacífico, onde a comunidade de fala leste-timorense se encontra próxima e possui características semelhantes, já a metodologia holística de Couto (2007) revelou-se instrumento importante para análise pelos fatores de incluir tanto elementos linguísticos, quanto elementos extralinguísticos, assim como possibilitar que as relações entre esses dois elementos (linguísticos e extralinguísticos) sejam evidenciadas. Já a ecometodologia, baseada na multimetodologia, justifica-se pelo caráter interdisciplinar e multidisciplinar

da ecolinguística (COUTO 2013b), que acaba por fazer uso da metodologia de outras disciplinas quando se faz necessário.

Tal procedimento foi adotado para os capítulos 4 a 8, como será apontado a seguir. No capítulo 4, ao se descrever o ecossistema linguístico local, que se assemelha ao conceito de comunidade de fala, será feito uso da teoria sociolinguística que versa sobre a comunidade de fala (LABOV 1972) e também da etnografia da comunicação (GUMPERZ e HIMES 1972), para se descrever como eram as redes comunicacionais locais de Timor-Leste, além da teoria ecolinguística; já no capítulo 5, onde será feita a descrição da variedade do PTL o aporte teórico será do estruturalismo e do funcionalismo; no capítulo 6, sobre a ecologia da aquisição do português, será utilizado o suporte teórico-metodológico sobre aquisição de língua e multilinguismo, com a bibliografia ecolinguística a respeito de aquisição (KRAMSCH 2002, 2007; KRAMSCH e STEFFENSEN 2008; KRAMSCH e WHITESIDE 2008; LEATHER e VAN DAM 2003); finalmente, o capítulo 7 será dedicado à ecologia do contato de línguas e, assim, da mesma forma que o anterior, o capítulo 6, será feito uso da bibliografia ecolinguística sobre contato (COUTO 2009, MUFWENE 2001, 2008).

Após extenso trabalho de campo durante os anos de 2008 e 2009, em que o autor desta tese viveu entre os leste-timorenses nos diferentes distritos do país, os dados coletados e as análises efetuadas foram elicitadas em 2010, com falantes leste-timorenses residentes no Brasil. Assim, verificou-se que a parcela da população falante de português é extremamente reduzida, por este fator foi adotada para o presente trabalho a estimativa que possui os números mais reduzidos a respeito da contagem dos falantes. Desta maneira, a porcentagem trabalhada aqui é a de 5% da população leste-timorense falante português, de acordo com o *Relatório do Desenvolvimento Humano de Timor Leste* (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO 2002), sendo que a população de Timor-Leste é cerca de 1 milhão e 100 mil pessoas, mas na época do recenseamento era um pouco menos, o que faz com que o número de falantes leste-timorenses de português seja em torno de 40.000 e 50.000. De acordo com os órgãos oficiais, entidades internacionais e ONGs em atuação em Timor-Leste, este número é atualmente bem maior e tende somente a crescer. Apenas como exemplo desses números maiores, a publicação *Timor-Leste Census of Population and Housing 2004* (NATIONAL BOARD OF STATISTICS, 2006) estima o número de falantes leste-timorenses de português em 37%. Porém, com base nas observações feitas durante a viagem de campo deste pesquisador, tal visão

otimista, bem como as porcentagens altas, não se sustentam na realidade do país, conforme será apontado abaixo. Vale lembrar que estes números procuram sustentar uma ideologia das organizações que realizaram o recenseamento ou o financiaram, fazendo com que instituições que têm interesse na língua portuguesa apresentem o número de falantes bem maiores que a realidade, bem como órgãos que possuem interesse na implantação da língua inglesa em Timor-Leste e na retirada do português apresentem números extremamente reduzidos.

Além do número reduzido de falantes, a língua portuguesa tem sua sobrevivência ameaçada em Timor-Leste por fatores sócio-políticos. Entre eles, é possível apontar dois principais: o apoio reduzido que a língua portuguesa possui e o espaço que a língua inglesa vem conquistando. A língua portuguesa possui apoio reduzido, quando comparado com os grandes investimentos que diferentes instituições internacionais oferecem para a implantação da língua inglesa em Timor-Leste, já que o maior investimento se origina do governo português (BARBEIRO *et al.* 2010) e uma pequena parte do governo brasileiro. A língua inglesa vem conquistando grande espaço na sociedade leste-timorense por meio de influências do governo australiano, ao lado dos demais governos anglófonos, assim como da Indonésia, tanto sobre a população nativa, seduzindo-a através de diversas promessas de um futuro melhor, como também sobre o governo de Timor-Leste, com acordos bilaterais entre ambos os governos, Austrália e Timor-Leste.

0.4 Organização desta tese

A presente tese está parcialmente organizada seguindo a proposta de Haugen (1972), em um artigo de sua autoria que data de 1942³, onde o linguista propõe um método para se analisar a comunidade de imigrantes noruegueses que residem nos Estados Unidos. Assim, como tal método provou-se válido nas pesquisas seguintes do autor, sua divisão foi aplicada e adaptada à realidade da pesquisa sobre a língua portuguesa em Timor-Leste. Haugen (1972, p. 42-43) apresenta uma proposta de quatro passos para se analisar uma comunidade imigrante, ou seja, uma comunidade de fala que possui uma característica diferenciada de possuir seu povo/língua transplantado de seu meio ambiente original. Os quatro passos são: analisar a comunidade de fala

³ O artigo de Haugen é intitulado *Problems of Linguistic Research among Scandinavian Immigrants in America*, publicado originalmente no *American Council of Learned Societies Bulletin*, e se encontra reproduzido em Haugen (1972).

específica, sua história, aspectos sociais e culturais; descrever a língua da comunidade, relacionando-a com as línguas vizinhas e com a variedade não transplantada; a tradição da língua escrita do povo/língua da comunidade de fala analisada; os nomes empregados por esta comunidade. Como será visto posteriormente, os capítulos 4 e 5 foram organizados de acordo com os três primeiros passos de Haugen, enquanto o último passo, o estudo dos nomes de uma comunidade, se revelou um tanto inadequado para a análise específica do PTL e, por isso, não incluído aqui, porém deve-se enfatizar a importância para ecolinguística do estudo dos nomes dados entre os indivíduos de uma comunidade, chamado de etnoantroponímia (COUTO 2007, p. 260). Enquanto os capítulos 6 e 7 contribuem para um estudo holístico do objeto analisado aqui, já que abordam o PTL de acordo com outros pontos de vistas linguísticos, a saber: o contato de línguas e povos, e aquisição e multilinguismo.

Dessa forma, após a introdução, é feita uma revisão bibliográfica da teoria ecolinguística, no capítulo 1, apontando também seus precursores e os pressupostos linguísticos e filosóficos. No capítulo 2, é oferecido um panorama dos estudos da língua portuguesa em Timor-Leste. A revisão bibliográfica apresentará uma visão geral das publicações de ambos os temas citados (ecolinguística e língua portuguesa em Timor-Leste), classificando-as cronologicamente e em ordem crescente, organizando-se desde as primeiras e mais antigas publicações até as mais recentes. As publicações citadas serão comentadas e avaliadas criticamente, apontando-se quais foram as que mais contribuíram para a linguística, assim como as que influenciaram o presente trabalho. No capítulo 3, discutem-se as questões de metodologia em ecolinguística, assim como se discorre sobre o processo de coleta e análise dos dados utilizados nesta tese.

O capítulo 4 é que se baseou na proposta de Haugen (1972) citada anteriormente. Neste capítulo, é feita uma descrição do ecossistema linguístico local, conceito similar ao da comunidade de fala, seguida por análises sócio-histórica e etnográfica da comunidade de fala antes e depois da colonização portuguesa, ou seja, quais foram os impactos da colonização sobre a ecologia nativa, seguindo também o suporte teórico de Couto (2007, 2009, 2013b), Garner (2004), Haarmann (1986) e Mühlhäusler (1996, 2003).

No capítulo 5, serão descritos aspectos específicos da língua portuguesa, diferenciando-se, primeiramente, a língua portuguesa em Timor-Leste, e todas suas implicações sócio-políticas, da língua portuguesa de Timor-Leste, variedade emergente da língua portuguesa formada pelo caráter de língua transplantada para um novo meio

ambiente. Apresentar-se-á também uma análise dessa variedade linguística, o Português de Timor-Leste, identificando-se os traços linguísticos idiossincráticos e suas origens devido ao contato linguístico e à adaptação linguística ao novo meio ambiente.

No capítulo 6, serão discutidos a aquisição, o bi- e o multilinguismo em Timor-Leste sob o ponto de vista da ecolinguística. Assim, serão descritos os aspectos ecológicos desses processos, suas relações com os diferentes meio ambientes, e o papel da língua portuguesa nesta rede de inter-relações, de acordo com a teoria da ecologia da aquisição linguística de Kramsch (2002, 2007), Kramsch e Steffensen (2008), Kramsch e Whiteside (2008) e Leather e van Dam (2003). Além disso, seguindo a abordagem ecológica da aquisição e multilinguismo, que afirma não ser possível separar os estudos desses temas da socialização linguística, serão analisadas também como estas ocorrem no ecossistema linguístico local de Timor-Leste.

Finalmente, a relevância do contato de línguas para a formação do PTL e para a configuração atual do ecossistema linguístico de Timor-Leste será analisada no capítulo 7. As diversas situações de contato, que geraram processos de evolução e adaptação linguísticas, serão descritas, baseadas em Couto (2009) e Mufwene (2001, 2008). Após este capítulo, serão feitas as considerações finais do presente trabalho.

CAPÍTULO 1

A TEORIA ECOLINGUÍSTICA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A ecolinguística é um ramo da linguística que teve seu início na década de 1970, exatamente com o trabalho de Haugen (1972), que será comentado posteriormente, e que viu seu ápice no final da década de 1990, conforme Lechevrel (2009) apontou em seu artigo, afirmando que no período entre 1996 e 2000 a ecolinguística conta com o maior número de trabalhos publicados (livros, capítulos de livros, artigos, entre outros) em diferentes línguas, sendo as principais o inglês, o alemão e o francês, no decorrer de sua breve história.

Atualmente, há diversos autores que apresentam diferentes propostas teóricas e metodológicas para a ecolinguística, como: o modelo gravitacional (CALVET 1999), o modelo evolucionário (MUFWENE 2001, 2008), a gramática pragmo-ecológica (MAKKAI 1993), a linguodiversidade e biodiversidade (MAFFI 2001), a linguística ecossistêmica (COUTO 2012a, 2013b), a análise do discurso ecológico (COUTO 2013a), entre outras, conforme será revisado em (1.3). Há certos autores, como Finke (2014), que questionam o próprio status científico da ecolinguística, como uma nova área da ciência ou um novo ramo do saber, estando ligado à ecologia da mente ou ecologia do conhecimento, desta forma, indo muito além de certas teorias que consideram a ecolinguística como uma subárea da linguística.

Dessa maneira, este capítulo fará uma revisão bibliográfica da ecolinguística. Esta revisão tem como objetivo apresentar as principais contribuições feitas pelas publicações ecolinguísticas, por meio de comentários e breves análises críticas, para posteriormente selecionar as mais pertinentes a ser usadas durante a elaboração da presente investigação. Assim, serão estudados os pressupostos teóricos de outras áreas do saber que influenciaram a formação do pensamento ecológico da língua, com a fundamentação filosófica, em (1.1), seguido por (1.2) que estudará os precursores dos estudos da linguagem, que de alguma maneira começaram a perceber a ligação entre língua e meio ambiente. Já em (1.3) será feita a revisão bibliográfica da teoria ecolinguística e, finalmente, em (1.4), serão discutidos alguns aspectos da terminologia ecolinguística.

1.1 Pressupostos teórico-filosóficos

O cenário europeu do final do século XIX e início do XX foi propício para o nascimento não apenas da ecologia, mas também para o desenvolvimento de uma série de teorias e sistemas filosóficos que passaram a questionar a fragmentação, a predominância da quantificação e a suposta superioridade da impessoalidade.

A ecologia e seus demais conceitos-chave, como meio ambiente e inter-relações, surgiram dentro da biologia no final do século XIX e, com o passar do tempo, se expandiram, aparecendo novos termos e suas aplicações expandiram-se de maneira interdisciplinar.

Assim, vários ramos do saber passaram, no início do século XX, por uma reviravolta, seja na abordagem, seja paradigmática, que os afetou inteiramente, inclusive na forma dos cientistas pensarem sobre suas ciências, experimentos e resultados, ou seja, a ciência como um todo passou a ser uma tarefa mais reflexiva e a ser repensada. Foi possível observar na física, a teoria da relatividade e a física quântica; na química, os isótopos radioativos, descobertos por Marie Cury, e o princípio da incerteza, postulado por Heisenberg; na história, a escola dos *Annales*, por Fernand Braudel, a microhistória, de Carlo Ginzburg, e a história das mentalidades, de Johan Huizinga.

Esses são somente alguns exemplos dentre os muitos existentes nas várias ciências, e parece que somente a linguística não sofreu tamanhas modificações, mas manteve sua oscilação teórico-metodológica no decorrer da história da disciplina, conforme será apontado abaixo. Diversos linguistas já haviam notado que os conceitos de Kuhn (1962) de ‘paradigmas’, a dicotomia entre ‘ciência normal’ e ‘ciência’ e ‘revolução científica’, não se aplicavam à linguística. Entre eles: Percival (1976) afirma que o conceito de revolução pode ser aplicado à teoria linguística, enquanto o conceito de paradigma, não. O autor discute dois casos da linguística do século XIX: Rask e Diez. Baseado na análise de Malkiel (1974), Percival (1976, p. 290) segue afirmando que a contribuição do filólogo alemão Friedrich Diez (1794-1876) para o estudo do Romance Antigo seguiu as tradições dos estudos de sua época, assim como os do filólogo dinamarquês Rasmus Rask (1787-1832), que seguiram os conhecimentos de etimologia e gramática filosóficas do século XVIII (DIDERICHESEN 1974). Outro estudioso que afirma o mesmo é Makkai (1993, p. 6). Este ecolinguista aponta que o conceito de revolução científica, proposto por Kuhn (1962), não se aplica à linguística, já que o paradigma da ciência linguística manteve-se o mesmo desde o período pré-socrático, com a dicotomia entre a doutrina de Heráclito de Éfeso (VI-Va.C.) e de Parmênides de Eleia (VI-Va.C.). A doutrina de Heráclito é baseada no fogo e no

movimento como origem, causa e fim de tudo no universo, assim acredita que o universo nasceu do movimento do fogo, o movimento origina as coisas e muda-as constantemente, e o universo acabará pelo fogo, pois é finito e movimenta-se em direção a ele para encerrar um ciclo, e começar outro. Já a doutrina de Parmênides de Eleia pode ser considerada oposta a de Heráclito, pois Parmênides acreditava no universo e no ser como únicos e imutáveis, e vai além, postulando, em seu poema conhecido como *Da Natureza*, que o ser é indivisível e imóvel⁴. Desta maneira, Heráclito é fundador do pensamento que considera o objeto dinâmico, em constante mudança, sendo assim a referência primeira a todos que pensam a língua como objeto de estudo em mudança (seja mudança social, histórica, de registro etc.), enquanto Parmênides representa o oposto, sendo o precursor daqueles que estudam a língua como um objeto fixo e imutável (gramáticos, normativistas). Makkai (1996) baseou sua argumentação nas ideias expostas anteriormente por Algeo (1972).

Digno de nota é que, a partir do século XX, alguns teóricos perceberam relações entre a doutrina de Heráclito, a sabedoria oriental, presente nos escritos do hinduísmo, budismo e taoísmo, e as ciências tradicionais. Tais relações são discutidas em Capra (1998, 2002), porém já haviam sido expostas anteriormente por célebres filósofos, no início do século XX, como Bachelard (1979, 1996) e Husserl (2012). Em Carvalho (1996b), o filósofo aponta uma série de erros interpretativos em Capra (1998, 2002) a respeito do taoísmo⁵. Em West (1971), o autor chega a expor certas influências da cosmologia e teologia orientais sobre o surgimento da filosofia ocidental, na Grécia, com os filósofos pré-socráticos. Na linguística, destacam-se também alguns autores que estudaram tais relações, principalmente da sabedoria do taoísmo com a linguística: Friedrich (1989), Stibbe (2002) e Couto (2012c).

Assim, os estudos sobre a língua na Grécia antiga giraram em torno desse paradigma, com os demais filósofos contemporâneos de Sócrates, principalmente Platão e Aristóteles, e também os sofistas, conforme pode ser visto no diálogo platônico *Crátilo*, que procura de certa forma sintetizar as diferentes visões sobre língua em seu

⁴ Para as obras dos filósofos pré-socráticos foram consultados Bornheim (1998) e Gomes (1980).

⁵ Carvalho (1996b, p. 19) chama atenção de equívocos como: *yang* ser interpretado por Capra como razão analítica e *yin* como união, mas a representação em ideograma deles é exatamente contrária (*yang* é um traço contínuo e *yin* é um traço dividido); segundo Carvalho (1996b, p. 20), Capra afirma que o homem oriental não procura dominar a natureza, mas integrar-se a ela, o que consiste em vários equívocos pelo fato de não haver um lexema para ‘natureza’ em chinês, há uma distinção entre mundo visível e mundo invisível, e também não há a dicotomia ocidental ‘homem x natureza’, mas uma relação triádica ‘homem – terra – céu’.

tempo, sendo as duas principais: o naturalismo e o convencionalismo⁶. Nos séculos seguintes, esta dicotomia sofreu apenas alterações superficiais, mantendo-se até o período helenístico, com o estoicismo e demais gramáticos e retóricos, porém passou a ser chamada de anomalia e analogia. No período helenístico se destacaram os gramáticos e os retóricos, como Dionísio da Trácia (179 a.C. – 90 a.C.), Varrão (116 a.C. – 27 a.C.), entre outros.

Na idade média e renascimento prevalece o paradigma dos analogistas, com ênfase no falar bem, ou seja, na retórica, sendo, a língua encarada como uma dádiva divina dada aos homens e não modificada nem construída por eles, conforme pode ser visto nos modistas medievais e nas primeiras gramáticas do século XVI. Porém, durante os períodos citados (a idade média e o renascimento), há grosso modo vislumbres de um caminho rumo à unificação dos paradigmas nas obras de alguns autores, como Isidoro de Sevilha, em sua *Etymologiae*, ou a conhecida *Rhetorica ad Herennium*, somente para citar alguns, e a obra máxima de Dante Alighieri *De vulgari eloquentia*, que é considerado o primeiro tratado dedicado ao estudo das línguas e precursor da linguística moderna. Durante a idade média destacou-se também a gramática especulativa, destacando-se os modistas, como Boécio da Dácia (*De modis significandi*, c. 1270). Já no renascimento outro destaque vai para a gramática racional de Antoine Arnauld, publicada em 1660.

Já no final do século XVIII e no século XIX, a partir dos trabalhos clássicos de Jones⁷, Bopp (2005 [1833]), Schlegel (1808), Humboldt (1836)⁸, entre outros, houve a ascendência dos estudos históricos das línguas. Além de mudar o paradigma do estudo

⁶ Somente os dois grandes filósofos da tradição metafísica ocidental, Platão e Aristóteles, discordaram das duas teorias, porém ambos não deixaram nenhuma exposição clara de seus pensamentos sobre a língua/linguagem. No diálogo *Crátilo*, é possível perceber que Platão, na figura de Sócrates, apresenta evidências contra o naturalismo e o convencionalismo, mas não tem o problema da linguagem como seu objetivo principal, mas o contrário, encara a linguagem como problema, e, ao argumentar contra as duas teorias, na verdade, Platão deseja afirmar que a linguagem não é o único meio, assim como não é o mais confiável, de se alcançar a realidade. Já Aristóteles, em suas obras, analisou diversos problemas relativos à linguagem, como a poética, a retórica, a interpretação, porém não chegou até nós nenhuma obra sobre a linguagem. Segundo a teoria dos quatro discursos, proposta por Carvalho (1996), Aristóteles organizou sua obra como uma ascese, onde o discurso poético seria o primeiro degrau na escala do conhecimento e da aproximação da verdade, seguido pelo discurso retórico, discurso dialético e discurso analítico.

⁷ Campbell (2005) apresenta uma série de argumentos, afirmando que o método de Jones, assim como a atribuição de importância aos seus trabalhos é falha, já que as publicações de Jones nada trouxeram de original na época, pois o conhecimento das relações entre as línguas Indo-europeias era um tanto comum desde o renascimento, como pode ser visto no trabalho de Dante Alighieri, muitos de seus estudos filológicos e etimológicos estão errados, e a comparação entre línguas e famílias linguísticas também são inexatas.

⁸ As ideias de Humboldt, que relacionavam língua, ambiente e nação, são consideradas como precursoras do pensamento ecolinguístico, conforme será discutido em (1.2).

das línguas, focando na importância da evolução e mudança linguísticas, os autores deste período trouxeram contribuições e avanços fundamentais para a linguística ao desenvolver os estudos da linguística histórico-comparativa, e também nas áreas da fonética e fonologia. Outra contribuição importante dos estudiosos desse período que deve ser mencionada aqui, pois está ligada ao presente trabalho, foram os estudos das relações entre língua, biologia e sociologia, que levavam em consideração para o estudo das línguas ideias do evolucionismo de Darwin, assim como metáforas naturalistas que comparavam a língua com um organismo que nascia, crescia e morria, sendo estas metáforas severamente criticadas, inclusive pelo próprio Saussure (2000). Já as relações com a sociologia seguiam as ideias positivistas da época, de sociólogos como Auguste Comte e Émile Durkheim, que traçavam uma relação unívoca entre o ser humano e a sociedade, sendo o comportamento do primeiro determinado pela segunda. Na teoria ecolinguística, tem sido aproveitada e redimensionada essas visões e relações entre língua, biologia e sociologia traçadas pelos filólogos e comparatistas do século XIX, como Mühlhäusler (2000) já apontou a importância de Humboldt para o surgimento da ecolinguística, e Garner (2004) enfatiza que ainda a de se aprender com os escritos desses filólogos⁹. No século XIX, também se encontra resquícios de autores que mantêm a visão medieval-renascentista, como Müller (1875), que de certa forma procurou associar teoria linguística e a visão teológica da origem das línguas.

Após esse período, destaca-se a obra de Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da linguística moderna, com o seu *Cours de Linguistique Generale*, publicado em 1916 (SAUSSURE 2000). Neste trabalho o autor, realizou uma série de recortes dicotômicos, como: *langue* e *parole*, sincronia e diacronia, paradigma e sintagma, que acabou por definir o objeto de estudo da linguística e traçar seus principais procedimentos metodológicos. A obra do linguista franco-suíço serviu também como base para a escola teórica do estruturalismo europeu, que acabou por aperfeiçoar diversos aspectos da teoria linguística moderna, apresentado contribuições significativas na consolidação da fonética e fonologia, com o estudo dos fones e fonemas, na morfossintaxe e na elaboração de gramáticas descritivas das línguas do mundo. O estruturalismo, além de ter se estendido para outras ciências, como o caso da conhecida antropologia estrutural de Levi Strauss (2008), na linguística, destacou-se por apresentar uma série de avanços significativos, como nos estudos de fonética, fonologia, aquisição

⁹ Os precursores da ecolinguística serão abordados na seção 1.2 abaixo.

de linguagem e teoria da comunicação, de Jakobson (1969, 1972); as análises morfosintáticas, lexicais e culturais, de Benveniste (1995); a teoria do plano e forma de expressão e de conteúdo, de Hjelmslev (1975); as contribuições definitivas para a fonética e fonologia, de Trubetzkoy (1969). Para a ecolinguística, basicamente destaca-se da obra de Saussure somente a dicotomia *langue x parole* que gerou a distinção entre comunidade de língua e comunidade de fala, que será comentada no capítulo 4.

Durante o século XX, nos Estados Unidos, desenvolveu-se o chamado estruturalismo norte-americano, que segundo Seuren (1998, p. 181) pouco tem de estruturalismo propriamente dito. Os estudos linguísticos norte-americanos começaram no século XVIII com a fundação da *American Philosophical Society* (Sociedade filosófica americana), que dentro do âmbito da filosofia apresentou estudiosos preocupados com a relação língua e mente, dispostos a fazer estudos de caso com as sociedades indígenas norte-americanas. Na linguística, o destaque veio inicialmente com Fraz Boas (1858-1942), médico e geólogo alemão que foi ao país para realizar um estudo geológico, mas logo despertou sua paixão pela etnologia, antropologia e pelos estudos das línguas nativas locais. Publicou sua obra máxima que foi o *Handbook of American Indian Languages*, em 1911, que consiste em um compêndio das línguas nativas norte-americanas. Sua pesquisa nas línguas indígenas é pioneira pelo fato de reconhecer o estudo linguístico como científico e que, assim, requer um caráter metódico em sua coleta de dados. A coleta de dados linguísticos é um aspecto importante, pois era por meio desta que se conhece a mentalidade e a vida social da comunidade, objetivos principais dos estudos de Boas. Outros autores de destaque foram Edward Sapir (1884-1939) e Leonard Bloomfield (1887-1949). Sapir refinou bastante a teoria linguística de Boas, inserindo ideias filosóficas e estruturalistas. Primeiramente, Sapir foi influenciado por Herder, pelo seu escrito clássico *Ueber den Ursprung der Sprache (Sobre a origem da língua)*¹⁰, escrito em 1772, e pelos escritos de Humboldt. Assim, Sapir, ao adotar algumas ideias de Humboldt, também é considerado como outro precursor das ideias ecolinguísticas, conforme será apontado abaixo, em (1.2). Depois, o autor adotou uma série de procedimentos metodológicos que são considerados verdadeiros marcos, como: considerar somente a existência da fala, e a língua sendo somente uma hipótese; a sentença como unidade maior da fala, sendo objeto mais apropriado para o estudo; a análise de constituintes imediatos; a

¹⁰ A tradução reconhecida na comunidade acadêmica é ‘Ensaio sobre a origem da linguagem’.

língua está situada na mente dos falantes, sendo uma realidade psicológica; e o significado como um pensamento anterior à fala. Leonard Bloomfield foi colega de Sapir, com quem esteve de acordo em uma série de ideais linguísticos, pois Bloomfield também acreditava que o estudo das línguas nativas auxilia em um melhor conhecimento das estruturas linguísticas (por isso dedicou-se ao estudo do Tagalog), assim como a aplicação dos conhecimentos da psicologia, chegando a ser fortemente influenciado pelo behaviorismo. Em 1933, Bloomfield publica o livro *Language* que é considerado a obra-prima do estruturalismo norte-americano, em que são expostos os conceitos de que os estudos linguísticos são o estudo da fala, ligado a este posicionamento, o autor fala também de seu conceito de comunidade de fala. Nos capítulos seguintes, Bloomfield analisa a filiação das línguas do mundo, fonética e fonologia, o estudo do significado, sua teoria de gramática, os sistemas de escrita pelo mundo, e estudos histórico-comparativos e de dialetologia em geral. Esta obra foi a mais influente nos estudos linguísticos do país e passou a ser adotada e utilizada como base da linguística nos Estados Unidos.

Em seguida, as obras do linguista Noam Chomsky surgiram como uma reação ao estruturalismo norte-americano dominante na época da década de 1960. Exatamente com o surgimento da ecolinguística, na década de 1970, a linguística tornou-se uma ciência extremamente especializada e, conseqüentemente, acabou por compartimentalizar seu conhecimento, surgindo, assim, diversas subáreas, como: a sociolinguística, a linguística cognitiva, a linguística de corpus, o funcionalismo e a teoria funcional-tipológica, entre outras.

Seguindo a proposta de Finke (2014), assim como Makkai (1993) já havia notado, as questões de poder tanto na teoria da ciência, quanto na teoria linguística, foram fundamentais para a configuração atual em que se encontram ambas as disciplinas. Na teoria da ciência, surgiram no início do século XX diferentes teorias, que se apoiaram mais na lógica do que nos dados e na realidade, como o empirismo lógico de Carnap (1967) e Hempel (1952); o racionalismo lógico de Popper (1993); o pragmatismo de Quine (1956); além do paradigmatismo de Kuhn (1962), já mencionado. Desta maneira, cabe a pergunta: por que somente a teoria de Kuhn predominou no meio acadêmico, se ela apresenta problemas empíricos e morais? O mesmo é válido para a linguística, conforme Makkai (1993) levanta a questão: por que prevaleceu a teoria gerativa sobre as demais? Ao se refletir para responder tais perguntas, acaba-se chegando a respostas interessantes, sendo a mais importante delas é

que muitas vezes uma teoria que domina o meio acadêmico, nem sempre é a mais apta para estudar seu objeto. Muitas teorias que dominam o meio acadêmico foram aquelas ganharam a ‘corrida’ do poder ideológico, político, social, financeiro etc.

Greene (1971), afirma que a teoria de Kuhn não se aplica à história da biologia, desde os estudos de John Ray (1627-1705), considerado pai da história natural, que elaborou certos critérios classificatórios para as plantas, baseados na observação, que daria origem futuramente à taxonomia, assim como foi o primeiro autor a apresentar uma definição biológica de espécie, até Charles Darwin. Sobre o conceito de paradigma científico de Kuhn (1962), há certos autores que vão além, afirmando que é um conceito totalmente dispensável para se entender a história das ciências, pois ele se baseia em questões de discurso e poder, tema estudado pela sociologia da ciência (AGASSI 1982). Finke (2005, 2014) segue a mesma argumentação, afirmando que Kuhn (1962) exagera a importância das questões de poder na ciência, somado ao elemento descritivo, deixando, assim, em segundo plano a procura da verdade, o que leva a erros empíricos e morais, conforme Feyerabend (1999).

Com o que foi exposto acima, na história das teorias linguísticas é visto somente uma oscilação, e algumas vezes uma aproximação, entre uma e outra abordagem já mencionada do mesmo paradigma, a saber: o naturalismo e o convencionalismo, ou seja, ora foram enfatizados aspectos naturais e imutáveis da língua, ora foram os aspectos mutáveis e sociais. Assim, com o que foi argumentado anteriormente, a linguística não sofreu nenhuma revolução científica, o que mais se aproxima de tal, ocorrendo apenas uma unificação das abordagens, é a teoria ecolinguística que se iniciou na década de 1970 e até a atualidade se encontra em fase de desenvolvimento, como uma teoria ainda recente.

Antes de enumerar os principais pressupostos teóricos da ecolinguística, a ser utilizados no presente trabalho, que serão discutidos logo abaixo, foi necessário traçar uma breve história dos estudos linguísticos para a compreensão de que na história das ciências uma série de elementos não científicos, como: política, economia, propaganda, poder etc. é capaz de interferir, alterando o curso de uma área do saber específico, em nosso caso, a linguística. Desta maneira, uma teoria em vigor nem sempre é a mais “científica”, mas apenas aquela que venceu a “guerra” ideológica, como foi o caso da teoria gerativa, que tem como seu principal nome Noam Chomsky, um linguista norte-americano (país que é a atual potência mundial), de uma instituição reconhecida internacionalmente, o MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), que ganhou fama

também por sua militância e escritos políticos, assim como certas afirmações polêmicas. Em outras palavras, todas as características que fizeram a teoria gerativa se destacar no âmbito da linguística foram características não científicas.

A ecolinguística, apesar de ter surgido na década de 1970, começa a ganhar espaço somente no início do século XXI, devido à importância que vem sendo atribuída aos seguintes tópicos: necessidade de se abordar os objetos de estudo das diferentes ciências de outras maneiras inovadoras; certas mudanças científicas precisam ser acompanhadas pelas diferentes áreas do saber; a atualidade dos estudos ecológicos, ligados à sustentabilidade. Digno de nota, porém, é que a ecolinguística, apesar de também se preocupar com o discurso ecológico, não possui ligação com o discurso ecológico do *mass media*, já que estes discursos são tendenciosos, muitas vezes com objetivo de propagar ideologias, vender produtos, ditar normas e comportamentos, entre outros, conforme vários ecolinguistas já analisaram, como: Stibbe (2005, 2006, 2012), que estuda as referências aos animais em geral (ao seu ‘uso’ pelo homem, as matanças, a alimentação etc.); Ramos (2007, 2009), que estuda o uso do termo ‘ambiente’ na mídia portuguesa; Stibbe e Zunino (2008), que estudaram a construção discursiva da biodiversidade; e Alexander (2009), que estuda os discursos sobre o meio ambiente.

De acordo com o exposto anteriormente, a ecolinguística acaba por retirar seus pressupostos teóricos de diversas fontes, sendo as principais: a ecologia, a linguística, a filosofia e a ciência de sistemas complexos. Entre os principais autores, além dos já citados da área da linguística, é possível citar os trabalhos de Lovelock (2001), com sua hipótese de Gaia, que encara a terra como um organismo vivo, devendo ser encarado como um todo onde ocorrem as diversas inter-relações. Outros autores dignos de nota são: Capra (1998, 2002), citado anteriormente, relaciona a sabedoria oriental com teorias científicas contemporâneas; Naess (1973), fundador do movimento de ‘ecologia profunda’; Odum (1971), reconhecido teórico da ecologia; Bateson (1979), pensador que versou sobre diversas áreas e formulou uma filosofia que apontava a necessidade da união entre a mente e natureza, chegando a chama-la de ecologia da mente; e Morin (1979, 2005), pensador francês que realizou críticas ao paradigma científico atual e à própria teoria de paradigma de Kuhn (1962), elaborando uma proposta da epistemologia da complexidade, ou ciências de sistemas complexos, que advém de um aparato filosófico de que o ser humano é complexo porque é duplo, sendo natureza e cultura, assim como o conhecimento não é só ciência, mas também está ligado à poesia, literatura em geral, as demais artes etc. Esses pressupostos teóricos, ou princípios, são:

meio ambiente, ecossistema, holismo, inter-relações, adaptação, evolução, porosidade, diversidade e visão de longo prazo¹¹.

O conceito de ‘meio ambiente’ é um dos pilares da ecolinguística, e faz-se necessário defini-lo de maneira simples e objetiva. Desta maneira, ‘meio ambiente’ é entendido aqui como o local onde ocorrem as interações linguísticas, e como se dão estas interações será explicado mais adiante, quando for definido o que são as ‘inter-relações’. O meio ambiente para a ecolinguística não é um objeto único nem estático, sendo algo dinâmico, multifacetado e definido mais detalhadamente de acordo com a concepção das inter-relações do autor e de quais destas, objetiva observar. Porém, há traços em comum nos diferentes meio ambiente que são reconhecidos nas obras dos ecolinguistas. Desde o início da ecolinguística, Haugen (1972, p. 325) já havia chamado atenção para a importância de se levar em consideração o meio ambiente da língua, que ele identifica como a sociedade e a natureza, no estudo das línguas. Posteriormente, é possível citar autores como Haarmann (1986), Mühlhäusler (1996) e Garner (2004) que desenvolveram aspectos teóricos e empíricos do estudo do meio ambiente da língua, principalmente do meio ambiente social. Além do meio ambiente social, que pode ser visto nos autores citados anteriormente, o meio ambiente natural está presente em toda abordagem ecolinguística, mesmo que alguns ecolinguistas não o façam explicitamente. Makkai (1993) faz uso de conceitos da linguística cognitiva, e Bastardas i Boada (1996) em sua proposta teórica e de análise faz uso de modelos mentais e das ciências complexas, o que corresponde aos conceitos de meio ambiente mental, e de holismo e inter-relações. Finke (1996, 2001, 2005, 2014) fala da ecologia da ciência e enfatiza o estudo da ecologia da mente como única solução para dar conta do estudo científico de elementos culturais e cognitivos. Nos vários artigos de Bang e Døør (2007), os autores ao abordarem dialeticamente a língua, apontam três dimensões a serem consideradas em sua análise, a saber: a bio-lógica, a ideo-lógica e a sócio-lógica. Esta tríade também foi desenvolvida por Couto (2007) que, em sua teoria da ecologia fundamental da língua, identifica três meio ambientes: o meio ambiente mental, o meio ambiente natural e o meio ambiente social.

Já o ‘ecossistema’ é o conjunto maior onde estão localizados os diferentes ‘meio ambientes’ e onde ocorrem as várias ‘inter-relações’. Desta maneira, o ecossistema pode ser definido como um composto de população de organismos e suas diversas interações

¹¹ Em Couto (2007, p. 29-36), há um panorama desses princípios ecológicos dos quais a ecolinguística faz uso.

entre si e com o respectivo habitat. Calvet (1999) chama atenção para o fato de que tudo na ecologia parte de relações: relações entre células geram organismos pluricelulares, estes, por sua vez, se organizam em colônias ou sociedades, que consideradas em sua totalidade são as populações, sendo essas várias populações classificadas como biocomunidades que integram um biótopo. O linguista expande estas inter-relações hierárquicas para a linguística, considerando em sua análise o ecossistema linguístico, o nicho das línguas, o meio ambiente, a regulação, a valência das espécies e a homeostase¹². Assim, o ecossistema, por ser objeto de estudo da Ecologia, é o ponto central dela e, por isso, optou-se por chamar de linguística ecossistêmica, o tipo de ecolinguística que considera o ecossistema como ponto de partida e ponto de chegada da análise realizada, porque tudo na Ecologia emerge do ecossistema ou imerge nele (COUTO 2012a)¹³, sendo, por isso, chamada de linguística ecossistêmica. A seguir, serão apresentados os pressupostos teóricos da ecolinguística, que a linguística ecossistêmica também partilha, e que será a base do presente estudo.

O ‘holismo’ consiste no fato de o investigador delimitar um ecossistema e encará-lo como um todo, estudando uma espécie, ou um espécime, e as inter-relações que esse espécime, ou espécie, mantém no interior de todo o ecossistema (COUTO 2012a). Nash (2011, p. 94) chama isto de minimalismo empírico, usado na escola ecolinguística de Adelaide, Austrália (MÜHLHÄUSLER 2003), e considera o ecossistema uma comunidade de fala de tamanho reduzido, e que possa ser tangível, no sentido investigativo. O conceito de ‘holismo’, criado por Smuts (1926) e empregado inicialmente em sua obra *Holism and evolution*, possui ligação estreita com o ‘ecossistema’, já que o interesse do estudo está localizado primeiramente no todo e somente depois é que se parte para o estudo das partes menores, que são definidas por suas inter-relações e pelas relações com o todo. Desta maneira, o ‘holismo’ acaba de certa forma por ser também um procedimento metodológico. Nesta tese, foi escolhida para investigação a comunidade de fala leste-timorense de língua portuguesa, assim a comunidade de fala é pequena. Durante a pesquisa de campo, foi possível percorrer todos os distritos desta comunidade, assim como foram levados em conta nas análises efetuadas as mais diversas inter-relações existentes dentro da comunidade de fala de

¹² Os princípios de regulação e homeostase estão interligados na teoria ecolinguística e explicam os processos de adaptação e evolução das línguas.

¹³ A proposta da linguística ecossistêmica, assim como seus pontos fundamentais expostos aqui, baseou-se no trabalho já citado de Couto (2012a).

PTL em Timor-Leste. Logo, o objeto de estudo foi considerado como um todo e foi contemplado o maior número possível de aspectos na investigação.

As ‘inter-relações’ são definidas como a série de interações que ocorrem dentro do ecossistema, sendo elas de três tipos principais: dos componentes bióticos entre si, entre os componentes bióticos e abióticos, e dos componentes abióticos entre si. Segundo vários ecologistas, como Odum (1971), o conceito de ‘holismo’ e de ‘inter-relações’ são os principais da ecologia. A importância das ‘inter-relações’ na ecologia e ecolinguística é o fato de que, a partir delas, é que o investigador realizará seus estudos, e no caso específico da ecolinguística, as ‘inter-relações’ são um dos fatores mais importante para o estudo das línguas e do meio ambiente linguístico. Como exemplo, Couto (2007, p. 31) chama atenção para a comunhão, que consiste na predisposição favorável para a comunicação de indivíduos que convivam durante muito tempo em um território. Sem a comunhão, predisposição à comunicação-interação, indivíduos podem conviver no mesmo espaço apresentando outro tipo de interação.

A ‘adaptação’ consiste basicamente nas modificações feitas para a sobrevivência das espécies em relação a mudanças no ecossistema, ora as espécies se adaptam ao meio ambiente se modificando, ora adaptam o meio ambiente modificando-o. Os objetivos maiores dessas mudanças adaptativas são a sobrevivência e manutenção da espécie, que somente ocorrem quando ambos o organismo e o ecossistema estão em equilíbrio, chamado de homeostase. Quando ocorre um desequilíbrio na espécie, ou no ecossistema, isto pode levar à extinção. Na ecolinguística, o aprendizado de uma nova língua, empréstimos linguísticos, casos de reestruturação gramatical, formação de pidgin, entre outros, são exemplos de adaptação a mudanças que ocorreram no ecossistema. Na análise do PTL, a ser realizada nos capítulos 5 a 7, será exposto que as mudanças linguísticas, os empréstimos e a reestruturação gramatical, que essa variedade do português apresenta, são frutos de adaptação linguística a mudanças que ocorreram no meio ambiente leste-timorense com a inserção de uma nova espécie, a língua portuguesa, conseqüentemente, alterando a interação entre as espécies linguísticas já existentes e modificando o meio ambiente de Timor-Leste, conforme será descrito no capítulo 4.

A ‘evolução’ está intimamente ligada ao conceito de ‘adaptação’. Segundo a teoria linguística atual, a língua apresenta variação e mudança, no decorrer da história, caso não tivesse esse caráter dinâmico/evolutivo, seria um instrumento incapaz de saciar as necessidades do falante, já que rapidamente, ou seja, em uma geração ou duas, ela se

tornaria obsoleta. Garner (2004, p. 139) afirma que, da mesma maneira, o meio ambiente também não é estático e a resposta ecológica, ou seja, adaptativa, é a evolução linguística, que o autor chama de ‘criatividade’ nas relações da língua em sua comunidade, que é a socialidade. Vale lembrar que o conceito de evolução, já existente na linguística, está relacionado com as demais características da linguística ecossistêmica, possuindo um lugar de destaque dentro da abordagem ecológica da língua, bem como é utilizado com um sentido diferente das teorias linguísticas tradicionais.

O conceito de ‘porosidade’ está ligado ao difícil processo de delimitar o objeto de estudo, já que no mundo real não há fronteiras claras e bem definidas, na realidade se encontram regiões e/ou situações mais centrais e prototípicas, que podem ser usadas para ilustrar adequadamente os fenômenos estudados, e regiões e/ou situações que se tornam confusas, menos evidentes, para o processo investigativo. Isto se dá pelo fato de que na natureza as inter-relações acontecem nos mais variados níveis, o que torna o processo de classificação, utilizado nas ciências atuais, problemático. O ecolinguista deve estar cômico que essas situações mencionadas terão que ser abordadas como um *continuum* que apresentará diferentes características intermediárias de dois ou mais ecossistemas. Na linguística, é possível mencionar exemplos de fronteiras linguísticas e das isoglossas.

A ‘diversidade’ consiste no processo de estudar e valorizar a importância do grande número existente de espécies pelo mundo. O fato principal de se valorizar a ‘diversidade’ é que cada espécie possui seu respectivo papel dentro do ecossistema, ou até dentro da grande teia de relações do planeta, a hipótese de Gaia. Há casos pelo mundo, principalmente na Austrália, como o da inserção da raposa e do coelho europeu que prejudicaram a flora local e quase extinguiram a espécie conhecida como rato-canguru; a manutenção de uma superpopulação de canguru, como símbolo nacional, que acaba por devastar a flora e deixar as demais espécies sem alimentação, de que a intervenção humana nos ecossistemas, adicionando ou retirando uma espécie biológica, foi desastrosa, já que o ser humano não é capaz de identificar corretamente o papel de cada espécie na natureza, nem mesmo com os estudos biológicos e ecológicos atuais, que se focam no comportamento animal, na biologia, e nas relações que ocorrem entre os organismos vivos ou entre os organismos vivos e os elementos abióticos. Em Maffi (2001), há uma série de artigos que procuram lançar mão de métodos científicos que comprovam a relação existente entre diversidade biológica, cultural e linguística, e a

perda de uma dessas diversidades leva à perda das outras, assim como acarreta também na perda de uma gama de conhecimentos e contribuições que a existência da diversidade poderia oferecer tanto para a espécie humana, quanto para o planeta.

A ‘visão de longo prazo’ é análoga à sustentabilidade, consistindo no mínimo, ou nenhuma, de intervenção na natureza para a solução de problemas, já que esses supostos problemas, além de muitas vezes ser problemas somente sob o ponto de vista humano, seriam solucionados naturalmente, seguindo o ritmo da própria natureza. Conforme foi apontado acima, intervenções humanas na natureza, até mesmo com o pretexto de beneficiá-la, acabam por apresentar uma solução somente em curto prazo, podendo surtir efeitos naturais desastrosos no futuro, ou seja, em longo prazo.

Finalmente, em posse do aparato teórico ecolinguístico definido acima, com base na linguística ecossistêmica (Couto 2012a, 2013b), é possível afirmar que para a ecolinguística a língua nada mais do que as interações verbais dos indivíduos de um ecossistema linguístico. Tal maneira de se encarar a língua será usada neste trabalho.

1.2 Visão ecológica da língua: os precursores

Apesar de a ecolinguística se encontrar em seus estágios iniciais, houve na história do pensamento dessa área do saber dois autores que se destacaram por relacionar de alguma forma língua e meio ambiente, foram eles: Wilhelm von Humboldt e Edward Sapir.

Os estudos linguísticos de Humboldt apresentam reflexões e preocupações que estavam em vigor em sua época, séculos XVIII e XIX, sendo as principais as relações entre ‘língua e pensamento’ e ‘língua-ambiente-nação’. De acordo com Brown (1967, p. 70), o pensamento de Humboldt para relacionar língua com o meio ambiente e com a identidade nacional tem suas raízes na tradição literária e filosófica inglesa e francesa, além da própria Alemanha pré-romântica. Sobre o meio ambiente foram propagadas as ideias de determinismo ambiental de Jean Bodin (1530-1596), com sua obra *Les six livres de la République* (Os seis livros da república), publicado em 1576, que reintroduziu no pensamento ocidental o determinismo climático¹⁴, ao dissertar sobre a importância do clima para o estudo da política, pois este moldaria o caráter das pessoas,

¹⁴ O determinismo climático é um tipo de determinismo ambiental, teoria que é atribuída ao médico grego Hipócrates em sua obra *De aëre, aquis et locis* (Sobre o ar, a água e os lugares), de aproximadamente 400 a.C., em que se afirma que o ambiente necessariamente molda o indivíduo, fazendo com que dependendo do local onde tenha nascido e vivido, o indivíduo apresentará certas limitações, que estão ligados ao local em que nasceu. Esta teoria foi desenvolvida no período helenístico, porém na idade média ocidental foi abandonada, sendo mantida somente por filósofos árabes e retomada por Bodin.

que, por sua vez, foram desenvolvidas pelo Barão de Montesquieu em seu *De l'esprit des lois* (Do espírito das leis), publicado em 1748, já que para Montesquieu o clima influencia tanto o indivíduo quanto a sociedade. Sobre a questão de língua, pensamento e nacionalismo, vários filósofos endossaram tais ideias, com destaque para John Locke, com seu *An Essay Concerning Human Understanding* (Ensaio sobre o entendimento humano), de 1689, e os escritos críticos de Immanuel Kant, publicados entre 1781 e 1790. Basicamente, a tríade do pensamento humboldtiano ‘língua-ambiente-nação’ se assemelha com a tríade ecolinguística ‘língua-povo-território’, já que para Humboldt o meio ambiente influenciava diretamente o indivíduo e a língua falada por ele, assim para a nação que habita um território específico, sua língua será moldada pelo clima deste meio ambiente, tornando-se melhor adequada aos indivíduos desta nação (BROWN 1967, p. 71). Assim, temos a seguinte semelhança ‘língua = língua’, ‘ambiente = território’ e ‘nação = povo’. Humboldt desenvolve esta sua teoria em *Über das Studium des Altertums und des griechischen insbesondere* (O estudo da antiguidade, especialmente da antiguidade grega), obra publicada em 1793. Outro conceito importante de Humboldt adotado na ecolinguística é o chamado modelo *ergon-energeia* em que o autor aponta que a língua é energia, e não fato. Este modelo foi apresentado em 1836, na obra publicada postumamente *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts* (Sobre a diversidade da construção das línguas humanas e sua influência no desenvolvimento mental da espécie humana), e é a base do pensamento ecolinguístico ao afirmar que a língua é energia (*energeia*) equivale a dizer que a língua é interação, comunicação, relação, ato, e não fato (*ergon*), ou seja, e não uma coisa, um objeto.

A teoria de Humboldt, porém, foi ofuscada no século XIX pela de Schleicher que, como botânico, acabou por criar uma visão biológica da língua, considerando-a um organismo, que nasce, cresce e morre, passando pela fase primitiva (do nascimento), encarando seu crescimento na fase madura e, posteriormente, decai e morre. Foi Schleicher que inseriu muitos dos conceitos usados pelos comparatistas do século XIX, pois, influenciado pela teoria evolucionista de Darwin, classificou as línguas com critérios biológicos, entre eles a tipologia linguística citada bastante na atualidade; definiu-as como um objeto das ciências naturais e, por isso, a história das línguas estaria sujeita a leis, assim como a história natural, daí o surgimento das várias leis fonéticas; foi o primeiro autor a falar da classificação genealógica das línguas, análoga à taxonomia da biologia, organizada em árvores (al. *Stammbaumtheorie*), que apresentam

o desenvolvimento desde um ancestral comum (al. *Ursprache*) até as línguas atuais. Muito do que foi apontado anteriormente, pode ser lido em Schleicher (1861). A teoria linguística moderna tem rejeitado diversas das ideias de Schleicher que se propagaram pelos meios acadêmicos, entre os principais é a obra de Thomason e Kaufman (1988), que apresenta evidências de que modelo arbóreo tradicional não consegue explicar os fenômenos de contato de línguas e o surgimento de pidgins e crioulos. Mufwene (2008) apresenta também crítica tanto à teoria de Schleicher, quanto a de Thomason e Kaufman (1988).

O artigo de Sapir (2001), publicado em 1912, relaciona língua e natureza de maneira notável, principalmente em relação a aspectos do meio ambiente natural, que está ligado ao ecossistema natural. Porém, a obra de Sapir (2001) não teve continuidade, já que, apesar de ter influenciado seu aluno, Benjamin Lee Whorf, Mühlhäusler (2003, p. 4) afirma que ao se analisar o trabalho de Whorf (1956) as concepções do aluno de Sapir pode levar a interpretações errôneas da natureza.

Mühlhäusler (2003, p. 28-42) enumera uma série de teorias relacionadas à linguística que de alguma maneira foram incorporadas à ecolinguística ou auxiliaram-na em sua configuração atual. Além da influência de Humboldt e Sapir, há também a contribuição da sociolinguística, linguística funcional e dos estudos do discurso. Entre outros movimentos teóricos podem ser citados: *Wörter-und-Sachen* ('palavras e coisas'), estudo que relaciona linguística e etnografia, ao tentar reconstruir o meio ambiente de proto-línguas por meio do léxico e de mudanças semânticas; a pesquisa etimológica, que fornece alguns dados interessantes o meio ambiente e o passado da língua estudada; língua e visão de mundo. Baseados em Humboldt e na hipótese de Sapir-Whorf, ecolinguistas nos últimos anos vêm desenvolvendo pesquisas, afirmando que a visão de mundo é fortemente influenciada pela língua e até, em alguns casos, construída por ela. Couto (2007, 2014) no histórico que elabora dos precursores da ecolinguística, além de citar Humboldt, os estruturalistas norte-americanos e a escola *Wörter-und-Sachen*, apresenta outros autores que também contribuíram para a formação do pensamento ecolinguístico, são eles: Leo Weisgerber, com sua obra *Inhaltbezogene Grammatik* (Gramática orientado pelo conteúdo), a teoria de trabalho de campo de Jost Trier e a semântica geral de Alfred Korzybski.

1.3 Ecolinguística: bibliografia

A pesquisa sobre a história da ecolinguística vem produzindo vários frutos, pois, além de um grande número de ecolinguistas estarem se dedicando ao tema, estes estudos vêm dando lugar a numerosas publicações de importância, que ora permaneceram desconhecidas, ora tiveram pouco impacto no meio acadêmico, assim como esse tipo de estudo auxilia o próprio ecolinguista a compreender as bases e o desenvolvimento de sua disciplina, com as perspectivas de projetos e investigações futuras.

Os principais estudos da história da ecolinguística foram realizadas pelos seguintes autores: Fill (1993, 1996b), Fill e Mühlhäusler (2001), Mühlhäusler (2003), Garner (2004), Döring e Nerlich (2005), Couto (2007, 2014) e Lechevrel (2010). Em Fill (1993), há um estudo histórico da abordagem ecológica das línguas, estudo completo para a época, porém atualmente encontra-se desatualizado pelo desenvolvimento que a ecolinguística teve durante as duas últimas décadas. De maneira diferente, Fill (1996b) faz um levantamento dos estudos, principalmente da década de 1980, que abordaram questões de ecologia da língua, ecologia linguística e ecolinguística, sendo este termo atribuído seu uso a Hagège (1985). Fill e Mühlhäusler (2001) apresentam na introdução desta obra uma pequena abordagem histórica e o desenvolvimento das diferentes teorias ecolinguísticas. Em Mühlhäusler (2003), há um capítulo dedicado à história da disciplina ecolinguística. Já Garner (2004) dedica um capítulo de seu livro somente ao desenvolvimento da ideia inicial de ecolinguística proposta por Haugen (1972). Döring e Nerlich (2005), em seu artigo sobre a ecologia das mudanças semânticas, fazem uma breve história das ideias linguísticas e onde a teoria ecolinguística se encontra neste processo histórico. Couto (2007) dedica um capítulo inteiro de sua obra sobre ecolinguística ao estudo da história desta disciplina e, recentemente, Couto (2014) elabora um panorama histórico das diferentes abordagens ecológicas para o estudo das línguas. Lechevrel (2010) elaborou uma obra, baseada em sua tese de doutorado, em que a autora analisa as diferentes abordagens ecológicas nos estudos linguísticos, assim como faz um estudo histórico, procurando suas origens, e um estudo epistemológico, questionando as contribuições dessas abordagens aos estudos das línguas e aos estudos interdisciplinares, principalmente aqueles que relacionam as línguas com os processos de comunicação, a cultura e a sociedade.

Na história da ecolinguística é um consenso nomear o linguista Einar Haugen e seu artigo *The Ecology of Language* (HAUGEN 1972) como os fundadores da disciplina ecolinguística. Porém, o mesmo autor afirma que a primeira associação entre

ecologia e língua foi feita anteriormente, em 1967, em uma publicação intitulada *The language situation in Arizona as part of the Southwest culture area* (VOEGELIN, VOEGELIN e SCHUTZ 1967), que consiste em um capítulo de uma coletânea de estudos sobre a situação etnolinguística da área sudeste dos Estados Unidos. Neste artigo, Haugen aponta uma série de fatores importantes que viriam a mudar o estudo das línguas. Primeiramente, é mencionado o desinteresse pela comunidade de fala que os trabalhos de linguística descritiva vinham apresentando, pois os linguistas estavam ansiosos para estudar a fonologia, a gramática e o léxico (HAUGEN 1972, p. 325). Haugen (1972, p. 325) também apresentou a definição mais simples e objetiva de ecolinguística, que é o estudo das interações entre uma dada língua e seu meio ambiente. As interações entre uma série de elementos de certa forma estão implícitas em seu artigo, já que o linguista fala que a língua existe somente na mente do falante, e relaciona o uso da língua com a natureza e os aspectos sociais.

Digno de nota são os trabalhos de crioulistas que apresentaram teorias biológicas sobre as línguas, sendo o mais famoso Bickerton (1981, 1990, 1996), com sua proposta do bio-programa. Há outros autores que não são ecolinguistas, mas versaram sobre o tema, como Whinnom (1971), que não conhecia a proposta ecolinguística, e, posteriormente, Calvet (1999) e Mufwene (2001), que não se reconhecem como ecolinguistas, sendo linguistas que atuam em outras áreas. Em Whinnom (1971), o autor simplesmente argumenta a favor da analogia entre o surgimento de pidgins e crioulos com o surgimento das espécies biológicas. Whinnom usa o termo hibridização para se referir ao nascimento das línguas: as línguas naturais surgiriam de uma hibridização primária, enquanto da hibridização secundária, ou seja, o convívio de duas línguas, há somente a aprendizagem. Os pidgins e crioulos surgiriam de um processo de hibridização terciária.

De maneira similar ao trabalho de Whinnom (1971), sobre a crioulistica, Mackey (1979) levanta a discussão a respeito da ecologia do contato de línguas, afirmando que no estudo das línguas em contato deve-se levar em conta uma série de elementos sociolinguísticos, como etnia, manutenção linguística, comportamento linguístico diglossia, a competência linguística do grupo e o papel das línguas na educação e na comunicação (MACKEY 1979, p. 453), sendo assim, esse tipo de estudo na realidade consiste em um estudo ecológico da língua, pois é por meio da abordagem ecolinguística que esses elementos podem ser analisados de maneira conjunta. Basicamente, para o autor a língua é um fenômeno social e a ecologia é o estudo das

relações, assim as ciências sociais já haviam incorporado a ecologia em seus estudos e faltava somente a ciência da linguagem adotar o estudo da língua como um estudo das relações entre os vários papéis sociais das línguas e como estes se relacionam entre si e com as políticas e práticas sociais em diferentes meio ambientes (MACKEY 1979, p. 454). Couto (2007, p. 48) salienta a importância dessa publicação por ser provavelmente o primeiro texto em que foram aplicados os pressupostos teóricos da proposta de Haugen (1972) de ‘ecologia da língua’. No ano seguinte, em Mackey (1980), o autor aplicou novamente a proposta de Haugen (1972), mas desta vez ele estudou a ecologia da mudança de língua. O autor propõe basicamente três parâmetros ecológicos (medição de atração interlingual, elaboração de perfis das pressões das línguas comunitárias e padrões de geocodificação do uso linguístico) para se analisar a mudança de língua e aplica-os a um estudo de caso em Quebec.

Os primeiros registros da palavra ‘ecolinguística’ surgiram por volta da metade da década de 1970. Primeiro com um artigo de Marcellesi (1975), que estuda a política linguística do ensino de línguas regionais europeias, em que o termo se encontra escrito em francês *écolinguistique*. Segundo, pelo autor Palmer que propõe uma nova disciplina a Gobard (1976, p. 45), que seria a “etno-psico-sociolinguística da política cultural, que poderia ser o objeto de uma nova disciplina proposta por J. D. Palmer: a ecolinguística”. O linguista húngaro-americano Adam Makkai afirma que o próprio Haugen lhe sugerira o termo em 1972, durante um congresso em Chicago, mas apenas oralmente. Isso seria mais um pioneirismo de Haugen, o pai da ecolinguística (COUTO 2013b, p. 278).

O trabalho de Salzinger (1979) também empregou o termo ‘ecolinguística’ (ing. *ecolinguistics*). Porém, como foi apontado anteriormente, deve-se ressaltar que provavelmente o termo nessa época já era empregado oralmente em discussões acadêmicas, assim como a associação entre língua e ecologia era de conhecimento de alguns linguistas, desde a publicação do trabalho de Haugen (1972), conforme afirma Couto (2007, p. 49). O trabalho de Salzinger (1979) está inserido em um contexto de estudos psicológicos, sendo os estudos linguísticos de um interesse menor, já que o autor procura relacionar a teoria comportamentalista (ou behaviorista) com o comportamento linguístico para, assim, analisá-lo.

Bolinger (1980), em sua obra, dedica um capítulo ao tema da ecolinguística. Apesar de ele não empregar este termo, o autor aponta para uma série de questões ecolinguísticas e que, nos anos posteriores a publicação de sua obra, seriam muito estudadas e se tornariam uma das principais áreas de investigação da ecolinguística, que

é a análise do discurso ecológico, ou ecocrítico. Entre esses temas, o autor relaciona a poluição ambiental e a poluição da língua, e aponta a questão polêmica da manipulação de significados por diversas instituições sociais, principalmente os meios de comunicação em massa.

A contribuição de Haarmann (1980) é notável pelo fato de continuar a tradição dos estudos de ecologia da língua, conforme Haugen (1972) e Mackey (1979, 1980). Seguindo o trabalho destes autores, Haarmann (1980) elabora um livro que se utiliza da abordagem ecológica para analisar o multilinguismo. Em Haarmann (1986), o autor considera a ecologia da língua como uma subárea da sociolinguística, assim como uma metodologia para se estudar as línguas, considerando como destaque o fato de que esta metodologia leva em conta todos os fatores sociais ligados à língua e ao comportamento do falante. Outras características importantes de sua metodologia da ecologia das línguas, é que Haarmann (1986, p. 9) afirma que o conceito de língua, bem como de suas funções, varia de um grupo étnico para outro, desta maneira o autor enumera uma série de variáveis para se estudar a língua de maneira ecológica e dentro de um grupo étnico.

Denison (1982) escreveu um artigo sobre a ecologia linguística da Europa, focando seu estudo na biologia ecológica, comparando a situação das línguas europeias não como um organismo ou espécie independente, mas como um conglomerado simbiótico de línguas/variedades, devido a diversos fatores, como: proximidade, aquisição, aprendizagem, status político. O autor enfatiza a importância e a ligação existente entre a ecologia linguística e a economia linguística, já que para se efetuar a pesquisa daquela, depende-se dos resultados e apoio desta.

O filósofo da linguagem Peter Finke destaca-se por ser um dos principais membros da conhecida escola de ecolinguística de Bielefeld, ou simplesmente ‘escola de Bielefeld’. Em sua teoria, Finke (1983) elaborou o conceito de ‘sistema mundo-língua’ que consiste em um modelo aberto e dinâmico com a capacidade de auto-organização, sendo, assim, uma transposição do conceito de ‘ecossistema’ para a investigação de sistemas culturais, como a ciência e a língua. Para o autor, a língua não é um sistema estrutural, mas um sistema vivo, por isso certos elementos da ecologia biológica foram incorporados em sua análise (FINKE 1983). Posteriormente, a preocupação de Finke (1996, 2001) não era somente com o sistema da língua, mas com o sistema cultural, pois, segundo ele, a língua se encontra dentro do sistema cultural, passando a denominá-lo de ecossistema cultural, e o estudo da língua é fundamental

para se perceber como se deu a evolução de sistemas naturais para sistemas culturais (FINKE 1996)¹⁵. Influenciado pelas ideias de Bateson (1979), Finke (2005, 2014) começou a analisar o que chama de a ecologia do saber (al. *Ökologie des wissens*), ligada à ecologia da mente, criticando a visão atual dos cientistas, o conceito de ciência e as noções de lógica.

Seguindo a tradição de estudos que relacionavam multilinguismo e a abordagem ecológica, como Haarmann (1980) e Denison (1982) citados acima, Nelde (1984) usa o termo ‘ecologia das línguas’ (al. *sprachökologische*) para analisar um tipo de mudança de língua específico da Bélgica antiga (al. *altbelgiens*), onde os trabalhadores rurais migraram para grandes centros urbanos germano-falantes, porém, ao passar por período de recessão e desemprego, retornavam mais tarde para diferentes áreas rurais e utilizavam uma variedade baixa do alemão, que não era mais falada, para tentar se comunicar e, desta maneira, com o tempo o processo de mudança de língua/dialeto acontecia e continuava a acontecer de forma imprevisível, já que o fluxo de migrantes que retornavam era constante (NELDE 1984, p. 222).

Dentro do cenário francês, o grande destaque vai para a obra de Hagège (1985), apesar de que, segundo Lechevrel (2009), outros linguistas publicaram em língua francesa trabalhos que possuíam de certa forma uma abordagem ecológica, mesmo que seja dentro da sociolinguística, entre esses linguistas a autora destaca dois. Primeiro, uma tese de doutorado de Encrevé (1967), que analisa o bilinguismo dialetal de Foussais, comuna de Vendée, na região oeste da França, ou seja, a tese publicada antes de Haugen (1972) apresenta apenas uma análise sociolinguística do bilinguismo dialetal, levantando algumas questões do meio ambiente. Segundo, um artigo de Marcellesi (1975) que analisa questões sobre o ensino de línguas regionais europeias, como basco, bretão, catalão, occitano, no contexto das políticas linguísticas monolíngues, assim como o anterior, o autor não aborda propriamente questões ecolinguísticas, apenas leva em consideração características do meio ambiente linguístico para sua análise, e provavelmente é o primeiro autor a usar o termo escrito em francês *écolinguistique*. Retornando à importância da obra de Hagège (1985), o autor enumera e descreve uma série de pontos que se tornaram fundamentais para a ecolinguística atual, além de ter sido um dos primeiros autores a empregar o termo ‘ecolinguística’ (fr. *écolinguistique*) em uma acepção linguística. Entre as questões

¹⁵ Finke (1996) chama a língua de ‘elo perdido’ entre a natureza e a cultura.

levantadas pelo autor, destacam-se: como a língua marca referências naturais e culturais, ou referências naturais culturalizadas, como geografia, astronomia, habitação¹⁶; a função do ‘ecologista da língua’ será a de defender e manter a diversidade linguística e dialetal, lutando contra as pressões do estado, que tende a homogeneizar a população com o discurso de ‘desenvolvimento’ e ‘crescimento’. Ao definir o papel do ‘ecologista da língua’, ele também acabou por delimitar um objeto de estudo para a ecolinguística.

Influenciado por Finke (1983), de quem foi aluno, Trampe (1990) elabora uma obra intitulada *Ecologia Linguística* (al. *ökologische linguistik*) em que apresenta uma abordagem crítica que relaciona língua e ecologia, baseada no sistema língua-mundo (FINKE 1983). Assim, Trampe começa a realizar estudos de caso, como o uso do vocabulário na agricultura e nos dicionários de ciências agrárias (TRAMPE 2001), em que aponta traços de reificação linguística, ocultação de fatos e eufemismo por parte de certos interessados. Da mesma maneira que Finke, o autor enfatiza a importância do ecossistema natural da língua e do caráter dinâmico dos sistemas ecológicos para se conhecer melhor o uso da língua e suas relações com a crise ecológica (TRAMPE 1996). Refinando a proposta de FINKE (1996, 2001), TRAMPE (1996, 2000, 2008), fazendo uso das metáforas ecossistêmicas para analisar as relações entre a língua e seu uso com o meio ambiente, propõe o sistema-língua-mundo (al. *Sprache-Welt-System*), inserindo traços da semiótica para a análise ecolinguística (TRAMPE 2000, 2006).

Foi somente na década de 1990 que surgiram os primeiros manuais de ecolinguística. Coincidentemente, ambos datam de 1993, além do citado de Trampe (1990), são eles: Fill (1993) e Makkai (1993). Porém, estas obras foram frutos de pesquisas nas décadas anteriores que os autores desenvolveram. Makkai (1993) iniciou suas pesquisas sobre a gramática pragmo-ecológica já na década de 1970, publicando no decorrer dos anos seguintes uma série de artigos, que formam sua obra (MAKKAI 1993). A proposta de sua gramática pragmo-ecológica baseia-se na linguística cognitiva-estratificacional de Sidney Lamb, na tagmêmica de Kenneth Lee Pike e no funcionalismo-sistêmico de Michael Halliday. Makkai (1993) insere também questões ecológicas e relacionais ao considerar em suas análises linguísticas temas como tradução, literatura e cultura.

¹⁶ Vale lembrar que este é um dos tópicos principais da investigação ecolinguística que, apesar de possuir nomenclaturas diferentes, como endoecologia, ecocrítica do sistema linguístico, ecologia interna e ‘gramática verde’ (ing. *green grammar*), vem despertando interesse dos pesquisadores ecolinguistas, como Makkai (1993), Mühlhäusler (1996), Mufwene (2001) e Couto (2007).

O linguista austríaco Alwin Fill iniciou suas pesquisas em ecolinguística na década 1980, destacando-se seu livro *Wörter zu Pflugscharen. Versuch einer Ökologie der Sprache* (Palavras no arado. Em busca de uma ecologia da língua), publicado em 1987 (FILL 1987). Porém, sua obra que teve maior repercussão foi publicada no início da década de 1990 (FILL 1993) e influenciou de maneira decisiva o campo da ecolinguística, pois o autor não se focou em uma teoria específica, como o fez Makkai (1993). Ao invés disso, Fill (1993, p. 1) lança as bases para o fortalecimento da ecolinguística como uma disciplina. O autor em sua obra (FILL 1993) separa cinco partes importantes do estudo da ecolinguística, são elas: a ecologia da língua; a etolinguística; língua e conflito; a língua e o grupo; língua, ser humano, animal e planta.

Da mesma maneira que Fill e Makkai, citados anteriormente, a Dinamarca possui dois acadêmicos que vêm desenvolvendo trabalhos sobre a relação entre língua, sociedade e ecologia, são eles Jørgen C. Bang e Jørgen Døør. Vários de seus alunos deram seguimento a suas teorias e análises, como Bundsgaard, Lindø e Steffensen (BAY, DØØR e STEFFENSEN 2003, LINDØ e BUNDSGAARD 2000), o que vem destacando e justificando o nome da chamada ‘Escola de Odense’ pela continuidade de seu trabalho. Bang e Døør possuem uma série de artigos (BANG e DØØR 1996, 2000, 2002) em que eles abordaram a teoria e a metodologia da chamada ‘linguística dialética’, ou ‘ecolinguística dialética’. Na obra Bang e Døør (2007), há uma coletânea de seus artigos que fixaram o campo da linguística dialética, que se destaca em sua teoria por relacionar a luta de classes, assim como a dominação de uma classe social específica, e as manifestações desta na língua e na sociedade. Já em relação à metodologia, o ponto principal é a investigação da relação dialética entre texto e contexto, assim foca-se no estudo dos dêiticos, da semântica matricial, o caráter dialógico do discurso e as chamadas ‘contradições nucleares’ (ing. *core contradictions*), que consistem nos conflitos de classe existentes na práxis social, que são parte importante no processo de interpretação de um texto.

O crioulista Peter Mühlhäusler elaborou duas obras importantes que abordam a língua de um ponto de vista ecológico. A primeira delas (MÜHLHÄUSLER 1996) consiste em uma análise detalhada com pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos e estudos de caso sobre a ecologia das línguas do Pacífico. O autor analisa as ecologias linguísticas nativas antes da chegada do colonizador europeu, quais foram os impactos nestas ecologias com o advento da colonização e, mais recente, da globalização. Os temas estudados foram: a implantação da escrita, as missões religiosas,

a institucionalização do ensino de línguas, as políticas linguísticas, as condições sociolinguísticas que possibilitaram o surgimento de línguas franca, pidgins e crioulos, assim como processos de mudança de língua, línguas ameaçadas e morte de línguas, e, finalmente, as mudanças estruturais e lexicais desses processos. Esta obra é de importância fundamental para o presente trabalho, já que Mühlhäusler analisa a ecologia linguística nas ilhas do Pacífico, pois a ilha de Timor, além de estar próxima a essas ilhas, sofreu um processo sócio-histórico semelhante: povos de origem austronésia e papuásica habitavam uma ilha, e posteriormente tiveram impacto em sua ecologia nativo por causa do colonizador europeu. No caso de Timor, os colonizadores foram portugueses e holandeses. Já a obra de Mühlhäusler (2003) é um manual de ecolinguística, em que o autor aborda temas como: a definição da ecolinguística, a história da disciplina, a crítica à ciência tradicional e sua relação com a abordagem ecológica, o a etnoclassificação (como os diferentes povos classificam fenômenos linguísticos e ambientais), o léxico e a gramática na ecolinguística, e as relações entre discurso e meio ambiente (parte principal da obra), que apresenta capítulos sobre a metáfora do ‘meio ambiente’, meio ambiente e o discurso dos outros, meio ambiente e o discurso das *mass medias*, meio ambiente e o discurso da propaganda.

O linguista catalão Bastardas i Boada elaborou um livro de ecolinguística (BASTARDAS I BOADA 1996) no qual o autor acaba por considerar o estudo de ecologia das línguas como um estudo somente das interações entre línguas, povos e sociedade. Assim, são discutidas primeiramente questões de filosofia da ciência e metodologia científica, pois o autor acaba por argumentar a abordagem ecológica como um novo paradigma científico, que procura encarar as variedades linguísticas como fenômenos complexos formados pela interação entre cérebro/mente e elementos socioculturais. A partir daí, é elaborado um estudo de caso que se foca na realidade linguística da Espanha, principalmente o status da língua catalã, e as questões de política e planejamento linguísticos, processos de padronização linguística, de formação de variedades dialetais, entre outros. O autor possui uma série de artigos que versam sobre a temática de sociolinguística, política de línguas e ecologia das línguas e mantém sua produtividade até a atualidade, como em Bastardas i Boada (2002, 2003, 2007, 2010, 2013).

A obra de ecolinguística de Calvet (1999) merece lugar de destaque na história da disciplina. O autor propõe diferentes modelos teóricos para a análise ecológica das línguas: o modelo gravitacional, que procura relacionar as línguas a nível mundial, ou

seja, uma abordagem macro-linguística; o modelo homeostático, que apresenta como as línguas se autorregulam nas situações mais diversas; um modelo de representações, que traz uma proposta que visa avaliar como os falantes encaram suas práticas linguísticas e a dos outros; um modelo de transmissão, que busca dar conta dos processos que causam as mudanças linguísticas. O autor também aplica seus modelos teóricos em cinco estudos de casos: o árabe, o Kituba, o Servo-Croata, o Kraemer, e a ilha de São Bartolomeu. A proposta teórico-metodológica de Calvet também foi aplicada durante a investigação para se analisar a situação macro-linguística e micro-linguística de Timor-Leste, já que os aparatos da metodologia ecológica de Calvet mostraram-se claros e pertinentes para o estudo da interação entre as línguas em Timor-Leste.

O livro elaborado em conjunto por Harr, Brockmeier e Mühlhäusler (1999) analisa os diferentes discursos do ambientalismo, sendo estes discursos chamados pelos autores de *greenspeak* (algo semelhante a ‘fala verde’ ou ‘verde-língua’, em uma tradução mais livre). Os autores chamam atenção da necessidade do nome *greenspeak* para classificar toda uma série de discursos sobre o ambientalismo exatamente por vários fatores: o tema ser atual; estar em debate e suscitando polêmicas; haver um amplo espectro de discursos que versam sobre o ambiente, mas nem todos possuem as mesmas construções, ideologias, objetivos etc. Assim, na obra são analisados discursos científicos, oficiais, relatórios de diferentes entidades, manifestos e questões filosóficas de várias organizações, entre outros. São apontadas as características linguísticas e retóricas do discurso e das narrativas ambientais, enfatizando também poder das metáforas utilizadas na construção desses discursos, e algumas questões morais e estéticas.

A obra organizada por Maffi (2001), responsável pela ONG (organização não governamental) chamada *Terralingua*, procura analisar a temática da diversidade biocultural, que consiste em estudar as ligações entre diversidade de língua, de conhecimento e de meio ambiente. A tese desta vertente da ecolinguística, também conhecida como linguodiversidade, é a de que a diversidade biológica está relacionada com a diversidade cultural e linguística. Desta maneira, por meio de uma série de artigos, o livro aborda questões teóricas a respeito dessa tese; apresenta diversos estudos de caso; descreve exemplos de perda de biodiversidade e de perda cultural e linguística; aponta políticas de manutenção e soluções para o futuro da biodiversidade, da linguodiversidade e da diversidade cultural.

O linguista africano Salikoko Mufwene (2001, 2008), nascido na atual

República Democrática do Congo, antigo Zaire e Congo Belga, não é um ecolinguista, nem utiliza teorias ecolinguistas em seus estudos, porém ele se destaca na área da ecolinguística por sua abordagem biológica da linguagem, chegando a empregar certos conceitos da ecologia biológica. Em Mufwene (2001), há uma coletânea de artigos publicados do autor em que ele analisa crioulos e a língua inglesa na América e no mundo a partir de uma abordagem biológica, considerando a língua como uma espécie biológica, sujeita a certos parâmetros da teoria evolutiva e da genética populacional. Em Mufwene (2008), outra coletânea de artigos do autor, é dada continuidade a sua abordagem biológica dos estudos linguísticos. O autor reflete sobre alguns temas da linguística tradicional, de conceitos como ‘sistema’, transmissão, entre outros, criticando-os e adotando, assim, sua visão biológica a fazer uso de conceitos da ecologia biológica e do darwinismo (competição e seleção) em suas análises de crioulos e variedades vernáculas do inglês. O autor faz uso também de conceitos da teoria evolucionista para explicar mudanças linguísticas e contato de línguas.

Em Garner (2004), há uma contribuição fundamental à teoria ecolinguística, já que o autor acaba por dar continuidade ao trabalho de Haugen (1972). Ele também critica que poucos foram os ecolinguistas que realmente seguiram a proposta apontada inicial de Haugen e, conforme foi apontado anteriormente, é possível verificar a veracidade da afirmação do autor. Garner (2004), além de analisar o trabalho de Haugen (1972) e de outros ecolinguistas, como Mühlhäusler (1996) e Haarmann (1986), elabora uma abordagem ecológica da língua com base em um sistema tripartido de socialidade (ing. *sociality*) (comunicação, comunidade e cultura), onde a língua se encontra inserida, e propõe duas dicotomias para as relações da língua dentro desse sistema de socialidade, são elas: padronização e previsibilidade, variação e criatividade.

O crioulista e também ecolinguista Hildo do Couto elaborou duas obras de ecolinguística. A primeira delas (COUTO 2007) é um amplo manual de ecolinguística. Neste livro, o autor trata de diversos temas relacionados à disciplina, começando pelas definições de ecologia e ecolinguística, e a relação destas com a unidade da ciência. Após este debate, o autor traça um histórico da ecolinguística, seguido de sua proposta teórica da ecolinguística, que foca em três elementos: a língua (L), o povo (P) e o território (T), chamados de ecologia fundamental da língua (EFL), sendo estes três elementos ligados aos três meio ambientes (MA): o MA social, o MA mental e o MA natural. O autor dispõe como elemento central de sua teoria a interação comunicativa, focando, assim a ecologia desta. O autor também aponta as seguintes áreas da

ecolinguística: a endoecologia, parte da ecolinguística destinada aos estudos dos níveis de análise linguística; a etnoecologia, relaciona a linguística, a ecologia e as etnociências; a ecologia das línguas, que estuda os fenômenos do contato de línguas, mudança linguística e multilinguismo sob a abordagem ecológica; a ecolinguística social, estuda o discurso, o autor faz uma análise da linguagem preconceituosa, e a linguodiversidade; o nicho ecolinguístico, área que se dedica ao estudo de questões de aquisição e sociolinguística, como política, planejamento e direitos linguísticos, a insegurança e atitudes linguísticas. Esta obra destaca-se por vários fatores, os dois mais importantes que foram utilizados no decorrer desta tese são: a proposta teórica da EFL e dos MAs linguísticos que se provou útil e aplicável para solucionar problemas da análise linguística; a subdivisão da ecolinguística em diferentes disciplinas, o que possibilitou dar um tratamento separado para fenômenos linguísticos e extralinguísticos interligados. Em sua outra obra (COUTO 2009), o autor dedica-se à abordagem ecológica do contato de línguas, analisando as línguas pidgins, crioulas e veiculares, assim como situações de morte de língua, fronteira e ilhas linguísticas. Além disso, o ecolinguista publica até os dias atuais vários artigos ampliando sua abordagem teórica da ecolinguística, chamada linguística ecossistêmica, como em Couto (2012a, 2013b, 2014a). A linguística ecossistêmica segue a proposta da EFL e da interação comunicativa de Couto (2007), sendo desenvolvida apenas ao dar maior ênfase ao ecossistema, como discutido anteriormente, e com o ecossistema fundamental da língua (também EFL), apresentando como ecossistemas integrantes os correlatos dos MAs, a saber: o ecossistema social da língua, o ecossistema mental da língua e o ecossistema natural da língua.

Vale a pena apontar que a maioria das publicações e propostas de uma abordagem ecológica dos estudos da linguagem acaba por enfatizar apenas um aspecto da língua, ou seja, estudam a língua em seu aspecto social (WHINNOM 1971, MACKAY 1979, 1980, BOLINGER 1980), ou mental (SALZINGER 1979, FINKE 2005), ou natural, e não procuram oferecer um panorama da interação entre esses três aspectos. Somente teorias mais recentes, principalmente a linguística dialética (BANG e DØØR 2007) e a linguística ecossistêmica (COUTO 2012a, 2013b), oferecem uma visão holística da linguagem ao encará-la como fenômeno social, mental e natural.

Destacam-se também outras coletâneas, além das já citadas, que são consideradas leituras fundamentais em relação à teoria ecolinguística. Estas principais coletâneas serão comentadas brevemente nos parágrafos que seguem.

Em Fill (1996a), há a coletânea dos trabalhos apresentados em um simpósio sobre ecologia das línguas e ecolinguística, intitulado *Sprachökologie und Ökolinquistik*, que ocorreu em outubro de 1995 na *Universität Klagenfurt*, em Klagenfurt, Áustria. Os trabalhos são divididos em teoria ecolinguística, aplicação destas teorias e relações da ecolinguística com outras áreas do saber.

Kettemann e Penz (2000) produziram uma coletânea de artigos, em homenagem ao ecolinguista Alwin Fill, que pretende revisar o estado atual do projeto ecolinguístico. Desta maneira, há tanto artigos que abordam a história e a bibliografia ecolinguística, quanto artigos que fazem estudos de caso, como semântica, discurso, multilinguismo, a relação língua e economia, entre outros.

Fill e Mühlhäusler (2001) é uma importante referência na ecolinguística atual, já que reúne uma série de textos considerados fundamentais para a compreensão da ecolinguística. O livro é dividido em quatro partes: a primeira com textos mais antigos e basilares da ecolinguística; a segunda possui uma série de textos que discutem o conceito de ecologia usado com metáfora na ecolinguística; a terceira apresenta a diferente discussão a respeito da relação língua e meio ambiente; a quarta é dedicada a ecolinguística crítica, que possui textos tanto da análise crítica do discurso ecológico e crítica do sistema linguístico.

Em Fill, Penz e Trampe (2002), há a coletânea de trabalhos apresentados em dois congressos diferentes de ecolinguística. As contribuições versam sobre diferentes áreas da ecolinguística e se encontram subdivididas em cinco áreas distintas, com destaque para a análise do discurso ecocrítica, seção que possui maior número de contribuições.

Em outra obra organizada em conjunto pelo ecolinguista, Fill e Penz (2007) dedica o volume ao que chamam de ecolinguística aplicada, que procura relacionar a teoria ecolinguística com as questões como: manutenção e sustentabilidade linguística, perda linguística, globalização, a língua e a construção da visão de natureza e de mundo, contribuições da ecolinguística para o ensino.

A obra de Döring, Penz e Trampe (2008) é outra coletânea que homenageia novamente o linguista austríaco Alwin Fill, assim como a publicação comentada anteriormente, de Kettemann e Penz (2000). Os artigos reunidos nesta obra procuram revisar novamente a teoria e a prática ecolinguística, os organizadores chamam de uma 're-revisita' (ing. *re-revisiting*), e focam nas relações entre língua, sinais e natureza, e

dividem os artigos entre aspectos teóricos e metodológicos, na primeira parte, e a ecolinguística aplicada, na segunda parte.

Em 2013, o periódico *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, em seu volume 14, número 1, foi dedicado à publicação dos trabalhos apresentados durante o I EBE (I Encontro Brasileiro de Ecolinguística), evento pioneiro no Brasil sobre ecolinguística, realizado no ano anterior, em 2012, em Brasília. Há uma série de artigos que versam sobre a análise do discurso ecológica, outros que dedicam às relações das etnociências com a ecolinguística, artigos de endoecologia linguística e reflexões sobre a teoria ecolinguística.

Recentemente, em janeiro de 2014, foi organizado por Steffensen e Fill um número especial da revista *Language Sciences* dedicado somente à ecolinguística, intitulado *Ecolinguistics: the Ecology of Language and the Ecology of Science*. Neste número, há uma série de artigos que apresentam diferentes visões da disciplina, questionando se a ecolinguística é uma área da linguística ou uma disciplina das humanidades, possuindo natureza transdisciplinar. São abordadas temáticas como: o meio ambiente linguístico, aspectos psicológicos, biológicos e históricos, interação comunicativa, o histórico da disciplina, seu status científico, entre outros (FILL e STEFFENSEN 2014).

1.4 Problemas terminológicos

Conforme foi apresentado anteriormente, em (1.3), a abordagem ecológica da língua não é um movimento teórico unificado e, conseqüentemente, seu objeto de estudo e metodologias também não o são. Desta maneira, as diferentes teorias propõem, certas vezes, terminologias que precisam de certos esclarecimentos e que se apresentam ambíguas ou em variação, caso a ser estudado pela socioterminologia.

No presente trabalho, é adotada a proposta de Couto (2007), que abarca todas as terminologias presentes nas publicações anteriores, previamente comentadas, assim como as áreas conexas à ecolinguística e suas metodologias.

1. **Ecolinguística:** termo geral para designar o estudo das relações entre língua e meio ambiente.
2. **Ecologia linguística:** estudo das relações entre língua e questões ‘ecológicas’, tais como diversidade, problemas ambientais. Designação alternativa: linguística ambiental.
3. **Ecologia da língua:** estudo da relação entre língua e meio ambiente (social, mental e físico).

4. **Ecologia das línguas:** estudo das inter-relações entre as línguas, tais como pidginização, crioulização, obsolescência e morte de língua, empréstimo e outras (COUTO 2007, p. 42).

Couto (2007) apresenta a terminologia ‘linguística endoecológica’, que estuda aspectos estruturais da língua e os relacionam questões ecológicas, e ‘linguística exoecológica’, que analisa as relações da língua e o meio ambiente externo a ela. Esta distinção terminológica foi proposta por Makkai (1993), embora não muito usada por outros ecolinguistas, esta dicotomia é um procedimento metodológico importante que pode auxiliar o investigador em seus estudos, por isso será adotada neste trabalho. Calvet (1999) também faz essa mesma separação, porém chama de ‘macrolinguística’ e ‘microlinguística’.

Sobre os modelos teóricos da ecolinguística, muitos estudiosos tendem a usar a distinção feita por Fill e Mühlhäusler (2001), separando a ‘ecologia como metáfora’, área da ecolinguística que faz uso de conceitos ecológicos para explicar certos fenômenos linguísticos; ‘língua e meio ambiente’, relaciona principalmente as questões de biodiversidade e linguodiversidade; e ‘ecolinguística crítica’, que engloba tanto a análise do discurso ecocrítica, como a ecocrítica aos sistemas linguísticos. Os demais modelos são chamados apenas pelos nomes propostos pelos autores: linguística dialética (BANG e DØØR 2007), modelo gravitacional (CALVET 1999), modelo evolucionista (MUFWENE 2001, 2008), entre outros. Lechevrel (2010) chega a uma simplificação extrema, apontando somente a ‘ecologia linguística’ e a ‘análise do discurso ecocrítica’.

Conforme apontado neste capítulo, assim como será reiterado no decorrer dos demais, a presente tese seguirá principalmente a proposta da linguística ecossistêmica, que já vinha sendo praticada por alguns ecolinguistas, como: Trampe (1990), Bastardas i Boada (1996), Finke (1996) e Couto (2007, 2009), porém veio somente a ser denominada propriamente de ‘linguística ecossistêmica’ (al. *Ökosystemischen Sprachwissenschaft*) por Strohner (1996) e desenvolvido seus pressupostos teóricos inicialmente em Couto (2013b).

Devido ao holismo da linguística ecossistêmica, esta abriga os diversos estudos ecolinguísticos, destacando-se a Análise do Discurso Ecológica (ADE), que se diferencia dos estudos ecolinguísticos do discurso, como a ecolinguística crítica, a linguística ambiental e a linguística ecocrítica, por diversos fatores elencados em Couto (2013a), são eles: a ADE além de realizar a análise parte para a prática, procurando defender os ideais em que acredita, por exemplo, não apenas critica a matança dos

animas, mas passa à práxis para a defesa destes; a ADE não utiliza os conceitos ecológicos metaforicamente, exatamente pelo fato de se basear na linguística ecossistêmica, mas encara a língua e o discurso como parte do ecossistema; as demais correntes de análise do discurso em ecolinguística acabam por se confundir com a própria Análise do Discurso (AD), já a ADE não.

Nas áreas conexas, há problemas na formação da terminologia científica, principalmente na relação entre as etnociências e a ecolinguística. A etnociências pode ser definida como o estudo do conhecimento que sociedades tradicionais têm a respeito do mundo natural. Desta maneira, encontram-se diversas subáreas, sendo a principal a etnobiologia, que apresenta uma série de subdivisões, como: etnobotânica, etnozologia, etnoentomologia, entre outras. Couto (2007, p. 219) propôs a terminologia ‘etnoecologia linguística’, porém a estrutura da língua portuguesa aceitaria formas como ‘etnoecolinguística’ e ‘ecoetnolinguística’, que o autor argumenta como pouco aceitáveis ao falante da língua por seu padrão atípico polissilábico.

Assim, nesta tese, emprego os termos ‘abordagem ecológica’ ou ‘teoria ecolinguística’ para se referir à ecolinguística em geral, em sentido amplo ou à teoria ecolinguística em si. Adotarei os termos ‘endoecologia’, para análises do ecossistema interno da língua e do falante, e ‘exoecologia’, para análises dos ecossistemas externos à língua e ao falante. As demais terminologias usadas no decorrer do trabalho terão como base de formação o prefixo *eco-* e o tema *-linguística* e, mesmo que em alguns casos as construções sejam autoexplicativas, discorrerei sobre seus significados, aplicações e usos anteriores para que nenhuma ambiguidade permaneça no emprego dos termos, dos conceitos e no decorrer das análises efetuadas aqui.

CAPÍTULO 2

OS ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE

A língua portuguesa em Timor-Leste começou a despertar interesse de estudiosos somente no final do século XIX com o famoso crioulista Hugo Schuchardt, porém a primeira publicação que mencionou alguma informação a respeito foi escrita pelo filólogo português José Leite de Vasconcelos no início do século XX, em 1901. Para a elaboração desta tese foi consultada toda a bibliografia existente sobre o PTL¹⁷, já que, como será visto abaixo, é escassa.

Provavelmente, o primeiro estudioso que teve algum interesse no português falado em Timor Leste foi Hugo Schuchardt. Ele teve acesso ao Crioulo Português de Bidau¹⁸ (CPB) através de informações de José dos Santos Vaquinhas, governador interino de *Timor Português*, no ano de 1882. Anos mais tarde, em 1885, o Vigário Geral de Timor ofereceu informações diferentes a Schuchardt, em carta reproduzida em Baxter (1990, p. 5), contradizendo as informações de Vaquinhas em 1882, o Vigário Geral de Timor afirmou não existir um crioulo de base portuguesa em Timor, mas um português “estropiado” e “corrompido”. Se Schuchardt escreveu algo sobre o CPB ou sobre o PTL, tal documento não foi encontrado até a atualidade em seu espólio. Porém, sabe-se que Schuchardt e Vasconcelos trocaram várias correspondências discutindo principalmente a temática da crioulistica.

Tal confusão entre o CPB e o PTL nas publicações permaneceu até final do século XX, sendo resolvida apenas nas publicações de Thomaz (1974, 2002) e Baxter (1990). A seguir, esta seção se encontra subdividida em duas: primeiro, serão comentados os trabalhos que versaram sobre o português de Timor-Leste, tanto o PTL, quanto o CPB, ou seja, a língua portuguesa que se desenvolveu devido a processos complexos de contato de línguas, aquisição linguística e multilinguismo (2.1); em seguida, serão analisadas as publicações que versam sobre a língua portuguesa em Timor-Leste, abordando este tema de maneiras diversas, como: questões de identidade,

¹⁷ Para não haver confusão entre as siglas utilizadas, PTL sempre fará referência ao ‘português de Timor-Leste’, já quando for feita referência à tríade ecolinguística povo, língua e território estes três elementos serão citados com hífen, como P-L-T, ou P-T-L.

¹⁸ Até a década de 1990, conforme será apontado nesta seção, houve uma confusão entre o Crioulo Português de Bidau, variedade crioula da língua portuguesa falada no bairro Bidau, periferia de Dili, capital de Timor-Leste, e o que é chamado simplesmente de português de Timor-Leste, variedade da língua portuguesa com ligeiras mudanças locais.

análise dos diferentes discursos sobre o português em Timor-Leste, ensino de línguas e formação de professores, política linguística, entre outros (2.2), e, finalmente, as publicações que relacionam Timor-Leste e ecolinguística (2.3).

2.1 O português de Timor-Leste: o PTL e o CPB

A primeira publicação que procura analisar o PTL e o CPB foi Vasconcelos (1970 [1901]). Nesta obra clássica, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, o filólogo português dedica apenas uma breve subsecção, localizada no terceiro capítulo da terceira parte do livro, intitulada *Portugais de Timor*, afirmando não haver um crioulo português em Timor, baseado somente nas informações recebidas por ele ao trocar correspondências com Rafael das Dores¹⁹ a respeito da situação da língua portuguesa em Timor-Leste, conforme pode ser visto em suas próprias palavras:

Selon les renseignements que m'a donné M. le Lieutenant-Colonel Rafael das Dores, qui a été à Timor quatre fois, et qui y a habité la première fois pendant trois ans, Il y n'a pas à Timor dialecte créole proprement dit. Je transcris d'une de ses lettres le passage suivant, que je suppose intéressant: (VASCONCELOS 1970[1901], p. 151)²⁰

Depois, o autor reproduz uma pequena passagem da carta do tenente-coronel das Dores:

“Algumas raparigas, vindas do interior para criadas, e servindo em casa de pessoas de Macau residentes em Timor, aprendem palavras do *crioulo macaísta*, mas tanto estas raparigas, como as próprias pessoas de Macau, com o tempo chegam a fallar o português como nós, o que eu observei, e mesmo se nota em Macau de senhoras que regressam de Timor” (VASCONCELOS 1970[1901], p. 151)

E termina sua seção sobre o PTL apenas com as breves informações reproduzidas a seguir:

Certaines phrases caractéristiques du parler de Timor, telles que *Nai F. fô recado, fô bom dia, fô boa noite*, sont dans les conditions ci-dessus indiquées:

¹⁹ Rafael das Dores, militar português, morou a trabalhar durante décadas nas possessões portuguesas na Ásia. Foi um dos pioneiros dos estudos linguísticos em Timor, onde residiu de 1871 a 1873, regressando em 1878, 1886 e 1891 (DORES 1907, p. 2), publicando o primeiro dicionário Tetun-Português (DORES 1907), que possui em sua introdução uma pequena gramática da língua. Para a elaboração desta obra, o autor recebeu ajuda de diversas personalidades influentes da época, entre elas: o próprio José Leite de Vasconcelos, que o estimulou e avisou da urgência da confecção de tal obra, e José dos Santos Vaquinhas, governador interino de *Timor Português*, já citado anteriormente, que forneceu dados a Hugo Schuchardt.

²⁰ “De acordo com as informações que o sr. Tenente-coronel Rafael das Dores me deu, que esteve em Timor quatro vezes, e que na primeira vez ficou por três anos, não há em Timor um dialeto crioulo propriamente dito. Transcrevo a passagem abaixo de uma de suas cartas que considero interessante:”

nai em “teto”, une des langues indigènes de Timor, signifie “seigneur”; *fó* signifie “donner”; les autres mots sont portugaise. (VASCONCELOS 1970[1901], p. 152)²¹

Posteriormente, a obra que menciona algumas informações sobre o CPB e o PTL é o livro clássico de Castro, *A ilha verde e vermelha de Timor* (1996 [1943]). Porém, o objetivo do autor não era linguístico, mas apenas um relato de suas viagens pela ilha. No entanto a obra está repleta de informações linguísticas e culturais, contando também com alguns exemplos de diálogos, transcritos de forma não linguística pelo autor, como a conversa entre a mãe, filha e marido citada abaixo:

Cuza bën mamãi?
Ôi, nônôî, seu marido já vên láquêlê!
Hou, nónó, bën, senta bê, cómê, bai!
Ó nônôî, tira depressa arrôze, eu anta cómi (ou eu quérê comê) (CASTRO 1996 [1943], p. 95)²²

Em seguida, outra obra que abordou o CPB, foi a de Teixeira (1963), que apresenta apenas alguns exemplos da variedade crioula e uma tentativa de análise. Porém, assim como a obra anterior de Castro (1996 [1943]), a obra de Teixeira têm objetivos não linguísticos, sendo na verdade uma obra em vários volumes sobre a missão portuguesa, especialmente no oriente.

O primeiro trabalho que diferenciou o CPB do PTL, apresentando uma longa análise histórica, social e linguística a respeito de Timor-Leste foi o de Thomaz (1974). Thomaz procurou analisar em que medida o chamado “português da praça de Dili”²³, termo recorrente para se referir à língua portuguesa falada em Timor-Leste, referia-se ao CPB ou ao PTL. Em diversos outros trabalhos, o autor dedicou-se a estudar o PTL, ocupando-se de questões históricas e sociolinguísticas em (1985, 2002), assim como do léxico do PTL em (1995, 2002).

Outra contribuição significativa aos estudos linguísticos sobre a situação da língua portuguesa em Timor-Leste foi o artigo de Baxter (1990). Nesta publicação, o autor realizou um amplo levantamento bibliográfico, seguido por informações sócio-

²¹ “Algumas frases características da fala de Timor, como *Nai F. fó recado, fó bom dia, fó boa noite*, estão nas condições apontadas acima: *nai* em “teto”, uma das línguas indígenas de Timor, significa “senhor”; *fó* significa “dar”, e outras palavras são portuguesas”.

²² “ – Cozinhou bem, mãe?

– Ei, garota, lá vem seu marido!

Ei, garota, venha sentar-se para comer, venha!

– Ô garota, se apresse, coloque logo esse arroz, eu quero comer.”

²³ O distrito de Dili é a capital de Timor-Leste.

históricas e uma análise exaustiva do CPB. Até o momento, esse artigo de Baxter (1990) apresenta-se como o estudo linguístico mais completo a respeito dessa variedade crioula do português.

Somente nos últimos anos, é que a variedade do PTL despertou maior interesse dos linguistas. Há uma nota de Costa (1995), que procura diferenciar o PTL, reconhecendo-o como uma variedade e diferenciando-o do português padrão, ensinado e falado em Timor-Leste pelos portugueses, que foi chamado aqui de PT em TL.

Baxter (1996) apresenta um amplo panorama da língua portuguesa na Ásia. Há uma seção inteira dedicada à língua portuguesa em Timor-Leste. Nesta seção, o autor apresenta uma breve história da língua portuguesa em Timor, com análises do CPB e do PTL, ainda descreve os contextos em que o português foi adquirido, desenvolvido e ensinado na ilha.

Carvalho (2001, 2002/2003) dedicou-se ao estudo do léxico do PTL, pesquisando a antroponímica leste-timorense (2001) e elaborando um *corpus* em que baseou várias outras de suas conclusões a respeito do léxico (2002/2003), chegando a apontar traços em comum do PTL com os crioulos portugueses asiáticos, como o Crioulo Português de Malaca, o Crioulo Português de Macau e os crioulos portugueses indianos, chamados de Indo-Português, e variedades reestruturadas da língua portuguesa na Ásia, como o português de Cingapura, da ilha de Flores e de Jakarta.

Brito (2003, 2004, 2007) e Brito e Bastos (2007) elaboraram uma série de artigos sobre o PTL os quais abordam questões preliminares de sociolinguística e política linguística, bem como comentam alguns traços da produção falada e escrita do português por leste-timorenses. Em Brito e Corte-Real (2006), há uma análise das peculiaridades do PTL no nível fonético-fonológico. Porém, nestas publicações os traços específicos do PTL são abordados pelos autores como erros de aprendizagem por parte dos cidadãos leste-timorenses. Por exemplo, a variação na realização das fricativas, principalmente /ʃ/ e /ʒ/, que podem ser realizadas como [s^h] ~ [s], ou [d] ~ [z] ~ [z^h] ~ [dʒ], é um traço notável do PTL, conforme será analisado no capítulo 5, é ora apontada como uma dificuldade na articulação de fonemas, ora como confusões do falante leste-timorense. Outro exemplo, na morfossintaxe, a concordância variável, outro traço encontrado tanto no PTL, como em demais variedades da língua portuguesa, é encarada como erro na aprendizagem da concordância e impropriedades na sintaxe de regência. Assim, essa visão de erro, já questionada pela sociolinguística e estudada de

um ponto de vista variacionista, é encarado na presente tese sob uma visão ecológica, que engloba não apenas a variação, mas também todo o processo de adaptação dos falantes e da língua portuguesa ao novo ecossistema linguístico.

Em Busquets (2007), há um estudo de vários textos orais e escritos produzidos em PTL. A autora analisa uma série de estruturas próprias do PTL encontradas nos textos analisados, separando-as em coesão lexical, coesão gramatical e referenciação. Há também análise da conversação do *corpus* do PTL, em que a autora destaca características como: heterorrepetição, autorrepetição, repetição hesitativa, pausas preenchidas e pausas não preenchidas.

O autor desta tese vem se dedicando ao estudo do PTL e, nos últimos anos, também apresentou uma série de publicações, analisando diferentes aspectos linguísticos do PTL. Em Albuquerque (2010a), foi realizado um estudo introdutório sobre a prosódia do PTL, apontando influências das línguas nativas tanto na prosódia propriamente dita, mas também na fonética do PTL. Há um panorama linguístico do PTL (Albuquerque 2011a), que apresenta brevemente estruturas específicas dos níveis de análise linguística, a saber: fonético-fonológico, morfossintático e léxico-semântico, com uma proposta de variação interna diatópica do PTL. Albuquerque (2011b, 2012a) analisou o léxico do PTL, apontando retenções quinhentistas, mudanças semânticas e empréstimos das línguas locais. Já em Albuquerque (2012b), há uma análise inicial de certas características morfossintáticas do PTL e, em artigo mais recente, em Albuquerque (2013), o autor investiga a origem da variedade do PTL, datando-a do começo do século XVIII com base em documentos históricos da época.

Batoréo (2010b, 2011) realizou estudos tendo como base um banco de dados de narrativas em português falado pelos leste-timorenses. A autora, seguindo a vertente da linguística cognitiva, analisa o uso de *já* no PTL como partícula marcadora de perfectividade por influência da L1 dos falantes leste-timorenses, que apresentam tal estrutura, como o Tetun *tihá* ‘já, marcador de perfectivo’ (BATORÉO 2010b) e da construção *é que* usada no PTL de maneira distinta do Português Europeu (PE), como marcador discursivo de ênfase (BATORÉO 2011), sendo também por influência das línguas locais de Timor-Leste, em que o falante tem como L1 uma língua local e transfere características desta para o português.

Finalmente, o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa desenvolveu um projeto, entre os anos de 1970 e 2001, intitulado *Português Falado – Variedades Geográficas e Sociais* (BACELAR DO NASCIMENTO 2001), em que foram

conduzidas diversas gravações do português falado em Portugal e em algumas ex-colônias portuguesas, a saber: Angola, Brasil, Cabo Verde, Goa, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor. Em relação ao português falado em Timor, foram feitas somente três gravações, somando um pouco mais de 17 min. e com as devidas informações sociais sobre os falantes que participaram da gravação. Estes dados não serão utilizados no presente trabalho pelo fato de os falantes timorenses residirem em Portugal há algum tempo, bem como possuírem anos de estudo em língua portuguesa e alta escolaridade, o que caracteriza o português falado por eles como sendo próximo português europeu padrão.

2.2 O português em Timor-Leste: ensino, discurso e identidade

Nesta seção, serão discutidos os principais trabalhos que versaram sobre o PT em TL, ou seja, sobre a língua portuguesa em Timor-Leste. Estas publicações possuem diferentes objetivos, analisar problemas de ensino, questões de discurso, identidade, diáspora, entre outros. A maioria delas está na área de linguística aplicada ou educação, porém há alguns estudos de análise do discurso. O que se pode perceber é que, com a independência de Timor-Leste, no ano de 2002, as pesquisas que se preocupam com a educação e o ensino de língua portuguesa vêm aumentando consideravelmente.

A autora Bolina (2000, 2005) provavelmente, foi a primeira a analisar os aspectos educacionais da implantação da língua portuguesa em Timor-Leste. Em seus trabalhos, a autora enfatiza que, para se conhecer melhor a educação leste-timorense, deve-se também conhecer os aspectos culturais materiais e imateriais desse povo, assim em suas publicações, são analisados a geografia, o povo, a história, a política, a religião e as línguas leste-timorenses. É ressaltada a fragilidade do sistema educacional leste-timorense, com a resistência ao aprendizado da língua portuguesa, o desinteresse por parte de professores e demais funcionários públicos, por outro lado observa-se agentes principais para o provável sucesso da língua portuguesa em Timor-Leste, além do próprio povo, a assistência internacional dos países lusófonos.

Fernandes (2006) realizou um estudo pioneiro em sua dissertação de mestrado na Universidade de Brasília. Neste estudo, o autor, leste-timorense que residia no Brasil, aplicou uma série de questionários para mais de duzentos professores leste-timorenses, enfatizando as diferenças dos saberes disciplinares, curriculares e pedagógicos, entre os professores que fizeram o curso de capacitação e os que não fizeram. O resultado foi claro e esperado: dos professores que fizeram o curso de capacitação, mais da metade,

cerca de 62%, apresentaram conhecimento dos saberes apontados acima. Entre os professores que não fizeram o curso de capacitação, apenas 18% apresentaram conhecimento em relação aos saberes.

Bormann e Silveira (2007) e Bormann e Barbosa (2009) escreveram dois artigos que analisam o discurso e o papel dos professores de língua portuguesa em Timor-Leste. As autoras comentam que o discurso defensor da língua portuguesa é o discurso do dominador, porém este espaço discursivo está ligado a muitas possibilidades de transformação, já que representa fator importante da identidade, cidadania e prática social leste-timorense. De uma perspectiva de análise crítica do discurso, os autores apontam de certa forma que o português faz parte da identidade do cidadão leste-timorense devido à presença dessa língua tanto no passado, quanto no presente do país. A cidadania e as práticas sociais e políticas também estão ligadas ao português pelos processos de cooperação de ensino, já que ao ensinar a língua portuguesa aos alunos e aos professores de Timor-Leste, os sujeitos envolvidos devem pensar o ensino de português não como monolíngue e dominador, ou seja, de uma perspectiva vertical, mas de uma maneira distinta, procurando inserir o aluno e professor de Timor-Leste na sociedade, por meio da aprendizagem da língua portuguesa.

A dissertação de Lourenço (2008) foca dois pontos principais para o ensino de língua portuguesa em Timor-Leste, são eles: a formação contínua de professores e a criação de um quadro de referência para o ensino de português. Após uma análise e a aplicação de questionários, a autora aponta uma série de resultados que permeiam a elaboração do quadro de referências, entre eles, destacam-se os seguintes: a formação dos professores para ensinar em língua portuguesa deve ser direcionada para o domínio em que vão utilizá-la; deve-se também desenvolver a competência linguística em relação ao uso de acordo com a necessidade do aprendiz; o professor deverá ter uma atitude reflexiva ao programar as tarefas e os temas.

Almeida (2008) analisa o processo de inserção da língua portuguesa na ilha de Timor, apontando em suas origens tanto a motivação material (língua de comércio e língua da metrópole) quanto a motivação espiritual (língua de catequização, língua da religião católica, que é a predominante na cultura leste-timorense). A partir daí, o autor aponta a necessidade de atualmente a língua portuguesa tentar retomar a importância nessas esferas socioculturais, pois o português em Timor-Leste ainda permanece como língua extremamente formal, e o aluno não encontra oportunidades para usá-la fora de sala de aula. É proposto um *continuum* teórico para o ensino de língua portuguesa aos

jovens leste-timorenses, de modo que as ações das práticas educativas oscilem entre a didática de PLE/PL2 e a didática de L1, de acordo com a necessidade do público-alvo.

Batoréo, já citada anteriormente, que realizou estudos sobre o PTL, também realizou alguns sobre o ensino de português em Timor-Leste, porém da maioria das publicações expostos nesta seção, os efetuados por esta linguista destacam-se por ter uma maior afinidade com a teoria ecolinguística, já que a autora encara a língua portuguesa como pluricêntrica (BATORÉO e CASADINHO 2009) e preocupa-se com os modelos mentais que os falantes elaboram a respeito do português. Seguindo este mesmo raciocínio, Batoréo (2009) considera importante para o ensino de português em Timor-Leste ser levadas em consideração as diferentes realidades nacionais, para que o ensino se adapte às especificidades locais. A autora destaca também que o conhecimento das línguas locais do país é válido, já que Timor-Leste é predominantemente plurilíngue, e que essas línguas interagem com o português por meio de seus falantes (BATORÉO 2010a).

O estudo realizado por Santos (2009) tem diferentes objetivos, porém apresenta contribuições significativas tanto para o ensino como para a linguística, já que a autora realiza uma análise descritiva do método utilizado nos materiais didáticos de ensino de português L2/LE, sendo este o mesmo aplicado em Timor-Leste, conhecido como método *Português sem Fronteiras*. A seguir, a autora investiga questões teóricas da influência da L1 na aquisição da L2 e, posteriormente, aplica a teoria de aquisição linguística a textos produzidos em língua portuguesa por falantes de Tetun, verificando, assim, a transferência de propriedades da L1 (Tetun) para a L2 (português), principalmente em relação a realização do sujeito e a flexão verbal.

Em Soares (2009, 2010), há uma análise da importância de aspectos culturais no ensino de português em Timor-Leste, assim como na elaboração de material didático para este ensino. Como exemplo, a autora (SOARES 2009) analisa o conceito de ‘horta’ para os portugueses e para os leste-timorenses, chegando à conclusão que na cultura leste-timorense ‘horta’ possui um conceito mais amplo, já que pode incluir regiões menores de plantações dentro da horta, ou seja, uma horta dentro da horta, que nas línguas nativas de Timor-Leste são chamadas de *kantareru*, ou *kantreru*. A autora enfatiza também a importância de ser levada em conta a língua materna da criança leste-timorense ao se ensinar o português. Em Soares (2011), de maneira distinta, a autora analisa o papel do ensino de língua portuguesa dentro da política educativa de Timor-

Leste, considerando que o português em Timor-Leste tem um papel simbólico, identitário, afetivo e geoestratégico.

Em Deus e Osório (2010), os autores realizam um estudo da importância de Portugal no cenário social leste-timorense, pois, segundo a análise dos autores, Portugal é importante, não apenas como figura central de reintrodução da língua portuguesa em Timor-Leste, mas também por atuar como elemento unificador em diversas áreas da sociedade leste-timorense, na cultura, política, entre outros.

Albuquerque (2010b, 2011c) analisa dois temas pertinentes ao ensino de língua portuguesa em Timor-Leste, são eles: o reconhecimento das diferentes variedades da língua portuguesa e suas influências no processo de ensino-aprendizagem (Albuquerque 2010b), e a adequação dos livros didáticos à realidade leste-timorense (Albuquerque 2011c). Em Albuquerque (2010b), o autor enfatiza a necessidade do professor de língua portuguesa em Timor-Leste reconhecer as diferentes variedades da língua portuguesa (o português europeu, o português brasileiro, ou o PTL) que co-ocorrem e concorrem, a depender da situação comunicacional, para, assim, decidir qual variedade ensinar e o que deve ser encarado como erro, ou apenas realização da variedade do PTL. Em Albuquerque (2011c), o autor faz uma análise de livros didáticos usados no ensino de língua portuguesa, chegando a conclusões que em muitas ocasiões esses materiais não estão adaptados à realidade sociocultural leste-timorense.

Em Carneiro (2010), há uma avaliação da política linguística leste-timorense de formação de professores, estando esta ligada ao ensino de língua, ao planejamento linguístico e a outras políticas linguísticas, assim como é uma chave para o sucesso ou fracasso futuramente da nação. Já em Carneiro (2011), há uma análise de materiais didáticos usados no ensino de língua portuguesa em Timor-Leste, já que o autor parte de um pressuposto que o material didático faz parte do processo de implantação de políticas linguísticas e educacionais.

Em Fonseca (2010), há uma análise dos materiais didáticos usados em Timor-Leste no ensino pré-secundário (equivalente ao ensino fundamental no sistema educacional brasileiro). A autora chega a conclusões de que os problemas existentes se encontram principalmente na logística em relação ao material didático e em seu uso propriamente dito. Entre os problemas logísticos podem ser citados: a ausência de editoras leste-timorenses; a maior parte do material didático vem de Portugal, isto causa dificuldades e atrasos no transporte e distribuição tanto de Portugal para Timor-Leste, como também dentro de Timor-Leste, já que os distritos mais isolados, ou distantes da

capital, acabam sendo prejudicados; devido ao número reduzido de livros didáticos disponíveis, estes acabam por ficar na escola, assim o aluno não pode levar para casa para estudar, fazer as tarefas dos cadernos de exercícios, entre outros. Entre os problemas do uso do material didático, destacam-se as questões de choque cultural, que se estendem também no nível social, político, histórico, cognitivo e linguístico, presentes nos livros didáticos, já que os materiais são elaborados para um público-alvo diferente, ou seja, a criança do sistema educacional português.

Freire (2011a) faz uma análise do discurso da presença da língua portuguesa em Timor-Leste, de seus argumentos, defesas e justificativas. O trabalho usado como base para análise é o discurso feito por Hull (2001) que defendeu de maneira notável a língua portuguesa para a política linguística leste-timorense. Em Freire (2011b), há uma complementação de tal estudo, relacionando o discurso de Hull com a presença portuguesa, a continuidade do domínio da elite portuguesa, e questões de identidade cultural e diáspora.

Outra dissertação, sendo esta elaborada por Pinto (2010), que focalizou sua pesquisa na percepção que os estudantes do ensino superior leste-timorense têm a respeito da língua portuguesa. A metodologia utilizada pela autora foi a aplicação de questionários e o que se destacou nas respostas encontradas foi a predominância de argumentos históricos, a presença portuguesa na ilha de Timor e a historicidade da língua portuguesa, e culturais, a língua portuguesa como um fator de identidade, união nacional e diferenciação em relação aos demais países do sudeste asiático, que em sua maioria adotaram a língua inglesa.

O trabalho de Santos (2010) é digno de nota, pois se trata de uma dissertação de mestrado dedicada ao estudo do processo de aprendizagem de língua portuguesa em ambiente de imersão pelo aprendiz leste-timorense. Destaca-se a metodologia utilizada, que se baseou na pesquisa qualitativa autobiográfica de cunho etnográfico, consistindo na elaboração de diários, que registravam o aprendizado e as dificuldades comunicacionais, por parte do aprendiz leste-timorense em ambiente de imersão.

Sousa e Silva (2012) fazem uma revisão da política e planejamento linguísticos em Timor-Leste desde a independência do país, em 1999, relacionando a escolha da língua portuguesa com questões de identidade nacional e cultural, e com perspectivas para Timor-Leste como membro dos países lusófonos.

Diniz e Silva (2013) conduziram uma pesquisa procurando levantar as dificuldades e crenças existentes por parte dos alunos no ensino de língua portuguesa

em Timor-Leste. As autoras elencaram as seguintes crenças e dificuldades como principais: pouco acesso a livros; existência de poucas bibliotecas e livrarias; ausência de hábito de leitura; pouco contato com outras variedades do português; crença de que o português é difícil; crença de que por meio da língua haverá ascensão social e profissional.

Nos dois últimos eventos do SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa), que atualmente está em sua quarta edição, ocorreu um simpósio dedicado aos estudos da língua portuguesa em Timor-Leste. O III SIMELP possui os anais dos simpósios publicados em Teixeira e Silva *et al.* (2012) com a publicação das comunicações que versam sobre o ensino de língua portuguesa em Timor-Leste, o papel do professor, análise e elaboração de materiais didáticos e a relação do português com o Tetun. Os anais do IV SIMELP (GALVÃO, REZENDE e SOUZA FILHO 2013) possuem um número menor de comunicações sobre Timor-Leste, porém há análise do discurso dos documentos oficiais sobre a língua portuguesa, e novamente são estudadas as relações entre língua portuguesa e Tetun, assim como são abordadas questões do ensino de português em Timor-Leste.

De acordo com o que foi exposto anteriormente, é possível afirmar que a pesquisa na área de educação e ensino da língua portuguesa em Timor-Leste vem conquistando espaços no cenário acadêmico assim como alguns avanços teóricos e práticos têm sido alcançados.

3.3 A ecolinguística e Timor-Leste

Os primeiros artigos que relacionaram ecologia e linguística em Timor-Leste foram Fox (2000, 2003), que não falou de ecologia ou linguística, pois realiza um estudo de natureza histórica, mas relaciona elementos históricos e culturais com o meio ambiente leste-timorense, e Hajek (2000), que elaborou um estudo linguístico propriamente dito, enfatizando a ecologia da política linguística, seguidos pelos estudos de Taylor-Leech (2005) e Wendel (2005). Posteriormente, Albuquerque (2010c) realizou um estudo ecolinguístico sobre Timor-Leste.

Em Fox (2000), há um panorama histórico de Timor-Leste. O autor, um antropólogo australiano, relaciona as questões históricas da ilha de Timor com o meio ambiente como um fator determinante no processo da configuração atual de Timor-Leste. Algumas dessas informações sobre o ecossistema natural de Timor-Leste foram discutidas em Albuquerque (2009), bem como serão apontadas no capítulo 4.

Em sua outra publicação (FOX 2003), o autor analisa a agricultura e os produtos agrícolas de Timor-Leste, relacionando-os com a ocupação do território, a geografia física leste-timorense e as reconstruções linguísticas do Proto-Austronésio, e de sua principal família linguística, a família Malaio-Polinésia, cujas línguas leste-timorenses de origem austronésia estão relacionadas. Apesar de não se tratar de um trabalho linguístico, ou ecolinguístico, propriamente dito, os trabalhos de Fox se destacam por relacionar de alguma maneira língua e meio ambiente, mesmo que apenas de maneira introdutória.

O primeiro trabalho a trazer especificamente a abordagem ecológica em seu título foi o de Hajek (2000). Porém, o conceito de ecologia linguística limita-se a questões de política linguística. Desta maneira, ele analisa a política e o planejamento linguísticos formulados para Timor-Leste no decorrer da história. Dividindo o chamado período português, que se estende de 1515 até 1975; o período de dominação indonésia, de 1975 até 1999; o período de independência que se estende de 2002 até a atualidade. Hajek (2000) afirma que as autoridades não se importavam com as línguas nativas e a sobrevivência dessas línguas até os dias atuais baseou-se em uma ecologia local, com a capacidade de se adaptar e sobreviver, e aponta como solução atual a valorização de uma língua nativa, a língua Tetun, que é língua oficial ao lado do português. Esta valorização do Tetun é considerada um marco, pois, por meio desta, ocorreu uma mudança da ecologia linguística que antes era voltada para as línguas do dominador, agora está voltada para uma língua nativa. Críticas, porém, ainda são feitas, pois se deve manter uma ecologia saudável, centrada em todas as línguas nativas, e não somente concentrada em uma língua, neste caso o Tetun.

Taylor-Leech (2005) argumenta da mesma maneira que Hajek (2000). A autora, porém, vai além e apresenta, segundo ela, o que seriam ‘forças’ que podem influenciar e deslocar a ecologia das línguas em Timor-Leste, a saber: a presença da língua inglesa, que foi inserida através da presença de entidades internacionais de assistência que trouxeram junto com elas seus respectivos funcionários; o legado do colonialismo; fatores relacionados à política e identidade linguística. Ela vai além de uma simples análise, pois considera uma solução para a valorização das línguas nativas o reconhecimento da sociedade timorense como uma sociedade multilíngue e a expansão do uso das línguas nativas em diferentes ‘espaços sócilinguísticos’ (TAYLOR-LEECH 2005, p. 119), como: a educação, o judiciário e imprensa (*mass media*). Já em sua tese de doutorado, Taylor-Leech (2007) faz uma ampla análise da ecologia da política

linguística em Timor-Leste, partindo dos níveis macro para chegar ao micro, apontando a importância da identidade nacional e dos legados do colonialismo para a elaboração de uma política linguística que seja mais ecológica, ou seja, que leve em consideração o meio ambiente linguístico de Timor-Leste e também ajude a preservar as demais espécies linguísticas, além das contempladas como línguas oficiais e de trabalho.

Taylor-Leech (2008) faz uma análise dos diferentes discursos que versam sobre a construção da nação leste-timorense, relacionando tais discursos com questões de identidade linguística.

Taylor-Leech (2009) é uma monografia a respeito da política e planejamento linguísticos em Timor-Leste e um dos trabalhos mais completos da atualidade a respeito desse tema. A publicação apresenta-se dividida em cinco partes em que a autora aborda as principais questões da situação linguística de Timor-Leste. Na primeira parte, é traçado um perfil socioeconômico do país, apontando a relação entre política linguística e suas práticas com a migração e os meios de comunicação. Na segunda parte, é elaborado o perfil linguístico do país, sendo discutida também as temáticas de diglossia, multilinguismo e letramento. Aspectos sociolinguísticos e históricos do contato de línguas e das políticas linguísticas anteriores são analisados na terceira parte. Na quarta parte, é discutida a política linguística atual. Finalmente, a quinta parte é um balanço do que foi descrito, com ênfase em qual será o futuro das línguas de Timor-Leste, e o que pode ser feito para a manutenção linguística e para melhorar a política e o planejamento linguísticos que estão em vigor.

Em Taylor-Leech (2011a) analisa a relação de identidade e política linguística por meio da observação da paisagem linguística em Dili, por meio da contagem das placas e anúncios da cidade e quais línguas usadas neles. Apesar de a autora não mencionar nada a respeito, tal estudo tem seu suporte na ecolinguística, principalmente na obra de Calvet (1999), que considera como ‘meio ambiente gráfico’ os elementos escritos presentes no espaço de um ecossistema linguístico, e que sua análise revela muito sobre a ecologia das línguas. As conclusões que a autora chegou foram as seguintes: as línguas nacionais não são contempladas de maneira nenhuma; a política linguística das línguas oficiais em Timor-Leste é positiva, já que todas as placas/anúncios oficiais apresentam somente as duas línguas reconhecidas como oficiais, português e Tetun; as línguas de trabalho, inglês e indonésio, apesar de aparecerem em grande número na paisagem linguística de Dili, estão limitadas às placas particulares, comerciais etc.

Taylor-Leech (2011b) elabora um panorama do que foi feito em relação à política linguística em Timor-Leste, entre os anos de 1999 e 2010, apontando quais foram os principais resultados alcançados, quais são as perspectivas de mudança e melhoria para o futuro, e quais as principais características das políticas linguísticas que foram implantadas até 2010.

Taylor-Leech e Caet (2012) analisam as vantagens e desvantagens da política linguística adotada recentemente em Timor-Leste, conhecida como *Educação Multilíngue Baseada na Língua Materna*, sendo os principais pontos negativos a desvalorização das línguas oficiais e a fragmentação social, que pode ameaçar a unidade nacional. Já os pontos positivos, segundo os autores, são: valorização das línguas nacionais; o ensino sendo conduzido na L1 dos alunos, que facilita o aprendizado; melhoria do desempenho escolar; diminuição da evasão.

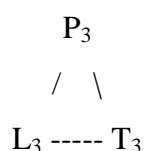
Wendel (2005) apresenta um artigo diferente dos anteriores, pois analisa primeiramente diversas questões teóricas e metodológicas a respeito da ecolinguística, e analisa também o meio ambiente leste-timorense. A proposta de Wendel (2005, p. 73) é aquela que pode ser considerada como a mais ecológica, pois o autor, ao mesmo tempo em que alerta sobre a dominação das potências, como a língua portuguesa, que é a língua do colonizador, e a língua inglesa que é a língua mundial e, de certa forma, uma língua sedutora, ele também alerta sobre problemas em relação ao equilíbrio ecológico, que vem sendo desfeito, bem como posições extremas, como o completo isolamento ou a valorização excessiva da língua nativa, por meio de atitudes puristas, que podem levá-las a situação de línguas ameaçadas, ou até a extinção.

Albuquerque (2010c) se baseia na proposta de Couto (2007), a Ecologia Fundamental da Língua (EFL), e analisa os três elementos do meio ambiente leste-timorense: o povo (P), as línguas (L) e o território (T). Por meio de informações coletadas em campo e das contribuições de Fox (2000, 2003) e Wendel (2005), o autor descreve o meio ambiente leste-timorense e sua influência, e, assim, sua importância para os estudos das línguas nativas de Timor-Leste, ao lado das questões de contato de línguas, que é fundamental para o entendimento da situação linguística atual do país.

Em Albuquerque e Taylor-Leech (2012), há um histórico da política e do planejamento linguísticos das línguas oficiais de Timor-Leste, o português e o tetun, são analisadas as mudanças do *status* e do *corpus* de ambas as línguas em diferentes períodos, desde a colonização até a atualidade.

Desta maneira, é possível concluir que os estudos de abordagem ecológica da língua, tendo como objeto Timor-Leste, apresentam todos uma preocupação em analisar somente o ecossistema social da língua (Fig. 1), segundo a nomenclatura ecolinguística, são considerados estudos de ecologia da língua. As publicações acima que de alguma maneira relacionavam ecologia e linguística encaram a língua como fenômeno social (L_3). Seguindo essa linha de raciocínio, o ecossistema social da língua é formado por (T_3) e (P_3), e as relações ocorrem por meio da (L_3). Assim, vale a pena, esclarecer quem são (T_3) e (P_3)²⁴. O conjunto dos indivíduos, encarados como seres sociais, que fazem parte da comunidade são representados por (P_3). O local onde se encontram os indivíduos e são estabelecidas as relações da coletividade é sociedade é (T_3) (COUTO 2013b, p. 299). O meio ambiente social da língua é esse conjunto de indivíduos considerados como seres sociais (T_3), somados a sociedade que eles formam (P_3). A linha segmentada aponta para o fato de que a língua se relaciona com o conjunto de indivíduos sociais por intermédio da sociedade.

FIGURA 1. Ecossistema Social da Língua
(COUTO 2013b, p. 299, adaptado)



Finalmente, as análises de ecologia da língua focando apenas no ecossistema social da língua, são apenas análises sociolinguísticas da língua portuguesa em Timor-Leste, com ênfase na política e planejamento linguísticos. Conforme foi apresentado anteriormente, em nenhum momento foram realizadas análises dos demais ecossistemas em Timor-Leste: o metal e o natural. Assim, nos próximos capítulos serão realizados os seguintes estudos do ecossistema linguístico de Timor-Leste: no capítulo 4, será elaborado um panorama do ecossistema linguístico local de Timor-Leste; o ecossistema mental da língua, com ênfase na aquisição e multilinguismo, será abordado no capítulo 6; o ecossistema social da língua será retomado no capítulo 8, por meio da análise do ensino e da política linguística. Não foi dedicado um capítulo exclusivo ao ecossistema

²⁴ Os diferentes ecossistemas da língua são explicados em mais detalhes no capítulo 4, que é dedicado ao estudo do ecossistema linguístico local de Timor-Leste.

natural da língua por vários fatores, entre eles: para a presente tese não recair em um determinismo ambiental, relacionando diretamente características linguísticas do PTL com alguma limitação de Timor-Leste; algumas características do ecossistema natural da língua estão espalhadas pela tese, pois foram inseridas apenas quando se fez necessário para ampliar nossa análise; a ênfase da presente pesquisa é a linguística, e uma extensa descrição de aspectos físicos, geográficos, ecológicos, biológicos etc. além de fugir de nosso objetivo, está reservada para as demais ciências específicas, uma descrição da geografia física está para a geografia, uma descrição da fauna e flora está para a biologia, e assim sucessivamente.

CAPÍTULO 3

A METODOLOGIA EM ECOLINGUÍSTICA

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os procedimentos metodológicos da pesquisa realizada na presente tese. Primeiramente, serão feitas algumas considerações sobre a metodologia em ecolinguística, em (3.1), já que poucas publicações dos ecolinguistas versam sobre tal tema, e também é uma crítica recente que esta área do saber vem recebendo de maneira equivocada, conforme Couto (2013b, p. 282) afirma. Em (3.2), encontra-se a descrição de como foram feitas as várias coletas de dados, que ocorreram em períodos distintos e seguiram metodologias diferentes, de acordo com a proposta da ecometodologia (COUTO 2013, p. 121; COUTO 2013b, p. 282), que será explicada aqui. A ecolinguística faz uso de diferentes metodologias das várias disciplinas com que se relaciona (COUTO 2013b, p. 291), por isso é que é possível mencionar o seu caráter interdisciplinar e multidisciplinar. Assim, em (3.3), serão explicados os procedimentos adotados para a análise e a interpretação dos dados coletados para o presente trabalho.

3.1 Procedimentos metodológicos da ecolinguística

Conforme foi discutido no capítulo 1, a ecolinguística possui diferentes vertentes teóricas, sendo as principais: ecolinguística crítica (GOATLY 2001, HALLIDAY 2001, TRAMPE 2001); análise do discurso ecocrítica (RAMOS 2004, 2009, ALEXANDER 2009); linguística ambiental (HARRÉ, BROCKMEIER e MÜHLHÄUSLER 1999, RAMOS 2009); ecolinguística dialética (DØØR e BANG 2007); linguística ecossistêmica (TRAMPE 1990; BASTARDAS I BOADA 1996; FINKE 1996; STROHNER 1996; COUTO 2007, 2009) e ecologia das línguas (HAUGEN 1972; CALVET 1999; COUTO 2009). A ecolinguística também apresenta diferentes modelos teóricos, como: o modelo gravitacional (CALVET 1999), o modelo evolucionário (MUFWENE 2001, 2008), a gramática pragmo-ecológica (MAKKAI 1993), entre outros, e realiza análises de maneira diversificada para se alcançar os mais variados objetivos. Isto faz com que os críticos da ecolinguística acabem por usar isso como um argumento, ao afirmar que a ecolinguística não possui uma teoria nem uma metodologia própria bem desenvolvida, como o fez Ostler (2001), e em Nash (2011b, p. 85) há uma breve discussão a respeito disso, com este ecolinguista australiano acabando por

concordar em parte com tal argumento, afirmando que os ecolinguistas ainda não apresentaram claramente a teoria ecolinguística e nem há um número substancial de estudos de caso. Adotamos aqui o argumento de Couto (2013b, p. 282), assim como sua proposta de que a ecolinguística como uma ciência que tem uma visão abrangente de seu objeto de estudo, ou seja, uma visão holística da linguagem, acaba por não se limitar à visão newtoniana-cartesiana e, assim, não precisa necessariamente ter uma visão única de seu objeto. Portanto, a ecolinguística não recorre a uma única metodologia, fazendo uso de diferentes metodologias das disciplinas que estão relacionadas a ela, sendo, assim, multimetodológica.

Porém, a discussão em torno da metodologia em ecolinguística é recente e vai mais além, conforme será apresentado neste capítulo. Serão discutidos aqui três autores que se debruçaram de alguma forma sobre esse tema e acabaram por apresentar contribuições significativas. São eles: Nash (2011a, 2011b, 2013), com a proposta do trabalho de campo ecolinguístico e o minimalismo empírico; Garner (2004) com a visão da ecologia linguística não metafórica; e Couto (2007, 2013b) com a ecometodologia, baseada na multimetodologia da psicologia ambiental (GÜNTHER, ELALI e PINHEIRO 2004, GÜNTHER e ROZESTRATEN 2005).

Nash (2011a, 2011b, 2013) realiza uma investigação sobre os topônimos das ilhas de Norfolk e Kangaroo. A preocupação maior do ecolinguista durante sua pesquisa foi a de elaborar uma metodologia e um processo de coleta de dados que estivesse mais em conformidade com os pressupostos ecolinguísticos, além da própria análise dos dados. Sua contribuição maior para a metodologia da ecolinguística foi a de elaborar duas propostas de metodologia importantes. São elas: o trabalho de campo ecolinguístico e o minimalismo empírico.

Em Nash (2011a), em sua tese de doutorado, o autor acaba por dedicar um capítulo inteiro à questão da metodologia em ecolinguística e explicita sua concepção do que é o trabalho de campo ecolinguístico, que segue uma metodologia própria, diferente do trabalho de campo na teoria linguística tradicional. Assim, o autor explica as características do que ele chama de trabalho de campo ecolinguístico (ing. *ecolinguistic fieldwork*):

I label my approach an ecolinguistic fieldwork methodology. This perspective holds that sustained contact, conducting research affably and interpersonal dealings, the establishment of friendship and even the

exchanging of gifts are what constitute a good fieldwork process. This even involves making informants aware of developments in the research and what part they have played in this evolution. (NASH 2011a, p. 67)²⁵

Desta maneira, a metodologia do trabalho de campo ecolinguístico leva em consideração a relação entre a comunidade, os informantes, o pesquisador e a pesquisa, sendo fundamental a relação entre os elementos humanos, os informantes e o pesquisador, e entre o pesquisador e sua inserção na comunidade, que possa a interagir com ela, entende-la e fazer parte dela, conhecendo melhor os meio ambientes social e físico:

An ecolinguistic fieldwork methodology does not discount the usefulness of establishing ties to community by participating in everyday activities of communities which facilitate social interaction and language use. It was shown that the conceptual foundation of this methodological approach, incorporating an ethnographic method for data collection, was an effective synthesis for conducting fieldwork in the two island environments. The conceptual focus of ecolinguistics allowed the coupling of technical linguistic analysis with the inductive approach of relating closely and personally with the social and natural ecologies where language and toponyms are used. (NASH 2011a, p. 221)²⁶

Deve-se acrescentar que o pesquisador ao interagir e conquistar a confiança da comunidade, a ponto de fazer parte dela, passa a interagir dentro dos ecossistemas social e natural, apontados por Nash (2011a) e chamados de ‘ecologia social’ e ‘ecologia natural’, e também no ecossistema mental, segundo a teoria de Couto (2007), já que o pesquisador, ao estar inserido na comunidade pesquisada, passa a empregar a língua local em seu dia a dia e a praticar as categorias de significação também locais:

²⁵ “Eu chamo minha abordagem de uma metodologia de trabalho de campo ecolinguístico. De acordo com esta perspectiva, o contato em longo prazo, a pesquisa conduzida de maneira amigável e com trocas interpessoais, o estabelecimento de amizades e até a troca de presentes constituem um bom trabalho de campo. Isso também envolve deixar os informantes a par do desenvolvimento da pesquisa e o papel que eles desempenham nesta evolução.”

²⁶ “A metodologia do trabalho de campo ecolinguístico não desconsidera a utilidade de estabelecer laços com a comunidade ao participar de atividades cotidianas desta, o que facilita a interação social e o uso da língua. (...) Mostrou-se que o fundamento conceitual desta abordagem metodológica incorpora um método etnográfico para a coleta de dados, sendo que foi uma síntese efetiva para a condução do trabalho de campo no meio ambiente das duas ilhas [Norfolk e Kangaroo]. O foco conceitual da ecolinguística permite o casamento da técnica da análise linguística com a abordagem indutiva de se relacionar intimamente e pessoalmente com as ecologias social e natural onde a língua e os topônimos são usados.”

This ecolinguistic fieldwork methodology considers factors that traditional linguistic fieldwork considers extraneous. Moreover, it claims that fieldwork and the fieldworker are interacting with the linguistic ecology, and that the aim is an understanding of the significance of the locally specific categories and processes as this significance is revealed through interaction. (NASH 2011a, p. 67)²⁷.

Finalmente, outro fator a ser levado em conta é que a coleta de dados ocorre de maneira informal e natural, já que o pesquisador ao conviver com a comunidade e os informantes, fazendo parte dela acaba por obter dados por meio de diálogos cotidianos:

Because the nature of this field research was cumulative and meetings and interviews often very spontaneous, it is extremely difficult to give an exact number of informants and the number of interviews carried out. This is a result of the ecolinguistic research methodology. It is not possible to state that one particular interview was dedicated to documenting any one toponymic taxon. (NASH 2011a, p. 90)²⁸

De acordo com o que foi exposto até aqui a respeito da metodologia de trabalho de campo ecolinguístico pode parecer que não há nenhuma novidade em tal proposta, já que as ciências sociais apresentam metodologias semelhantes, principalmente no trabalho etnográfico e na observação participante. Porém, o presente autor enfatiza que há uma semelhança somente na forma como são conduzidos o trabalho de campo ecolinguístico e a observação participante, sendo diferentes em todos os demais aspectos, como a ideologia, a postura, os objetivos, a redação dos resultados etc. ou seja, são distintos os pontos de partida e de chegada da investigação, bem como o comportamento do investigador.

²⁷ “Essa metodologia de trabalho de campo ecolinguístico leva em consideração fatores que a linguística tradicional considera exteriores a ela. Nessa metodologia também se concebe que o trabalho de campo e o cientista de campo estão interagindo com a ecologia linguística e que o objetivo é o entendimento da significação das categorias locais específicas e dos processos de como essas significações são revelados por meio das interações.”

²⁸ “Por causa da natureza desta pesquisa de campo ter sido cumulativa e os encontros e entrevistas terem sido em sua maioria espontânea, é extremamente difícil fornecer o número exato de informantes e de entrevistas realizadas. Este é o resultado da metodologia de pesquisa ecolinguística. Não é possível afirmar que uma entrevista particular foi dedicada à documentação de uma taxonomia toponímica específica.”

A seguir, serão comparados alguns pontos da observação participante e do trabalho de campo ecolinguístico. A ideologia do observador participante possui traços marcantes do marxismo, com suas lutas de classe, modificações sociais, organizações políticas, entre outras. Por isso, a pesquisa feita por meio da observação participante procura, além dos objetivos puramente científicos, ajudar seu objeto de estudo (algum grupo de indivíduos ou uma comunidade específica) na luta contra dominação, opressão, preconceito e nas reivindicações político-sociais (BRANDÃO 1984, p. 13). Isto está em total desacordo com a visão ecológica de mundo, já que são enfatizados apenas questões de conflito, problemas políticos, e de antropocentrismo, problemas sociais do ser humano, não havendo nenhuma preocupação com os demais elementos, bem como a visão ecológica descarta o conflito. No trabalho de campo ecolinguístico, são enfatizadas questões da ecologia humana e biológica, já que se procura estabelecer laços com os indivíduos e com a comunidade, conhecer melhor o ser humano, suas tradições e o meio ambiente em que ele vive. Assim, o praticante da observação participante e o do trabalho de campo ecolinguístico possuem ideologias distintas que se manifestam tanto nos aspectos práticos da investigação, quanto nos resultados desta. É possível apontar também diferenças marcantes na postura e nos objetivos do investigador que usa observação participante em contraste com aquele que emprega a metodologia do trabalho de campo ecolinguístico. O primeiro, de acordo com Martins (1996 p. 270), “deveria passar por um processo de transformação através do qual ele, idealmente, tornar-se-ia um nativo” e esta experiência em campo o pesquisador “deveria reelaborá-la, transformando-a numa descrição objetiva (científica?) da cultura”. Continuando a citar Martins (1996 p. 270), desta vez sobre os objetivos desta metodologia: “O resultado desta “transformação” consiste no texto etnográfico, onde o antropólogo apresenta uma re-elaboração de suas experiências”. Assim, com base nas citações anteriores, observam-se várias diferenças em relação ao trabalho de campo ecolinguístico, entre elas: o ecolinguista não pretende se transformar em um nativo, mas apenas fazer parte da comunidade, interagindo com ela (com os indivíduos e com o meio ambiente); a própria postura de se ‘transformar’ em nativo apresenta características preconceituosas e eurocêntricas, que estão em desacordo com a visão ecológica de mundo; os resultados da investigação consistem na reelaboração das experiências do pesquisador na comunidade, enquanto o ecolinguista se utiliza de sua estada na comunidade apenas como coleta de dados, que poderão ser analisados das mais variadas maneiras. Poder-se-ia continuar esta enumeração de diferenças entre a

observação participante e o trabalho de campo ecolinguístico até mesmo em algumas questões práticas, do passo a passo, de uma e de outra. Apenas para resumir, em uma publicação reconhecida da aplicação da observação participante (WHYTE 2005, p. 301), o autor lista uma série de procedimentos desta metodologia que, apesar de apresentar alguns em comum com o trabalho de campo ecolinguístico, possui vários outros que estão em desacordo, como: o tempo de estadia na comunidade, a justificativa da presença do pesquisador na comunidade, as interações entre o pesquisador e os membros da comunidade, o conhecimento prévio da comunidade, entre outros.

Enfatizamos aqui esta proposta metodológica de Nash (2011a), posteriormente retomada por ele em Nash (2013, p. 37), pois foi o procedimento adotado pelo autor desta tese ao fazer sua primeira coleta de dados *in loco*, durante os anos de 2008 e 2009, já que ao residir e trabalhar em Timor-Leste no período mencionado, o presente autor interagiu constantemente com os leste-timorenses, sendo vizinho deles, tendo amigos e colegas de trabalho, aprendendo as línguas locais e participando das atividades cotidianas da comunidade em que residiu, conforme pode ser visto em algumas fotos abaixo (fotos 1-4):

FOTO 1: O autor em confraternização com uma turma da UNTL (Universidade Nacional Timor Lorosa'e)



FOTO 2: Brincadeira no estilo passa-passa gavião entre professores e alunos



FOTO 3: Brincadeira de escultura viva entre professores e alunos



FOTO 4: Brincadeira mista de ciranda e carneirinho, carneirão entre professores e alunos



Esse procedimento mostrou-se extremamente útil, já que foi possível coletar dados linguísticos autênticos e de maneira espontânea nos mais variados gêneros textuais. Alguns dados devido à formalidade são menos espontâneos, por terem sido coletados em ambiente universitário. Assim, há dados que são diálogos, conversas, entrevistas, questionários, textos escritos, listas de palavras e outros que consistem na interação entre o pesquisador ao mostrar o desenvolvimento da pesquisa a fim de tirar dúvidas junto aos informantes.

Tudo o que se afirmou a respeito da metodologia do trabalho de campo ecolinguístico até agora está em acordo com a teoria ecolinguística e com as visões de mundo orientais. Em relação à teoria ecolinguística, o comportamento dos indivíduos envolvidos, tanto do pesquisador, como dos membros da comunidade, reflete o conceito de ‘comunhão’, proposto por Couto (2009). Couto (2009, p. 36) afirma que a comunhão “é uma espécie de preparação das condições para que a interação ocorra”, ou seja, para que qualquer tipo de interação aconteça, é necessário que ocorram uma série de condições, como a predisposição e a cooperação, caso contrário, ainda que os indivíduos compartilhem o mesmo espaço, ou a mesma língua, não estão em comunhão e, assim, não ocorre interação. Em relação às visões orientais de mundo, Couto (2012c) relaciona o taoísmo com os estudos da linguagem²⁹, assim como também Capra (1998, 2002), ambos percebendo que os avanços da teoria quântica e da teoria da relatividade possuem traços semelhantes ao misticismo oriental. Couto (2013, p. 116) também

²⁹ Em Stibbe (2003), o ecolinguista inglês também aponta relações entre estudos da linguagem contemporâneos, como a ecolinguística, com o misticismo oriental antigo e a teoria do construcionismo social. O autor faz críticas aos modelos linguísticos tradicionais, enfatizando a semântica formal.

aponta que no início do século XX alguns pensadores já consideravam a inclusão do observador na investigação, assim como no fato de qualquer objeto estudado pela ciência na realidade não é uma unidade simples que pode ser decomposta em unidades menores. Entre esses filósofos destacam-se Edmund Husserl, com a fenomenologia e o perspectivismo, e Gaston Bachelard, com a proposta de um novo espírito científico, que serão comentados a seguir.

O perspectivismo pode ser definido como um posicionamento filosófico que considera cada ponto de vista como verdadeiro, quando encarado pela visão de seu observador. Tal posicionamento teve seu surgimento no século XIX com nascimento do relativismo, que teve entre seus principais teóricos o filósofo Friedrich Nietzsche. O perspectivismo teve uma função importante na fenomenologia de Husserl. Segundo Husserl (1963), a fenomenologia é a ciência dedicada ao estudo da intencionalidade da consciência em relação aos objetos (podendo ser um objeto material ou ideal). Os traços dessa intencionalidade são definidos pela perspectiva da experiência da primeira pessoa. Assim, a forma como eu (a primeira pessoa) vejo, percebo e teorizo a respeito de um objeto está ligada com a minha experiência em relação a ele, e minha experiência, por sua vez, é caracterizada pela intencionalidade e estado de consciência com a qual eu experienciei o objeto³⁰. Desta maneira, podemos concluir que, segundo Husserl, não há uma ciência neutra, onde há a possibilidade de que a investigação seja feita sem a interferência do observador, já que toda a percepção do objeto pela consciência é realizada a partir da experiência do observador com este objeto. Tal filosofia se encontra em acordo com a metodologia do trabalho de campo ecolinguístico citada anteriormente.

De maneira semelhante, Bachelard (1996, p. 9), em seu *Le nouvel esprit scientifique* (O novo espírito científico), de 1936, já chamava atenção de que certos filósofos da ciência no início do século XX postulavam que a ciência se faz com o somatório de elementos objetivos e subjetivos, pois a atividade do cientista é incapaz de mudar tanto as leis do mundo, como as leis do espírito. Foi somente os racionalistas e a epistemologia cartesiana que mudaram tal situação, ao dar primazia ao elemento objetivo. O filósofo francês faz uma crítica a essa postura e dedica um capítulo inteiro à elaboração de uma epistemologia não cartesiana. Ao formular tal epistemologia, Bachelard (1996, p. 105) escreve o seguinte: “Na realidade, não há fenômenos simples;

³⁰ O resumo do pensamento de Husserl sobre a ‘primeira pessoa’ e ‘intencionalidade’ dentro da fenomenologia foi baseado em Smith e Smith (1995) e Smith (2008).

o fenômeno é um tecido de relações. Não há natureza simples, substância simples; a substância é uma textura de atributos.” Assim, mais uma vez, é possível perceber que não se faz ciência retirando o elemento subjetivo, o cientista/observador, conforme foi apontado acima. Bachelard vai além e adota um posicionamento, baseado no misticismo antigo oriental, e que mais tarde viria a ser estudado por Capra (1998, 2002), que consiste no equívoco em se considerar a realidade, ou seja, o objeto de estudo, como uma coisa simples que pode ser decomposta em unidades menores para um melhor entendimento. Vale lembrar que anos mais tarde, em 1940, Bachelard leva ao extremo sua proposta do novo espírito científico, chamando-a de ‘filosofia do não’ (BACHELARD 1979), pois devido às várias descobertas e revoluções que ocorreram nas diferentes áreas do saber, o novo espírito científico deve dizer não aos modelos científicos tradicionais (não à química lavoisieriana, não à mecânica, não à lógica aristotélica, entre outros). Ambos os posicionamentos elaborados por Husserl e Bachelard, mais tarde defendidos e estendidos por Capra (1998, 2002), fazem parte dos pilares da metodologia ecolinguística.

Capra (1998, 2002) apresenta em suas obras uma série de semelhanças entre os novos paradigmas científicos e as visões orientais de mundo, principalmente do misticismo antigo oriental. O autor também aponta a historicidade dos diferentes paradigmas científicos, já que a filosofia grega apresentava certa semelhança com o misticismo oriental, porém sofreu outras influências, o que fez com que perdesse tal linha de pensamento. O físico austríaco chama atenção de que a crise mundial atual está relacionada com a visão de mundo contemporânea (visão mecanicista), e que não deve se modificar apenas um ponto ou um aspecto de tal visão, mas deve-se modificá-la inteira, ou seja, mudar a visão de mundo. Entre as várias críticas e comparações por parte do autor, destaca-se a seguinte:

“Em contraste com a visão mecanicista ocidental, a visão oriental do mundo é ‘orgânica’. Para a mística oriental, todas as coisas e acontecimentos captados pelos sentidos estão inter-relacionados, conectados, e são, tão-só, aspectos diferentes ou manifestações da mesma realidade última. A nossa tendência para dividir o mundo percebido em coisa singulares e separadas, e para nos sentirmos nós próprios como ‘egos’ isolados no mundo, é vista como uma ilusão adveniente da nossa mentalidade contabilizadora e categorizante.” (CAPRA 2002, p. 26)

Além do que já foi comentado acima, esta passagem revela também que a visão de mundo da ecolinguística possui influência com a visão de mundo oriental, ao considerar o fenômeno da linguagem como uma série de inter-relações, e não uma coisa que pode ser dividida em partes menores a serem analisadas independentemente. Outra passagem do autor que é relevante para nossa argumentação aqui é da importância da física moderna, principalmente a física quântica e a teoria da relatividade, que já foram influenciadas pelo misticismo oriental desde o início do século XX:

“É assim que a física moderna revela a unicidade básica do universo. Mostramos que não podemos decompor o mundo em unidades ínfimas com existência independente. Quando penetramos na matéria, a natureza não nos mostra quaisquer elementos básicos isolados, mas apresenta-se como uma teia complicada de relações entre as várias partes de um todo unificado.”
(CAPRA 1998, p. 65)

A ecolinguística encara o fenômeno da linguagem da mesma maneira, como uma série de interações e inter-relações que estão conectadas umas com as outras, fazendo com que o estudo de uma parte separada (um único fenômeno linguístico específico) seja uma abstração que, além de não se relacionar com o objeto de estudo como um todo, não está de acordo com a realidade, que é a língua em uso por seus falantes.

Resumindo, é possível perceber que tanto na ecolinguística, como na visão de mundo oriental a qual vêm influenciadas as revoluções científicas contemporâneas, há uma mudança do foco de interesse e objetivos de investigação, no lugar de se estudar os objetos, como na visão tradicional mecanicista, estudar-se-ão as relações (BATESON 1979), da mesma maneira de que no lugar de se eliminar a importância do pesquisador/observador como uma figura neutra, leva-se em consideração sua perspectiva como experienciador das relações a serem estudadas por ele.

Retornando à questão da metodologia em ecolinguística, será comentada a segunda proposta metodológica do ecolinguista australiano, que é exposta em Nash (2011b), e chamada por ele de minimalismo empírico. Este procedimento consiste na escolha de um objeto de estudo reduzido por parte do pesquisador para que possa ser melhor estudada a maior parte das inter-relações que ocorrem dentro do ecossistema escolhido para investigação. Segundo as palavras de Nash:

Such analyses could be labelled empirical minimalism. This method focuses on documenting and analysing language ecologies that are manageable. In particular, this method advocates looking at small islands with small populations and a brief settlement history. By doing so such a process treats each language ecology as a unique and specific situation.

Treating particular language ecologies as distinctive and singular case studies for observing interconnections between language and environment is an important element in what descriptive ecolinguistics has striven to achieve. As each ecology is unique, the generalisability of particular results to different social and natural ecologies is potentially limited. (NASH 2011b, p. 94)³¹

Assim, nosso objeto de estudo, que é o PTL no ecossistema local de Timor-Leste, conforme serão descritos nos capítulos seguintes, enfatizando as interações que ocorrem em língua portuguesa dentro desse ecossistema, está parcialmente em acordo com o minimalismo empírico de Nash (2011b), pois em Timor-Leste há uma população reduzida e trata-se apenas de uma parte, a parte oriental, da ilha. O único fator distinto é que o histórico de habitação e contato de línguas/povos remontam a milhares de anos.

Outro fator digno de nota é que Nash (2011b, p. 95) ao postular que cada ecologia é única, e que ao se realizar estudos de caso em ecolinguística não se pode fazer generalizações, o autor acaba por instigar os ecolinguistas a conduzirem mais estudos de caso que descrevam os ecossistemas linguísticos locais, chamados por ele de ecologia de língua (*language ecology*), e valorizar o conhecimento produzido por tais investigações. Esta tese se apresenta como um estudo de caso, além de considerarmos válida a afirmação de Nash, já que devido à complexidade das inter-relações ocorridas no ecossistema linguístico de Timor-Leste poucas foram as generalizações que podemos aproveitar de estudos anteriores.

Em Garner (2004), o autor dedicou sua obra a uma visão ecológica da língua, e possui um artigo em que publica suas ideias de maneira mais resumida (GARNER

³¹ “Tais análises podem ser classificadas como um minimalismo empírico. Este método foca na documentação e análise de ecologias de línguas que são manejáveis. Particularmente, de acordo com este método argumenta-se que se deve observar ilhas pequenas, com população reduzida e que a história de habitação seja curta. Desta maneira, trata-se cada ecologia da língua como uma situação única e específica.”

Encarar ecologias de línguas particulares como estudos de caso distintos e singulares para a observação das inter-relações entre língua e meio ambiente é um elemento importante que a ecolinguística descritiva procura alcançar. Como cada ecologia é única, a generalização de resultados particulares para diferentes ecologias social e natural é potencialmente limitado.”

2005) De maneira diferente de muitos autores que versam sobre a relação entre ecologia e linguística, Garner (2004) chama atenção para o fato de que as ideias de ecologia linguística originais de Haugen (1974) não foram exploradas devidamente, principalmente por causa de que os conceitos ecológicos eram empregues metaforicamente na linguística. Assim, sua principal contribuição foi abordar a ecologia linguística não metafórica, ao afirmar que:

Language is an essential aspect of the part we humans play in the ecology of the planet. It is a part of the environment, in a complex but quite literal sense. The nature of language, and the role that it plays in humans communities, arise from ecological factors. To understand them, we need to adopt an ecological way of thinking about them. (GARNER 2004, p.33-34)³²

De acordo com a citação acima, Garner (2004) se preocupa em estudar a língua ecologicamente de uma maneira não metafórica, inserindo-a como um elemento natural que faz parte da humanidade e é inerente aos processos de comunicação, de comunidade, de sociabilidade e da cultura. Dessa maneira, a metodologia do autor, que não se encontra explícita, mas é possível inferi-la por meio das análises da língua inglesa feitas na obra, consiste em, a partir dos dados de uma língua específica, relacionar os processos estruturais e comunicacionais dessa língua, como: a gramática, as regras, a standardização, o significado, a fala, a variação e a criatividade, e as repercussões ecológicas e/ou a natureza ecológica desses processos.

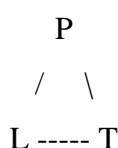
De maneira diferente à proposta de metodologia de Nash (2011a, 2011b, 2013), mas semelhante à de Garner (2004), a proposta de metodologia de Couto se encontra bem desenvolvida em Couto (2013b), porém é possível encontrar algum rudimento dela em Couto (2007, 2009).

Em Couto (2007), que consiste em um manual de ecolinguística, o autor postula sua teoria ecolinguística com base na Ecologia Fundamental da Língua (EFL), ou Ecossistema Fundamental da Língua, que equivale ao conceito da comunidade falante da língua. A EFL é formada pela Linguagem (L), pelo Povo (P) falante da L e o território (T) onde o P reside e fala a L. A tríade P-L-T é análoga ao signo semiótico de Peirce e é melhor representada graficamente de maneira triangular, de acordo com a

³² “A língua é um aspecto essencial da função que, nós humanos, assumimos na ecologia do planeta. É também parte do meio ambiente em sentido complexo, porém bem literal. A natureza da língua e o papel que ela desempenha nas comunidades humanas surgem de fatores ecológicos. Para entendê-los, precisamos adotar uma maneira ecológica de pensá-los.”

Fig. 6, sendo que na posição do ápice do triângulo está localizado o P, indicando que a relação entre L e T é mediada por P. Vale lembrar que o próprio autor, em Couto (2007, p.91), chama atenção de que seu modelo de certa forma tem precursores, destacando-se Trampe (1990) que aponta o uso das três categorias P, T e L, já sendo utilizada pela psicologia, e por Døør e Bang (2001), que falam a respeito das dimensões ideo-lógica (mental), sócio-lógica (social) e bio-lógica (natural) da linguagem.

FIGURA 2. Ecosistema Fundamental da Língua (COUTO 2007, p. 91, adaptado)



A metodologia encontrada na obra de Couto (2007) é semelhante a sua proposta multimetodológica, em Couto (2013b), porém ela somente não se encontra explícita. No decorrer de toda obra de Couto (2007), é possível perceber a ênfase que é dada à coleta de dados em campo, feitas pelo autor em diferentes localidades, em épocas distintas e para a realização de várias pesquisas. Assim, a metodologia consiste na coleta e na análise inicial dos dados de acordo com as teorias linguísticas tradicionais. A partir daí, com os dados e os resultados obtidos nas pesquisas anteriores, faz-se uma nova interpretação deles, com base na teoria ecolinguística, verificando as inter-relações entre os elementos de L, P e/ou T, de somente uma dessas categorias (as relações dentro de L, ou somente dentro de P, ou somente dentro de T), como se dão as relações na EFL, entre outros temas. Em Couto (2009), há somente uma complementação do que foi exposto anteriormente. No livro de Couto (2009), o autor se dedica ao estudo da ecologia dos contatos de línguas, estudando o fenômeno do contato de uma perspectiva da EFL, verificando mudanças e deslocamentos de L, P e T.

O posicionamento de Couto (2013b) torna-se mais explícito nesta publicação, assim como em Couto (2013), e é de que a ecolinguística é uma ciência que apresenta uma nova maneira de se ver e de se estudar o fenômeno da linguagem, de maneira distinta da visão mecanicista tradicional. A metáfora utilizada pelo autor é aquela do observador na casa, que pode olhar a paisagem em uma janela e ter uma visão específica dela, depois se for a outra janela em outro cômodo da casa terá outra visão detalhada da

paisagem, e são essas visões da janela que equivalem às diferentes teorias linguísticas tradicionais ou atuais, que apresentam uma visão detalhada de somente uma parte específica da língua. A ecolinguística equivale à visão do observador que se encontra no telhado da casa e pode olhar a paisagem como um todo. Porém, Couto (2013b) enfatiza que, mesmo com essa visão do todo, a ecolinguística não é uma ciência ou teoria que estuda tudo (*theory of everything*), mas é uma visão holística da linguagem, que pode usar certos recursos de outras disciplinas para se estudar um fenômeno linguístico específico:

Um outro equívoco que se ouve de vez em quando é que a ecolinguística não é uma ciência, uma vez que pode estudar tanta coisa, o que equivaleria a não conseguir estudar nada. Além disso, ou talvez por isso, ela não teria uma metodologia própria e única. Mas, como visão holística da linguagem, ela é uma nova maneira de encará-la, e não apenas mais um modelo teórico no mercado. Ela é um arcabouço geral para se estudar todo e qualquer fenômeno relativo à linguagem. Assim sendo, não devemos falar em ‘metodologia ecolinguística’ como a têm a psicologia, a sociologia e outras ciências sociais, inclusive a «linguística dura» (sintaxe, morfologia, fonologia, lexicologia) e a análise do discurso. Quem comete esse equívoco vai mais longe, argumentando que se é uma ciência, a ecolinguística não decide se é uma ciência humana ou da natureza. Quem diz isso não consegue se libertar da camisa de força da visão aristotélica, cartesiana de mundo. Não percebe que uma ciência que tem uma visão abrangente de seu objeto não precisa se restringir ao maniqueísmo natura-cultura. (COUTO 2013b, p. 282)

Desta maneira, segundo o autor, a ecolinguística preocupa-se com os fenômenos da linguagem como um todo e de suas inter-relações, e quando se faz necessário o ecolinguista pode recorrer a teorias e a metodologias para investigar detalhadamente algum fenômeno específico, conforme será feito nos capítulos seguintes, onde faremos uso do arcabouço teórico-metodológico: da aquisição de línguas para analisar aspectos de aquisição e multilinguismo em Timor-Leste (capítulo 6); e, do contato de línguas (capítulo 7).

Na passagem acima, o ecolinguista também faz críticas à visão mecanicista do mundo, tema discutido anteriormente. Tal visão é baseada principalmente nas tradições aristotélica, newtoniana e cartesiana, que ao modificar a maneira de se encarar o mundo, consequentemente alterou o próprio conceito de ciência, a forma de como praticar a

ciência, seu objeto de estudo e seus objetivos. Isto acaba por gerar na atualidade uma série de equívocos por parte de certos cientistas ao criticarem ciências que acabam por inserir o perspectivismo e a preocupação com as relações, como é o caso da ecolinguística.

Couto (2013b) afirma não ser válido falar de uma metodologia ecolinguística, já que o ecolinguista acaba por fazer uso da metodologia de outras disciplinas, chamadas de disciplinas parcelares, e as interpretações dos dados e das análises é que seguirão os conceitos da ecolinguística:

Em vez de olhar para seu objeto apenas por janelas (como a da sociolinguística, a da psicolinguística, a da análise do discurso, a da teoria sintática ou fonológica etc.), procura postar-se na cumeeira da casa, de onde terá uma visão global, holística de seu objeto, não o pequeno domínio visto da janela. Se em determinado momento precisar de dados minuciosos como a palatalidade consonantal ou algo semelhante, ele pode contratar os serviços de um fonólogo (ou ele mesmo executa o serviço, se tiver o conhecimento específico necessário). De mãos do resultado, retorna à cumeeira da casa a fim de avaliar os dados obtidos no contexto maior em que se encontra. Se ele se colocar no alto de uma montanha, como faz o linguista ecossistêmico, terá uma visão mais abrangente ainda. Uma vez que as disciplinas parcelares que lhe prestam serviços especializados vão com as respectivas metodologias, se quisermos falar em metodologia em ecolinguística, em ecometodologia, ela só poderia ser multimetodológica e ter um caráter avaliativo dos resultados trazidos pelas disciplinas parcelares. Para tanto usa, como sempre, critérios e conceitos ecológicos. (COUTO 2013b, p. 290-291)

Conforme pode ser lido na citação acima, Couto (2013b) acaba por considerar a metodologia da ecolinguística como multimetodológica, ou ecometodologia, por causa de seu caráter interdisciplinar e multidisciplinar. Vale a pena lembrar que a multimetodologia já vem sendo utilizada em outras áreas do saber, como o autor salienta também neste mesmo artigo citado, principalmente na psicologia ambiental, como nos artigos de Günther e Rozestraten (2005) e Günther, Elali e Pinheiro (2008) que definem multimetodologia e defendem sua aplicação nos estudos da psicologia ambiental.

Assim, na presente tese faremos uso da multimetodologia nos capítulos seguintes, conforme foi antecipado anteriormente, já que para realizar o estudo de

diferentes temas relativos à língua portuguesa em Timor-Leste e ao português lá falado, utilizaremos os recursos das seguintes disciplinas parcelares: sociolinguística e etnografia da comunicação, no capítulo 4; descrição linguística, no capítulo 5; aquisição de língua, bilinguismo e multilinguismo, no capítulo 6; contato de línguas, no capítulo 7; política linguística, planejamento linguístico e linguística aplicada, no capítulo 8.

3.2 A coleta dos dados

A coleta de dados ocorreu durante trabalho de campo em Timor-Leste durante os anos de 2008 e 2009, período em que o autor da presente tese residiu no país. Em dois momentos distintos posteriores, em 2010 e 2012-2013, foram conduzidas atividades de elicitación dos dados coletados. No ano de 2010 foi feita tal tarefa com leste-timorenses residentes no Brasil, principalmente nas cidades de Brasília, São Paulo e Goiânia; e, finalmente. Nos anos de 2012 e 2013, com os leste-timorenses estudantes na UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira), residentes no estado do Ceará. Esta elicitación dos dados diretamente com os falantes nativos visava sanar os problemas restantes que surgiram na elaboração da análise e da redação dos resultados desta pesquisa.

A coleta de dados ocorreu *in loco* pelo fato de o pesquisador ter residido e trabalhado em Timor-Leste, entre os anos de 2008 e 2009. Inicialmente, durante os primeiros contatos com os leste-timorenses, o autor optou por coletar dados seguindo a metodologia laboviana (LABOV 1972), realizando gravações de diálogos o mais informal possível, com temas que versavam sobre família, infância e a invasão indonésia, principalmente situações de risco de vida³³ para os falantes. Porém, como morava no país, interagindo, assim, com os habitantes constantemente nas diversas atividades cotidianas, optou-se por adotar certas medidas da metodologia do trabalho de campo ecolinguístico, explicada anteriormente, desenvolvendo laços de amizade com os falantes³⁴, o que tornou os dados coletados espontâneos, e também explicando como seria importante a contribuições desses amigos para a pesquisa que seria conduzida nos anos futuros, o que causou um efeito positivo nas relações pessoais. A natureza dessas

³³ Uso a expressão ‘risco de vida’ por não a considerar gramaticalmente incorreta, como vêm pregando ultimamente muitos jornalistas da mídia brasileira. O argumento que emprego é que se trata de uma simples elipse utilizada no português falado: ‘risco de (perder a) vida’.

³⁴ Emprego aqui o termo ‘falante’ no lugar de ‘informante’, por considerar que este reifica as pessoas que contribuíram com a presente pesquisa. Assim, como o objetivo da ecolinguística é exatamente ir na contramão dessa reificação feita pela teoria linguística tradicional, considero o cidadão leste-timorense que forneceu os dados linguísticos utilizados aqui como ‘falantes’ apenas.

gravações é em sua maioria diálogos (entre o pesquisador e um falante) e conversas (entre o pesquisador e vários falantes), há alguns momentos que surgem de certa forma um questionário, mas que devido à relação de amizade entre o pesquisador e os falantes tais questionários eram também informais. A interação e convivência com os leste-timorenses também permitiram observar as situações de uso das diferentes línguas locais, assim como da língua portuguesa, dentro do ecossistema linguístico local, verificar possíveis variações linguísticas e estilísticas do PTL, a possibilidade de documentar ocasiões singulares do uso da língua e da interação linguística com os falantes. Desta maneira, conforme já foi apontado na seção anterior por Nash (2011a), a partir do momento que o pesquisador adota a postura da metodologia de trabalho de campo ecolinguístico, fica difícil estabelecer uma fronteira entre quem são falantes/informantes e quem não são, quais momentos das gravações são coletas de dados e quais são somente conversas entre amigos, a assim por diante. Por esse motivo, não consideramos correto, de acordo com a metodologia adotada, estabelecer números exatos sobre a quantidade de falantes e de horas gravadas. Porém, em conformidade com as demandas formais do trabalho acadêmico, decidiu-se ao menos apontar os falantes e as horas gravadas que ocorreram seguindo o método laboviano, mencionado anteriormente. Essas gravações somam um pouco mais de seis horas, cerca de 6h e 10 min para ser mais exato, e contemplam 16 (dezesesseis) falantes leste-timorenses pertencentes a diferentes classes sociais, de acordo com as variáveis não linguísticas tradicionais do estudo da sociolinguística variacionista, a saber: idade, gênero e escolaridade.

Os dados que foram coletados formalmente em Timor-Leste são fruto da atividade docente do presente autor, ocorrendo durante o mesmo período citado acima, que lecionava a disciplina *Português Instrumental* em diferentes cursos de graduação da UNTL (Universidade Nacional Timor Lorosa'e). Os dados consistem nas diversas atividades aplicadas aos alunos leste-timorenses, principalmente àquelas que enfatizavam a produção textual em língua portuguesa, somados são cerca de 200 textos que possuem em sua maioria apenas uma página, com alguns poucos que possuem duas páginas.

De maneira distinta, no Brasil, ocorreu somente a elicitación dos dados e das análises efetuadas. No ano de 2010, a atividade de elicitación enfatizou principalmente os dados linguísticos coletados do Tetun e do PTL. Os leste-timorenses residiam no Brasil, nas seguintes cidades: Brasília, Goiânia e São Paulo. Os falantes leste-

timorenses residentes em Brasília têm laços de amizade com o pesquisador, já que ele conhecia alguns deles em Timor-Leste e os demais faziam parte da família desses amigos leste-timorenses, o que facilitou fazer novos amigos. Assim, o processo de elicitação dos dados coletados nos anos anteriores em Timor-Leste, ocorreu de maneira extremamente informal com várias conversas entre o pesquisador e os falantes leste-timorenses, seus filhos e esposas, com momentos até onde a esposa do pesquisador também interagiu com as esposas dos falantes leste-timorenses. Porém, aqui ocorreu outra característica do trabalho de campo ecolinguístico, que foi o pesquisador apresentar o desenvolvimento de sua pesquisa aos falantes e como eles, de certa forma, participavam ativamente neste desenvolvimento. Assim, os falantes mostraram-se extremamente empolgados, lendo manuscritos, fazendo correções em certas análises, fornecendo dados de variação linguística e fornecendo até bibliografia ao pesquisador. Novamente, não foi quantificada a participação de todos os falantes leste-timorenses que de alguma forma contribuíram com a pesquisa, assim como todos aqueles que tiveram suas falas gravadas. Porém, os dados coletados seguindo a metodologia laboviana contaram com a cooperação de 16 (dezesesseis) falantes leste-timorenses, divididos de acordo com a idade, o gênero e a escolaridade da seguinte maneira:

- variável idade:
 - (-20) menos de 20 anos: 4 falantes;
 - (20 – 40) de 20 a 40: 2 falantes;
 - (40 – 60) de 40 a 60: 4 falantes;
 - (+ 60) mais de 60 anos 6 falantes;
- variável gênero: 10 homens e 6 mulheres;
- variável escolaridade:
 - ensino superior completo: 6 falantes;
 - ensino superior incompleto: 3 falantes;
 - ensino secundário incompleto (ensino médio): 3 falantes;
 - ensino pré-secundário incompleto (ensino fundamental): 4 falantes.

A participação dos falantes leste-timorenses residentes no Ceará e estudantes da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira) ocorreu nos anos de 2012 e 2013. Porém, esta foi a mais formal de todas as interações realizadas, já que o autor desta tese não possuía nenhum tipo de relação prévia com esses leste-timorenses, que decidiram contribuir com a elicitação dos dados para o

presente trabalho apenas por cortesia e pelo prazer de ajudar com a divulgação científica que tem como temático o país deles. As elicitções dos dados aconteceram apenas via internet, por meio de e-mails e o uso das redes sociais, principalmente *facebook*, em que os leste-timorenses discutiram alguns dados do PTL e assuntos relativos ao contato de línguas e o multilinguismo em Timor-Leste. Vale ressaltar que tais atividades não ocorreram nas dependências da UNILAB e não tiveram ligação com a instituição. Digno de nota também é que na elaboração desta tese, por meio das discussões entre leste-timorenses, procurou-se saber as diferentes opiniões dos falantes em relação aos temas citados.

Vale lembrar que não foram utilizados na presente investigação dados linguísticos coletados por leste-timorenses residentes no Brasil, já que a língua portuguesa falada por eles apresentava, em alguns casos, influências do Português Brasileiro, devido ao tempo em que residiam aqui.

3.3 A análise e interpretação dos dados

De acordo com o que foi apresentado anteriormente a respeito da metodologia em ecolinguística, em (3.1), e sobre os dados usados neste trabalho, em (3.2), será seguida principalmente a proposta da multimetodologia em ecolinguística de Couto (2013b), já que a análise dos dados coletados será conduzida a partir das teorias linguísticas tradicionais para, somente na fase posterior à análise, serem realizadas as interpretações e conclusões à luz da teoria ecolinguística.

Assim, no capítulo 4, onde será descrita a comunidade de fala leste-timorense, conceito equivalente na ecolinguística a ecossistema linguístico local, será dado um panorama interdisciplinar do ecossistema linguístico de Timor-Leste, analisando brevemente aspectos históricos, sociológicos, culturais e biológicos, e depois será feito uso da etnografia da comunicação de Hymes (1974) para se analisar os impactos da colonização europeia nesse ecossistema. Já no capítulo 5, ao ser descrito o PTL, serão usadas diferentes teorias: para a fonologia, a fonologia métrica, como em Liberman e Prince (1977), Liberman (1979) e Hayes (1980); para a morfossintaxe, o uso variável de estruturas bem estudadas em crioulos e situações de contato, como a concordância de gênero e de número, regência e cópula (NARO e SCHERRE 2007, LUCCHESI, BAXTER e RIBEIRO 2009); na semântica far-se-á uso de Ullmann (1964). No capítulo 6, a aquisição de linguagem e multilinguismo serão tratados de acordo com as teorias mais recentes de Romaine (1995), Cook (2002, 2003), Dewaele (2007) e Paradis

(2007). O contato de línguas, tema do capítulo 7, será abordado pelo modelo evolucionário (MUFWENE 2001, 2008) e pela ecologia das línguas (COUTO 2009).

De acordo com Günther, Elali e Pinheiro (2004, p. 7), na multimetodologia “é recomendável que os instrumentos empregados forneçam informações sobre aspectos complementares do fenômeno”. Os autores continuam, afirmando que:

A maior dificuldade nesse sentido diz respeito à seleção e ao tratamento das informações obtidas (geralmente em grande quantidade) e, sobretudo, ao empenho para buscar aspectos nos quais as mesmas se complementam e se confrontam entre si, de modo a compreender holisticamente a realidade. (GÜNTHER, ELALI e PINHEIRO 2004, p. 7)

Em outras palavras, os autores discutem que um ponto crítico na abordagem multimetodológica é a escolha dos métodos a serem utilizados para se investigar o objeto de estudo específico, pois esses métodos não podem ser aleatórios, devendo haver uma relação, principalmente de complementação, entre eles para que, por meio dos diferentes métodos, o pesquisador possa alcançar o mesmo objeto e as mesmas conclusões, usando somente caminhos distintos. Isso requer que o investigador elabore um planejamento de quais métodos serão empregados, podendo haver até uma hierarquização ou classificação deles, mas que no final os resultados serão mais profícuos do que uma investigação que empregou apenas um único método, conforme os próprios autores, Günther, Elali e Pinheiro (2004, p. 7), explicam:

O pesquisador interessado na abordagem multimétodos pode aplicar uma classificação (...) para definir os métodos de coleta e análise de dados a serem empregados, assegurando-se que boa dose de complementaridade entre eles já estaria garantida de saída. Ele estaria bem encaminhado para atingir um patamar de qualidade muito superior ao de uma análise unimetodológica.

Desta maneira, os capítulos acima possuem a estrutura com a análise dos dados seguindo a teoria linguística tradicional de cada área específica da linguística e após ser conduzida esta análise tradicional serão apontadas as considerações/ conclusões dessas análises seguindo a abordagem ecolinguística. Em alguns momentos, no decorrer da análise das teorias tradicionais serão inseridos comentários da ecolinguística, ou até será mesclada essa análise com a análise ecolinguística, quando se julgar necessário para uma melhor descrição, ou um melhor entendimento do objeto estudado.

Ao realizar os procedimentos apontados anteriormente, aplicados tanto para a coleta, como para as análises e interpretações dos dados, estão em acordo com a proposta da multimetodologia adotada para esta tese, já que os métodos escolhidos para se investigar o mesmo objeto, a língua portuguesa falada em Timor-Leste, são os seguintes: a etnografia da comunicação (HYMES 1974); a fonologia métrica (LIBERMAN e PRINCE 1977, LIBERMAN 1979, HAYES 1980)³⁵; a variação linguística (NARO e SCHERRE 2007, LUCCHESI, BAXTER e RIBEIRO 2009); os tipos de mudança semântica (ULLMANN 1964); a aquisição de línguas e multilinguismo (ROMAINE 1995, COOK 2002, 2003, DEWAELE 2007, PARADIS 2007); o contato de línguas, por meio dos modelos modelo evolucionário (MUFWENE 2001, 2008) e da ecologia das línguas (COUTO 2009). Digno de nota é que todos esses métodos listados anteriormente são complementares, pois, além de se relacionarem, oferecem diferentes visões para se realizar a análise do mesmo objeto e alcançar os resultados com maior acuidade.

³⁵ Dentre as várias teorias fonológicas existentes, optou-se pelo emprego da fonologia métrica pelo fato de haver trabalhos anteriores publicados sobre o PTL que fazem uso desta teoria, como Albuquerque (2010a, 2014), bem como os aspectos fonológicos do PTL que serão analisados no presente trabalho, como a sílaba, o acento e a prosódia, terem sido extensamente abordados nessa teoria.

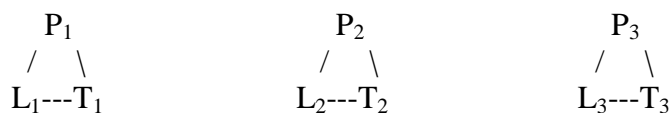
CAPÍTULO 4

O ECOSSISTEMA LINGUÍSTICO LOCAL

Nos capítulos 1 e 3, foi apresentada a proposta ecolinguística de Couto (2007) que tem como base a Ecologia Fundamental da Língua (EFL), ou Ecossistema Fundamental da Língua. O Ecossistema Fundamental da Língua (EFL) equivale ao conceito da comunidade falante da língua e é onde ocorrem as interações comunicativas. A EFL é formada pela Linguagem (L), pelo Povo (P) falante da L e o território (T) onde o P reside e fala a L. A tríade P-L-T é análoga ao signo semiótico de Peirce e é melhor representada graficamente de maneira triangular, de acordo com a Fig. 2, apresentada no capítulo anterior e também abaixo.

Pode-se observar na fig.2 que na posição do ápice do triângulo está localizado o P, indicando que a relação entre L e T é mediada por ele. Digno de nota é que representações semelhantes já se encontravam em trabalhos anteriores, como Trampe (1990) e Døør e Bang (2000), conforme afirma Couto (2007, p.91). O EFL possui três ecossistemas dentro de si, dependendo de como são encarados os elementos P, L e T. Segundo Couto (2013b, p. 299), esses ecossistemas são: o ecossistema natural da língua, o ecossistema mental da língua e o ecossistema social da língua, de acordo com a figura abaixo:

FIGURA. 3 Representação dos Ecossistemas Natural (1), Mental (2) e Social (3) da Língua (COUTO 2013b, p. 299, adaptado)



O ecossistema natural da língua (1) consiste em um povo (P₁), que habita em seu território (T₁) e se comunica por meio da língua (L₁) da comunidade. Porém, no ecossistema natural da língua P₁ é visto como seres físicos e T₁ é encarado fisicamente, assim a L₁ é uma realidade concreta que se relaciona com os demais elementos do ecossistema. Esta é uma visão mais biológica da língua e do ecossistema. Em (2), há o ecossistema mental da língua em que a língua é vista como um fenômeno mental (L₂), sendo P₂ a parte da mente do indivíduo que processa a língua e (T₂) é o cérebro, sendo

encarado como entidade concreta. O ecossistema social da língua, representado em (3), trata-se da língua (L_3), sendo encarada como fenômeno social e P_3 é a comunidade que fala a L_3 , enquanto o T_3 é a sociedade (COUTO 2013b, p. 299).

Desta maneira, o ecossistema linguístico engloba os três ecossistemas mencionados anteriormente e, de acordo com Couto (2013b, p. 294), pode ser dividido em ecossistema linguístico geral e local. O primeiro, o ecossistema linguístico geral, equivale à comunidade de língua e ao domínio do sistema. O segundo, o ecossistema linguístico local, consiste na comunidade de fala, ou de interação, sendo, assim, o ecossistema onde ocorrem os atos de interação comunicativa (AIC), que serão explicados posteriormente. Neste capítulo, será analisado o ecossistema linguístico local de Timor-Leste, onde ocorrem os AICs em língua portuguesa.

Assim, em (4.1), serão expostas algumas informações básicas sobre os ecossistemas natural, mental e social da língua em Timor-Leste. Em (4.2), será oferecido um panorama histórico de Timor para em seguida, em (4.3), discorrer a respeito da língua portuguesa na ilha. Em (4.4), serão analisados os impactos da língua portuguesa e da presença do colonizador português, assim como em (4.5) as influências da inserção da tecnologia da escrita nas sociedades ágrafas leste-timorenses. Finalmente, em (4.6), serão oferecidas algumas palavras sobre o futuro do ecossistema linguístico local de Timor-Leste.

4.1 Os ecossistemas natural, mental e social da língua em Timor-Leste

Vale a pena oferecer algumas noções introdutórias a respeito dos três ecossistemas (natural, mental e social) em Timor-Leste, antes de iniciar a análise deste capítulo. Assim, isto será feito nesta seção, nos parágrafos seguintes.

Em Fox (2000, 2003), há algumas informações sobre o ecossistema natural de Timor-Leste que se caracteriza por um relevo montanhoso, clima de monções e pouca área fértil para a agricultura, que geralmente se localiza nos vales entre as montanhas, pelo fato de acumularem água (ver fotos 5-7 abaixo). A alimentação é a base de arroz (*Oryza sativa L.*) (foto. 5) ou milho-miúdo (*Panicum viride L./Setaria italica L.*), dependendo da comunidade e das plantações.

FOTO 5. Plantação de arroz (*Oryza sativa L.*) no distrito de Lautém. Foto: Rui Correia.

(Fonte: <http://ruicorreia.blogspot.com.br/>)



FOTO 6. Os arredores de montanhosos da capital, Dili. Foto: Rui Correia.

(Fonte: <http://ruicorreia.blogspot.com.br/>)



FOTO 7. Bobonaro, Monte Cablaque. Foto: Rui Correia.

(Fonte: <http://ruicorreia.blogspot.com.br/>)



Sobre o ecossistema mental pouco pode ser dito, até mesmo pelo fato de este ecossistema ser o menos estudado na ecolinguística, conforme Couto (2013b) atesta. Porém, no convívio do presente autor com os leste-timorenses, percebeu-se que algumas formas de pensar e de se comportar (características do ecossistema mental) dos habitantes de Timor-Leste são influenciadas pela organização social deles, o ecossistema social. Assim, toda a cosmologia dual influencia a forma do cidadão leste-timorense pensar, que acaba por enxergar a realidade também com uma visão dualística, com os opostos metafísicos (bem x mal, belo x feio) convivendo em equilíbrio e que se manifestam no plano físico, como: homem x mulher, criança x adulto, vida x morte, sexo x casamento, seca x chuva, calor x frio, entre outros. É possível citar a relação com o ecossistema natural também, já que os pares opositivos são naturais na maioria das espécies do reino animal (masculino x feminino), bem como há a presença de aspectos geográficos, como o clima, o tempo etc. Isso faz com que todas as manifestações culturais, como a religião tradicional e seus rituais, a literatura oral e a organização social, apresentem essa concepção diádica do universo³⁶. Em (4.4), será discutido mais a respeito dessas tradições culturais leste-timorenses e o impacto do colonizador português.

Em Albuquerque (2009), há um panorama dos elementos P, L e T do EFL. Assim, como este capítulo dedica-se ao estudo do ecossistema linguístico local de Timor-Leste é pertinente discorrer a respeito das línguas nativas leste-timorenses. As línguas de Timor-Leste pertencem a duas filiações genéticas distintas: Austronésia e Papuásica. Até a atualidade poucos são os estudos de natureza histórica que se

³⁶ Vale lembrar que esta visão diádica da realidade, apesar de ser marcante em sociedades autóctones, também é encontrada na tradição europeia.

debruçaram sobre a classificação das línguas leste-timorenses. Há alguns estudos que apresentaram uma proposta de classificação dessas línguas foram, porém os estudos pioneiros de Capell (1943a, 1943b, 1944) é que se destacam e, posteriormente, os estudos de Hull (2001a, 2004). Recentemente, Schapper, Huber e Engelenhoven (2012) vêm se dedicando aos estudos histórico-comparativos das línguas papuásicas da ilha de Timor e suas relações com as ilhas vizinhas, principalmente da região de Alor e Pantar.

Na proposta de Hull (2001a) para as línguas de origem Austronésia³⁷, ele lançou a hipótese de que elas descendem de um ancestral comum, chamado por ele de Proto-Timórico (fig.4). O autor incluiu nesse grupo 12 línguas: Bekais, Tétum, Habun, Kawaimina, Makuva, Galolen, Wetarês, Mambae, Tokodede, Kemak, Idalaka e Lolein. As línguas austronésicas foram subdivididas em dois subgrupos: o Fabrônico (fig.5) e o Ramelaico (fig.6), e estes se ramificam ainda mais, de acordo com a localidade geográfica da língua.

FIGURA 4. A filiação do Proto-Timórico

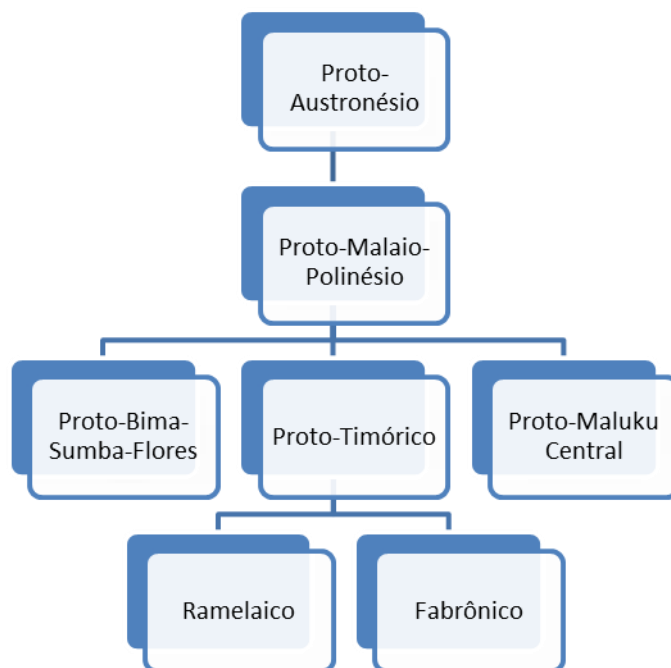


FIGURA 5. O grupo Fabrônico de línguas Timóricas

³⁷ Os estudos histórico-comparativos conduzidos por Hull (2001a, 2004), apesar de serem contribuições significativas para um melhor conhecimento das reconstruções, filiações e relações internas das línguas nativas de Timor-Leste, apresentam uma série equívocos de análise e limitações na exposição dos dados. Porém, devido às restrições e falta de apoio para os pesquisadores conduzirem investigações no país, tais estudos ainda permanecem como os mais completos até a atualidade.

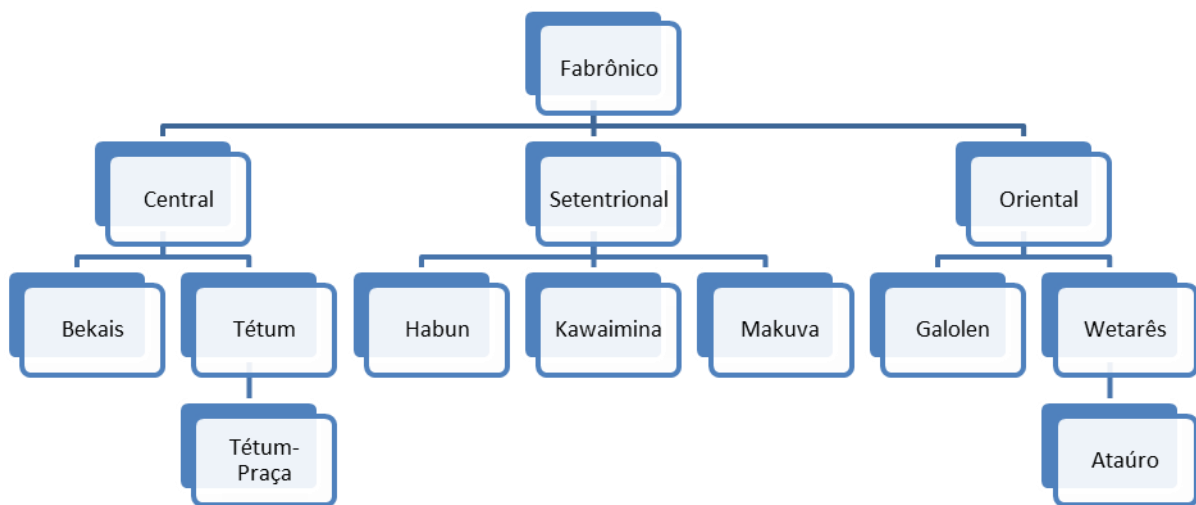
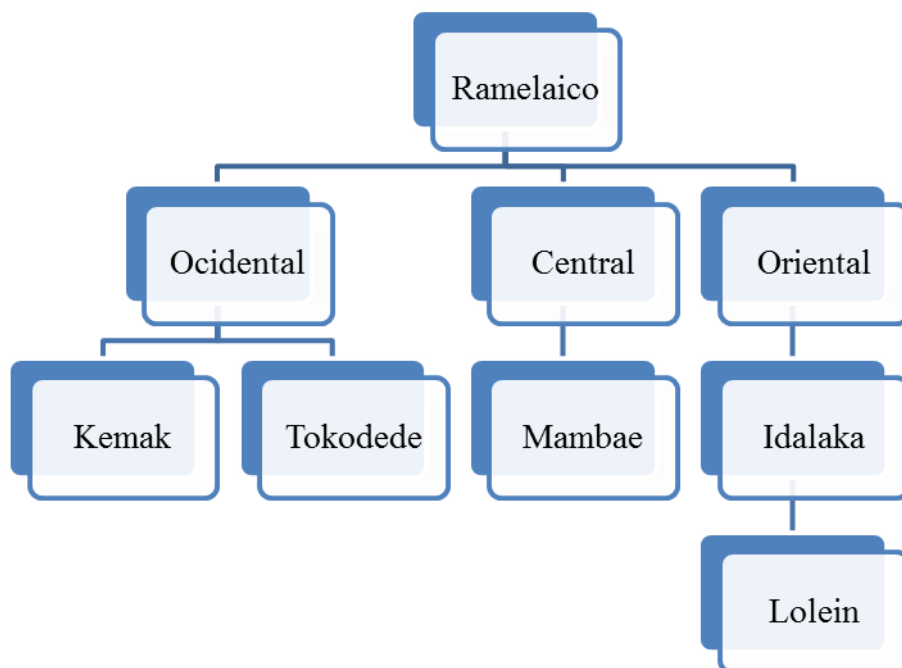


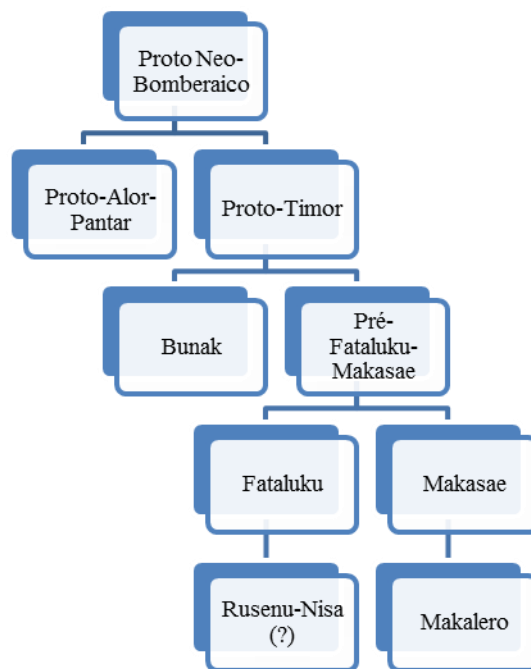
FIGURA 6. O grupo Ramelaico das línguas Timóricas



Em outro trabalho, Hull (2004) analisou as demais línguas e classificou-as como pertencentes ao agrupamento Trans-Nova-Guiné, também possuem um ancestral comum, que seria o Proto-Bomberaico, nome dado a uma suposta proto-língua que teve sua origem na península Bomberaica, localizada em Papua-Nova-Guiné. Dessa maneira, dentro do grande agrupamento Trans-Nova-Guiné, as línguas leste-timorenses de

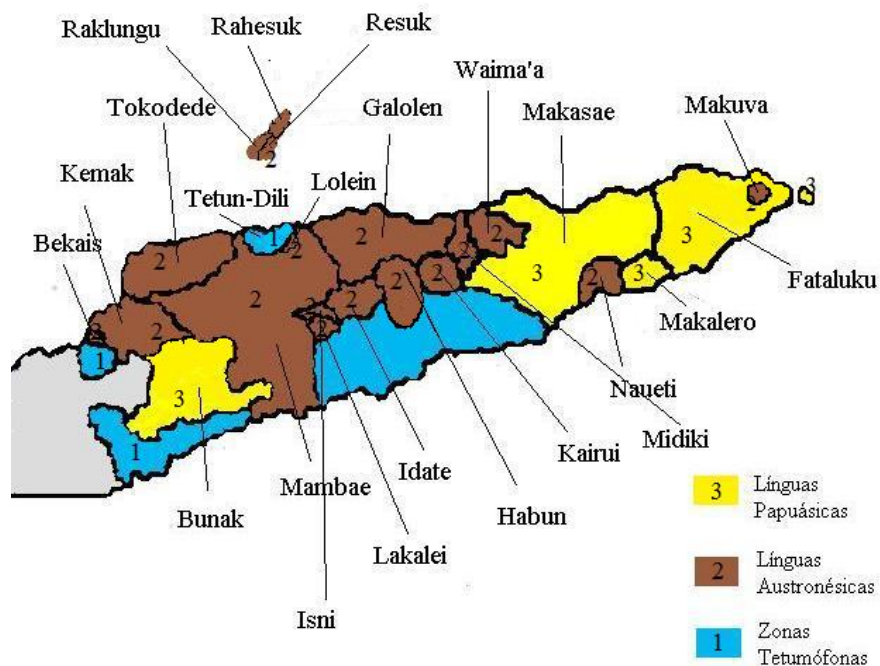
origem papuásica pertencem à família Neo-Bomberaica. As quatro línguas (Bunak, Fataluku, Makasae e Makalero) separaram-se em períodos históricos diferentes, o que faz com que sua localização geográfica seja descontínua, como é o caso da língua Bunak que se separou primeiro do ancestral comum, e a língua Makalero, que provavelmente originou-se da língua Makasae (fig. 7).

FIGURA 7. As línguas papuásicas de Timor-Leste e suas filiações



Pode-se perceber, entretanto, que há predominância das línguas papuásicas a leste do território leste-timorense (Mapa 1), com exceção somente do Bunak, enquanto os demais povos se espalharam somente por aquela região. A região central de Timor Leste é predominantemente Mambae, e as regiões adjacentes de outros membros da família Ramelaica: Tokodede, Kemak e Idalaka. Assim, a configuração atual das línguas nativas de Timor Leste pelo seu território é complexa, porém pode ser esquematizada de acordo com o mapa abaixo:

MAPA 1. Timor Leste e a distribuição das línguas nativas pelo seu território



(Fonte: Albuquerque, 2011a, p.66, adaptado)

Em relação ao número de falantes, Timor-Leste apresenta grande discrepância, com um número significativo de línguas ameaçadas. Albuquerque (2009) aponta que entre as línguas mais faladas do país estão: o Tetun Prasa, que é falado por mais de 80% da população; o Manbae, que possui cerca de 17% de falantes nativos em uma ampla região localizada no centro do país; o Makasae 12%, que é dominante no distrito de Baucau; o Bunak e o Kemak 6,0% cada em grande parte no distrito de Bobonaro; o Fataluku e o Tokodede 4,0%, falados nos distritos de Lautém e Liquiçá. As demais línguas é que se encontram em um estado ameaçado por possuírem uma porcentagem inferior à mencionada acima, incluindo várias línguas com um número aproximado, ou inferior, a 1.000 falantes, entre elas: Habun, Bekais, Makalero, Isn'i e Makuva. O autor extraiu os dados do *Timor-Leste Census of Population and Housing 2004* (NATIONAL BOARD OF STATISTICS 2006). Finalmente, a língua portuguesa é falada por cerca de 5% da população leste-timorense, o que equivale a aproximadamente 45.000 pessoas (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO 2002).

Desta maneira, o ecossistema linguístico local a ser estudado no presente trabalho é o grupo de leste-timorenses falantes de português. O (T) deste (P) é a área de Timor-Leste em que as pessoas vivem e interagem utilizando a língua portuguesa. Vale lembrar que algumas características deste (T) foram apontadas anteriormente, ao se

analisar o ecossistema natural da língua. O (P) que é constantemente citado em toda esta publicação é o povo de Timor-Leste que interage por meio da língua portuguesa. A (L) é a língua portuguesa falada pelos leste-timorenses, mas também como Timor-Leste é um país multilíngue, não se deve descartar a influência das línguas nativas, que foram enumeradas acima. Assim, temos como a (L₁) o português, (L₂) o Tetun, (L₃) o Manbae, (L_n ...) as demais línguas. De uma perspectiva ecolinguística, somente a tríade do EFL seria suficiente para justificar a existência da variedade do PTL, já que é um (P), que fala uma (L) em um (T) específico.

4.2 Breve história de Timor

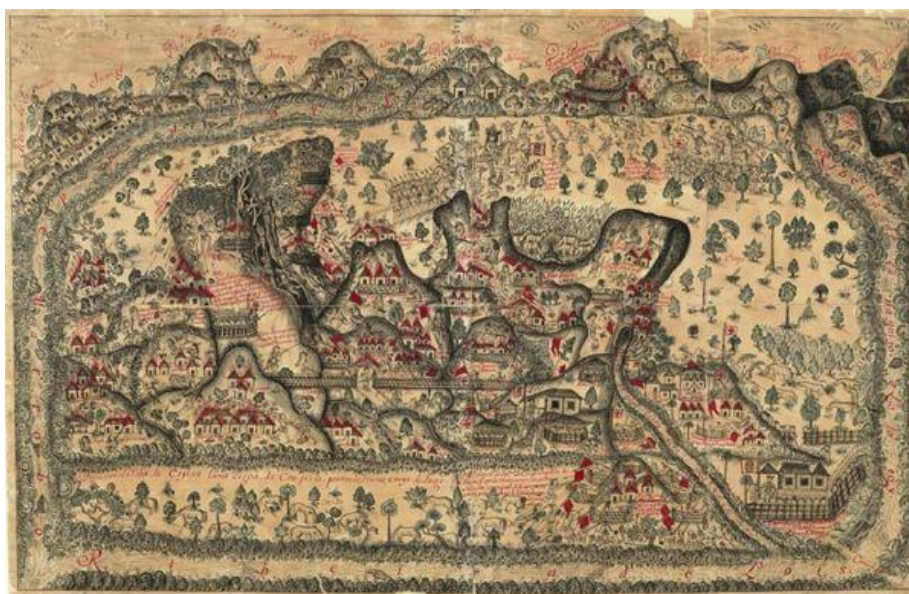
A situação exata da ecologia das línguas na ilha de Timor no período anterior à chegada dos portugueses é impossível de ser reconstruída. É possível somente apontar algumas características principais do ecossistema linguístico timorense com base em documentos históricos, e evidências linguísticas e socio-culturais. Primeiramente, há uma série de documentos chineses, que datam do século XIII-XIV, que mencionam informações importantes sobre o comportamento e a organização social dos timorenses (PTAK 1983, ECCLES 2004, ALBUQUERQUE 2011c), que serão analisados posteriormente. Há também os documentos da colonização e administração portuguesas, que já foram estudados pelos historiadores portugueses, como em: Castro (1867), trabalho de documentação das colônias e ex-colônias portuguesas na Ásia e Oceania; Leitão (1948, 1952), que se concentra nos aspectos formadores da colônia de Timor, no século XVII e XVIII; Oliveira (1948, 1953), estudo histórico detalhado das relações de Timor e Portugal, porém apresenta uma ideologia eurocêntrica, apresentando os portugueses com uma espécie de ‘fardo’ de colonizador com o intuito de ‘salvar’ os timorenses; Sá (1949, 1956, 1958), elaborou diversos estudos históricos, como em Sá (1949), que se destaca por fazer uma análise histórica de um documento chamado *planta de Cailaco*, datado de 1727, que consiste em um esquema do subdistrito de Cailaco, no distrito de Bobonaro (ver foto 8 abaixo); em Matos (1974), há um estudo histórico do primeiro período da colonização portuguesa em Timor (1515-1769) que atualmente já é considerado uma obra de referência; Marques (2001), estudo histórico da presença portuguesa no oriente, seguindo teorias históricas mais atuais; o estudo de Figueiredo (2004) que é a continuação de Matos (1974), que compreende o segundo período da presença portuguesa em Timor, de 1769 a 1954; Serrão e Marques (2006), outro estudo mais atual sobre as colônias portuguesas no oriente, e a documentação

holandesa elaborada pela *Vereenigde Oost-Indische Compagnie* (Companhia das Índias Orientais), ou simplesmente VOC, que permanece até a atualidade pouco explorada³⁸, destacando-se os estudos de Roever (2002) e Hägerdal (2012).

FOTO 8. Planta de Cailaco, ca.1727.

Autoria do capitão-mor do campo, Joaquim de Matos, e um anônimo.

(Fonte: <http://www2.iict.pt/?idc=84&idi=17134>)



Desses documentos mencionados, é possível afirmar que a organização social básica é em povoados, chamados de *knua*, liderados por um chefe, conhecido como *tumungo*. Cada um desses vilarejos era habitado somente por um único clã, fazendo com que houvesse uma união com os vilarejos vizinhos, também formados por um único clã cada um (NORDHOLT 1971). Essas uniões eram bipartidas ou quadripartidas e eram exatamente essas alianças³⁹ que formavam uma unidade social maior, chamada de *suku* com um chefe considerado nobre chamado de *dató*. Há uma organização social hierarquicamente maior semelhante a um reino, com um imperador, chamado de *liurai*. No entanto, tal organização ainda é um tanto controversa, já que apesar de sua existência comprovada em documentações do século XVI, essa organização não apresentava traços de burocracia e de centralização, como é típico dos reinos ocidentais,

³⁸ Estes documentos, em sua maioria, são correspondências e *dagregisters* ‘registros diários’, que apresentam valiosas descrições das atividades cotidianas da parte oeste da ilha de Timor.

³⁹ Em Duarte (1982), há um estudo detalhado dessas alianças entre os diferentes povos timorenses.

assim Hägerdal (2012, p.5) prefere classificá-la como um principado ou um domínio. Digno de nota é que esses reinos eram formados pelas várias alianças hierárquicas apontadas, principalmente entre os *suku*, porém essas alianças eram fluidas, mudando constantemente de acordo com os interesses de cada povo, fazendo com que alianças fossem rapidamente feitas e desfeitas, produzindo um grande número de conflitos.

As documentações portuguesa e holandesa estudadas por Sá (1961), Matos (1974) e Figueiredo (2004), que datam dos séculos XVII e XVIII, atestaram a existência de duas unidades políticas maiores, nomeadas *Servião* e *Wehale*. A primeira era localizada na parte oeste da ilha com um líder que apresenta características de ter sido realmente um imperador, chamado de *Senobai*. O segundo localizava-se na parte centro-leste da ilha e possuía uma espécie de rodízio entre os nobres para exercer a função de líder, sendo este líder que era conhecido como *liurai*⁴⁰ (ver foto 9). Tal organização socio-política está refletida na pirâmide social dessas sociedades nativas de Timor, que abaixo da nobreza, os *liurai*, *dató* e *tumungo*, vinham *ema* 'pessoas' que eram as pessoas comuns, *kuda* 'cavalo' que se referia aos trabalhadores de serviços pesados e *ata* 'escravos', que formavam a base da pirâmide.

FOTO 9. Dom Boaventura. Liurai de Manufahi (1887-1912)

(Fonte: http://www.oocities.org/fretilin_em_coimbra/inde2.htm)

⁴⁰ Em Hägerdal (2006), há uma análise de documentos holandeses e portugueses, visando precisar a organização política nativa de Timor. Ele apresenta evidências de que a distinção entre os impérios *Servião* e *Wehale* existente nesses documentos segue ideologias europeias, especialmente os interesses nacionalistas e comerciais. Essa organização política, chamada pelos europeus de 'império' ou 'reino', na verdade consiste em uma governança ritual, que foi analisada por Drakard (1999) nas ilhas vizinhas a Timor, principalmente Bali, como um 'reino de palavra'. Esse reino de palavra é bem distinto do conceito ocidental de reino, possuindo as relações de poder, seu território e organização fluidos, com a influência política direta sendo bem limitada, tendo valor mais as questões rituais e espirituais de alianças feitas, ou desfeitas.



Do mesmo período, as evidências linguísticas são um pouco distintas. Sabe-se que o reino de *Servião* possuía uma unidade linguística, com somente uma língua sendo falada que era o Baikenu (também conhecido como *Vaiqueno* ou *Baiqueno*), enquanto no reino de *Wehale* eram faladas cerca de 20 línguas ou mais, com alguns dialetos da mesma língua sendo quase ininteligíveis. Foi diante desse cenário linguístico que a língua Tetun ascendeu como língua franca, ou seja, após a formação das alianças que deram origem ao reino de *Wehale*, assim como a dominação e imposição da língua do dominador aos povos dominados. Vários outros fatores são apontados para a maior fragmentação do reino de *Wehale*, quando comparado ao de *Servião*, um deles é o tamanho e número de vilas em alianças, já que o reino de *Servião* era menor com a aliança de cerca de 16 vilas, enquanto o de *Wehale* se encontrava composto por 46 (MATOS 1974).

Digno de nota são as informações que a arqueologia traz a respeito do ecossistema linguístico local de Timor antes da chegada do colonizador europeu. A primeira delas é que o contato de línguas/povos sempre ocorreu na ilha desde tempos pré-históricos. Segundo O'connor, Spriggs e Veth (2002), os vestígios arqueológicos dos primeiros habitantes da ilha datam de 35.000 A.P.⁴¹. Estes primeiros habitantes eram de origem não austronésia, assim como a migração dos povos papuásicos que deu origem aos povos papuásicos atuais que vivem em Timor-Leste, porém essa migração

⁴¹ A.P. 'antes do presente'.

ocorreu em 4.000 A.P. Não há indícios de povos austronésios na ilha de Timor antes do século X de nossa era, período em que ocorreu a migração Butonesa (HULL 2001a).

Por meio do método histórico-comparativo, Hull (2001a) acaba por datar a vinda dos primeiros habitantes de origem austronésia como sendo do século X, como foi dito anteriormente, e a primeira fragmentação linguística datando poucos séculos depois, especificamente no século XIII com a invasão Ambonesa, que fragmentou a proto-língua austronésia falada na ilha, conhecida como Proto-Timórico ou Timorese Antigo, em vários vernáculos que sofreram uma reestruturação morfossintática (HULL 2001a). Posteriormente, no século XV, o Malaio passou a ser usado como língua de comércio em grande parte do Sudeste Ásia, incluindo a ilha de Timor, o que fez com que ocorresse também uma grande influência do Malaio nas línguas de Timor, principalmente por meio da inserção de bens culturais e de um grande número de empréstimos lexicais e gramaticais (HULL 2001a).

Desta maneira, com base nas informações apresentadas anteriormente, é possível inferir que o ecossistema linguístico local de Timor antes da chegada do colonizador europeu estava relativamente estável. Porém, deve-se observar que este ecossistema estava longe do ideal, que faz parte do imaginário romântico, no qual sociedades autóctones viviam em um ambiente idílico, harmonioso, quase perfeito, e foi somente com a vinda do colonizador europeu que tal equilíbrio foi desfeito. Durante a história do contato de línguas/povos na ilha, ocorreram diversas atividades humanas que afetaram tanto o meio ambiente como os outros seres humanos. De acordo com os estudos citados anteriormente, houve migração, miscigenação e dominação entre os diversos povos, ocorreram distintos graus de interação entre os seres humanos e entre os seres humanos e o meio ambiente físico, de tal maneira que algumas línguas/povos não sobreviveram, como o Rusenu, ou estão ameaçados na atualidade, como o Lolein, que tem cerca de 1000 falantes e o Isni, com cerca de 600, também há casos de povos que se adaptaram, como Tetun com mais de 17% da população de falantes como L1, sem contar que 89% da população do país a fala como L2, o Manbae possui 17% de falantes e Makasae cerca de 12%⁴², e de povos que acabaram por dominar outros historicamente, como Tetun, Manbae e Fataluku.

⁴² Dados extraídos de National Board of Statistics (2006) e Lewis, Simons e Fennig (2013). Lembrando que as porcentagens se aplicam à população leste-timorense que é estimada entre 900.000 a 1.000.000 de habitantes.

4.3 A presença da língua portuguesa

Os portugueses tiveram seus primeiros contatos com os habitantes da ilha de Timor em 1515, quando a armada enviada por Afonso de Albuquerque alcançou o local (FIGUEIREDO 2004, p.113). Inicialmente, a ilha foi de interesse secundário aos portugueses, já que suas posses em Malaca possibilitaram controle das rotas comerciais e entreposto para duas ilhas, Solor e Flores, de grande importância devido à quantidade de sândalo branco que apresentavam.

Essa situação não mudou até 1702, quando foi fundada Lifau (atual enclave de Oecussi, na parte oeste da ilha de Timor). A ordem para construção desta nova capital partiu diretamente da administração portuguesa de Macau, como uma forma de responder à ocupação holandesa da ilha, desde 1652 (FIGUEIREDO 2004, p. 122). Tal construção foi auxiliada por duas famílias poderosas locais de origem de Larantuka⁴³: os da Costa e os Hornay.

Nos anos iniciais da presença portuguesa na região, as famílias Da Costa e Hornay se alternaram no poder com o aval português. A família Hornay teve sua origem europeia com Jan de Hornay, comandante do Forte Henricus, em Solor, que desviou verbas da VOC e partiu para Larantuka, em 1629, casando com uma timorense. Um de seus filhos, António Hornay, foi um membro influente da comunidade *topas*, ou *topasses*⁴⁴, em Timor. A família Da Costa descende de Matheus da Costa, originário da ilha de Luzon, Filipinas, e seu filho, Domingos da Costa, foi o chefe da rebelião de Larantuka (HÄGERDAL 2012, p. 138). Ambas as famílias rivalizaram durante os séculos XVII e XVIII para estarem no poder; os Hornay chegaram a se aliar aos holandeses e os Da Costa guerrearam contra eles, porém foram massacrados. Desta maneira, a influência holandesa na ilha de Timor cresceu ainda mais. A rivalidade entre as famílias encerrou somente no século XVIII quando Francisco Hornay casou com a

⁴³ Larantuka é uma vila na parte leste da Ilha de Flores, onde os portugueses se estabilizaram após a conquista de Solor pelos holandeses, em 1613. A sociedade de Larantuka era mista com habitantes portugueses, diferentes mestiços e a população autóctone local. Esta população, conhecida como *larantuqueiros* tiveram um papel importante durante os séculos XVII e XVIII, tanto se opondo à administração portuguesa, em certos momentos, como também na fundação, em 1702, da primeira capital timorense, mencionada anteriormente, Lifau.

⁴⁴ População mestiça de habitantes locais com os portugueses cujos descendentes são conhecidos por terem assimilado a cultura e a língua portuguesa, assim como terem sido dominantes ou influentes na política local. O nome *tuppasi* tem sua origem obscura, mas às vezes é atribuído ao lexema da língua Tamil que possui o significado de 'intérprete', provavelmente pelo fato de os indivíduos *topasses* serem fluentes tanto nas línguas locais (adquiridas com a mãe), como na língua portuguesa (adquirida com o pai). Para maiores informações sobre os *topasses*, ver Boxer (1947).

filha de Domingos da Costa, unindo, assim, as duas famílias (FIGUEIREDO 2004, p. 116).

Após a derrota, Lifau foi abandonada em agosto de 1769 e a capital portuguesa de Timor foi transferida para Dili, em outubro do mesmo ano, onde se mantém até a atualidade (OLIVEIRA 1948, p. 202). A população total era de aproximadamente 1200 pessoas, sendo somente 15 brancos de origem europeia (BOXER 1947, p.16). Posteriormente, Sá (1961, p. 215) cita um documento do século XIX que atesta a existência de cerca de 20 homens brancos em Timor e este número parece que se manteve estável durante muitos anos, já que Thomaz (1976) afirma que no início do século XX Timor não contava com mais do que 100 indivíduos de origem europeia em sua população. Essas informações a respeito da relação entre a população de origem europeia, no caso a população branca de origem portuguesa, com a população local é importante para se conhecer mais da formação de variedades reestruturadas, pidgins e crioulos, já que com uma população portuguesa reduzida a exposição dos habitantes locais ao input também é reduzida, conforme será apontado mais adiante nesta seção.

A língua portuguesa se espalhou em Timor por três vias: a igreja, a administração e o militarismo (BAXTER 1996, p. 312). A igreja realizou sua atividade missionária logo no século XVI, porém as tentativas iniciais de converter a população timorense não foram bem sucedidas (HÄGERDAL 2012, p. 31), contudo os padres continuaram nos séculos seguintes, assim disseminando a língua portuguesa por meio da educação e da religião. Mesmo com a expulsão das ordens religiosas da ilha, na primeira metade do século XIX, avanços significativos na educação timorense foram alcançados, com a fundação de diversas escolas, com o destaque para o *Colégio de Soibada* (THOMAZ 1985), único ginásio existente na época, que chegava a formar professores e funcionários para a administração colonial. Os cidadãos portugueses dominaram a administração colonial em Timor nos séculos iniciais, porém essa situação veio a se modificar durante o século XIX com a presença de mestiços e macaenses assumindo cargos. Além disso, timorenses escolarizados também começaram a trabalhar para a administração colonial (THOMAZ 1976), sendo que todos eles empregavam a língua portuguesa na escrita dos documentos oficiais. Em relação ao militarismo, destacou-se o fato de que líderes militares indígenas de diferentes locais acabaram por integrar o exército colonial. Dois grupos populacionais militarizados

migraram para Dili, com a mudança de Lifau, em 1769, foram eles: os *moradores*⁴⁵ de Sika, em Flores, falantes de malaio, e os *moradores* de Bidau, em Timor, que falavam o Crioulo Português de Bidau (CPB) (BAXTER 1990, p.3). Posteriormente, vários grupos exilados de outras colônias portuguesas foram aceitos no militarismo colonial em Timor, como moçambicanos, macaenses, indianos⁴⁶ e mestiços em geral (BAXTER 1996, p. 313).

Desta maneira, com o que foi exposto acima, havia uma situação linguística complexa em que o português foi disseminado na Ásia e, por isso, muitos fatores influenciaram na formação de crioulos e variedades reestruturadas da língua. Baxter (1996, p. 301), ao analisar o caso da língua portuguesa na Ásia em geral, aponta três fatores possíveis: a existência um *continuum* de Português L2 (PL2) que em um extremo se encontra o PL2 mais rudimentar, falado por pessoas com um acesso mínimo a input do Português Europeu (PE), e no outro extremo o PL2 próximo ao PE, falado por pessoas que tinham grande contato com o PE e que construíram modelos fortes de PL2; o segundo fator consiste em que alguma dessas variedades de PL2 serviram como input para falantes adquirirem-nas como L1, formando diferentes crioulos portugueses asiáticos; o terceiro fator possível é que pidgins e crioulos africanos influenciaram a formação de variedades portuguesas na Ásia, já que existem certas similaridades, como Ansaldo e Cardoso (2009) mostraram, assim como a existência de um Pidgin Português Asiático que consiste em uma continuação de traços africanos Clements (2000).

Para explicar as similaridades dos crioulos portugueses asiáticos Baxter (1996) apresenta as explicações seguintes:

Thus, the similarities between the Creole Portuguese of Asia might be best explained in terms of parallel development in terms of the above framework, partially influenced by (i) creole universals by the type discussed in Bickerton 1988, (ii) the local languages, which the creole speakers never ceased using, (iii) the pre-existing non-Portuguese based *lingue franche* (e.g. trade Malay) and (iv) transmission of Creole Portuguese features through population shifts (BAXTER 1996, p. 301).⁴⁷

⁴⁵ O lexema *moradores* faz referência a milícias locais e pode ser encontrado em outros crioulos portugueses asiáticos com significados semelhantes. Essas milícias foram importantes para a disseminação da língua portuguesa na Ásia.

⁴⁶ Em Sá (1961, p. 215) há um documento do século XIX que menciona os soldados de origem indo-portuguesa em Timor, conhecidos como *fondù*, e que foram deportados por terem participado de rebeliões contra a coroa portuguesa no antigo *Estado da Índia*.

⁴⁷ “Assim, as similaridades existentes entre os crioulos portugueses da Ásia podem ser explicadas em função de desenvolvimento paralelo, de acordo com a abordagem acima, e sendo parcialmente influenciados por (i) universais crioulos conforme discutido em Bickerton 1988, (ii) as línguas locais, que

Apesar de Baxter (1996) não estar analisando o caso de Timor-Leste, mas dos crioulos asiáticos mais prototípicos, como CPMal, CPMac e as variedades do Indo-Português, todas as explicações citadas acima se aplicam à situação linguística de Timor e que contribuíram para a formação do CPB e do PTL. Além dos universais crioulos, na ilha de Timor, as línguas nativas nunca deixaram de ser usadas, havia a presença de duas línguas francas, o malaio de bazar e o Tetun Prasa (ALBUQUERQUE 2009, 2011e, THOMAZ 2002), e ocorreu a transmissão de crioulo português por migrações populacionais, como foi apontado anteriormente de Larantuka.

Em Hägerdal (2012), há uma série de informações históricas e análises de documentos da época que fornecem dados valiosos sobre a situação sociolinguística e de contato nas ilhas de Timor e de Flores. Esses documentos de arquivos da VOC, localizados na Holanda e na Indonésia, analisados por Hägerdal (2012), fornecem também material para uma pesquisa sobre a origem e formação do PTL. Albuquerque (2013b) analisou tal documentação, focando em cartas do século XVIII escritas por timorenses em língua portuguesa. Nestas cartas, o autor encontrou estruturas arcaizantes, léxico nativo, alguns traços semelhantes a de crioulos portugueses asiáticos e pela grafia tentou inferir algumas informações a respeito da fonologia do português falado em Timor na época, atribuindo estas características linguísticas como pertencentes ao período inicial em que o PTL foi falado, e que esta variedade teve sua origem provavelmente entre o final do século XVII e início do século XVIII, principalmente com a migração de Larantuka para Timor (ALBUQUERQUE 2013b).

4.4 O impacto do colonizador português

Em Timor, não há evidência de que a colonização portuguesa seja a causa direta da morte de línguas na ilha. Apesar de conflitos entre a população local e o colonizador português, denominados de ‘revoltas’ ou ‘guerras’, destacando-se as que ocorreram durante o século XIX, como a ‘Revolta de Lacló e Ulmera’, em 1861, a ‘Guerra de Lautém’, em 1888, e a ‘Revolta de Manufahi’, em 1891, cujo líder foi Dom Boaventura (ver foto. 9 anteriormente), não aconteceram matanças ou genocídios durante o período da administração portuguesa em Timor. Em relação aos povos e línguas, é interessante

os falantes de crioulos nunca deixaram de usar, (iii) línguas francas pré-existentes e não lusófonas, como o malaio de bazar e (iv) a transmissão de traços de crioulos portugueses por meio de migrações populacionais.”

notar que a maioria dos nomes listados em documentos históricos como etnia e/ou língua de Timor permanecem até a atualidade, como pode ser visto na primeira listagem das línguas faladas em Timor feita pelo viajante francês Rosily, no século XVIII (THOMAZ 1982), assim como nas seguintes elaboradas pelos viajantes ingleses Wallace (1869) e Forbes (1884), no século XIX. Somadas a essas, há também outras listas elaboradas no início do século XX, como a de Castro (1996 [1943]) e outras retomadas por Thomaz (2002). Desta maneira, o cenário de morte de línguas e o ecossistema linguístico atual com línguas ameaçadas de extinção não foram resultados de um único e simples fator, a colonização, mas uma série de eventos sociais, históricos, antropológicos, entre outros, nos quais o ser humano interferiu de maneira positiva e negativa sobre o ecossistema local, o que Calvet (1999) chama de *in vivo*.

Conforme será descrito a seguir, a colonização portuguesa não foi a causa única da alteração no ecossistema linguístico local, porém foi o catalisador dessas mudanças ao inserir novas redes e formas de interação e comunicação, desvalorizando as formas tradicionais já existentes, além de inserir uma nova língua, uma nova espécie no ecossistema de Timor-Leste.

A análise que será feita a seguir baseia-se em Hymes (1974), Mühlhäusler (1996) e Couto (2012a, 2013b, no prelo). A escolha de Hymes (1974) é devido à etnografia da comunicação, já que o maior impacto do colonizador português foi exatamente nas formas tradicionais locais de interação e comunicação. O trabalho de Mühlhäusler (1996) é utilizado como um guia de características a serem analisadas, pois o autor estudou a ecologia linguística das sociedades do Pacífico descrevendo o impacto do colonizador inglês nessas sociedades, principalmente em relação à etnografia da comunicação. Já Couto (no prelo) afirma que:

a língua nasce nos **atos de interação comunicativa** (AIC) em suas respectivas ecologias da interação comunicativa, tanto ontogenética quanto filogeneticamente. Uma língua está viva não apenas quando há pessoas que conhecem suas regras, mas enquanto ainda é usada em AICs concretos por pelo menos duas pessoas, que constituem a comunidade de fala mínima. Se há apenas uma que a conheça, ela já está morta, não há ninguém com quem ela possa entrar em atos de interação comunicativa. Ela nasce, vive e morre neles.

Ainda sobre o mesmo assunto Couto (no prelo) completa:

A **ecologia da interação comunicativa** (EIC) em que os AICs ocorrem consta de a) cenário, b) falante e ouvinte, c) **regras interacionais e regras sistêmicas**, d) circunstantes (aquele/s que está/estão com o falante e aquele/s que está/estão com o ouvinte)

Além dos AICs, é importante para a análise efetuada aqui a diferenciação entre as regras de interação e as regras sistêmicas, que basicamente consiste nos seguintes fatores: as regras interacionais são traços comportamentais necessários para ocorrer e facilitar o processo de interação comunicativa, como: a necessidade de falante e ouvinte estarem próximos um do outro, de frente um para o outro, deve-se falar em um tom de voz mediano, em alguns casos o falante deve olhar nos olhos do ouvinte etc.; já as regras sistêmicas são consideradas como uma das regras interacionais e equivalem à gramática da língua.

De certa forma, em Couto (no prelo), bem como em Couto (2012a, 2013b), alguns de seus conceitos teóricos, como os AICs, a EIC e o próprio conceito de ecossistema linguístico local, explorado neste capítulo, estão ligados à proposta da etnografia da comunicação de Hymes (1974). Desta maneira, a bibliografia escolhida seguiu uma necessidade teórica para se efetuar a análise aqui e também elas se encontram interligadas ao estudar objetos semelhantes de maneiras distintas.

Assim, reiterando o que já foi afirmado, o contato e a presença do colonizador europeu não representaram um completo desequilíbrio ao ecossistema linguístico de Timor e também não ameaçou de extinção as espécies linguísticas locais. Ao contrário, conforme Calvet (1999) afirma, a homeostase na linguística se trata de a língua, como uma espécie biológica, diante de uma situação de alteração de equilíbrio, se modificar para tentar atingir um novo equilíbrio para reduzir o impacto ocorrido pelo desequilíbrio. Couto (2012a, 2013b, no prelo), de maneira semelhante, lança mão do conceito de adaptação do meio ambiente para a linguística ecossistêmica. De acordo com os dados linguísticos, culturais e sócio-históricos, se verificou que a introdução da nova espécie linguística, o português, no ecossistema timorense causou uma perturbação no equilíbrio, porém ocorreram os processos de homeostase e adaptação com o intuito de buscar um novo equilíbrio e a estabilidade do ecossistema. Na prática, percebem-se tanto modificações na língua portuguesa para se adaptar ao novo meio ambiente, como modificações nas línguas locais para se adaptar ao português, já que foi

uma espécie dominante. As adaptações da língua portuguesa ao meio ambiente leste-timorense serão discutidas no capítulo seguinte, que trata exatamente do PTL, enquanto as modificações e posteriores adaptações das línguas locais serão analisadas a seguir.

Nas línguas locais leste-timorenses foram alterados principalmente o nível léxico-semântico e as situações de interação, entendendo aqui interação no sentido ecolinguístico, que considera a interação como a característica central do ecossistema e necessária para que ocorra a ligação entre indivíduo e mundo. Nestas situações de interação, verificam-se alterações nos eventos de fala (ing. *speech events*) e nas situações de fala (ing. *speech situations*), e em alguns casos até nas regras interacionais. Serão analisadas abaixo separadamente as modificações nos eventos de fala e nas situações de fala, enfatizando que as alterações adaptativas ocorridas nas interações comunicativas afetaram sobretudo o nível léxico-semântico.

4.4.1 Adaptações nos eventos de fala

Os eventos de fala perpassam várias partes do processo de comunicação, assim como os objetivos de uso da língua. Os mais afetados pela colonização e presença portuguesas foram: o processo de aprendizado, a marcação da hierarquia social e da identidade social. O contato com os portugueses e a atividade missionária acabaram com parte dos usos tradicionais da língua e também inseriram novos. As línguas locais leste-timorenses possuem estudos de usos e técnicas tradicionais da língua, como o Tetun, Manbae, Fataluku e Bunak. Para o Manbae, por exemplo, Traube (1986) e Corte-Real (2000) atestaram por meio da literatura oral dessa língua que a cultura e sociedade Manbae estão organizados em torno de dois pilares, que estão refletidos nos usos linguísticos e literários, são eles: *nam ada ni* ‘assuntos do dia’, uma ordenação social relativa a tudo ligado ao sistema de nobreza, e *nan meta ni* ‘assuntos da noite’, uma ordenação social relativa a tudo ligado ao sistema de parentesco. Essa simetria diádica da ordem social dos Manbae está refletida claramente nas narrativas dessa língua por meio de dísticos, estudados extensivamente por Fox (1980, 1988, 2005) na região leste da Indonésia, que abrange a ilha de Timor, e também analisados por Corte-Real (2000) nessa língua. Dentre esses dísticos, os pares mais utilizados na fala Manbae são os seguintes: *an-hine pat* e *an-mane pat* referindo-se a linhagem masculina; *kai nor topó* duas formas de tratamento usados pelo homem para se referir aos seus parentes femininos; *ama nor ana* ‘pai e filho’ par que além de enfatizar a importância da relação entre pai e filho, reflete a unidade entre os velhos e jovens do sexo masculino (CORTE-

REAL 2000, p.34). Digno de nota, é que no trabalho comparativo realizado por Fox (1988) sobre o uso de dísticos e de paralelismos lexicais na fala e na literatura oral dos vários povos do leste da Indonésia, os autores da coletânea chegaram a conclusões de que nessa região o emprego desses recursos é frequente e a estrutura deles nas diversas línguas é muito similar. Em Gomes (1972), há exemplos desses paralelismos em Makasae e em Fataluku, e é possível observar os pares de maneira semelhante aos analisados para o Manbae, como na narrativa em língua Makasae intitulada *Bada-Lessa, Bada-Raku, Moro-Kai, Meli-Kai* cujo dois dísticos são reproduzidos abaixo:

Ni **gore** gau mau!-Venho ao rei grande!

Ni **rata** gau mau !-Venho ao amo!

(...)

Ani **тели** tina nava!-Eu comi sempre milho !

Ani **ressa** tina nava!-Eu comi sempre arroz!

(Gomes 1972, p. 57)

Esse paralelismo lexical geralmente é usado como jargões ou provérbios na fala cotidiana, como o caso da língua Manbae e Makasae, ou são pares de palavras desconhecidas pelos falantes, que marcam algum traço da narrativa, como o lexema na literatura oral Fataluku *woro-konai* que os falantes não conhecem o significado, mas sabem que marca o fato de uma história do passado está sendo contada (ENGELHOVEN 2009, p. 335), conforme Engelenhoven (2008) mostra em sua análise para a língua Fataluku⁴⁸. Em Engelenhoven (2010b), o autor faz uma análise quantitativa da frequência em que aparecem os pares nas narrativas em Fataluku, assim como realiza uma comparação com línguas faladas nas ilhas vizinhas a Timor, principalmente as línguas Leti e Rotinês, percebendo muitas semelhanças no emprego dos mesmos pares lexicais, como: *tupuru, nami* ‘mulher, homen’, *nalu, palu* ‘mãe, pai’, *uru, vacu* ‘lua, sol’, entre outros. Em Berthe (1972), há o registro, transcrição e análises do mito fundador de origem Bunak, chamado de *bei gua*, em que podem ser encontrados o mesmo paralelismo lexical e pares semelhantes por todo o mito, como *gil*

⁴⁸ Conforme Engelenhoven (2010a, p. 178) atesta, há vários outros exemplos de língua ritual em Timor-Leste, como as línguas rituais dos povos falantes das línguas Makasae e Fataluku presentes em Gomes (1972). Porém, de maneira distinta à língua Makuva e à literatura oral dessas línguas, as línguas rituais desses povos são apenas a própria língua alterada artificialmente, como um *constructo* para preservar identidade do povo e de seus rituais, com alguns lexemas inseridos, sendo alguns inventados e outros arcaísmos de línguas vizinhas, fazendo com que nenhum desses lexemas seja reconhecido seus significados.

eme hot, gie ama hul ‘sua mãe sol, seu pai lua’. Em Fox (2005), o autor encontrou pares lexicais da tradição oral das línguas Kemak e Bunak que possuem diversas similaridades com as tradições orais das línguas austronésias vizinhas à ilha de Timor, principalmente da região do sudoeste de Maluku.

A importância do estudo dos eventos de fala ocorre pelo fato de que basicamente eles são as condições sociais existentes para que sejam usadas as formas tradicionais de fala, assim caso alterem um conseqüentemente o outro será alterado também. O modelo da etnografia da comunicação de Hymes (1974) serve como um conjunto de ferramentas para se analisar e verificar o grau de intervenção/modificação nas interações comunicativas locais, a partir do momento que se deu o contato/colonização com o europeu. Os eventos de fala, selecionados por Mühlhäusler (1996, p.55), que serão adotados aqui para análise são: forma da mensagem, conteúdo da mensagem, cenário, emissor, ouvinte/receptor, finalidade, maneira e formas de fala. A seguir serão apresentados cada um deles separadamente.

A forma da mensagem é a categoria que se preocupa com as diferentes maneiras de se expressar novos eventos inseridos na comunidade autóctone, como: saudações, agradecimentos, tratamentos formais, anedotas e chistes, inserção de novas informações etc. Mühlhäusler (1996) explica o seguinte a respeito do principal impacto nesta categoria:

The creation of new communication networks with the outside, the introduction of new media, and the process of religious and educational/political conversion have greatly enhanced the role of the cognitive function of language and the need for message forms appropriate for it. (MÜHLHÄUSLER 1996, p. 56)⁴⁹

Desta maneira, o impacto na forma da mensagem na sociedade timorense foi notável, não apenas nesta categoria dos eventos de fala, mas também nas demais, sendo o principal fator as novas redes de comunicação instituídas pela presença estrangeira, ou seja, a administração portuguesa e a atividade missionária. Inicialmente, é possível observar que todas as formas de saudações e polidez em Timor-Leste são os mesmos empréstimos lusófonos nas várias línguas locais: *bondia* ‘bom dia’ *botarde* ‘boa tarde’,

⁴⁹ “A criação de novas redes de comunicação com os estrangeiros, a introdução de novas mídias e o processo de conversão religiosa e político-educacional ampliaram o papel das funções cognitivas da língua e a necessidade formas de mensagens apropriadas para isso.”

bonoiti ‘boa noite’, *adeus* ‘tchau’ e *obrigadu* ‘obrigado(a)’, em outras línguas que tiveram contato maior ainda são encontrados mais exemplos, como em Tetun: *telogu* (< ‘até logo’) ‘tchau, adeus, boa noite’, *agradese* ‘agradecer’, *halo favor* ‘por favor, faz favor’. Não é possível inferir se não existiam tais tipos de saudações nos eventos de fala das comunidades leste-timorenses, ou se as saudações existiam nas línguas locais, mas foram substituídas, mas é a probabilidade maior é que existiam saudações, porém não relacionadas com o período, como na cultura ocidental. Um exemplo aparente disso é uma saudação tetunófona que se mantém até os dias atuais: *bá ne’ebé* que em seu sentido literal é ‘vai aonde’, mas que seu uso é igual à saudação em português ‘como vai?’ ou ‘como está?’. As formas de tratamento também foram alteradas, ocorrendo principalmente a perda, em língua Tetun, das formas para se referir ao líder da nobreza *liurai*. Em Tetun, havia léxicos e paráfrases específicas para tratar com o *liurai*: o cidadão comum *han* ‘come’ e o nobre *hola* ‘toma’ ou *halamak* ‘consome os aperitivos’; os nobres não ‘falam’ *hateten*, mas *hatun lia* ‘deixa cair as palavras’; ele não ‘morre’ *mate*, mas *hasa?e an* ‘eleva-se’; o nobre não ‘senta’ *tur*, ao invés disso ele *hatodan an* ‘repousa seu peso’; o cidadão comum não pode *ko?alia* ‘falar’ com o nobre, mas deve *hasa?e lia* ‘elevar as palavras’ a ele (THOMAZ 2002, p.115). Williams-van Klinken e Hajek (2006, p. 13) analisaram o Tetun falado na capital, Dili, nos dias de hoje e chegaram a várias conclusões, sendo a principal consistindo na existência de um novo sistema de tratamento que está sendo formado, tem como base os pronomes da língua e a seguinte hierarquia: *Ita-Boot* (‘2 pl.INC’ + ‘grande’) ‘2ª pessoa formal e polida’ > *señór/señora* ‘tratamento formal genérico’, empréstimos lusófonos > *ita* ‘2 pessoa formal’, geralmente usado antes do nome de alguém > termos de tratamento, como *anó*, *anoi* ‘querido(a)’ > nome próprio > *ó* ‘2 pessoa informal’. Os autores também afirmam que tal sistema de tratamento por ainda estar em formação apresenta grande variação em seu uso, e que a língua Tetun tradicionalmente fazia uso de termos de tratamento e de marcação zero para formalidade, sendo que o novo sistema de tratamento trata-se de uma adequação da língua a situações mais formais que se instalaram com o processo de independência, que exige termos formais para a mídia, educação, relações internacionais e assuntos oficiais (WILLIAMS-VAN KLINKEN e HAJEK, 2006, p. 16). De maneira distinta das saudações, que não há registros anteriores, essas formas de tratamento foram registradas e desencorajadas seu uso em relação ao nobre pelos missionários que, com a continuidade de suas atividades, passaram a fazer uso dessas

formas como maneira respeitosa para se referir a Deus e aos santos católicos. Analisando ainda o impacto da atividade missionária na forma da mensagem, é possível verificar que a forma tradicional de humor, que existe somente alguns resquícios na literatura oral, como em Tetun os *ai hahi'it* e *ai sasi'ik* 'adivinhas' ou algumas *ai kananuk* 'poesia oral' (KLINKEN 2000), foi também abolida pela educação cristã, que a considerou obscena e pecaminosa, por tratar de forma humorística temas como o adultério. A intervenção da igreja católica em Timor-Leste foi mais além, substituindo os nomes e sobrenomes nativos por nomes cristãos, como Domingos, José, Mateus, Pedro, e nomes de família mais comuns, como Silva, Costa, Santos. Atualmente, isto ainda é mantido, já que os leste-timorenses podem ser batizados somente se tiverem nomes cristãos e/ou portugueses, porém alguns cidadãos proeminentes da sociedade leste-timorense mantiveram seus nomes nativos, principalmente como forma de resistência durante a invasão indonésia ou do período de colonização portuguesa, como o atual presidente da República Democrática de Timor-Leste, Taur Matan Ruak, o ex-primeiro ministro, Mari Bim Amude Alkatiri, e ex-primeiro ministro e ex-presidente que possui o nome português e leste-timorense, José Alexandre Kay Rala Xanana Gusmão. Somente em comunidades que defendem seus costumes tradicionais ou que se localizam em regiões isoladas, são mantidas as formas tradicionais de nomeação em que o indivíduo recém-nascido recebe nome escolhido por parentes maternos de algum parente falecido da linhagem matrilinear. De acordo com Sousa (2010 p. 195), caso a criança, ou até o adulto, adquira uma doença, isto é encarado como uma rejeição ao nome, fazendo com que outro seja escolhido da mesma forma. Apenas se a doença, ou algum tipo de mal que assola o indivíduo, persistir é que se opta pela escolha de um nome de origem patrilinial e escolhido pelos parentes paternos. Este ritual é de escolha do primeiro nome. O segundo nome dado é o nome cristão, conforme já discutido acima. Posteriormente, podem ser somados mais dois nomes, que serão usados em rituais, estes nomes rituais devem fazer referência aos antepassados da família, geralmente avô ou avó, e a casa⁵⁰ a que o indivíduo pertence, quando essas informações não estiverem presentes no primeiro nome escolhido. Um exemplo de nome, na comunidade de Tapo (no interior do distrito de Bobonaro, falante de Bunak), oferecido

⁵⁰ A casa, também conhecida como casa sagrada, é a base da organização social das comunidades nativas leste-timorenses, pois é por meio dela que são: identificadas as origens da comunidade, das famílias e dos indivíduos; organizados os diversos rituais; feitas as alianças e casamentos; nomeados os indivíduos. Mais a frente este tema será retomado.

por Sousa (2010, p. 75) é *Sina Mau Fernando*, em que *Sina* é o nome nativo, *Mau* faz referência à casa *Namau*, e *Fernando* é o nome católico.

O conteúdo da mensagem nas conversas locais timorenses também sofreu alteração. Conforme será analisado em (4.4.2) em relação às situações de fala, especificamente as mudanças no fluxo de informação social de sociedade de baixa informação para sociedade de alta informação, a importância de alguns tópicos tradicionais de conversa, como aqueles elaborados pelos anciãos, que consistem no contar de história, rezas, narrativas, mitos, entre outras, foi extremamente reduzida, enquanto assuntos externos à comunidade, como dinheiro e economia⁵¹, ciência ocidental⁵², objetos eletrônicos etc. são considerados muito mais importantes por serem, de acordo com a própria geração mais nova, mais ‘modernos’ (contemporâneos) e mais ‘urbanizados’⁵³. Entre as consequências para o ecossistema linguístico local estão a desvalorização e consequente perda do conhecimento nativo; estigmatização dos anciãos e suas funções dentro das tradições leste-timorenses; empréstimos lexicais lusófonos em larga escala nas línguas nativas, principalmente para se referir aos assuntos considerados modernos e urbanos, como o caso da língua Tetun que apresenta mais de 6000 empréstimos⁵⁴. Digno de nota é que assuntos antes considerados típicos somente de uma classe social, como menstruação, gravidez e violência doméstica (considerados como somente da classe das mulheres adultas), atualmente é temática geral da sociedade de Timor-Leste, conforme pode ser visto nas fotos (10) e (11) abaixo, devido às campanhas governamentais que falam abertamente desses assuntos, nas rádios, na televisão e nos jornais. Essas consequências serão comentadas posteriormente, em (4.4.2), pois possuem ligações com as situações de fala.

⁵¹ Separei aqui propositalmente os tópicos ‘dinheiro’ e ‘economia’, pois em muitas conversas que tive com os jovens leste-timorenses, eles destacavam em demasia a importância do ‘dinheiro’ acima de tudo para suas vidas e suas escolhas, ao passo que o tema ‘economia’ era algo extremamente abstrato para eles, achando que estava ligado somente a assuntos de política.

⁵² Inseri o termo ‘ciência ocidental’ pelo fato de considerar também como ciência o conhecimento sistemático que as etnias locais possuíam e que foram se perdendo.

⁵³ Os assuntos mais comentados pelos jovens leste-timorenses, assim como estas expressões destacadas entre aspas foram usados pelos próprios cidadãos durante o tempo de convívio entre o presente pesquisador e eles, como foi descrito no capítulo 3 ‘A metodologia em ecolinguística’, ou seja, fazem parte dos dados coletados em campo.

⁵⁴ Número contabilizado pelo autor no *Matadalan Ortográfiku ba Tetun-Prasa*, publicação do INL (2003), que é um guia ortográfico da língua Tetun. Porém, nos dias atuais a tendência é substituir muitos desses empréstimos lusófonos por paráfrases nas línguas nativas, principalmente nas línguas faladas em regiões mais isoladas do país.

FOTO 10. Ex-presidente de Timor-Leste, José Ramos-Horta, na campanha *Hapara violência kontra fetu*

‘Acabe com a violência contra as mulheres’

(Fonte: <http://16daykontraviolencia.blogspot.com.br/2009/11/ramos-horta-ita-hadomi-malu-ba.html>)



FOTO 11. Campanha *Hapara trafiku umanu!* ‘Pare com o tráfico humano!’

(Fonte: http://weareboq.com/images/work/9_imagens_TRAFIKU_img01.jpg)



De acordo com Mühlhäusler (1996, p. 61), o cenário é o contexto psicológico dos eventos de fala. Assim, nesta categoria é possível ver a clara ligação com o ecossistema linguístico mental, que será comentada mais abaixo, e também com os AICs. Vários cenários dos eventos de fala na comunicação leste-timorense foram alterados ou extintos pela colonização portuguesa: a perda de formas tradicionais de aprendizado, já comentada anteriormente e que também será analisada em (4.4.2), quais indivíduos podem ou não participar do cenário da interação comunicativa, assim como os graus de formalidade e de conforto existentes nessas interações. Os anciãos leste-timorenses transmitiam o conhecimento tradicional por meio de narrativas orais, cujos principais gêneros mais conhecidos na literatura tetunófono são *hamulak* (oração narrativa em versos usada somente em cerimônias ritualísticas), *ai knananuk* ~ *ai kananuk* (poesia oral que é usada em festas tradicionais, ou seja, eventos sociais que possuem certa importância cultural, como noivado, cortejo, rezar, ato de cozinhar, dar boas vindas a convidados importantes etc.) e *ai knanoik* (contos populares que versam sobre os mais diversos temas, como: mitos de origem, de nobres e de eventos passados, histórias com fins de entretenimento e fábulas com fins educativos)⁵⁵, e de registros especiais, como o tabu linguístico *lia tasi* ‘língua do mar’, tabu usado somente pelos pescadores na época em que praticam tal atividade, o registro *lia nain* ‘língua nobre’⁵⁶, registro da língua usado por contadores de histórias (fotos 12 e 13), a ‘língua do algodão’ dos Ema, falantes de Kemak, usada somente por mulheres em atividades relacionadas ao algodão (CLAMAGIRAND 1972)⁵⁷, e das línguas rituais do Fataluku e do Makassae, mencionadas por Gomes (1972). Além das formas de tratamento, que se assemelham a honoríficos, já mencionadas anteriormente.

⁵⁵ Optou-se pelos exemplos da literatura em língua Tetun, assim como da língua Tetun, no decorrer deste capítulo pelo fato de ser a língua oficial de Timor-Leste e de possuir maior número de estudos disponíveis. Para a literatura tetunófono, seu histórico, análises, excertos e classificação, ver: Klinken (2000), Therik (2004), Esperança (2005), Gomes (2007) e Albuquerque (2011c).

⁵⁶ O nome *lia nain* também pode se referir aos próprios contadores de histórias, conforme será apontado mais adiante.

⁵⁷ Clamagirand (1972), pelo fato de seu trabalho ser de natureza antropológica, não identifica a língua do algodão, como uma língua ou registro especial, ou um tabu linguístico, sendo chamada pela autora apenas de ‘trabalho do algodão’ (fr. *Travail du coton*) ou ‘vocabulário do trabalho do algodão’ (fr. *Vocabulaire du travail du coton*). As atividades relacionadas ao algodão em que ela é usada são todas, desde sua colheita, tratamento, cardação e fiação até os processos de tecelagem, tintura, bordadura e ornamentação do tecido.

FOTO 12. Ministro da Agricultura e Pescas, Mariano Assanami Sabino (ao microfone), em reunião com os *lia nain* do distrito de Lautém (11 Out. 2010)

(Fonte: <http://timor-leste.gov.tl/?p=4034&n=1>)



FOTO 13. Reunião de *lia nain* no distrito de Viqueque (8 Ago. 2013). Foto do jornal *Suara Timor Lorosae*.

(Fonte: <http://jornal.suara-timor-lorosae.com/kultura-hatun-feto-foun-husi-nia-uma-lisan-ba-uma-lisan-mane-foun-2-remata/>)



Vale a pena apresentar algumas características de *lia tasi* e *lia nain*, já que serão exemplos recorrentes neste capítulo, antes de dar continuidade a análise aqui feita. Primeiramente, serão discutidas algumas características básicas de *lia tasi* para, em seguida, ser apresentada a *lia nain*. Especificamente, a *lia tasi* ‘língua do mar’ trata-se

de um registro utilizado na pesca da sociedade tetunófona rural. A atividade pesqueira é realizada em grupo nos pântanos e acredita-se que o uso deste registro protege os pescadores contra todos os tipos de males: ser atacado por crocodilos, ferir-se em pedras pontiagudas, perder-se do grupo, ou não conseguir uma boa pescaria. A estrutura da língua é a mesma quanto à fonologia e à morfossintaxe, já o léxico, porém, é o nível de análise que sofre alteração. Na *lia tasi* utiliza-se palavras do dia-a-dia com uma mudança semântica radical para se referir a termos pesqueiros. A tabela 1 abaixo apresenta alguns termos da *lia tasi*:

TABELA 1: Exemplos do tabu linguístico *lia tasi* (KLINKEN 2000, adaptado)

Termo do tabu	Significado do tabu	Significado comum
ai maran	lenha	madeira seca
asu	isca, rede de pesca	Cachorro
biku tahan	camarão	folha (de árvore)
hakraik oi	mergulhar	abaixar o rosto
haraik an	voltar para casa	abaixar-se, ser humilde
hibak	comer, beber	sair da frente de alguém
hoku	sentar, deitar	deitar de bruço (somente para animais)
kabelak	búfalo	objeto chato
kabuar	cavalo	círculo, objeto redondo
manas	água potável	Quente
mata meak	fogo	olho vermelho
metan	mulher, ausência de peixe	preto, escuro
silu ai maran	ir ao banheiro	quebrar galhos secos
tilun	mar	Orelha
usi mane	homem; crocodilo	homem nobre

O registro conhecido pela sociedade tetunófona como *lia nain* atualmente é usado somente por uma pequena parcela da população de algumas comunidades rurais que mantêm resquícios da organização social antiga dos timorenses, respeitando, assim, o sistema que separa os nobres, os chefes religiosos e os cidadãos comuns que interagem constantemente com os nobres. Esse registro é utilizado principalmente por pessoas de status social inferior para referirem-se às camadas mais altas da sociedade: nobres, sacerdotes, chefes e outras autoridades. Porém, com o passar do tempo, devido à atividade missionária, este registro passou a ser empregado em contextos religiosos e/ou ritualísticos (sermões, casamentos, enterros) de tradição católica e, posteriormente, se expandiu para situações formais em geral (reuniões, discursos, assuntos governamentais etc.). A estrutura de *lia nain* destaca-se por estar marcada por paralelismos sintáticos e,

consequentemente, pares sinonímicos, como no exemplo a seguir, que se trata do início de um poema sobre um homem que está preparando-se para a guerra (KLINKEN 2000):

1. Oras loro malirin Naha Bauk ni ama-n atu sai ba ledo,
tempo sol frio 3sgPOS pai-GEN IRR sair ir guerra
'À tarde, o pai de Naha Bauk estava indo (preparando-se) para a guerra,'

sai n-ahikus.

sair 3-último

'E saiu por último.'

2. Oras loro malirin Se'u Bauk ni ama-n atu sai ba funu,
tempo sol frio 3POS pai-GEN IRR sair ir inimigo
'À tarde, o pai de Se'u Bauk estava indo (de encontro) ao inimigo,'

sai n-ahikus;

sair 3-último

'E saiu (de encontro) por último.'

O léxico merece destaque também por apresentar um vocabulário especial repleto de respeito em relação ao outro (o nobre) e humildade em relação a si mesmo (cidadão comum). Há certos termos da *lia tasi* e da *lia nain* que convergem, como *hoku* 'deitar de bruço (somente para animais)', de acordo com a tabela 2 que segue:

TABELA 2: Exemplos da língua ritual *lia na'in* (KLINKEN 2000, adaptado)

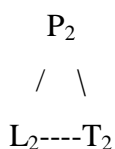
Termo em <i>lia na'in</i>	Significado em <i>lia na'in</i>	Significado comum
ha'u ata	eu (cidadão comum)	eu+servo/escravo
hanatar	descansar (cidadão comum)	descansar (somente para animais)
hoku	sentar, deitar (cidadão comum)	deitar de bruço (somente para animais)
neras	vestimenta (do cidadão comum)	vestimenta de bebês
simu seka	comer ou beber (cidadão comum sem o nobre)	receber sobras
tane lamak ba...	comer ou beber (com o nobre)	amparar uma carne para...
halolo knotak	deitar (para o nobre)	esticar a cintura
ha-sa'e an	morrer (o nobre)	fazer-se ascender
ha-todan an	sentar (para o nobre)	fazer peso em si mesmo
isi belu-n	vestimentas (do nobre)	corpo amigo-GEN

Desta maneira, após esclarecer as características básicas de *lia tasi* e *lia nain*, será finalizada a análise do cenário dos eventos de fala timorenses. O que pode se perceber é que essas formas de tratamento e registros especiais estavam ligadas a um cenário específico e bem definido na sociedade leste-timorense. Isso fez com que ao se perder tais registros, fossem alterados ou até se perdessem os cenários em que eles eram usados, e com eles todo o conhecimento tradicional e o processo de transmissão desse conhecimento também. Como foi apontado acima, algumas sociedades rurais mais remotas, atualmente, fazem uso desses registros especiais, porém é notável a perda do cenário nesses eventos de fala, já que no caso da *lia nain* há uma confusão, uma certa instabilidade, em seu uso ao determinar o momento certo em que deve ser empregado e a quais cidadãos devem ser referidos (cidadãos leste-timorenses comuns tentam se afirmar como nobres, enquanto antigos nobres não o são mais). Desta maneira, também se perderam algumas regras interacionais, afetando as interações comunicativas, já que diante das situações comunicacionais mencionadas o falante não sabe se comportar para melhor efetivar a interação comunicativa, ou seja, não sabe quais as regras sistêmicas dessas interações. Como exemplo, um cidadão leste-timorense diante de uma situação formal que deva se comunicar com uma autoridade política, policial ou jurídica não sabe como se comportar socialmente e linguisticamente, não sabendo quais formas de tratamento devem ser usadas (regras sistêmicas) e quais regras interacionais devem ser seguidas: deve-se olhar no olho ou isso é inapropriado para a situação; deve-se falar em

uma altura normal ou com a voz mais baixa; deve-se aproximar-se mais do ouvinte ou manter uma distância maior, e assim por diante. Toda essa confusão em relação ao uso das regras interacionais e sistêmicas é que causa uma alteração na noção de formalidade e informalidade, assim como gera situações de comunicação que causam desconforto no falante pelo fato de ele não estar acostumado ou não conhecer o cenário.

Sobre a ligação do cenário com o ecossistema linguístico mental vale a pena dizer algumas palavras sobre este ecossistema específico, que se baseia no EFL de Couto (2007), já mencionado em (3.3). A língua se encontra no cérebro de cada indivíduo por meio das inter-relações que ela estabelece dentro dele, sendo a mente nada mais do que o cérebro em funcionamento. Assim, a língua pode ser estudada como fenômeno mental (L_2 na figura abaixo), sendo P_2 a parte da mente do indivíduo que processa a língua e T_2 é o cérebro sendo encarado como entidade concreta, de acordo com a figura 8 (Couto 2013b, p. 299, adaptado):

FIGURA 8: Ecossistema Mental da Língua



Desta maneira, o meio ambiente mental da língua é onde ocorrem as interações mentais da aquisição, do armazenamento e do processamento da língua (COUTO 2013b, p.299). Como consequência da alteração do cenário, é possível citar que foi descontinuado o processamento da língua, assim como foram afetadas as interações mentais da aquisição, que serão analisadas no capítulo 6, e o armazenamento da língua, já que não foram transmitidos os registros especiais para outras gerações, nem as situações em que os falantes devem usá-los e como se comportar quando se faz necessário o uso na interação comunicativa de um desses registros.

O remetente (ing. *sender*) é a fonte da informação que geralmente é idêntica ao emissor, mas em situações especiais eles podem ser diferentes. Isso ocorreu principalmente durante a colonização, pois foi inserida uma série de fontes externas no ecossistema local de Timor, como o Deus cristão, os reis/imperadores europeus, o chefe/diretor de alguma instituição, assim como seus respectivos porta-vozes (embaixadores, conselheiros etc.). Desta maneira, fez-se necessário diferenciar esses

dois agentes nos eventos de fala, chegando a se criar novos eventos para inserir os dois, emissor e emissário, quando estes são distintos. Além do impacto de se criar novos eventos de fala para satisfazer a necessidade de comunicação com o colonizador, o processo de comunicação foi alterado, causando uma perda em certas crenças espirituais locais, já que os timorenses acreditavam que os emissores portadores de conhecimento e/ou informação eram os seres espirituais, principalmente os espíritos de seus ancestrais, e seus emissários eram os anciãos, que se comunicavam ritualisticamente com seus ancestrais. Com isso os anciãos perderam sua importância no ecossistema local, sendo desvalorizados socialmente e deixando de lado suas práticas religiosas, e os conhecimentos nativos também perderam seu valor, já que as fontes de conhecimento começaram a ser encaradas como externas ao país, localizadas em território e instituições europeus, chegando até o culto aos espíritos de seus antepassados, em alguns casos, ser descartados como paganismo ou crença sem valor. Atualmente, alguns anciãos leste-timorenses pregam que toda a pobreza e violência no país são originárias exatamente por causa da ausência, ou desvalorização, desses espíritos ancestrais, que se retiraram para locais remotos e não podem mais proteger o povo de Timor-Leste, como foi registrado por Traube (2007, p. 19), no Distrito de Aileu, região falante da língua Manbae, onde a população crê que a vulnerabilidade dos timorenses aos ataques indonésios, tanto em 1975 com a chegada deles, quanto em 1999 durante a retirada, pode ser vista como um indício do declínio do poder espiritual do povo desse distrito, e que tal enfraquecimento deu-se a partir da colonização, mas ocorreu com maior intensidade pelo fato de suas histórias sagradas terem sido compartilhadas com pessoas de fora, especialmente com a pesquisadora, Traube. Digno de nota é que esta prática continua até os dias atuais, já que a ONU (Organização das Nações Unidas) e o Banco Mundial são instituições que atuam no país auxiliando na administração governamental, na educação formal, entre outras áreas, fazendo com que a população continue pensando da mesma maneira e intensificando cada vez mais o impacto nos AICs tradicionais.

O emissor (ing. *addresser*) é a própria fonte da mensagem. Nas sociedades timorenses tradicionais, algumas variedades linguísticas e/ou alguns registros eram tratados como posse específica de grupo, fato comum em várias sociedades austronésias e papuásicas tradicionais. As formas de tratamento estão ligadas com essa propriedade linguística, já que em todas as sociedades, não apenas em sociedades nativas ou orientais, mas nas sociedades ocidentais também, os falantes possuem certas restrições linguísticas e não podem se referir a qualquer ouvinte com qualquer forma de

tratamento, ou seja, há certos grupos sociais que são donos de alguma língua, ou variedade, ou registro de língua⁵⁸. É possível citar novamente os exemplos das formas de tratamento (THOMAZ 2002, p. 115), que eram específicas de um grupo, os não nobres, para se referir a outro grupo específico, os nobres, e também de *lia tasi*, registro usado somente pelos pescadores, e *lia nain*, registro usado somente pelos contadores de história (KLINKEN 2000, THERIK 2004), além da ‘língua do algodão’ dos Ema, falantes de Kemak (CLAMAGIRAND 1972) (ver foto 14), citada anteriormente, e das línguas rituais do Fataluku e do Makassae (GOMES 1972, ENGELENHOVEN 2010b). Em todos esses casos citados, um grupo de pessoas era ‘dono’ da língua, que não pode ser usada pelos demais indivíduos da sociedade. A causa principal da mudança do conceito de emissor é que os colonizadores portugueses, e em menor escala a atividade missionária, não perceberam tais limites linguísticos em relação ao uso de certas variedades específicas, ou em alguns casos não aceitaram tais restrições, tentando acabar com essas propriedades de língua, que alguns grupos sociais de Timor possuem (ou possuíam), pelo fato de encará-las como símbolo de resistência ou desrespeito à autoridade da metrópole ou autoridade religiosa.

FOTO 14. Mulher trabalhando na tecelagem do *tais*, ornamento tradicional lestemorense feito a base de algodão. Foto de Gabriela Spaizmann.

(Fonte: <http://naraiz.wordpress.com/2012/04/13/mercado-de-tais-dili-timor-leste/>)



⁵⁸ Digno de nota é que mesmo quando um grupo se considere ‘dono’ de uma língua, variedade ou registro, na verdade ele se refere a uma maneira específica de se comunicar e, de certa forma, não está reificando a língua.

O impacto que ocorreu com a colonização portuguesa na sociedade timorense em relação aos ouvintes e receptores foi a inserção de intermediários e de diferentes destinos na mensagem, lembrando aqui que a distinção de ouvinte e receptor está relacionada com o emissor e remetente. Digno de nota é que a inserção de intermediários foi uma consequência da introdução de meios que tornaram a difusão de informação mais rápida e acessível, sendo primeiramente a escrita, o papel, a carta, registros e as documentações de vários tipos, e em tempos recentes os meios de comunicação em massa: o rádio, a televisão, o jornal, a telefonia, a internet, entre outros. Antigamente, em Timor e em outras sociedades tradicionais austronésias, a informação era restrita a alguns grupos sociais específicos, como curandeiros, anciãos, nobres, ou a alguma etnia dominante específica. Desta forma, tanto a transmissão ou obtenção de informação, como a inserção de um cidadão comum em uma dessas classes privilegiadas, requeria a passagem por um rito iniciático ou era transmitida via um tabu linguístico. Mühlhäusler (1996, p. 65) cita um caso que foi relatado por Franklin e Stefaniw (1992) no qual a acessibilidade à informação ameaçou um registro especial, usado somente para transitar em áreas perigosas no território Kewa. Na pesquisa conduzida em Timor-Leste pelo presente autor, foram encontrados os mesmos casos de ameaça aos registros e línguas especiais, porém foram registrados casos idiossincráticos, que exatamente foram as mudanças ocorridas nos AICs tanto na transmissão de informação, quanto nos ouvintes e receptores que acarretaram o surgimento de novas línguas e registros especiais, como forma de resistência, conforme será comentado abaixo a respeito das línguas rituais e do caso da língua Makuva. Em outras palavras, com a perda, ou redução do uso, de um tabu linguístico ou uma língua ritual muitas sociedades nativas leste-timorenses estão criando novas variedades rituais, ou tabus, para resistir ou proteger alguma língua ritual moribunda. Atualmente, este processo persiste, já que os meios de comunicação em massa continuam a ser utilizados pela população, tornando o fluxo de informações bem maior e mais rápido, assim como fazem com que as informações sejam acessíveis a todos os grupos indiscriminadamente, acabando com tabus ou qualquer tipo de restrição.

A finalidade dos eventos de fala é o parâmetro mais complexo para a análise, pois engloba uma série de características do ato comunicativo que estão relacionadas com o objetivo com que é usada a língua, além da comunicação. Mühlhäusler (1996, p.66) cita as seguintes: transmissão de informação, manutenção de práticas culturais,

controle social, tomadas de decisões em grupo e marcação de identidade. Em sociedades autóctones, como os povos nativos leste-timorenses, a transmissão de informação não é livre dentro da sociedade, mas é um privilégio de um grupo prestigiado (líderes, curandeiros, nobres etc.), fazendo o controle da transmissão de informação como uma ferramenta para o controle social e para a manutenção de práticas culturais. Com o advento da atividade missionária e da educação formal houve aqui também um impacto nestes eventos de fala o fluxo de informação mudou, não havendo mais restrições grupais/sociais, assim como os agentes transmissores das informações se modificaram dos líderes tribais para os padres e professores, no âmbito da igreja e da escola. Digo de nota é que a própria atividade de ensino e aprendizagem não era feita por meio da interação comunicativa em um ambiente específico, ou seja, não era feita por meio linguístico e na escola, mas pela observação e prática dos costumes e ofícios, e por meio da audição: ouvir os mitos e histórias contados pelos anciãos e aprender a interpretá-los por si só. Além disso, anciãos e contadores de história tinham uma posição privilegiada nas sociedades leste-timorenses tanto pelos seus respectivos papéis de transmissão de conhecimento, analisados nesta seção e na seguinte (4.4.2), como também por suas habilidades retóricas, que foram desvalorizadas por diversos fatores, já que era encarada como enganadora, pelos missionários católicos, e vista como desnecessária para se alcançar a informação e o conhecimento, pela educação formal, pois somente o conhecimento em língua portuguesa, língua do colonizador, é que possuía valor. Como consequência deste posicionamento, fica evidente que o status dos indivíduos multilíngues, antes prestigiados, também se perdeu. Em relação à língua sendo usada para a tomada de decisões, desde cedo, a atividade missionária em Timor, aliada à coroa portuguesa, procurou reduzir a importância desse evento de fala, considerando o nativo como um indivíduo infantil, ingênuo e incapaz de reger sua própria, sendo uma dádiva o missionário tomar decisões no lugar do nativo. Esse é o evento de fala que teve o maior impacto linguístico, já que ao tomar decisões pelo nativo, julgando-o incapaz, foram inseridas modificações artificiais no léxico e na gramática das línguas nativas. No léxico, ocorreu inserção de uma série de empréstimos nos campos semânticos tipicamente da cultura europeia da época: a religião e a burocracia administrativa. Castro (2012, p. 91), em um artigo de antropologia, analisa o conflito que há até a atualidade entre a religião católica, predominante em Timor-Leste, e as práticas animistas, chamando atenção que vários empréstimos do português foram inseridos em Tetun, como: *jentiu* ‘religião tradicional’, *kultura* ‘costume, práticas das religiões

tradicionais’, *katolik* ~ *katóliku*⁵⁹, *diabu* (em Fataluku *tijapu*) entre outros, às vezes sendo usados com outros significados, conforme apontado, para expressar conceitos do catolicismo, assim como lexemas tetunófonos foram reaproveitados, ganhando outros significados, também para a atividade missionária, como: *Maromak* ‘aquele que brilha < Deus-Sol nas religiões tradicionais’, *lulik* ‘sagrado < objetos sagrados das casas tradicionais’ (em Fataluku *tei*), *buan* ‘diabo < bruxa’, *halo lia* ‘ritual, fazer/ praticar um ritual tradicional < *halo* ‘fazer’ + *lia* ‘língua’’, principalmente nas traduções da bíblia, catecismos, orações católicas etc., conforme Rosa (2012, p. 23) estudou para o Tetun e o Fataluku a função das traduções na atividade missionária em Timor-Leste. Digno de nota é que essas formas foram registradas nos primeiros dicionários da língua Tetun (SILVA 1889, DORES 1907). Na gramática, as línguas locais leste-timorenses apresentam uma sintaxe paratática, com pouco uso de conectivos em geral, fazendo com que os missionários inserissem construções fraseológicas artificiais repletas de preposições e conjunções tanto do Tetun como do português. Vários exemplos podem ser extraídos do dicionário português-Tetun de Silva (1889), tanto dos verbetes, como: *âmbula* que é definida como *botil oan atu rai mina sarani* ‘pequena garrafa para despejar o óleo cristão’; calvário *foho neebe Jesus Christo mate duni tanba ema* ‘montanha em que Jesus Cristo foi morto pelas pessoas’, quanto do próprio esboço gramatical do Tetun, que Silva (1889, p.11) elabora na introdução de seu dicionário, tentando analisar a língua Tetun na tradição gramatical clássica, seguindo a gramática da língua portuguesa, assim é possível encontrar construções artificiais como os pronomes oblíquos, que na verdade são inexistentes em Tetun: *me*, a mim, para mim > *iha hau, hau, mai hau*; *lhe*, a ele, a ela > *ba nia, iha nia*. Em relação à marcação e formação da identidade, Laycock (2001) já havia afirmado que a multiplicidade linguística e dialetal, em regiões como a do Pacífico, é um índice de identidade, pois por meio das línguas e variedades linguísticas faladas cada indivíduo é identificado como fazendo parte de um grupo social ou de outro. Com o impacto da atividade missionária, da colonização, do ensino formal e do letramento há um declínio de variedades não prestigiadas (MÜHLHÄUSLER 1996, p. 68), já que os falantes acabam por optar pelo uso de línguas prestigiadas em diferentes sociedades e não somente na sua comunidade local, assim foram alteradas as relações de socialização com base na língua (rituais, orações, narrativas, cortejos etc.) e a própria estrutura tradicional dos casamentos que

⁵⁹ O lexema *katolik* trata-se de um empréstimo do malaio *agaman katolik* ‘religião católica’, enquanto seu correlato *katóliku* é o empréstimo lusófono.

são baseadas nas casas sagradas (fotos 15-17), que vem sendo estudada por vários antropólogos, como: Clamagirand (1980) para o povo Ema, falante de Kemak; Forman (1980) para o Makasae; Traube (1986) para o Manbae; Fox (1996) oferece um panorama do sistema de casamento de vários povos leste-timorenses; Hicks (2004) para os povos tetunófonos⁶⁰.

FOTO 15. Casa sagrada da região de Aileu, falante de Manbae.

(Fonte: Araújo 2010, Anexo, p. 10)



FOTO 16. Casa sagrada no distrito de Lautém, falante de Fataluku. ©

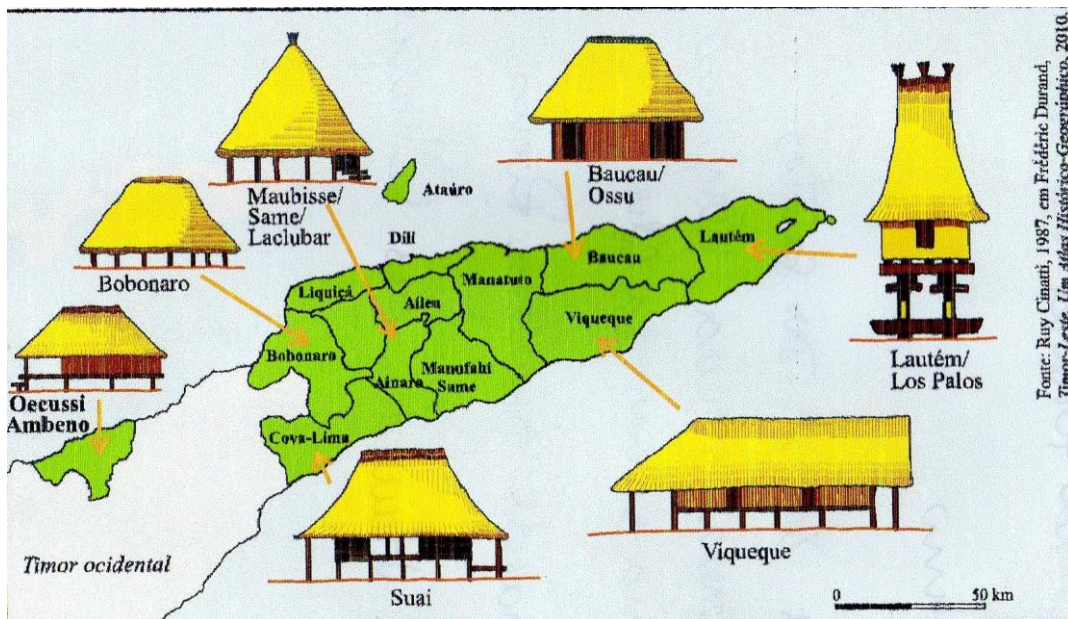
Foto de Jerome Alano.

(Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/56467463>)

⁶⁰ Apesar de apresentar certas variações, as características em comum dos povos de Timor-Leste em relação a sua organização social e o sistema tradicional de casamento são as que seguem: há uma restrição de clãs em que alguns são reconhecidos como doadores de esposas e outros como recebedores de esposas; essas restrições de clãs têm suas raízes nas narrativas mitológicas orais que tratam das origens dos povos nativos leste-timorenses; nos dias atuais a organização social é baseada em casas sagradas com cada uma das delas correspondendo a um dos clãs.



Foto 17. Esquema das casas sagradas nas diferentes regiões de Timor-Leste
(Fonte: DURAND, Frederic. *Timor-Leste, Um País no Cruzamento da Ásia e do Pacífico, Um atlas histórico-geográfico*. Lisboa: Edições Lidel, 2010)



A maneira (ing. *key*) é um parâmetro que se preocupa com o tom, o modo e o estilo dos eventos de fala Mühlhäusler (1996, p.68). As maneiras dos eventos de fala foram alteradas principalmente pela atividade missionária por meio das traduções bíblicas, que acabaram por inserir um padrão ortográfico em línguas ágrafas, e na alteração da literatura oral e dos diálogos nativos, já que houve uma preocupação da

moral cristão em reduzir ou acabar com: as práticas rituais em geral (que envolviam sacrifício, consumo de substâncias entorpecentes, práticas de transe, invocação de espíritos dos antepassados etc.), como no caso da série de rituais que envolvem a semeadura do milho que envolve benção das ferramentas e da terra, rezas que evocam o espírito dos antepassados e o espírito do milho e o sacrifício de uma galinha (fotos 18-21); gêneros textuais tradicionais que possuíam linguagem obscena e blasfêmias, como *hola ai fuan*, ritual geralmente xamanístico em que se busca uma resposta para a causa de algum mal; *matabian sa'e*, também com características ritualísticas, esse gênero se caracteriza por uma pessoa em estado de transe se comunicar com um indivíduo morto recentemente; as adivinhas, chamadas de *ai hahi'it* ou *ai sasi'ik* (KLINKEN 2000), que possuem funções de divertimento entre amigos, são simples adivinhas em que um indivíduo se identifica como o objeto a ser adivinhado e narra algumas características de si próprio, como se fosse o objeto, e outro indivíduo tenta acertar, semelhante às adivinhas 'o que é, o que é' em português; as metáforas nativas, que são tipicamente duais, relacionadas à natureza (dia e noite, calor e frio, seca e chuva, nascimento e morte, novo e velho, homem e mulher) e a conceitos metafísicos (bem e mal, físico e espiritual), e encaradas como um eterno equilíbrio entre positivo e o negativo⁶¹; os tabus, além dos tabus linguísticos citados, há também tabus em relação a fazer algumas atividades fora do período determinado, como: comer certos alimentos, ter atividade sexual, casar, entre outros⁶²; e os honoríficos, como os usados para se referir aos nobres, já mencionados.

FOTO 18. Preparação dos *ai suak*, ferramenta de agrícola. 2005

(Fonte: Sousa 2010, p. 244)

⁶¹ Este eterno equilíbrio entre os aspectos positivos e negativos da existência, ou seja, a eterna luta entre o bem e o mal, é visto pela atividade missionária como algo pecaminoso, já que este equilíbrio entre bem e mal é a base da filosofia maniqueísta, corrente do gnosticismo fundada por Maniqueu, e que pregava uma cosmologia dual. Assim, logo nos séculos iniciais, o cristianismo e a filosofia cristã se depararam com esse problema, sobre a causa e a explicação do mal, que foi resolvido somente por Santo Agostinho, em sua obra *A cidade de Deus* (AGOSTINHO 2009), ao propor a premissa de que o mal é a perda do ser e, por isso, não tem causa e se caracteriza apenas como ausência do bem. Assim, os leste-timorenses ao organizarem sua sociedade e sua religião em torno do equilíbrio do bem e do mal vai de encontro aos ensinamentos do catolicismo.

⁶² Caso alguma dessas, e outras atividades, sejam feitas fora do período designado a ela, como, por exemplo, ter relações sexuais fora do período correto, os leste-timorenses acreditam que males da natureza, como ventanias ou tempestades, assolarão toda a comunidade, prejudicando a saúde dos indivíduos e suas colheitas.



FOTO 19. Ritual chamado de *oto koin* para preparar a terra a ser plantada. 2005.

(Fonte: Sousa 2010, p. 244)



FOTO 20. Ritual *bin gabalas no umon* para benzer as sementes do milho e evocar seu espírito. 2005.

Fonte: (Sousa 2010, p. 246)



FOTO 21. Ritual *pa'ol gota* de sementeira do milho feito com rezas, seguido pelo sacrifício de uma galinha, 2005

Fonte: (Sousa 2010, p. 246)



Finalmente, as formas de fala consistem em variedades utilizadas para se referir a grupos específicos, como o *baby talk*, algum tipo de linguagem familiar, ou variedades empregadas por um certo grupo social, como língua de caçadores, de pescadores, de mulheres (MÜHLHÄUSLER 1996, p.71). Em Timor-Leste, foi possível perceber a perda nas línguas dos pescadores e dos nobres, *lia tasi* (ver fotos 23 e 24 da atividade pesqueira tradicional em Timor-Leste) e *lia nain*, respectivamente, pelo fato

de ambas estarem bem documentadas tanto por linguistas, como por antropólogos, assim como a redução da ‘língua do algodão’ e das várias línguas rituais existentes. Porém, com as mudanças sociais, religiosas e culturais que ocorreram com a colonização portuguesa, acredita-se que as línguas ou variedades xamanísticas e as línguas familiares foram profundamente alteradas ou se perderam por diversos fatores. As línguas xamanísticas sofreram alterações principalmente com a introdução do cristianismo e da medicina ocidental, com médicos, hospitais, remédios industrializados, entre outros. Novamente, aqui podem ser citadas as línguas rituais dos Fataluku e Makassae, apontadas por Gomes (1972), assim como alguns rituais descritos nas entradas do dicionário Fataluku de Náchér (2012), os rituais Bunak, descritos por Sousa (2010), porém nestas publicações ainda se encontram alguns usos das línguas rituais, já que foram investigadas comunidades isoladas de Timor-Leste. Já as línguas familiares sofreram com as práticas católicas, que acabaram por alterar as os sistemas tradicionais de casamento, baseados em clãs e casas sagradas, e as próprias relações nativas de parentesco. Contudo, não há dados linguísticos a respeito, com a maioria das referências a essas variedades sendo de trabalhos de campo de antropólogos.

FOTO 22. Barco tradicional de pescadores leste-timorenses

(Fonte: <http://paginaglobal.blogspot.com.br/2011/09/atividade-piscatoria-ilegal-prejudica.html>)



FOTO 23. Grupo de pescadores numa embarcação tradicional preparando as redes para se lançarem ao mar. C. 1974. ©

DRT-Documentos Resistência Timorense/ Ramos-Horta

(Fonte:

http://amrtimor.org/multimedia/multimedia_foto_individual.php?foto=05734.004.018)



4.4.2 Adaptações nas situações de fala

A listagem das situações de fala que sofreram alterações com o advento da colonização europeia foi retirada de Mühlhäusler (1996, p.51) que, conforme dito anteriormente, analisa o impacto da colonização inglesa na ecologia das sociedades do Pacífico. Baseando-se nessa listagem de Mühlhäusler (1996), no processo de coleta de dados e das viagens/observações em campo, as situações de fala que a presença portuguesa alterou foram as seguintes: a introdução de novas espécies de plantas, animais e doenças; o desaparecimento da flora e fauna locais; a inserção de novas bebidas e drogas, além das doenças; fluxo migratório adicional de grupos além do colonizador português que também afetaram a população local; a substituição rápida da cultura local pré-existente pela cultura ocidental; destruição de algumas redes de comunicações existentes; destruição de parte da cultura espiritual; mudanças no fluxo de informação social, de sociedade de baixa informação para sociedades de alta informação; desenvolvimento de identidade nacional.

A introdução de novas plantas e animais ocorreu na ilha de Timor desde tempos pré-históricos. De acordo com Cowie (2006, p. 4), Timor está localizado em uma área biogeográfica que apresenta espécies endêmicas da Malesia Central, uma zona de transição entre as florestas tropicais de Sunda e a península malaia, e da Placa de Sahul,

na Papua Nova Guiné (VAN WELZEN, SLIK e ALAHUHTA 2005). Um caso digno de nota foi a introdução de um marsupial, semelhante ao gambá, conhecido como *cuscus*, cerca de 9.000 A.P., originário do nordeste da Papua (LAPE, O'CONNOR e BURNINGHAM 2007) e atualmente extinto. Assim, é possível afirmar que os colonizadores portugueses deram apenas continuidade ao processo histórico e de contato ao inserirem novas espécies e seus respectivos nomes, ou seja, aqui o impacto foi menor. Nas línguas locais, como o Tetun, há diversos empréstimos, como: *agriaun* 'agrião', *ai kanela* 'canela', *ai nanás* 'abacaxi, ananás', *ervilya* 'ervilha', para flora; *liaun* 'leão', *elefante* 'elefante', *kuda kamelu* 'camelo', *koelyu* 'coelho', para fauna.

O desaparecimento da flora e fauna nativas ocorreu principalmente por causa do extrativismo vegetal, e da instalação e expansão de centros urbanos, causando um deslocamento ou a disseminação de ecossistemas inteiros. Atualmente, há exemplos de áreas urbanizadas, como Dili, a capital, falante de Tetun, e Laleia, distrito falante da língua Galolen, em que o povo que a habita se orgulha de ser urbanizado e de ter abandonado seus conhecimentos tradicionais (práticas animistas e conhecimentos da fauna, flora, medicina tradicional etc.), afirmando que isso é coisa típica de povoados rurais, conforme foi atestado pelo pesquisador *in loco*, para Dili, e por Traube (1986, p. xi). Essa distinção entre o urbano e o rural para o povo leste-timorense é importante e há uma forte tendência cultural, que reflete nas línguas, de considerar o urbanizado como positivo e o rural como negativo, conforme Albuquerque (2011c, p. 5) atesta, tanto com exemplos do Tetun como do Manbae:

Na sociedade leste-timorense, a importância de separar povos mais urbanizados daqueles tradicionais é tamanha que apresenta reflexos linguísticos importantes. Há vários lexemas para se referir aos povos tradicionais, assim como separar um do outro. Entre eles: o lexema *kaladi* 'habitante nativo da parte ocidental de Timor Leste' também possui um significado pejorativo sendo usado para se referir aos povos tradicionais como 'atrasados', esse lexema é empregado em várias línguas; o mesmo é válido para o empréstimo lusófono *atrazadu* 'retrógrado, campestre, rural' que também é falado pelos habitantes leste-timorenses; na língua Manbae, há o lexema *kair* 'plantar, semear' que recebe um sufixo nominalizador *kair-a* 'aquele que trabalha no campo', significando também 'caipira'.

Apenas mais um exemplo, uma breve análise nos primeiros dicionários da língua Tetun Silva (1889) e Dores (1907), sendo ambos elaborados no século XIX, revelam mais de 200 nomes para flora e um pouco mais de 140 nomes de fauna, sem contar os empréstimos lusófonos. Os dicionários recentes listam cerca de 100 nomes de flora e menos de 50 da fauna, incluindo os empréstimos. Isso revela que em um intervalo de cerca de um século, o cidadão leste-timorense das zonas urbanas perdeu mais da metade de seu conhecimento etnobotânico e etnozoológico, além das práticas ritualísticas, animistas, entre outras que não podem ser contabilizadas. Aqui é possível perceber um forte impacto da colonização portuguesa sobre as espécies biológicas e os conhecimentos étnicos. O único ponto positivo é que muito conhecimento nativo leste-timorense ainda é mantido exatamente entre os povos que vivem em regiões rurais e chamadas de mais isoladas. Esse conhecimento obviamente está refletido também nas línguas faladas por esses povos, como em Lakalei e Idaté, estudadas por Collins (2005), que possuem conhecimento etnobotânico e etnomedicinal rico com mais de 100 espécies da flora de seus territórios sendo utilizadas como alimento, remédio, matéria prima e em rituais. Durante esse processo de perda de conhecimento nativo, parece que os membros de algumas comunidades tornaram-se preocupados e elaboraram formas para proteger seus respectivos conhecimentos culturais. Em Timor-Leste, há na língua Tetun, segundo Klinken (2000) e Therik (2004) casos de tabus linguísticos, como o *lia tasi* ‘língua do mar’ (língua usada especialmente pelos pescadores em suas atividades pesqueiras) e registros especiais, como *lia nain* ‘língua nobre’ (registro usado pelos contadores de história ou também para se referir de maneira foral a algum nobre), e o povo makuvo que considera sua língua, o Makuva, como um tabu linguístico, que é para ser escondido de qualquer povo estrangeiro (HULL e BRANCO 2002/2003, p. 112), assim como passou a ser uma língua escondida na sociedade de Tutuala (extremo leste de Timor-Leste), a fim de protegê-la, passando a ser uma língua ritual, usada somente por idosos iniciados e aptos para conduzir rituais específicos nessa sociedade (ENGELLENHOVEN 2010a, p. 178).

A colonização portuguesa acabou por causar um fluxo migratório adicional de grupos que afetaram a população local, além do próprio colonizador português. Ocorreram migrações das colônias portuguesas asiáticas próximas a Timor, principalmente Índia, Malaca, Flores e Macau, e um pequeno fluxo de africanos, de Cabo Verde e Moçambique (THOMAZ 1976). Essas populações oriundas de diferentes locais formaram em Timor classes distintas de mestiços, que acabaram por cultivar

alguns traços culturais e linguísticos próprios. A mais importante foi a classe de mestiços portugueses originários de Larantuka, em Flores, que, em 1769, tiveram um papel fundamental na fundação da atual capital, Dili (BAXTER 1996). Já os indo-portugueses registrados nos documentos da administração portuguesa de Timor eram conhecidos como *fondù*, mestiços indo-portugueses que participaram de revoltas no Estado da Índia e foram deportados para Timor, como forma de punição (SÁ 1961, p. 215). Sobre a migração africana, esta foi mínima e não chegou a influenciar a sociedade timorense, já que Thomaz (1976) estima que o número ficou entre 10 e 20, ou seja, uma quantidade irrisória de fluxo populacional. De maneira diferente, a presença chinesa em Timor é notável, documentada desde o século XIII, conforme será apresentado mais adiante, foi encerrada no século XV, por causa do fechamento dos portos chineses, para ser provavelmente retomada no século seguinte, século XVI, por causa do “afrouxamento da vigilância da China” (THOMAZ 2002, p. 157), sendo documentada pelos portugueses no século XVIII e ocorrendo um crescimento no século XIX. No período anterior à invasão indonésia, estimava-se que existia uma população de cerca de 25.000 chineses em Timor-Leste com direitos à escola chinesa, a praticar sua religião budista e a frequentar os templos budistas construídos⁶³, entre outros. Digno de nota é que a maioria dos chineses em Timor é de etnia Hakka, sendo apenas uma pequena parte originária de Macau. Atualmente, os chineses em Timor-Leste dedicam-se à atividade comercial, sendo donos de grande parte dos estabelecimentos comerciais do país, e a população Hakka estabelecida na ilha é reconhecida como portadora de uma identidade cultural própria (diferente tanto dos Hakka e como dos leste-timorenses), chegando a falar uma variedade leste-timorense da língua Hakka. Esta etnia não chegou a influenciar as línguas locais pelo caráter recluso de sua comunidade, que optou por se fechar, manter suas tradições e evitar o contato com a população local.

Entre os traços linguísticos, é possível encontrar vários empréstimos do malaio, alguns empréstimos do Crioulo Português de Malaca (CPMal) e do Crioulo Português de Macau (CPMac), e um número reduzido de empréstimos de origem africana e indiana, tanto no PTL como nas línguas locais: *kasimbu* ‘cachimbo’ (< Kimbundo *ka-humbu*), *maninga* ‘magia’ (< Mandinka ou Ndongo *mànyíngà* ‘sangue’), *mainato* ‘servo’ (< Malayalam *mannattan* ‘classe de servos lavadores’, via Indo-Português), *kanuru* ‘colher’ (< provavelmente Tamil *karaṇṭiyil*, via Indo-Português *kujera*).

⁶³ Os chineses de origem Hakka são praticantes do Budismo Mahayana. Uma pequena parte da população é taoísta, confucionista ou animista.

A inserção de novas doenças, bebidas e drogas em Timor, de maneira distinta ao que geralmente é assumido, não causou a extinção dos povos locais. Isso se deu por vários motivos, sendo o principal o mesmo já reiterado nesta seção: há evidências históricas de contatos prévios dos povos timorenses com demais povos: comerciantes malaios, no século XV, e viajantes chineses, no século XIII. As descrições chinesas das viagens feitas a Timor foram estudadas e traduzidas por Eccles (2004) e Ptak (1983), sendo que foram atestadas doenças já nessa época. O documento chinês elaborado por Wang Dayu, chamado *Registro sucinto das nações insulares*, que data de 1349, contém a seguinte passagem sobre as doenças em Timor (ECCLES 2004, p.180)⁶⁴:

Those arriving there catch disease, and many die. If they are to avoid this, they must remain within the confines of their ships. If one is exposed to the wind and rain, one contracts disease and develops a high temperature. It is called *yinyang jiaojiao* and leads to inevitable death.⁶⁵

Este tipo de doença matou centenas de chineses que navegaram e que praticaram comércio nos mares de Timor. Os sintomas eram descritos como febre intensa, tremores e fraqueza. No século XVII, em 1617, Zhang Xie em sua obra *Investigações nos oceanos orientais e ocidentais*, apresenta uma informação contraditória ao afirmar que “O clima é úmido, porém é fresco e não causa doenças. (...) É difícil evitar pegar malária” (ECCLES 2004, p. 182)⁶⁶. Porém tal informação serve apenas como mais um dado a favor do que vem sendo apresentado aqui. Sobre a temática de drogas e bebidas, estas também já tinham sido inseridas em Timor em um período anterior à chegada dos portugueses, provavelmente pelos mesmos comerciantes malaios e chineses. Em outros registros chineses que datam do século XIII, desta vez de Zhao Rugua, intitulado *Registros das várias nações estrangeiras*, Eccles (2004, p. 181) traduz as seguintes passagens que são esclarecedoras:

⁶⁴ Nos exemplos seguintes as traduções do original chinês para o inglês foram feitas por Eccles (2004) e se encontram nesta mesma publicação do autor. Foram reproduzidas aqui estas traduções de Eccles com a respectiva tradução para o português feita pelo autor da presente tese.

⁶⁵ “Os que chegam lá adoecem e muitos morrem. Se pretendem evitar isso devem permanecer em confinamento em seus navios. Se alguém é exposto a vento e chuva contrai a doença e começa a ficar febril. Chama-se esta doença de *yinyang jiaojiao* e leva inevitavelmente à morte”.

⁶⁶ Traduzido de Eccles (2004, p.182) em inglês: *The climate is steamy, but is fresh and does not cause illness. (...) It is hard to avoid catching malaria.*

They mix a drug in with sugar cane and ferment it to make a wine. (...)
There is also the weiba tree, whose centre they cut open to extract the juice,
and wine can be made of this also.⁶⁷

Há também nas línguas locais leste-timorenses, como o Tetun, vários empréstimos que podem ser datados de antes da colonização portuguesa, como: *arak* ‘bebida fermentada’ (< Árabe *ʔaraq* ‘bebida forte’), *kafee* ‘café’ (< Árabe *qahwa*) e *afian* ‘ópio’ (< Persa *afiun*). É interessante notar aqui, que em relação a doenças e bebidas, os cidadãos timorenses já as possuíam em sua sociedade, adotando somente algumas estrangeiras, porém mais notável ainda é que as doenças não foram trazidas à ilha pelos estrangeiros, como geralmente acontece, mas o contrário, conforme apontado nos documentos acima, os estrangeiros é que ao chegarem a Timor, ficavam doentes e também encontraram bebidas nativas.

A cultura material timorense sofreu grande impacto, sendo rapidamente substituída pelas culturas estrangeiras, principalmente pela cultura malaia e pela cultura ocidental, representada especialmente pelos portugueses. Isso ocorreu pelo fato de que a cultura material timorense era baseada em atividades de subsistência, e a partir do momento que foram apresentados itens de outras culturas, com ênfase em atividades comerciais e mercantilistas, a população provavelmente viu-se seduzida por tais tecnologias exteriores à comunidade. Há registros mais antigos de palavras introduzidas no Tetun pertencentes a campos semânticos, como militarismo, alimentação, religião, vestuário etc. seguem alguns exemplos: *soldadu* ‘soldado’, *guarda* ‘guarda’, *eskudu* ‘escudo’, *samurai* ‘espada’ (< japonês *samurai* ‘guerreiro’, via português). Atualmente, os dicionários do Tetun moderno (COSTA 2000, HULL 2002b, INL 2003, CORREIA *et al.* 2005), que incluem os empréstimos lusófonos recentes, listam mais de 6000 empréstimos lusófonos referentes aos campos semânticos jurídico, técnico-científico, administrativo, tecnológico etc. Seguem alguns exemplos extraídos de INL (2003):

3. advérbiu, advogadu, aeroportu, akademia, akadémiku, akesedór, benefisiáriu, benefísiu, burgezia, burokrasia, burokrata, burokrátiku, demokrasia, demokrátiku, demokratiza, demokratizasaun, dentál, dentista, departamentu,

⁶⁷ “Eles misturam uma droga à cana de açúcar e fermentam-na para fazer um vinho. (...) Há também a árvore *weiba* cujo centro eles abrem para extrair uma seiva, e um vinho também pode ser feito disso”. O lexema em chinês *weiba* é uma provável adaptação do malaio *nipah*, que se refere a pequenas palmeiras dessa região da Ásia. Na biologia, o mesmo lexema, *nipa*, é usado cientificamente para se referir ao gênero dessas palmeiras.

edifísiu, edisaun, editoríal, edukadu, edukativu, fábrica, fabrikante, farda, farmaséutiku, farmásia, gramátika, grampeadór, grampu, granada, granitu etc.

Porém, este impacto na cultura material timorense não foi feita unicamente pelo colonizador português, já que há uma série de empréstimos vindos do contato com os comerciantes malaios no século XV: *tentara* ‘exército’ (< Sânscrito *tantra*, via malaio *tentara*), *baliun* ‘machado’ (< Tagalog *palakol*, via malaio *beliung*), *bikan* ‘prato’ (< Persa *pingān*) e *ai dona* ‘burduna’ (< malaio *bunga*)⁶⁸.

As redes de comunicação existentes na sociedade timorense foram destruídas, mas, conforme foi apontado anteriormente, a extensão exata e a atuação específica dessas redes são impossíveis de serem reconstruídas. O que pode ser dito a respeito de tal destruição foi a inserção de ideologias europeias, portuguesas e holandesas, com interesse de dominação e de colonização, alterando as organizações sociais locais, seus territórios e reinos, além de que todo o processo de comunicação verticalmente orientado existente (forma de se referir às diferentes classes da nobreza, a relação entre servo e senhor, cidadão e Estado, entre outras) foi alterado, como o caso da *lia nain* e das formas de tratamento em Tetun, já citada anteriormente (THOMAZ 2002, p. 115), sendo parcialmente extinta, e o que restou foi modificado e caiu em desuso. O que causou a alteração neste processo de comunicação foi a inserção de novos elementos na hierarquia social timorense, como a presença de governadores, administradores e a referência à monarquia, todos de origem portuguesa. Isso fez com que vários nobres perdessem o poder, desfazendo totalmente os sistemas de alianças mencionados acima, assim como o sistema de clãs que paulatinamente desfeitos tanto pela administração portuguesa, quanto desencorajado pela presença católica.

Sobre a destruição da cultura espiritual timorense, é possível afirmar que somente aconteceu de maneira parcial por diversos motivos, entre eles: as crenças animistas permanecem nos povoados das zonas rurais e nas regiões mais isoladas do país; alguns dos ensinamentos cristãos estão em consonância com as crenças animistas locais; os timorenses temem ser punidos pela natureza ao abandonar certas tradições. As características principais da religião nativa leste-timorenses são as seguintes: os rituais são fundamentais para a manutenção da vida da comunidade (FOX 1980), caso eles não sejam feitos ou realizados de maneira inapropriada, a comunidade sofrerá com diversos

⁶⁸ Para uma lista completa dos empréstimos do malaio durante o século XV nas línguas locais leste-timorenses, especialmente no Tetun, ver Hull (2005). Em Thomaz (1995) e Albuquerque (2011b), há uma análise dos empréstimos existentes no PTL, assim como no capítulo seguinte, capítulo 5, na seção (5.4).

males naturais (tempestades, ventanias, secas etc.); os rituais são feitos para aplacar as forças diádicas do universo (bom x mal, dia x noite, vida x morte etc.), já que a própria organização social é diádica, com diferentes funções para o homem e a mulher, o adulto e a criança, e assim por diante. Conforme as várias comunidades leste-timorenses estudadas por antropólogos, como os Fataluku (GOMES 1972), os Kemak (CLAMAGIRAND 1980), os Makasae (FORMAN 1980), os Manbae (TRAUBE 1986), os falantes de Tetun nativos (HICKS 2004) e os Bunak (SOUSA 2010), os rituais possuem funções sociais e culturais semelhantes em todas elas, assim como a visão de mundo dual dessas sociedades é a mesma. Desta maneira, os rituais realizados também abordam a visão dual do mundo, sendo classificados em rituais de vida e de morte, relacionados aos mesmos acontecimentos da vida social ou da vida do indivíduo, são os seguintes rituais: os que marcam a passagem para a vida adulta; os relacionados à casa sagrada; de casamento; de gravidez; de morte e funerários; de cura; de sementeira; de colheita; de agradecimento aos alimentos colhidos. Assim, a religião tradicional dos leste-timorenses não foi abandonada por eles pelo fato de estar relacionada à organização social da comunidade e por temerem as punições das forças da natureza. Atualmente, a maior parte da população leste-timorense é católica, e os cidadãos do país consideram publicamente a religião católica como a única crença genuína que faz parte da tradição cultural deles, sendo que o argumento usado pela população para justificar essa crença é a profundidade histórica, afirmando que a presença dos portugueses e dos missionários católicos em território timorense é de séculos anteriores. Digno de nota é que a religião católica e a religião tradicional existem em uma constante tensão na maioria das comunidades de Timor-Leste, já que, segundo Castro (2012, p. 89), o sincretismo religioso no país ocorreu somente em alguns locais específicos e com um culto específico, como o do *Hoho-hulu*, em Aileu, comunidade falante de Manbae (Traube 2007). Há também algumas exceções em que certas comunidades estão localizadas em regiões extremamente isoladas as quais não possuem a presença católica. Porém, em grande parte do país convivem a religião católica e a religião tradicional e o sincretismo não ocorreu exatamente pela divisão dual que os missionários fizeram, desde os primeiros contatos na ilha, entre o *jentiul kultura* (a grafia desta maneira é realizada nas línguas nativas para estes empréstimos lusófonos) e o catolicismo (Castro 2012, p. 91). Até mesmo no caso do lexema *Maromak* ‘aquele que ilumina’ é encarado de maneira dupla pelos timorenses, fazendo referência ao Deus católico e ao deus-sol da religião tradicional.

As mudanças no fluxo de informação social de sociedade de baixa informação, típico de sociedades autóctones, para sociedade de alta informação, característica da cultura ocidental, provavelmente foi a situação de fala que mais teve impacto sobre o povo leste-timorense, ao lado do letramento, que será discutido em (4.4). O conhecimento tradicional na sociedade timorense era transmitido dos mais velhos, geralmente idosos com posições sociais de prestígio, como os contadores de histórias, chamados de *lia-nain*, curandeiros, conhecidos como *matan-dook* e rezadores (autoridades religiosas nativas), reconhecidos como *kukun*, para os mais novos⁶⁹. Com essas mudanças, o conhecimento nativo, carregado pelas gerações mais velhas, é considerado ultrapassado e inútil pelas gerações mais novas. Conseqüentemente, outra mudança importante, mas de impacto negativo, é que a reputação e posição sociais desses idosos foram denegridas, quase não havendo um lugar específico para eles na sociedade leste-timorense dos dias de hoje. Outra consequência perniciosa é perda de uma gama de conhecimentos tradicionais com a morte desses leste-timorenses idosos sem que os tenham transmitidos para nenhum indivíduo da geração mais nova, conforme já foi apontado anteriormente em (4.4.1).

O desenvolvimento de uma identidade nacional pelos leste-timorenses teve aspectos positivos e negativos para a sociedade. Os benefícios foram: a união entre povos distintos que habitavam o território do país, às vezes pertencentes até a etnias diversas, cessando guerras e antigas disputas entre esses povos; a conquista de uma nação com seu respectivo território, forma de governo etc. para todo o povo de Timor-Leste; a ausência de dominações e disputas de poder a nível étnico, refletindo-se até na política linguística, que optou por elevar o Tetun Prasa, língua franca de grande parte da ilha de Timor, como língua oficial e símbolo da identidade e unidade nacionais, sem beneficiar nenhuma etnia específica⁷⁰. Os malefícios, porém, foram vários também, entre eles: a luta ideológica na adoção de uma língua internacional e que seja oficial do país, já que foram adotados português, como língua oficial, e inglês e indonésio, como

⁶⁹ Os povos de Timor-Leste possuem semelhanças na organização e classes sociais, existindo nos vários povos do país: curandeiros, xamãs, contadores de história, chefes religiosos etc. Mesmo com a mudança de nomenclatura, como em Bunak que possui os chefes anciãos e religiosos *matas* e *bei*, assim como os contadores de história *lal gomo* (SOUSA 2010, p. 131), ou os Fataluku que possuem os *navaranu*, que são portadores do saber e que conduzem os rituais, *lafitsuru*, feiticeiro e xamã, e *inaharanu*, profeta (GOMES 1972, p. 52), a função social desses indivíduos nas diversas comunidades é parecida.

⁷⁰ Apesar de existirem povos falantes de Tetun como L1, como já foi visto no início deste capítulo, estes falam outras variedades da língua, enquanto o Tetun Prasa é a língua franca falada pelas diferentes etnias do território leste-timorense, provavelmente desde o século XV (ALBUQUERQUE 2009, THOMAZ 2002), sendo L1 somente dos cidadãos nativos da capital, Dili.

línguas de trabalho; essa decisão serviu apenas como um paliativo para acalmar os ânimos, dando espaço para todos os grupos interessados na política linguística do país; como Timor-Leste é um estado recente, formado em 2002, a instabilidade política permanece, com a presença de diversas entidades internacionais, destacando-se a ONU, para a manutenção do sistema democrático e sua administração; a corrupção nos órgãos administrativos vem causando notável insatisfação na população, além da extrema pobreza; a parcela da população que permanece autóctone é extremamente excluída de qualquer processo e decisão políticas.

4.5 A ecologia da escrita e do letramento em sociedades ágrafas

O impacto do letramento na sociedade timorense foi significativo e foi uma das causas de alteração nos AICs, nas situações de fala e nos eventos de fala, dentro do ecossistema linguístico local. Deve-se ter em mente que a escrita e o letramento não são espécies que fazem do ecossistema linguístico, mas apenas uma tecnologia e um conjunto de comportamentos relacionados a ela que passam a ser utilizados para modificar os diferentes ecossistemas, principalmente os ecossistemas mentais e sociais.

Segundo Mühlhäusler (1996, p. 212), a mudança de oralidade para a escrita/letramento: promove mudança no fluxo de informação de sociedades de baixa-informação para sociedades de alta-informação; oferece a possibilidade de arquivar uma grande quantidade de informação por muito tempo; diminui a necessidade da interação face a face por meio da comunicação escrita e, posteriormente virtual, a longas distâncias. Essas três características da mudança da oralidade para a escrita causam dois fatores: primeiro, uma reestruturação cultural/conceitual na sociedade, modificando a noção cultural de tempo, de interação com o ecossistema natural, alterando as formas de interação (que envolvem os AICs e as regras interacionais), de encarar a língua e até de pensar (isto acaba por alterar o ecossistema mental e social da língua); segundo, a escrita privilegia as línguas da metrópole, como o português, e alguma língua local específica, como o Tetun, criando situações de desigualdade nos AICs e diminuindo a linguodiversidade.

As consequências da inserção do letramento em sociedades ágrafas do Pacífico, de acordo com Mühlhäusler (1996, p. 234), foram: perda da linguodiversidade, letramento vernáculo transitório, mudanças conceituais das noções culturais de tempo e ação, reestruturação social e as letras serem encaradas como instrumento da verdade.

A perda da linguodiversidade está intimamente relacionada com a inserção da grafia em sociedades ágrafas, já que com o advento da escrita a língua adquire um status social, político e econômico, passando a ser uma espécie dominante em seu ecossistema, o que pode alterar o equilíbrio do meio ambiente, prejudicando as espécies linguísticas vizinhas, que interagem com ela. Desta maneira, as línguas conviviam em equilíbrio em que as línguas eram, de certa forma, igualitárias e, com a tecnologia da escrita, o equilíbrio é desfeito para uma situação não igualitária de convívio entre as elas. Além do prestígio e a característica de dominância, a grafia acaba por privilegiar somente uma variedade, tentando, por meio da ortografia, uniformizar a interação comunicativa ao considerar somente uma maneira, ou uma variedade, de interação linguística como apropriada ou mais ‘correta’, reduzindo, assim, a variação linguística e dialetal. Em Timor-Leste, as línguas locais dominantes são o Tetun, pelo seu status de língua oficial, língua franca e língua falada por uma grande parcela da população, e as línguas Manbae e Makassae, que são línguas com grande número de falantes, em uma grande parcela do território leste-timorense e por etnias que estão atualmente no poder. A variação dialetal que vem sendo ameaçada é do Tetun e do Manbae. O Tetun é afetado principalmente pelo seu status de língua oficial, que gerou gramáticas, dicionários e livros didáticos, e com o decreto que regula a ortografia oficial da língua, fazendo com que algumas variedades não sejam contempladas e causando uma intensa confusão na aquisição do letramento em Tetun. Já a língua Manbae vem sendo pouco estudada por linguistas por se apresentar como um desafio devido a uma ampla variação dialetal com alterações fonológicas, morfossintáticas e lexicais notáveis, fazendo com que cada dialeto, ou variedade, possua regras sistêmicas (em outras palavras, a gramática) radicalmente diferentes um dos outros⁷¹. A solução momentânea dos linguistas que estudam o Manbae é concentrar seu objeto de estudo somente em uma variedade específica, evidenciando-a no próprio título, como em: Corte-Real e Hull (1998), *First texts in Mambai-Ainaro* ‘Primeiros textos em Manbae de Ainaro’; Hull (2003a) *Southern Mambai (Manbae-Ainaru Nor Same)* ‘Manbae do sul (Manbae de Ainaro e Same⁷²)’; Fogaça (2013), *Estudo fonético e fonológico do Mambae de Same*. Em relação às línguas que não são prestigiadas em Timor-Leste, além da perda da

⁷¹ Os únicos estudos que já abordaram os aspectos linguísticos da variação dialetal do Manbae são Hull (2003a) e Albuquerque (2013a).

⁷² Ainaro é um distrito de Timor-Leste e Same é subdistrito de Manufahi. Nestes distritos, Ainaro e Manufahi, em Same, o Manbae é falado e eles são considerados como a região sul da área dos falantes de Manbae, que engloba cerca de seis distritos: Manufahi, Ainaro, Ermera, Aileu e parte dos distritos de Manatuto e Dili. Sobre a localização dos distritos de Timor-Leste, ver mapa 2, no capítulo seguinte.

variação dialetal dessas línguas, elas próprias estão ameaçadas pela inserção da grafia e do letramento, já que muitas delas até o momento não receberam uma proposta de ortografia, não possuem materiais didáticos nem são contempladas no ensino formal, assim como não são empregadas na capital e nos órgãos oficiais, isso faz com que os falantes abandonem suas línguas locais para aprender as línguas possibilitarão ascensão pessoal, social e econômica.

O letramento em vernáculo, ou seja, nas línguas nativas é transitório pelo fato de que, conforme foi apresentado anteriormente, o ecossistema passa a estar desequilibrado com a predominância de algumas espécies linguísticas, como o português, o indonésio, o Tetun, o falante das línguas nativas não prestigiadas ora não aprende a escrita no ensino formal, já sendo alfabetizado e letrado em alguma das línguas dominantes, ora é alfabetizado e letrado em sua língua materna somente para adquirir o letramento nas línguas prestigiadas. Desta maneira, é possível até mencionar não metaforicamente que essas espécies linguísticas dominantes são predadoras das espécies não prestigiadas, que são presas, já que o falante leste-timorense que tem como L1 uma língua desprestigiada convive em uma situação de multilinguismo e, posteriormente, de multiletramento com outras línguas, entre elas as línguas dominantes, e acaba por abandonar tanto a interação comunicativa em sua L1, como também a grafia de sua L1 para atingir objetivos sociais e pessoais que podem ser alcançados somente por meio das interações e do letramento nas línguas dominantes, como o português, indonésio ou Tetun⁷³ (ALBUQUERQUE 2012b). Esse fator prejudica a transmissão linguística e o status dessas línguas desprestigiadas somente em longo prazo, conforme Huber (2011, p. 9) aponta para a língua Makalero, fazendo com que não seja considerado urgente pelos próprios falantes e pela política linguística do país. Porém, o autor desta tese considera esse fator de extrema periculosidade para a manutenção das línguas, já que é exatamente por ter um efeito a longo prazo que não é percebido, sendo deixado de lado e observado somente quando as línguas estiverem em um estágio ameaçado. Assim, um cuidado em estágio inicial com tal fator, por meio de um planejamento linguístico específico, pode reverter essa situação no futuro.

⁷³ No capítulo 6, há um estudo de caso em que o falante leste-timorense tem como L1 a língua Manbae, porém ao frequentar o ensino formal em português e as demais interações comunicativas, de natureza informal, serem feitas em Tetun ou indonésio, ele acabou por abandonar sua língua materna e em diferentes entrevistas, sendo questionado sobre sua L1, chegou a apresentar em certos momentos hesitações, alegando que não se lembrava de alguns aspectos dela.

O letramento acaba por trazer mudanças conceituais em várias noções culturais, principalmente em relação ao tempo. Nas culturas ocidentais urbanas, o tempo basicamente é representado como uma seta, o que aponta uma visão desenvolvimentista e teleológica do tempo, em que ocorre uma sequência irreversível de eventos, que não se repetem e acontecem em posições diferentes no tempo, seguindo em direção a um objetivo. Já em sociedades autóctones, a visão de tempo é cíclica, fazendo com que eventos singulares não tenham significados sozinhos e o que realmente possui importância são eventos imutáveis e sempre presentes, pois retornam constantemente, como os eventos da natureza⁷⁴: as estações, a época de sementeira e de colheita, as chuvas, o dia, a noite etc. Com o letramento, por meio da escrita, é possível fazer os registros dos acontecimentos passados, arquivá-los e mantê-los, como uma espécie de repositório de informações dos períodos passados, fazendo com que neste processo seja necessário também classificar o passado em diferentes fases e, assim, inserindo a noção de tempo em seta, desfazendo a noção de tempo cíclico. A própria bíblia católica, e suas respectivas traduções em línguas nativas, usada na atividade missionária serve como ferramenta para instituir a noção de tempo como seta, já que o conteúdo existentes nos livros são expostos na forma de sucessão de eventos (início, meio e fim, ou antes e depois) e com caráter teleológico (os acontecimentos na história possuem um objetivo traçado por Deus, mas desconhecido pelos humanos). Sobre a atividade missionária, deve-se ter em mente que a própria escrita foi inserida pelos padres católicos em sociedades ágrafas com o objetivo principal de realizar a tradução e leitura da bíblia. Outro impacto da escrita em sociedades ágrafas, em relação à noção cultural de tempo, é na noção cultural de espaço, que está intimamente ligada à noção de tempo, conforme demonstrado por Couto (2007, p. 139). Desta maneira, a partir do momento em que há mudanças na noção cultural de tempo, conseqüentemente, haverá mudanças na noção cultural de espaço. Um aspecto ecolinguístico da escrita ocidental, no caso do alfabeto latino, é sua própria distribuição espacial (da esquerda para direita, e de cima para baixo), que se assemelha da noção de tempo cíclico, já que a escrita está distribuída com a sucessão de letras, e, por se manifestar concretamente, apresenta em si limitações espaciais de acordo com o suporte em que será empregada. Tudo isso faz com que se

⁷⁴ As sociedades nativas leste-timorenses parecem possuir uma visão cíclica e dual da realidade, sendo que de uma maneira não contraditória. Aparentemente, a visão cíclica se refere a tempos e acontecimentos a longo prazo (gerações), enquanto que a visão dual é empregada para acontecimentos e um tempo a curto prazo (uma única geração). Há necessidade de se investigar este tópico de maneira mais aprofundada, mas isto foge do escopo desta tese.

altere todo o conhecimento nativo, que não possuía as limitações espaciais da escrita, por ser tipicamente oral.

Esta última característica da escrita está relacionada ao próximo impacto, que é a reestruturação social. As reestruturações que ocorrem nas sociedades ágrafas com a introdução da escrita são as seguintes: a perda da autoridade tradicional e a mudanças na concepção e nos usos da língua. As autoridades tradicionais basicamente eram estruturadas em torno de indivíduos que possuíam certas habilidades com a língua oral, geralmente os contadores de histórias, ou que eram portadores de algum conhecimento transmitido ritualisticamente. Esse cenário foi modificado, já que o conhecimento oral e iniciático foram desvalorizados, com esses indivíduos perdendo prestígio social, enquanto novas modalidades de autoridade eram inseridas, como a distinção entre o escrito e o oral, com a valorização do escrito, além das autoridades europeias que se localizavam fora do círculo social das colônias. Já as mudanças na concepção e nos usos da língua referem-se à forma de pensar e às atitudes dos falantes diante da escrita da língua. Isso se dá a partir do momento em que uma língua é registrada em gramáticas e dicionários, ou seja, na forma fixa da língua, e também quando seus usos começam a seguir noções culturais ocidentais, que usam a língua para comunicação e atividades mais objetivas. Desta maneira, as noções culturais nativas de língua (a língua como propriedade de um grupo privilegiado, como tabu, como objeto ritual e/ou sagrado, entre outros) passam a ser alteradas, assim como seus usos e atitudes dos falantes em relação à ela, com a língua passando de ser algo mítico, específico da comunidade e da identidade do indivíduo, com poderes de cura, de informação e de conhecimento, entre outros, para uma ferramenta mais objetiva do mundo moderno ocidental, como a comunicação em massa, a objetividade, a uniformização, o emprego apropriado para uso em situações formais em geral, entre outras. Vale lembrar que é exatamente dessa forma descrita que os falantes leste-timorenses encaram suas línguas maternas, como algo mais informal, rural, para ser usado somente em sua comunidade e que não serve para ser usada em assuntos importantes, enquanto línguas como o português, o inglês e o indonésio é que servem para esses propósitos: assuntos importantes e mais formais em geral. A variedade do Tetun Prasa usada na capital, que é a língua oficial do país, é encarada como uma língua digna de ser empregada nessas situações apontadas, já que, de acordo com os próprios leste-timorenses, não é língua materna de ninguém, é uma

língua ‘urbanizada’⁷⁵, pois possui um léxico e uma gramática fortemente influenciada pelo português, e é falada por estrangeiros.

Finalmente, o fato de o que está escrito ser encarado como verdadeiro, ou como um instrumento da verdade causa impacto significativo nas sociedades nativas, já que é mais outra característica que influencia negativamente na organização social e cultural tradicionais, pois nas comunidades locais leste-timorenses, assim como na maioria das sociedades autóctones, a verdade, ou os meios para alcançá-la, se encontra na autoridade dos anciãos, sacerdotes, xamãs, entre outros, ou nas tradições culturais que são repassadas há gerações por esses indivíduos portadores do conhecimento nativo. Novamente, a atividade missionária que causou tal impacto no ecossistema linguístico de Timor-Leste ao apresentar grande parte, se não todos, de materiais escritos de origem religiosa, como a bíblia, catecismos, cartilhas etc. enfatizando, assim, o caráter inquestionável e de portador da verdade, que é típico de qualquer dogma religioso. Com isso, os nativos passaram a associar que qualquer material escrito traz a verdade, é inquestionável e deve ser tratado com tal.

4.5.1 O impacto das novas mídias e tecnologias

As tecnologias que surgiram em períodos mais recentes (rádio, telefone, televisão, computador, internet) deram continuidade às mudanças que estavam em curso exatamente por causa do advento da escrita. Essas mudanças foram as seguintes: passagem da comunicação baseada no tempo para uma comunicação baseada no espaço; armazenar e manusear grande quantidade de informação; passagem de padrões de comunicação mais igualitários para padrões de comunicação não igualitários; relação inversamente proporcional entre o número de mídias utilizadas e os códigos; as mídias tecnológicas atuais promovem e consolidam a passagem de sociedades tradicionais para sociedades modernas e pós-modernas (MÜHLHÄUSLER 1996, p. 215).

A passagem da comunicação baseada no tempo para uma comunicação baseada no espaço se deu principalmente pelo fato de que sociedades ágrafas e as sociedades que tinham a tecnologia da escrita na Antiguidade dispunham de uma valorização da informação, dos costumes e dos conhecimentos do passado, já que transportar a grandes distâncias uma pessoa portadora de conhecimento (no caso de sociedades ágrafas) ou pedras e barros (sociedades da Antiguidade que possuíam a escrita) era um

⁷⁵ Termo usado tanto pelos cidadãos leste-timorenses, como pelo INL, órgão oficial do país e responsável pela valorização, manutenção e pesquisa das línguas locais do país.

empreendimento extremamente difícil, ou até impossível. Assim, esse tipo de sociedade baseava-se em uma comunicação no tempo, valorizando o passado e as tradições culturais e orais. Com as mídias modernas, a informação circula por grandes distâncias rapidamente, fazendo com que passe a serem valorizadas as questões espaciais, como a nação, a política, a ciência e tecnologia, entre outros. Nas sociedades com a comunicação baseada no espaço, a noção de tempo que interessa é o presente ou futuro, assim como se faz necessário o estabelecimento de uniformização linguística, pois se as informações circulam de maneira rápida pelo mundo, deve-se ter uma língua mais homogênea e que seja falada por grande parte da população mundial.

A capacidade de armazenar e manusear grande quantidade de informação teve impacto tanto com o advento do papel e da prensa, quanto com o computador e internet. Com essas tecnologias, organizações e indivíduos são capazes de armazenar a quantidade de informação que desejarem, assim como de transportá-las facilmente. Isso acaba por desvalorizar a função sócio-cultural dos anciãos e dos conhecimentos presentes nas tradições.

A passagem de padrões de comunicação mais igualitários para padrões de comunicação não igualitários ocorreu já no período de colonização ao ser valorizada a língua da metrópole e as autoridades metropolitanas gozarem de prestígio nos AICs quando comparadas com os habitantes das colônias. As tecnologias modernas apenas acentuaram tal processo por necessitar de uma homogeneização linguística nas comunicações a longa distância e em massa.

A relação inversamente proporcional entre o número de mídias existentes, assim como as que surgirão, e os códigos ocorre pelo fato de que a cada nova mídia que surge, por ser um empreendimento tecnológico, requer um alto custo financeiro para manter um grande número de códigos ou línguas, sendo economicamente viável para os empresários manterem somente os códigos/ línguas das chamadas línguas pluricêntrica^S. Esse é mais outro impacto, somado aos demais analisados neste capítulo, que promove a redução da linguodiversidade, fazendo com que o falante multilíngue abra mão de sua L1 local, e também acaba por homogeneizar a língua, não oferecendo espaço midiático para a variação dialetal e para a variação linguística em geral.

As mídias tecnológicas atuais promovem e consolidam a passagem de sociedades tradicionais para sociedades modernas e pós-modernas. Essa é uma mudança fundamental e um fato incontornável, já que muitos povos perderam suas tradições culturais e/ou foram afetados de maneiras significativas. Vale lembrar que Timor-Leste

está em vias de mudanças sócio-culturais, caminhando para se tornar uma nova sociedade e ainda tendo que repensar no que fazer para preencher o vazio deixado pela perda de várias manifestações culturais tradicionais. Atualmente, as soluções são opostas e extremas com alguns grupos tentando resgatar suas tradições, enquanto outros querem abandoná-las por completo para se ‘ocidentalizar’ e se ‘urbanizar’. Mas o que fica somente é que com o advento da escrita, do letramento e das novas mídias e tecnologias há uma mudança social e linguística sem volta cujo principal efeito negativo será a aceleração do declínio das línguas e tradições locais, ou seja, uma completa perda da diversidade do ecossistema linguístico, que terá repercussão nos demais ecossistemas. Somente uma política linguística explícita e bem planejada, sendo colocada em prática por meio de um planejamento linguístico que atinja seus objetivos e esteja em consonância com a política em que se baseia.

4.6 O futuro do ecossistema linguístico de Timor-Leste

Neste capítulo, foi apresentado o percurso da língua portuguesa no ecossistema linguístico de Timor-Leste. Inicialmente, foram elencadas evidências de que o ecossistema linguístico da ilha de Timor desde tempos pré-históricos teve inserção de espécies linguísticas novas e sempre se manteve estável, pois ao ser alterado seu equilíbrio realizava adaptações para atingir um novo e não alterar sua estabilidade, sendo este processo nas espécies linguísticas a procura da homeostase. Assim, a língua portuguesa foi mais uma espécie com que as línguas e povos de Timor tiveram que conviver e se adaptar. Porém, além das mudanças e adaptações das espécies linguísticas nativas, o português também teve que se adaptar ao novo ecossistema no qual foi inserido.

Posteriormente, a língua portuguesa se expandiu na região, por meio das atividades missionárias, administrativas (coloniais) e militares, e as mudanças sofridas para se adaptar ao ecossistema linguístico de Timor-Leste, assim como aos demais ecossistemas do país, fez com que o português falado pelos cidadãos leste-timorenses tivesse características próprias, sendo considerado como uma variedade da língua portuguesa, conhecida como PTL.

Em todo o período em que o colonizador português e sua língua habitaram Timor, houve grande impacto nos diferentes ecossistemas, no ecossistema linguístico mental, social e natural. Por meio da análise efetuada aqui, as evidências mostraram que, de maneira distinta ao que ocorreu em várias outras ex-colônias portuguesas, a

presença do colonizador português não causou um extermínio linguístico, principalmente pelo fato de que o ecossistema local de Timor se encontrava estável e acostumado com o contato de línguas e povos, que já ocorriam antes da chegada do colonizador. Porém, o grande impacto ocorreu principalmente nas regras interacionais e nos AICs, afetando a EIC de todo o ecossistema linguístico de Timor-Leste, conforme foi analisado em (4.4) e (4.5). O impacto nas regras sistêmicas das línguas foi muito reduzido.

Desta maneira, o ecossistema linguístico de Timor-Leste por se encontrar estável não apresentou extinção linguística em massa, ocorrendo somente as alterações nos AICs e nas regras interacionais, já mencionado anteriormente, além da perda de diversas tradições culturais dos diferentes povos nativos. Essas alterações, porém, eram irremediáveis devido ao processo histórico do colonialismo e neocolonialismo a que certos povos europeus impuseram a diversos povos dos demais continentes. Vale lembrar que caso os portugueses não alcançassem Timor, certamente a Holanda dominaria a ilha, como fez na parte oeste, ou um país anglófono o faria mais tarde, como ocorreu em diversas ilhas vizinhas a Timor. O mesmo pode ser afirmado em relação às mudanças que ocorreram por causa das novas mídias e tecnologias, em (4.5.1), já que com o processo da globalização nenhum país pode mais viver isoladamente, sendo a interação uma condição obrigatória nos dias atuais.

Assim, a estabilidade existente no ecossistema linguístico de Timor-Leste poderá manter-se somente por um conjunto de fatores bióticos (linguísticos) e abióticos (extralinguísticos). Os fatores bióticos são os fatores linguísticos, já que as línguas são consideradas como espécies, na acepção biológica. Assim, é necessário que sejam elaborados uma política linguística e um planejamento linguístico adequados à situação atual das línguas nativas do país e seus contatos com o português, inglês e indonésio. Esta situação está relacionada também com fatores abióticos, que são as situações sócio-econômica e política do país. Outros fatores bióticos estão ligados à política e planejamento linguísticos, que são questões de ensino, aprendizagem, aquisição, multilinguismo, entre outros. Entretanto, o futuro do ecossistema linguístico de Timor-Leste com sua linguodiversidade não está garantido, já que dependerá também de diversos fatores de natureza abiótica, ou seja, extralinguística, sendo eles: econômicos, políticos, internacionais etc.

CAPÍTULO 5

A VARIEDADE DO PORTUGUÊS DE TIMOR-LESTE (PTL)

Neste capítulo será realizada uma breve descrição de alguns aspectos notórios do PTL. A descrição será breve pelo fato de o PTL apresentar uma série de características notáveis que são necessárias a descrição e a análise. Por isso, para não sobrecarregar a presente tese, optou-se por contemplar esses vários aspectos, sendo que de maneira não aprofundada.

Antes de iniciar a descrição propriamente dita, são necessárias algumas informações preliminares a respeito da justificativa da hipótese apresentada aqui (5.1), a existência de uma variedade da língua portuguesa falada pelos leste-timorenses e com traços linguísticos próprios, para que ela não seja confundida nem com o Crioulo Português de Bidau (CPB), nem com a língua portuguesa aprendida formalmente nas escolas em Timor-Leste: o português como segunda língua (PL2), o português como terceira língua (PL3) ou o português como língua estrangeira (PLE)⁷⁶. Após esta seção, serão abordados os aspectos fonético-fonológicos, em (5.2), apontando a realização variada de consoantes e vogais, padrões acentual e prosódico distintos da norma padrão, influenciados pelas línguas locais, e que eram alguns processos fonológicos, como metátese, monotongação, entre outros; a seção (5.3) será dedicada à morfossintaxe do PTL, descrevendo a concordância variável de gênero, número e verbal, assim como a variação no uso da cópula e de conectivos (preposições e conjunções). Finalmente, em (5.4), serão levantados alguns dados léxico-semânticos do PTL, apresentando certas retenções quinhentistas, mudanças semânticas idiossincráticas dessa variedade do português e empréstimos linguísticos das línguas nativas de Timor-Leste.

5.1 Informações preliminares

O PTL é falado por cerca de 5% da população leste-timorense, porém esta estimativa vem aumentando nos últimos anos devido ao esforço das cooperações internacionais com objetivos educacionais, enfatizando o ensino de língua portuguesa no país, entre o governo de Timor-Leste e os governos de países lusófonos, principalmente Portugal e Brasil. Há recenseamentos que apresentam estimativas

⁷⁶ A temática de aquisição e multilinguismo em Timor-Leste será abordada no capítulo seguinte (capítulo 6).

maiores de falantes de português em Timor-Leste, conforme foi exposto na introdução do presente trabalho, mas foi adotada aqui a porcentagem menor tanto por prudência⁷⁷, como também com base nas observações in loco feitas pelo pesquisador. Digno de nota é que será considerado aqui como PTL somente a língua portuguesa falada pelos lestemorenses com certo grau de fluência e empregados nos AICs, sendo descartado o português de aprendizes e ex-aprendizes, que possui características de LE ou de interlíngua.

A variedade da língua portuguesa falada em Timor-Leste, o PTL, apresenta diversos traços em sua estrutura que podem servir para argumentar a favor de sua existência. As origens e influências no surgimento da variedade do PTL, assim como do CPB, foram várias devido ao processo histórico peculiar, da complexa situação de multilinguismo e contato de línguas/povos ocorridos na ilha de Timor, conforme analisado em 4.2, com base em Hägerdal (2012) e Albuquerque (2013b).

Desta maneira, os aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos e léxico-semânticos notáveis do PTL, que serão descritos abaixo, tratam da evolução e adaptação da língua portuguesa como língua transplantada para a ilha de Timor. A língua portuguesa como espécie acabou, por meio de seus falantes, se deparando com um novo ecossistema, o ecossistema linguístico de Timor-Leste descrito no capítulo anterior, adaptando-se e evoluindo com o intuito de restaurar o equilíbrio espécie-meio ambiente, a homeostase, garantindo sua sobrevivência. As mudanças existentes no PTL que são suas marcas características são apenas os resultados da adaptação e continuidade delas, a evolução.

Em Albuquerque (2013b), são analisados, por meio de documentos da época, traços do PTL falado em suas origens entre os séculos XVII-XVIII, sendo os principais: estruturas arcaizantes (*mim* > *my*, *rei* > *reize*, *reizes*, *cruz* > *cruse*, *pertence* > *pretence*); léxico nativo (*tumugoins* ‘comandante nativo’ < Malaio *temonggong*; *datos* ‘chefe de vila, nobre nativo’ < Tétum *datoo*; *muti sala* ‘cordão feito de pérolas de corais’ < Tetun *mutin salak* ‘fruto branco de uma palmeira’; *cora cora* ‘canoa’ < Tetun *kora-kora* ‘objeto feito de metais preciosos’); alguns traços semelhantes a de crioulos portugueses asiáticos, a cópula *sam*, lexemas gramaticalizados para marcar tempo/ aspecto/mo- do (TAM), como *já* que marca passado ou perfectivo, e a presença de concordância variável. Em Albuquerque (2013b), também há uma análise tentativa da fonologia do

⁷⁷ Principalmente se forem comparados com os números de falantes de português das demais ex-colônias portuguesas, como Guiné-Bissau, que ficam entre 5% e 10% da população.

PTL por meio da grafia dos documentos, que apresentou variação no emprego das consoantes palatais /ʒ, ʃ, ɲ, ʎ/ sendo realizadas, geralmente, como seus correlatos alveolares [z, s, n, l] e em alguns casos como africadas [dʒ, tʃ] (exemplos de grafias encontradas nos documentos pelo autor: *fuzidos, fuzimos, senhor, companhia, fortalleja*).

Desta maneira, conforme serão analisados nas seções seguintes os aspectos principais da fonologia, morfossintaxe e do léxico do PTL, será possível perceber que alguns dos traços apontados por Albuquerque (2013b) com o passar do tempo caíram em desuso, como algum léxico arcaizante e o uso da cópula *sam*, porém vários outros foram mantidos até os dias atuais, como o léxico nativo, os lexemas para marcar TAM, a concordância variável e a variação no emprego das consoantes palatais.

5.2 Aspectos fonético-fonológicos

Os elementos variáveis do nível fonético-fonológico do PTL que são considerados como traços típicos dessa variedade da língua portuguesa serão descritos nesta seção. Em (5.2.1), será descrita a realização dos fonemas do PTL, que apresenta variação nos segmentos consonantais fricativos e labiodentais, e nos segmentos vocálicos, as vogais abertas. A acentuação do PTL é notavelmente influenciada pelas línguas locais de Timor-Leste, e será estudada em (5.2.2), com a predominância do padrão paroxítono, até mesmo os vocábulos que no português padrão são realizados como proparoxítonos ou oxítonos, acabam por serem modificados para paroxítonos por meio de alguns processos fonológicos, que serão apresentados em (5.2.3). Em (5.2.4), será estudada a prosódia do PTL, que possui ligação com a acentuação e com o processo fonológico de ressilabificação.

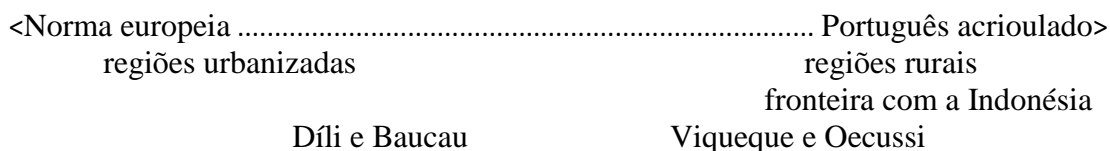
5.2.1 A realização dos fonemas

O quadro de fonemas do português, de acordo com a norma europeia, compõe-se dos seguintes fonemas consonantais: /p, t, k, b, d, g, f, s, ʃ, v, z, ʒ, m, n, ɲ, r, l, ʎ, j, w/ e dos seguintes fonemas vocálicos: /i, e, ε, a, ɔ, o, u/⁷⁸ (MATEUS e D'ANDRADE 2000, p. 10). Em relação ao PTL, há a ocorrência de todos esses fonemas, porém alguns deles

⁷⁸ Para simplificação, como se trata dos fonemas da língua portuguesa de acordo com o padrão do PE, optou-se por não representar os fones [R] e [r], que são realizações que dependem da posição, como o [R] em início de palavra e de sílaba, e os fones [ɐ] e [i] que são realizadas em sílabas não acentuadas (MATEUS e D'ANDRADE 2000, p. 18).

são realizados somente nas subvariedades localizadas na posição próxima da norma europeia no *continuum* do PTL apresentado em Albuquerque (2011a, p.70):

FIGURA 9. *Continuum* das subvariedades do PTL



Segundo a figura acima, as subvariedades do PTL próximas à norma europeia encontram-se nas regiões urbanizadas, e nos distritos mais urbanizados, Dili e Baucau, conforme marcados no mapa 2 abaixo, pelo fato de haver uma presença maior do ensino formal, com professores portugueses e brasileiros, assim como com situações informais para o leste-timorense utilizar a língua portuguesa fora da sala de aula. No extremo oposto, o português acrioulado, ou português com traços de crioulo, são as subvariedades que se encontram nas regiões rurais, na região fronteira com a Indonésia e nos distritos mais isolados, como Viqueque e Oecussi, o que caracteriza a ausência do ensino formal do português e também da presença portuguesa em geral, assim os falantes leste-timorenses de português falam uma subvariedade com traços linguísticos marcantes, como ausência de consoantes palatais, de nasalização, acentuação variável, ausência de concordância e do uso de cópula e de adposições etc., além do número de falantes nessas regiões ser reduzido.

MAPA 2. Os distritos de Timor-Leste



(fonte: <http://www.asia-turismo.com/mapas/timor-leste.htm>)

Retornando aos aspectos da fonética do PTL, nos dados coletados, assim como na bibliografia que trata do PTL e do CPB (BAXTER 1990, 1996, CARVALHO 2002, BRITO e CORTE-REAL 2002, ALBUQUERQUE 2010a), percebeu-se que os fenômenos notáveis foram as realizações das consoantes palatais e das labiodentais. Em relação aos segmentos vocálicos, o PTL apresenta traços característicos na realização das vogais abertas.

A variação na realização das consoantes palatais é um fenômeno comum na língua portuguesa, segundo Naro e Scherre (2007, p. 122) essas e outras características existem no português europeu não padrão e, provavelmente, se encontravam no português que foi inserido no Brasil. Desta maneira, é possível expandir tal análise dos autores, argumentando-se que há a possibilidade de variedades não padrão do português europeu terem também sido inseridas na África e na Ásia, já que essas características existem até a atualidade em variedades mais isoladas, conforme atesta Bortoni-Ricardo (2011) em seu estudo de dialetos rurais no Brasil, assim como em crioulos e variedades reestruturadas da língua portuguesa, principalmente da Ásia, conforme Baxter (1996) apresentou em seu estudo e também está em acordo com o que foi encontrado nos dados do PTL. Em Carvalho (2002) e Albuquerque (2010a), os autores apontam que a variação na realização das palatais ocorre também no Indo-português, CPMal, CPMac, CPB e em variedades não padrão do português falado em Portugal e no Brasil.

Os segmentos palatais /ʃ, ʒ, ɲ, ʎ/ nos dados analisados do PTL são realizados como seus correlatos [s, z, n, l] ou levemente palatalizados. Além da hipótese do contato, esse fenômeno linguístico justifica-se também pela ausência desses segmentos consonantais em todas as línguas nativas de Timor-Leste, sendo um dos argumentos para tal variação. Seguem alguns exemplos:

4. variação na realização dos segmentos palatais:

ʃ > ʃ, s, sʲ

chegar [se.'ga.a] ~ ['s'e.ga]; *chá* [s'ʃa]; *bicho* ['bi.su];

ʎ > ʎ, l, lʲ

velho ['ve.lʲu] ~ ['be.liɔ]; *olho* ['o.liu] ~ ['oi.lu]; *espelho* [es.'pe.lu] ~ [es.'pe.liu];

ɲ > ɲ, n, nʲ

vinho ['bi.niu] ~ ['vi.nʲu]; *rascunho* [ras.'ku.niu] ~ [ras.'ku.nʲu]; *bonitinho* [bo.ni.'ti.iu] ~ [bo.ni.'ti.nʲu];

ʒ > ʒ, z, dʒ, dʲ, d

ajuda [a.'zu.da] ~ [a.'dʒu.da]; *João* ['zʲu.an] ~ ['du.an]; *já* [z'ʃa] ~ [dʒa] ~ [da]; *hoje* ['o.ze] ~ ['o.dʒi].

Digno de nota é que o fonema /ʒ/ é o que sofre maior variação, sendo ora realizado como [z], ora como [dʒ], e até como [d], sendo que o fone [dʒ] é uma influência do indonésio, e é também encontrado no CPMal (BAXTER 1988) e no CPB (BAXTER 1990), seguem exemplos do PTL:

5. ʒ > z

já [za] ~ [dʒa]

vigésimo [vi.'zɛ.zi.mu] ~ [bi.'zɛ.zi.mu] ~ [vi.'zɛ.si.mu] ~ [bi.'zɛ.si.mu]

De maneira semelhante, os dados do PTL apresentaram variação das consoantes labiodentais, sendo o /v/ realizado como [b], tal realização encontra-se nas variedades do CPMal (BAXTER 1988), na ilha de Flores e na região do norte de Portugal (CARVALHO 2002), e o /f/ em alguns casos é realizado como [p] e foi registrado um único como [p^h]:

6. v > b

livro ['li.bru]

ouvir ['u.bi] ~ [u.'bi.i] ~ ['ɔ.bi] ~ [ɔ.'bi.i]

7. f > p

força ['pur.sa]

fingir ['pin.zi] ~ [pin.'zi.i]

Já a variação que ocorre nos segmentos vocálicos, é notável nas vogais médias, que sofrem alçamento vocálico quando em posição não tônica, seja pré-tônica ou pós-tônica. Esta mudança já ocorria em Portugal e, desta maneira, se encontra dispersa nas demais variedades da língua, tanto no Português Brasileiro, como nas variedades existentes nos continentes africano e asiático:

8. e > i

chave ['sa.bi]

escola [is.'kɔ.la] ~ [ij.'kɔ.la]

9. o > u

soletrar [su.'le.tra]

jeito ['zei.tu]

O que se percebeu nas realizações dos fonemas no PTL, apontadas anteriormente, é que os fenômenos estudados para os segmentos consonantais, palatais e labiodentais, ocorrem principalmente pelo fato de eles não serem naturais às línguas nativas leste-timorenses e, conseqüentemente, dos falantes nativos de Timor-Leste, fazendo com que estes adaptem os fonemas do português padrão aos seus respectivos hábitos articulatorios e, assim, sejam naturais aos falantes: ʃ > s, sʲ; ʎ > l, lʲ; ɲ > n, nʲ; ʒ > z, dʒ, dʲ; d; v > b; f > p.

Vale lembrar que o PTL ao ser falado realizando essas adaptações fonético-fonológicas em nenhum momento fere a EIC, já que os falantes leste-timorenses

interagem entre si e com os demais falantes lusófonos fazendo uso dessas adaptações mencionadas e o objetivo dos AICs, que é comunicação, permanece sendo alcançado.

O fenômeno encontrado nas vogais do PTL, o de alçamento vocálico das vogais médias (e > i, o > u) em posição não tônica, não se caracteriza como adaptação, mas uma tendência natural do falante de língua portuguesa, já que isto é comum e ocorre em uma série de variedades do português. Digno de nota é que o próprio som pode ser encarado como um elemento do EFL, ou seja, é possível abordá-lo como sendo elemento de cada um dos ecossistemas, o som em suas propriedades naturais, mentais e sociais. O som como integrante do ecossistema natural da língua de certa forma é estudado pela fonética, pois nesta disciplina aprendemos características físicas do som (o som sendo uma onda mecânica, como se propaga uma onda etc.) e as restrições biológicas (naturais) do aparelho fonador humano que reduzem as possibilidades de produção de sons (COUTO 2007, p. 213). Já os aspectos mentais são vistos parcialmente na fonologia, que considera os aspectos sistêmicos ou funcionais dos sons, ou seja, dentre as várias possibilidades de sons, no processo de evolução da língua, os falantes selecionam somente alguns para fazerem parte dos AICs, e na psicolinguística, ao encarar o som dentro dos AICs, neste caso os fonemas, como realidades psicológicas. E os aspectos sociais dos sons das línguas são estudados principalmente pela sociolinguística, como em casos de atitudes linguísticas dos falantes, prestígio ou estigmatização, diante de algum som pronunciado durante as interações⁷⁹. É exatamente por causa deste último fator que é possível afirmar, de acordo com Couto (2007, p. 217), que “a fonética contribui mais para a função interacional-comunicacional do que para a referencial-informacional”.

Nas adaptações que ocorreram nas consoantes do PTL, há uma interseção de fatores do ecossistema mental e do ecossistema social dos falantes ao não realizarem os fonemas estranhos aos ecossistemas locais e no lugar deles realizam fonemas que são próximos em suas respectivas articulações e que são comuns nos ecossistemas destes mesmos falantes, fazendo com que sejam reconhecidos e não altere a interação comunicativa entre eles. Já em relação às vogais, o fenômeno de alçamento vocálico pode ser encarado do ponto de vista ecolinguístico com uma explicação mais biológica, pois se trata apenas de um comportamento natural das espécies biológicas de reduzir o

⁷⁹ É interessante apontar que nos estruturalistas norte-americanos é possível citar uma espécie de pioneirismo, com Leonard Bloomfield defendendo uma visão mecanicista da linguagem, ecossistema natural, e Edward Sapir desenvolvendo sua teoria com uma visão mental e social da língua, que se assemelha aos ecossistemas mentais e sociais respectivamente.

gasto de energia nas atividades cotidianas, fazendo com que, no caso específico estudado, o alçamento de vogais seja uma redução da diferença articulatória entre a vogal e os segmentos adjacentes, visando um menor consumo de energia por parte do indivíduo quando interage, sendo este denominado de princípio de economia da linguagem, por Martinet (1974, p. 25).

5.2.2 A acentuação

O acento em PTL é bem distinto do Português Padrão, sofrendo profunda influência das línguas locais de Timor-Leste. Nos dados coletados, percebeu-se quase unanimidade de paroxítonas, mesmo em casos em que estas não ocorrem em outras variedades do português. O PTL para manter-se como paroxítono acaba por fazer uso de uma série de apagamentos ou inserções, sendo de sílabas ou segmentos, que é melhor explicada por meio da fonologia métrica e do padrão acentual das línguas nativas leste-timorenses.

Desta maneira, antes de se iniciar a análise da acentuação em PTL, serão comentados alguns pressupostos da teoria da fonologia métrica e serão feitos alguns comentários sobre o padrão acentual de algumas línguas locais de Timor-Leste.

Segundo Goldsmith (1990, p. 169), a teoria métrica se baseia em dois formalismos principais, os que se utilizam das árvores métricas e das grades métricas. Vale enfatizar que as duas perspectivas são similares e, de certa forma, já estavam presentes nos trabalhos iniciais da teoria da fonologia métrica em Liberman e Prince (1977), Liberman (1979) e Hayes (1980).

As principais vantagens na abordagem da fonologia métrica para o estudo do acento são: o acento é analisado de maneira diferente das demais características fonológicas; é fundamental, ao se estudar o acento, considerar unidades maiores, como o pé; as duas características mais importantes que determinam padrões silábicos são o ritmo e sensibilidade ao peso silábico ou rítmico; as representações do acento são hierárquicas (GOLDSMITH 1990, p.170).

Basicamente, o Português Brasileiro (PB), seguindo a análise de Bisol (1992) e exemplos extraídos de Collischonn (1996, p.145), apresenta um padrão acentual com o

acento sendo colocado na antepenúltima ou penúltima sílaba, em que há elementos extramétricos⁸⁰, sendo a última sílaba e a coda silábica, respectivamente:

10. fós fo <ro>

(* .)

ár vo <re>

(* .)

ú ti <l>

(* .)

lá pi <s>

(* .)

Como já foi apresentado anteriormente, no capítulo 4, Timor-Leste possui aproximadamente 16 línguas nativas, porém para servir apenas para a argumentação desta seção foram selecionados três delas, a nível de ilustração, apenas para se fazer breves considerações a respeito de seus respectivos padrões acentuais, são elas: Galolen, Manbae e Tetun.

A língua Galolen⁸¹ é de origem austronésia e falada no distrito de Manatuto por aproximadamente 13.000 falantes (LEWIS, SIMONS e FENNIG 2013).

11. Galolen

[^lga.ʔu] ‘1sg.suj’

[^lgɔ.ɔ] ‘2sg.suj’

[^lkɔ.nan] ‘porta’

[ka.^lfe.e] ‘café’

[^lbla.hɔ] ‘rato’

[^lhu.hun] ‘montanha’

⁸⁰ A *extrametricidade* foi um conceito desenvolvido por Hayes (1980, 1982) que serve para explicar acentos que recaem de maneira divergente do padrão acentual previsto. Assim, considera-se um elemento da unidade lexical como extramétrico (na margem de seu constituinte) e que não é incluído na marcação do ritmo pelo asterisco.

⁸¹ Até a atualidade, os estudos linguísticos sobre o Galolen são reduzidos, existindo as gramáticas de Silva (1900), Sadnyana *et al.* (1994) e Hull (2003b), sendo que nenhum destes mencionam o padrão acentual da língua.

A língua Manbae⁸² também de origem austronésia é falada em vários distritos por toda a região central do país e possui cerca de 131.000 falantes (LEWIS, SIMONS e FENNIG 2013). Manbae apresenta o acento predominante na penúltima sílaba, porém o sistema do Manbae é sensível ao peso silábico, com a sílaba final pesada sendo acentuada.

12. Manbae

[^ha.p^hi] ‘fogo’

[^hk^hɔ.ɖɛ] ‘bom, bem’

[^hk^hɔ.rɔ] ‘pescoço’

[^htɛ.^htɛr] ‘falar’

[sɛ.^hhɛl] ‘gostar’

[sa.^hgul] ‘dez’

Já a língua Tetun, apesar de contar com diversos estudos linguísticos e algumas gramáticas, como de Hull e Eccles (2001), Hull (2002a), Williams-van Klinken, Hajek e Nordlinger (2002) e Albuquerque (2011e), somente esta última dedicou um extenso capítulo à fonologia da língua. Assim, a presente análise do acento em Tetun baseou-se em Albuquerque (2011e) e em Albuquerque (2014), que aplicou a teoria da fonologia métrica ao Tetun. Desta maneira, a língua Tetun possui um padrão acentual recorrente na penúltima sílaba e, por isso, é possível identificar a seguinte regra: o domínio dos constituintes é binário com núcleo à esquerda (troqueu silábico), sendo aplicado da direita para a esquerda. Em outras palavras, o acento em Tetun, assim como em Galolen, é caracterizado pela grade perfeita sendo montada na linha 1, linha do pé métrico, em constituintes binários e atribuindo-se o núcleo no padrão *peak-first* (à direita do constituinte):

13. Dissílabos:

/^hla.ran/ ‘dentro’

(* .)

/^ho.an/ ‘filho, cria’

⁸² Recentemente, Fogaça (2013) dedicou uma dissertação de mestrado à fonologia da língua Manbae e a análise da autora em relação ao acento nesta língua está em acordo com a elaborada em Albuquerque (2014), apresentada aqui. A língua Manbae possui uma gramática de autoria de Hull (2003a) e dois esboços gramaticais, um em Corte-Real e Hull (1998), que fizeram a primeira coletânea de textos Manbae, outro em Albuquerque (2013a), que analisou os contatos de línguas e suas influências na gramática da língua.

(* .)

/¹fa.tuk/ ‘pedra’

(* .)

14. Trissílabos:

/ha.¹ka.rak/ ‘querer’

(* .)

/lo.¹kra.ik/ ‘tarde’

(* .)

Como a regra acentual do Tetun, apontada anteriormente, é regida por constituintes binários com o núcleo à esquerda, as unidades lexicais trissílabas podem causar algum problema. Porém, não o fazem. Estende-se a regra somente para o seguinte: quando o constituinte binário, formado por dois pés, é seguido por um pé não preso (ing. *non-branching foot*) este é deletado.

A respeito da fonologia do PTL quase nada foi dito até a atualidade. O primeiro trabalho que se tem registro é de Brito e Corte-Real (2002), seguido por Albuquerque (2010a, 2014). Não será considerado aqui o trabalho de Brito e Corte-Real (2002), já que as variações existentes no nível fonético-fonológico na fala dos leste-timorenses são tratadas pelos autores como ‘erros’ e/ou ‘dificuldades’ na aprendizagem. De maneira distinta, Albuquerque (2010a) apresenta evidências fonéticas e prosódicas de que as mudanças efetuadas pelos falantes leste-timorenses de português são marcas da variedade da língua portuguesa falada no país, ou seja, no PTL. Será adotada aqui a proposta de análise do padrão acentual do PTL e do Tetun, de acordo com a fonologia métrica, presente em Albuquerque (2014). Para a análise do acento em português far-se-á uso da síntese teórica presente em Collischonn (1996) e das análises métricas de Bisol (1992) e Lee (1994), além de Albuquerque (2014) sobre o PTL, já citado anteriormente. Os dados do português padrão serão mencionados somente quando necessário, a nível de contraste com os dados linguísticos do PTL.

As mudanças efetuadas pelo falante do PTL na sílaba e acento do português podem ser divididas em dois grandes grupos: um que retira segmentos da unidade lexical, outro que acrescenta. Estes dois grupos serão analisados a seguir de acordo com a ordem que foram mencionados.

A sílaba do PTL é reduzida pelos falantes que se utilizam de diversas operações linguísticas. A primeira delas é a mais comum e trata-se do apagamento da penúltima sílaba das proparoxítonas para transformá-las em paroxítonas, como em (15), sendo este fenômeno comum em outras variedades da língua portuguesa, inclusive o Português do Brasil:

15. xícara > [ˈʃi.kɾa]

Nos dados linguísticos do PTL observou-se que o fenômeno do apagamento silábico é aplicado às demais sílabas, como em (16) para a última sílaba e os exemplos em (17) destacam-se por apresentar apagamento em mais de uma sílaba:

16. cômico > [ˈko.mik], hipótese > [i.ˈpɔ.tez], benção > [ben.san]

17. alumínio > [al.ˈmi.nu], helicóptero > [e.li.ˈkɔ.tru]

Outros dados linguísticos de destaque do PTL são aqueles que revelam que o apagamento da penúltima sílaba se apresenta muito mais produtivo do que nas demais variedades da língua:

18. pároco > [ˈpar.ku]

depósito > [de.ˈpɔz.tu]

alfândega > [al.ˈfan.ga]

anêmico > [a.ˈnem.ku] ~ [a.ˈne.mik]

diálogo > [di.ˈal.gu]

eletrônico > [e.le.ˈtron.ku] ~ [e.le.ˈtro.nik]

fotocópia [fo.to.ˈkɔ.pi]

Não é possível elaborar uma regra que possa prever tais apagamentos em PTL, para isso seria necessário uma grande quantidade de dados, assim como um estudo exaustivo desse fenômeno linguístico, o que foge do escopo da presente tese. Porém, certas regularidades são observadas. A primeira delas é que o falante do PTL tende a manter o padrão acentual de sua L1, no caso o Tetun, e transfere esse padrão ao

português, fazendo a mesma operação de apagamento silábico para manter o acento das proparoxítonas na penúltima sílaba. A segunda regularidade é que se apaga a sílaba de padrão CV mais fraca do constituinte binário, e o segmento que sobra é transferido para a sílaba núcleo, ou para a cabeça do constituinte.

Segundo a regra de Lee (1994), as proparoxítonas são exceções que possuem uma regra própria com constituinte binário com cabeça à esquerda, sendo aplicado da direita para a esquerda e como domínio o radical, assim temos em (19):

19. pároc<o>

(x .)

depósit<o>

(x .)

alfândeg<a>

(x .)

anêmic<o>

(x .)

diálog<o>

(x .)

eletrônic<o>

(x .)

De acordo com o padrão acentual proposto por Lee (1994) para as proparoxítonas portuguesas, percebe-se que a sílaba apagada no PTL é sempre a do constituinte à direita, não cabeça.

Seguindo a mesma regra de padrão acentual, pode-se explicar apagamentos da última sílaba, como em (17), como o último segmento, segmento extramétrico, sendo desconsiderado pelo falante. Este também é um padrão comum tanto na língua Tetun como em outras línguas nativas leste-timorenses, pois consiste em um padrão de apagamento que segue o indonésio, seguem exemplos de empréstimos em Tetun (Tt.) e em indonésio (In.) que possuem correlatos em português (Pt.)⁸³:

⁸³ Vale lembrar que a principal fonte de empréstimos do Tetun foi a língua portuguesa, enquanto do indonésio foi a língua inglesa. Assim, os exemplos do indonésio foram inseridos somente por suas possíveis influências e/ou transferências sobre o Tetun e o PTL.

20. Pt. definição, Tt. definisaun, In. definisi; Pt. comunicação, Tt. komunikasaun, In. komunikasi; Pt. constituição, Tt. konstituisaun, In. konstitusi; Pt. declaração, Tt. deklarasaun, In. deklarasi; Pt. plantação, Tt. plantasaun, In. plantasi; Pt. população, Tt. populasaun, In. populasi; Pt. conferência, Tt. konferénsia, In. konferensi; Pt. correspondência, Tt. korrespondénsia, In. korespondensi; Pt. província, Tt. provínsia, In. propinsi.

No PTL, porém, esse apagamento do segmento extramétrico somente é realizado quando o acento não cai na penúltima sílaba, como em exemplos já citados: cômico > ['ko.mik], anêmico > [a.'ne.mik], eletrônico > [e.le.'tro.nik] e fotocópia [fo.to.'kɔ.pi].

Outras reduções silábicas e segmentais que ocorrem no PTL não visam a adequação métrica do padrão acentual do Tetun ao português, mas pretendem desfazer sílabas pesadas ou reduzir o número de sílabas a fim de evitar a presença de polissílabos e acentos secundários, pois tanto sílabas pesadas, quanto lexemas polissílabos são raros nas línguas locais de Timor-Leste:

21. alicate > [al.ka.ti]
chocolate > [ʃo.'kla.te]
telefone > ['tel.fon]
chave de fenda > [xa.'fen.da]

22. compreender > [kum.'pren.de]
fecho-ecler > [fes.ku.'le.ru]

Em (21), encontram-se exemplos de apagamentos silábicos, e até do composto *chave de fenda*, para reduzir os polissílabos, transformando-os em trissílabos, mesmo que formem sílabas pesadas, como em *chocolate* e *telefone*. Já em (22), ocorre o inverso, as unidades lexicais foram adaptadas para evitar a formação de sílabas pesadas, porém adaptando ao mesmo tempo para o padrão silábico caindo na penúltima sílaba.

Finalmente, nos verbos do PTL ocorre a redução final da marca do infinitivo *-r*, somada a mudança no padrão acentual para a penúltima sílaba, conforme vem sendo analisado. Isso faz com que o infinitivo seja realizado foneticamente igual à 3ª pessoa

do singular no tempo presente e, às vezes, com o nome de conteúdo semântico igual ao verbo.

A perda do *-r* que marca infinitivo é comum em muitas variedades portuguesas, sendo marca também de variedades crioulas do português. Assim, exemplos como em (23), não são exclusivos do PTL:

23. correr > corre [ˈkɔ.re] ~ [ku.ˈre.er] ~ [ku.ˈre.e]
dever > deve [ˈdɛ.ve] ~ [de.ˈve.er] ~ [de.ˈve.e]
dormir > dormi [ˈdɔr.mi] ~ [durˈmi.ir] ~ [dur.ˈmi.i]
casar > casa [ˈka.za] ~ [ka.ˈza.ar]

24. fumar > fuma [ˈfu.ma]
carregar > carrega [ka.ˈrɛ.ga]

Desta maneira, para ser iniciada a análise de operações linguísticas que inserem segmentos, partir-se-á dos dados apresentados em (23). Ao mesmo tempo, há verbos que apresentam variação que retira segmentos e que insere. Conforme foi dito acima, ao se retirar o *-r* que marca o infinitivo pode ocorrer homonímias desnecessárias, como em *casar* [ˈka.za], que pode ser entendido como ‘infinitivo, 3ª pessoa do singular do tempo presente’ e ‘lugar de residência, domicílio’. Assim, o falante leste-timorense acaba por realizar uma estratégia de alongamento compensatório, de acordo com a definição de Hayes (1989, p. 260), em que poderia ser analisada da seguinte maneira: com a perda do segmento *-r* final, marcador de infinitivo, acaba por desencadear o alongamento da vogal vizinha a este segmento, assim são realizadas formas como: [de.ˈve.e], [ku.ˈre.e], entre outras. Porém, deve-se ter em mente que, além da ampla variação na realização dos verbos no infinitivo, conforme foi apresentando em (23) e (24), o alongamento compensatório mencionado também está relacionado à acentuação do PTL, já que pode ser interpretado como uma maneira de que o falante leste-timorense possui de adaptar lexemas lusófonos oxítonos ao padrão acentual das línguas locais, predominante paroxítono.

Outro caso de alongamento compensatório é dos substantivos oxítonos, porém este está ainda mais ligado à acentuação que o anterior, já que não ocorrem variação,

nem perda de segmentos. Nestes lexemas específicos, principalmente terminados em *-or* ou *-al*, a vogal da sílaba acentuada é repetida, criando uma sílaba a mais, já que há a presença de duas vogais iguais. Digno de nota é que nas palavras lusófonas terminadas em *-al* ocorre o mesmo procedimento das palavras tetunófonas também terminadas em *-al*, como *nanal* ‘língua’, em (25):

25. eleitoral > [e.lei.to.'ra.al]

distrital > [dis.tri.'ta.al]

animal > [a.ni.'ma.al]

26. doutor > [do.'tɔ.ɔɾ]

eleitor > [e.lei.'tɔ.ɔɾ]

diretor > [di.re.'tɔ.ɔɾ]

senhor > [se.'nɔ.ɔɾ]

O processo que ocorre nos exemplos acima, (25) e (26), também pode ser explicado pela fonologia métrica. Em português, essas palavras possuem a cabeça na última sílaba, seguindo regra de acentuação não marcada para os não verbos, que possui como domínio o radical e a cabeça à direita, como em (27):

27. animal

(. *)

distrital

(. *)

doutor

(. *)

diretor

(. *)

Assim, as palavras oxítonas acabam por sofrer a inserção de um segmento na última sílaba, ou seja, esse processo é regular com a inserção da mesma vogal do último elemento à direita do constituinte e separa a sílaba pesada final (CVC) em duas sílabas leves (CV.VC), mantendo, desta forma, a unidade rítmica da mora, pois a sílaba pesada final, que corresponde a duas moras ($\mu\mu$), é simplesmente dividida em duas sílabas leves

(μ.μ). Assim, o PTL acaba por manter o padrão silábico das línguas locais leste-timorenses, que tendem a desfazer sílabas pesadas, que correspondem a duas moras (μμ), em duas sílabas leves (μ.μ), tal processo foi descrito para o Tetun por Avram (2008).

Em relação à língua portuguesa, o acento é predominante na penúltima sílaba também, porém há uma série de regras distintas, como, por exemplo, a diferença no padrão acentual dos não verbos e dos verbos, e exceções, princípios de extrametricidade e sensibilidade ao peso silábico, que difere bastante o sistema acentual do português, quando este é comparado ao Tetun.

Segundo a análise efetuada nesta seção, o sistema acentual da língua Tetun, que é o mesmo de outras línguas nativas de Timor-Leste, como o Galolen, assim como quando diferente, estas diferenças são poucas, como o caso do Manbae, é transferido pelo falante leste-timorense para o padrão acentual do PTL, que se caracteriza pelo acento na penúltima sílaba e não é sensível ao peso silábico. Para efetuar tais mudanças, o falante acaba por realizar alguns processos fonológicos, que serão analisados na seção a seguir (5.2.3), para adaptar o PTL a esse padrão acentual das línguas locais de Timor-Leste.

De acordo com Couto (2007, p. 205), que afirma, baseado em Jakobson (1972), que a sílaba ótima é a CV, é possível ser atestada tal afirmação com as adaptações silábicas ocorridas no PTL para se adequar ao padrão acentual local. Nos dados apresentados, observou-se a clara tendência de reduzir sílabas pesadas, principalmente CVC, para CV: *correr* > *corre* ['kɔ.re], *fumar* > *fuma* ['fu.ma] e *fecho-ecler* > [fes.ku.'le.ru]. Porém apesar da sílaba CV ser a mais natural, assim como a palavra CV.CV também ser (COUTO 2007, p. 205) isso não é uma regra em PTL, já que ocorrem casos em que a prioridade não é se adaptar a este padrão natural mencionado, mas adaptar o PTL ao padrão acentual do ecossistema local, fazendo com que seja encontrada a sílaba final VC, como em: *distrital* > [dis.tri.'ta.al], *animal* > [a.ni.'ma.al], *doutor* > [do.'tɔ.ɔɾ] e *eleitor* > [e.lei.'tɔ.ɔɾ], assim como formadas sílabas pesadas, como em: *chocolate* > [ʃo.'kla.te], *telefone* > ['tel.fon] e *compreender* > [kum.'pren.de].

Assim, com os dados apresentados acima, é possível realizar uma interpretação ecolinguística deles, segundo Couto (2007, p. 210), em que todas as unidades da língua são recicláveis, possuindo, assim, por si só um caráter ecológico, mas de todas essas unidades linguísticas as da fonologia são as mais reutilizáveis, exatamente pelo fato de

possuírem um número limitado. Porém, com este número reduzido, as unidades fonológicas por meio de diferentes padrões de combinações e repetições (MAKKAI 1993) fornecem possibilidades quase infinitas aos falantes, já que:

Com apenas 19 consoantes e 12 vogais (ou até mesmo 7, se excluirmos as vogais nasais como fonemas independentes), os falantes do português formular todo e qualquer pensamento de que precisarem. Podem falar do que existe, do que poderá existir e até mesmo do impossível de existir (COUTO 2007, p. 210).

Desta maneira, novamente observa-se aqui a língua portuguesa se adaptando ao ecossistema local de Timor-Leste e, da mesma maneira, os falantes também se adaptando a ela. Assim, há diversas mudanças por meio das interações nos diferentes ecossistemas que estão em interseção.

5.2.3 Alguns processos fonológicos

O PTL apresenta uma série de processos fonológicos uns exclusivos, outros que são encontrados nas outras variedades do português na Ásia, principalmente os crioulos de Malaca e Macau. Desses processos, separaram-se cinco casos mais notáveis, são eles: a desnasalização e redução (que aparenta ser mais típica do PTL); a metátese e epêntese (que se encontram também em CPMal e CPMac) e a monotongação (que se apresenta na atualidade em todo o mundo lusófono).

A nasalização é um traço tipológico que não existe nas línguas nativas de Timor-Leste, e em muitas línguas do mundo também. Assim, o PTL apresenta amplamente o fenômeno de desnasalização, assim como não apresenta assimilação de nasalização (fenômeno presente em muitas variedades do português, inclusive no PB, como em *cama* [‘kãma]). Notável em alguns exemplos de ditongos nasais do PTL, em (28), é que ocorre um processo inverso ao etimológico (Pt. -sãun < PTL -**saun** < Latim -sanu):

28.

educação [e.du.ka‘sa.u] ~ [e.du.ka‘sa.un]

ação [a.‘sa.u] ~ [a.‘sa.un]

confissão [kon.fi‘sa.u] ~ [kon.fi‘sa.un]

O fenômeno da desnasalização é semelhante ao da variação das consoantes palatais, pois os falantes leste-timorenses não realizam nenhum tipo de vogal nasal e acabam com frequência inserindo um [n] epentético através da dissimilação, tornando, assim, os vocábulos em PTL semelhantes ao de línguas locais, como na língua Tetun, que possui um grande número de substantivos terminados com um sufixo *-n*, já que /m/ não é aceito como coda silábica em Tetun e em várias outras línguas nativas de Timor-Leste (HULL 2001a, HULL e ECCLES 2002, ALBUQUERQUE 2011e). Assim, este fenômeno além de desnasalização pode ser considerado como transferência por analogia da L1 do falante para o PTL. Porém, nos dados coletados houve também ocorrência de variação na realização da nasalização, já que alguns falantes mais escolarizados acabam por realizar a nasal, enquanto o fenômeno de desnasalização, além de estar ligado com a L1 do falante, acaba por estar relacionado com a escolaridade:

29. variação na realização da nasalização das vogais:

amanhã [a.´ma.nʲa] ~ [a.´ma.nan];

mãe [´ma.e] ~ [mai];

ontem [´ɔn.tem] ~ [´ɔn.ten] ~ [´ɔn.te];

educação [e.du.ka.´sa.u] ~ [e.du.ka.´sa.un];

ação [a.´sa.u] ~ [a.´sa.un];

confissão [kon.fi.´sa.u] ~ [kon.fi.´sa.un].

A metátese é um processo de mudança linguística atestado em várias línguas do mundo. Trata-se da troca de posição de um determinado fonema, esse processo ocorre também em diversas variedades do português, inclusive em CPMal e CPB:

30.

perguntar [pre.´gun.ta]

vidro [´bri.do]

A epêntese, inserção de uma vogal em sílabas com padrão complexo do tipo CCV, VCC, entre outros, gerando, assim o padrão de sílaba universal CV, além de ser encontrada no PTL, faz parte da realização fonética de diversas variedades do português: o PB, o português de Flores, CPMal e CPB:

31.

advogado [a.di.bo.ˈga.do]

administração [a.di.mi.nis.tra.ˈsa.u] ~ [a.di.mi.nis.traˈsa.un]

O processo de redução, no caso exemplificado abaixo se trata de apócope, que se trata da realização fonética com a ausência de um, ou mais fones, foi observado muitas vezes em PTL, principalmente na classe de verbos, pois há um conjunto de fonemas consonantais no final de palavras, ou no final de núcleos silábicos, que não são realizados:

32.

abraçar [a.ˈbra.sa]

cair [kai]

ajudar [a.ˈzu.da] ~ [a.ˈdʒu.da]

O fenômeno de monotongação encontra-se presente em diversas variedades da língua portuguesa no mundo, no PB, nas variedades africanas do português e até no PE. Dessa forma, o PTL segue o que aparenta ser um traço tipológico da língua portuguesa no mundo:

33.

manteiga [man.ˈte.ga]

madeira [ma.ˈde.ra]

vassoura [ba.ˈso.ra]

Uma das consequências no nível semântico do fenômeno da variação das vogais abertas e da mudança de acento é o surgimento de homônimos únicos ao PTL, principalmente nas formas verbais apresentadas nos exemplos acima. Entendendo aqui homonímia, de acordo com Traugot e Dasher (2002, p. 12), como significados coexistentes associados à mesma forma. Além da variação das vogais médias, do *-r* final do infinitivo e da acentuação, as homonímias formadas podem ser apenas parciais, consistindo na igualdade entre a forma infinitiva e a 3ª pessoa do singular do verbo,

como [‘fu.ma] ‘fumar, fuma’, [‘gɔs.ta] ‘gostar, gosta’, [sai] ‘sair, sai’ e [‘kɔ.re] ‘correr, corre’, ou podem ser homônimos propriamente ditos, como no caso de [‘o.vi] significando tanto ‘ouvir, ouvi’ e ‘houve’.

Os processos fonológicos apresentados aqui são as formas que a língua portuguesa, como uma espécie biológica (MUFWENE 2001, 2008), encontrou para se adaptar ao novo ecossistema linguístico a que foi transplantada, o ecossistema de Timor-Leste, e manter seu organismo, que é um meio ambiente interno, em equilíbrio com o meio ambiente externo (CALVET 1999). De acordo com a perspectiva evolucionária de Mufwene (2001), há um fundo de traços (ing. *feature pool*), análogo ao fundo genético (ing. *gene pool*), em que esses traços estão em competição e os falantes selecionam os que estão mais adaptados às mudanças ecológicas que ocorreram. Por isso que certos processos, como a monotongação, metátese, epêntese, entre outros, ocorrem não apenas no PTL, mas no PE, no PB e nas diferentes variedades da língua portuguesa, sejam elas crioulas ou não. Esses processos fazem parte do fundo de traços da língua portuguesa e os falantes do PTL, por meio de competição e seleção, escolheram esses traços específicos, assim como os demais que serão descritos aqui, fazendo do PTL uma variedade da língua portuguesa.

5.2.4 A prosódia

A prosódia do PTL é área que mais se destaca das demais por apresentar traços tipológicos únicos e uma influência unicamente das línguas nativas, enquanto que nos demais fenômenos analisados anteriormente não é possível apontar somente uma influência, mas influências diversas, entre elas algumas tendências universais. Assim, será comparada a entonação do português padrão e do PTL, que se apresenta como traço tipológico idiossincrático desta variedade do português.

Com os avanços dos estudos linguísticos é possível postular algumas características da prosódia do PE, entre elas as dignas de nota para a análise contrastiva com o PTL, são: o PE não possui acentos rítmicos (ANDRADE e LAKS 1992); o traço acústico mais significativo para a análise dos fenômenos acentuais em língua portuguesa é a duração (ANDRADE e VIANA 1989); o acento lexical não é previsível; a entonação do PE possui a presença de um contorno declarativo neutro, constituído de uma subida inicial, um *plateau* intermediário e uma descida final (ANDRADE 1997).

Em PTL, o padrão acentual é bem diferente, ocorrendo o acento primário predominantemente na penúltima sílaba, inclusive em palavras acentuadas de maneira diversa deste padrão, de acordo com a norma do PE. Nos dados analisados, verificou-se a ausência do acento secundário que é “elemento importante no ritmo de uma língua” (BISOL 2000, p. 408). Dessa maneira, fenômenos importantes para a teoria prosódica, como haplologia, degeminação e elisão, em PTL possuem comportamentos totalmente diferentes dos já descritos para o PB e o PE. Isso dá ao PTL um ritmo de característica não marcada tanto para sentenças sem foco pragmático, como para sentenças com algum tipo de foco pragmático. Como será discutido mais abaixo, há subvariedades que sofrem uma maior influência das línguas nativas que apresentam ausência de ritmo frasal.

Em uma investigação sobre a tipologia da acentuação das línguas do mundo, com ênfase nas línguas austronésias e papuásicas, Zanten e Goedemans (2009) chegaram à conclusão de que grande parte das línguas austronésias (67%, ou seja, dois terços) possui acento fixo e, em sua maioria, caindo na penúltima sílaba. Digno de nota é que a variação da acentuação das línguas austronésias pertence ao grupo das línguas oceânicas somente (ZANTEN e GOEDEMANS 2009).

De acordo com o que foi exposto, então, pode-se argumentar claramente que os falantes leste-timorenses trouxeram o padrão tipológico de acentuação de suas línguas maternas, línguas austronésias ou papuásicas, para a aprendizagem do português, formando para o PTL um padrão de acentuação predominantemente paroxítono⁸⁴.

Em um trabalho único sobre a prosódia das línguas locais leste-timorenses, Himmelmann (2008) analisa aspectos da prosódia do Waima’a⁸⁵. Nesta publicação, o linguista chega à conclusão de que o Waima’a não possui acento lexical, nem tom lexical e nem ritmo frasal. Há apenas um acento frasal que recai sobre a penúltima sílaba (H) e um tom frasal final com função delimitativa (L%). O padrão da unidade entonacional consiste no esquema a seguir:

34.

σ σ σ σ σ σ σ σ σ σ – σ

⁸⁴ Na língua portuguesa o padrão acentual é paroxítono. Couto (1997) realiza um estudo estatístico, chegando aos seguintes números: paroxítonas 70%, oxítonas 20% e proparoxítonas 10%.

⁸⁵ Variedade falada no distrito de Baucau faz parte um complexo dialetal cujo acrônimo é, algumas vezes, referido na literatura linguística como ‘Kawaimina’, referindo-se às línguas que o compõe: Kairui, Waima’a, Midiki e Naueti (HULL 2001a).

H – L%

Este parece ser um traço tipológico de grande parte das línguas nativas de Timor- Leste, principalmente que a ilha de Timor é considerada uma área linguística (HULL 2001a) que se encontra inserida em outra área linguística maior, chamada de Nusantara Oriental (KLAMER, REESINK e STADEN 2007), que engloba um amplo conjunto de ilhas da região que se localiza no leste da Indonésia.

Os exemplos abaixo apresentam um esquema da prosódia do PTL, as orações são caracterizadas inicialmente por um padrão entonacional médio, ou neutro (σ), que se estende pela sentença. Somente a penúltima sílaba recebe um acento frasal alto (H), seguido por um tom delimitativo baixo (L%), exemplos (35) e (36); em outros casos o padrão acentual encontra-se mesclado com o padrão prosódico descrito acima, como em (37) e (38):

35. [ti.‘mo.ɔr.‘les.te.e.uma.na.‘sa.un.que.NO-VA]

H – L%

Timor Leste é uma nação que (é) nova
‘Timor Leste é uma nação que é nova.’

36. [pri.‘mei.ru.foi.os.mi.sio.‘na.ri.us.ki.ni.‘en.tus.anu.ZA-TrAS]

H – L%

primeiro foi os missionários quinhentos anos atrás
‘Os primeiros foram os missionários quinhentos anos atrás.’

37. [ozeusaipəre]Kɔ-LA]

H – L%

hoje eu saí para a escola
‘Hoje eu fui à escola.’

38. [podemozensinaitransformaestudante]detimorEN-SE]

H – L%

podemos ensina e transforma estudantes de timorenses
‘Podemos ensinar e transformar os estudantes timorenses.’

Dessa maneira, o padrão entonacional apontado acima, proposto por Himmelmann (2008), parece fazer parte da tipologia das línguas de Timor-Leste e, dessa forma, ter influenciado na prosódica do PTL.

No corpus analisado, pode-se perceber que no *continuum* próximo à norma europeia, os falantes realizavam o padrão acentual e rítmico próximo ao PE; na posição intermediária os falantes mesclavam o padrão acentual com o padrão entonacional, como nos exemplos (35) e (36); na posição mais oposta à norma europeia do *continuum* os falantes realizam o padrão entonacional, como em (37) e (38).

Segundo Couto (2007, p. 211), a entoação parece ser uma característica universal e natural das línguas, a ponto de as crianças em sua fase inicial de aquisição da L1 já a reconhecer. Pinker (1994) chega a afirmar que ela é adquirida pela criança ainda na barriga de sua mãe ou nos primeiros de vida. O presente autor partilha desta ideia, afirmando que a entoação faz parte da interação comunicativa, podendo ser parte das regras sistêmicas, ou das regras interacionais ou de ambas. Em português, a entoação faz parte mais das regras interacionais, sendo usada para diferenciar sentenças afirmativas, exclamativas, negativas e interrogativas, cada uma com marcações próprias de entoação. Há também em português entoações específicas de cada ecossistema social que oferecem informações adicionais (surpresa, insatisfação, comicidade, imitação, entre outras) ou que são características marcantes de identidade de uma comunidade de fala específica (locutor de rádio, jogador de futebol, cantor de ópera, mulheres, homossexuais, travestis etc.) em uma situação de interação comunicativa, como: afinar a voz em alguma sílaba ou lexema; alterar a quantidade, geralmente alongando uma vogal; pronunciar sílabas separadas; falar excessivamente rápido etc. Makkai (2002) analisa este fenômeno, chamando atenção para o papel da entoação na mudança de significado em certas situações de interação, o que ele chama de ecossemântica. Assim, é possível afirmar que além de sua presença no ecossistema natural, a entoação faz parte também do ecossistema social. De maneira distinta, a entoação em Kawaiina faz parte das regras sistêmicas e interacionais, enquanto em outras línguas locais também é somente interacional, como o Tetun. Assim, os diferentes falantes de PTL transferem os padrões entonacionais de suas respectivas L1 para o português, fazendo com que o PTL não tenha uma característica entonacional híbrida, de acordo com seus falantes. Com base no *continuum* da fig. 9, o PTL apresenta os seguintes padrões entonacionais: o padrão mais interacional, próximo ao português padrão, sendo empregado por falantes

mais escolarizados ou contato maior com a língua portuguesa; o padrão menos marcado e mais neutro, não sendo interacional nem sistêmico, sendo influenciado por línguas leste-timorenses locais que possuem padrão entonacional neutro, ou por falantes em aprendizes do português; no outro extremo do *continuum*, há o padrão mais marcado, sendo mais sistêmico, e fortemente influenciado pela L1 do falante, que apresenta conhecimento mínimo do português.

Outro fator que não deve ser deixado de lado, é que os níveis linguísticos não são independentes e delimitados, mas exatamente o contrário, são porosos. Considerando a porosidade como uma das características da linguística ecossistêmica (COUTO 2012a, 2013b), a fonologia prosódica e a fonologia segmental interagem entre si, sendo fundamentais para organizar as possibilidades de formação de palavra, já que é por meio delas que se podem observar certas tendências do EFL para considerar por meio de seus falantes uma palavra mais adaptada, ou não. Couto (2007, p. 210) chama atenção que a palavra ótima, ou ecológica, é CVCV e que a partir desta é que são formadas as demais. Tal fato está em consonância com os dados e a análise do PTL apresentados aqui.

5.3 Aspectos morfossintáticos

Os dados linguísticos do PTL analisados nesta seção foram coletados pelo presente autor durante os anos de 2008 e 2009, período em que morou em diferentes distritos de Timor-Leste, trabalhando como professor da disciplina *Português Instrumental* e na formação de professores leste-timorenses, junto a órgãos governamentais. Os dados coletados estão alguns na modalidade oral (gravação de conversas), e os demais, a maioria, na modalidade escrita (tarefas que serviram como avaliação dos alunos)⁸⁶. O tema foi comum a todas as conversas e tarefas, e consistiram em questões sobre a língua portuguesa em Timor-Leste, história de Timor e aspectos da cultura material e imaterial dos diferentes povos leste-timorenses, de acordo com o que já foi exposto no capítulo 3 sobre a metodologia deste trabalho.

Conforme foi apontado no capítulo 2, a respeito da bibliografia dos estudos linguísticos do PTL, pouco se sabe a respeito da morfossintaxe do PTL. Há poucos trabalhos sobre esta variedade do português, e os que existem nenhum se dedicou ao estudo da morfossintaxe, existindo apenas breves comentários, sendo o primeiro

⁸⁶ Foram mantidas as grafias e as pontuações dos originais nos exemplos escritos do PTL, que serão apresentados nesta seção.

elaborado por Vasconcelos (1970 [1901], p.184). Posteriormente, há Thomaz (1985), reproduzido em Thomaz (2002, p. 153); Carvalho (2002/2003); Brito e Bastos (2007) e Albuquerque (2011a). Digno de nota também é o trabalho de Busquets (2007) que, apesar de realizar uma análise da conversação de textos orais do PTL, contempla algumas informações morfossintáticas dessa variedade do português.

Alguns dos fenômenos linguísticos encontrados nos dados do PTL são os mesmos já analisados para variedades crioulas e reestruturadas da língua portuguesa. Digno de nota é que estas características morfossintáticas do PTL apresentam certas similaridades tanto com CPs asiáticos, como também com as línguas nativas de Timor-Leste. Os fenômenos morfossintáticos do PTL encontrados nos dados e que serão analisados são os seguintes: o uso de morfemas derivacionais, em (5.3.1); os lexemas gramaticalizados que são empregados como marcadores verbais de TAM, em (5.3.2); o uso de cópula e de conetivos, em (5.3.3); o emprego dos pronomes pessoais, em (5.3.4); o sujeito nulo, em (5.3.5); e, a concordância variável de gênero, de número e verbal (5.3.6).

5.3.1 Uso de morfemas derivacionais

Os morfemas derivacionais em português são vários, com a predominância de alguns sendo usados com maior frequência e/ou maior produtividade na formação de palavras, enquanto outros são pouco empregados. Até o momento há muito a ser pesquisado a respeito das formas de emprego e das restrições de uso dos morfemas derivacionais nos radicais. Porém, há certas características básicas em relação ao uso dos morfemas derivacionais, sendo elas: há restrições lexicais em relação uso de morfemas em certos radicais; os morfemas derivacionais possuem a mesma função e significados que não podem ser alterados; a intuição morfológica em relação às restrições, significados e funções dos morfemas é desenvolvida durante estágios iniciais e intermediários do processo de aquisição linguística (RUBIN 1988, CARLISLE e NOMANBHOY 1993, CARLISLE 1995, TREIMAN, CASSAR e ZUKOWSKY 1994, TREIMAN e CASSAR 1996). Payne (2006, p. 39) chama atenção para alguns traços prototípicos da derivação, quando comparada à flexão, como: modificação da classe de palavra do radical; afeta notavelmente o significado; os afixos derivacionais não se aplicam a todos os radicais e, às vezes, não apresentam os mesmos efeitos nos radicais a que se aplicaram.

No caso do PTL, observou-se nos dados um uso variado dos sufixos derivacionais que produziram formas distintas das correlatas que estão dicionarizadas. Aqui se recorreu às formas dicionarizadas, já que não é possível atestar regras universais para o emprego dos morfemas derivacionais nem mesmo para as variedades do português mais conhecidas e pesquisadas, que são o PE e o PB (há casos como PB *bolsista* PE *bolseiro*, PB *salva-vidas* PE *banhista*, entre vários outros). Em outras palavras, no PTL foi encontrada uma consciência morfológica ligeiramente distinta de outras variedades do português, permitindo que ocorra, em alguns casos, rompimento do bloqueio lexical, que limita/bloqueia a formação de uma palavra nova quando existe uma no léxico com a mesma função (ARONOFF 1976).

Dos morfemas derivacionais existentes em português, foram encontrados nos dados, o rompimento do bloqueio lexical somente em alguns sufixos. Os sufixos que foram encontrados sendo usados em certos itens lexicais que geralmente apresentam restrições e produzindo, assim, outras formas distintas das registradas nas obras lexicográficas da língua portuguesa são os seguintes: *-dor*, *-ção*, *-ante* e *-al*.

O sufixo *-dor* é frequente e produtivo em língua portuguesa, assim como no PTL. Digno de nota é que este sufixo, e o sufixo *-ção* que será analisado a seguir, são empréstimos na língua Tetun, fazendo parte das regras sistêmicas desta língua e usado para formar palavras novas. No ecossistema linguístico de Timor-Leste ocorreu a dispersão desses sufixos, *-dor* e *-ção*, via Tetun para as demais línguas locais do país. Em Hajek e Williams-van Klinken (2003), há uma análise do sufixo *-dor* em Tetun que sofreu uma adaptação significativa, evoluindo para um sufixo que, além de formar substantivos a partir de verbos com significado de agente, profissão ou instrumento, apresenta em alguns casos um significado de o indivíduo que possui o hábito de praticar a ação do verbo, porém com caráter neutro, já que em Tetun há os sufixos *-teen* e *-nain* que formam substantivos de agente/profissão/instrumento a partir de verbos, mas com significados distintos. O sufixo *-teen* deriva da palavra tetunófona *teen* ‘fezes’ e é usado geralmente para derivar um adjetivo de agente/hábito com sentido pejorativo, podendo ser usado também para formar substantivos, como em *baruk-teen* ‘preguiçoso’ e *bosok-teen* ‘mentiroso’, enquanto o sufixo *-nain*, derivado do substantivo *nain* ‘dono, mestre’, pode ser usado tanto como agentivo, quanto como instrumental e traz um significado de

prestígio, como em *uma-nain* ‘chefe da casa, pai de família’, *toos-nain* ‘dono da roça, agricultor’, *lia-nain* ‘contador de histórias’⁸⁷ (ALBUQUERQUE 2011e, p. 114).

Desta maneira, o sufixo *-dor* em PTL possui um uso diferente tanto por causa do rompimento com o bloqueio lexical, como por influência do empréstimo *-dor* das línguas nativas. Nos dados coletados do PTL, foram encontrados vários usos desse sufixo em diferentes textos, o que indica que ele é produtivo e frequente. Seguem alguns exemplos:

39. Empregos do sufixo *-dor*:

- a. *Cantador* ‘cantor’;
- b. *Escutador* ‘estetoscópio’;
- c. *Servidor* ‘servente’;
- d. *Sinodor* ‘pessoa que toca o sino na igreja, fabricante de sino’;
- e. *Belador* ‘mesa de centro’;
- f. *Siikdor* ‘cigano, pessoa que prevê futuro’;
- g. *Dukodor* ‘dorminhoco’.

Nos exemplos (39) de (a-d), estão lexemas lusófonos com o sufixo sendo usado de maneira distinta das demais variedades do português. Em (39a), o lexema *cantador* trata-se de *cantar* + *dor*, gerando a forma empregada em PTL *cantador* com significado de ‘cantor’ pelo fato de existir variação com o lexema *kantoor*, o empréstimo do holandês que significa ‘escritório’. Assim, para evitar ambiguidade acabam sendo usadas as duas formas com os significados diferentes *cantador* e *kantoor*. Pode-se argumentar neste caso que o sufixo foi produtivo para criar um novo lexema que não se confundisse com o empréstimo holandês já existente no ecossistema linguístico. Em (39b), o termo da área da saúde ‘estetoscópio’ acabou por não ser inserido no PTL, e novamente há outro caso do sufixo *-dor* sendo produtivo, com os falantes criando a forma *escutador*, que se baseia na ação do estetoscópio de escutar e a partir disso se deriva, gerando um substantivo com significado de instrumento. Em (39c), pode ser feita a mesma análise com a forma *servir* + *dor* > *servidor* com o significado específico de ‘servente’. Porém, outra análise pode ser feita, considerando-se neste caso como uma

⁸⁷ Conforme foi analisado no capítulo anterior, o lexema *lia-nain*, ou *lia-na'in* (representando ortograficamente, segundo a proposta ortográfica do INL para a língua (INL 2002, 2003), a oclusiva glotal de algumas variedades da língua Tetun *lianaiʔn*), pode significar, além da classe social dos contadores de histórias, o registro especial para se referir a cidadãos nobres.

influência da língua inglesa, com o lexema *servant* ‘empregado’. Em (39d), é um exemplo notável, já que o conceito do lexema *sinodor* ‘pessoa que toca o sino na igreja, fabricante de sino’ não existe em língua portuguesa, assim como o lexema *sino* não é um verbo, mas substantivo. Desta maneira, o significado de ‘fabricar sino’ ou ‘tocar sino’ é um uso único do PTL, mostrando clara produtividade do sufixo nesta variedade da língua. Já nos exemplos (39) de (e-g), estão lexemas tetunófonos que foram derivados com o sufixo *-dor* e emprestados ao PTL. Em (39e), o lexema *belador* ‘mesa de centro’ trata-se da derivação da raiz *bela* ‘chato, plano’ que em Tetun gera vários lexemas, como *bela-k* ‘disco ornamental feito de ouro ou prata, usado no peito em trajes tradicionais’ (ver fotos 24 e 25 abaixo) e *bela-r* ‘disco, qualquer objeto de forma achatada semelhante a um disco’. Assim, *belador*, que em alguns casos também pode significar ‘mesinha para tomar café’, consiste no emprego do sufixo para criar uma nova palavra, referente a um item lexical inexistente na cultura tradicional leste-timorense, o conceito de ‘mesinha de centro, de café’. Em (39f), *siikdor* ‘pessoa que prevê futuro, cigano’ é derivado do verbo Tetun *siik* ‘adivinhar’, formando da mesma maneira que em português um substantivo de agente, ou profissão, a partir do verbo. A distinção aqui é que o conceito de ‘adivinhar’ é estendido semanticamente para ‘prever o futuro’ e também para se referir em alguns casos a ‘ciganos’⁸⁸. Em (39g), a forma *dukudor*⁸⁹ ‘dorminhoco’ (*dukur* ‘dormir’) pode ser analisada como os lexemas tetunófonos anteriores, porém ocorre uma exceção com o sufixo *-dor* sendo usado de maneira pejorativa, quando a regra sistêmica seria do emprego do sufixo *-teen* explicado acima. Digno de nota é que esta forma não se trata de um erro do falante, ou um emprego pouco frequente, já que o lexema está dicionarizado em alguns dicionários da língua Tetun.

FOTO 24. Dom Aleixo Corte Real, usando *belak*

(Fonte: <http://novacasaportuguesa.blogspot.com.br/2011/08/d-aleixo-corte-real-um-exemplo-de.html>)

⁸⁸ Somente em alguns casos, já que a língua Tetun possui o empréstimo lusófono *siganu* ‘cigano’. Provavelmente, como os leste-timorenses não possuem contato com povos ciganos, associaram a eles o ato de prever o futuro somente por leituras ou depoimentos de outras pessoas, o que poderia se caracterizar de um preconceito de alguns cidadãos leste-timorenses em relação aos ciganos. Uma vez, um dos falantes leste-timorenses, conversando comigo, tentou oferecer uma explicação para o fato afirmando que *siik* parecia com *cig* do início do lexema *cigano*. Porém, deve-se enfatizar que o emprego de *siikdor* com o significado de ‘cigano’ foi encontrado poucas vezes nos dados.

⁸⁹ Nos dados escritos foi encontrada esta forma, porém na ortografia oficial do Tetun é *dukurdór*.



D. Aleixo Corte Real, régulo de Timor, herói e mártir na luta dos Portugueses contra a invasão japonesa. 1886-1943.

FOTO 25. Um *liurai* com *belak*

<http://timorlendasprosasenarrativas.blogspot.com.br/2010/05/liurai-ou-liur-rai.html>



O sufixo *-ção* é muito produtivo e ocorre com frequência significativa nos dados do PTL, assim como o sufixo *-dor* analisado anteriormente. Basicamente, *-ção* é usado para formar substantivos abstratos a partir de verbos, enfatizando o simples ato ou efeito expresso pelo verbo. Isso ocorre nas regras sistêmicas da língua portuguesa e em PTL não é diferente. Há somente alguns casos em que essa regra sistêmica não foi usada, conforme serão analisados alguns exemplos abaixo, o que pode ser argumentado como

uma adaptação dos falantes leste-timorenses a diferentes necessidades comunicativas de seu ecossistema linguístico local. Seguem os exemplos:

40. Empregos do sufixo *-ção*:

- a. *Alugação* ‘locação’;
- b. *Fechação* ‘fechamento’;
- c. *Adotação* ‘adoção’;
- d. *Comiteção* ‘comissão’;
- e. *Abstratação* ‘abstração’;
- f. *Acreditação* ‘receber crédito’;
- g. *Atacação* ‘ataque do coração, desmaiar’.

Nos exemplos (40) (a-c), nas variedades mais faladas do português entram em vigor certas regras sistêmicas da haplogogia e da alomorfia da raiz do verbo. Porém, o falante leste-timorense geralmente não as emprega, derivando o verbo por meio apenas da sufixação, adicionando o sufixo diretamente ao radical *alugar + ção > alugação* ‘locação’, *fechar + ção > fechação* ‘fechamento’ e *adotar + ção > adoção* ‘adoção’. De maneira distinta, em (40d) e (40e), foram encontrados exemplos em que a derivação com o sufixo *-ção*, apesar de formar um substantivo abstrato, é adicionado a um radical que é um nome (substantivo ou adjetivo), como *comitê + ção > comiteção* ‘comissão’ e *abstrato + ção > abstratação* ‘abstração’. Enquanto em (40f) e (40g) há dois casos que se destacam, já que são duas formas dicionarizadas e empregadas mais em registros formais e escritos, em que há uma base que recebe o sufixo *-ção*, porém formando um novo lexema, uma nova forma com novo significado, que existe somente em PTL: *a + crédito + ção > acreditação* ‘receber crédito’ e *atacar + ção > atacação* ‘ataque do coração, desmaiar’. Em *atacação* é possível observar o processo de sufixação, assim como nos demais casos, mas em *acreditação* é um caso de derivação parassintética em que o prefixo *a-* também é adicionado. Ambos os exemplos parecem ter surgido no PTL por influência da língua inglesa *acreditação < accreditation, accredited* e *atacação < attack, heart attack*. Os falantes leste-timorenses afirmaram, em algumas conversas com o presente autor, que o sufixo lusófono *-ção*, além de existir em Tetun, lembra o lexema *ação*, fazendo com que seja empregado por eles em qualquer ‘palavra nova’ que eles desejam criar e que os faça lembrar de ‘ação’. Esta intuição linguística do falante leste-timorense não está errada, já que o sufixo *-ção* existe em português com este

significado. É possível retomar aqui a distinção entre comunidade de língua e comunidade de fala, definida no capítulo anterior, bem como por Couto (2009, 2013b), que é muito válida para a linguística ecossistêmica. Assim, na comunidade de língua do português existem várias possibilidades para o sufixo *-ção* e que comunidade de fala leste-timorense, que equivale ao ecossistema linguístico local, os falantes fizeram uma escolha diferente dos portugueses e dos brasileiros, que se caracterizam por comunidades de fala distintas. Digno de nota é que ambas formas estão previstas na comunidade de língua portuguesa, fazendo com que seja possível o entendimento inter-comunidade de fala, ou seja, entre os diferentes falantes das variadas comunidades de fala de língua portuguesa.

O uso do sufixo *-ante* na grande maioria dos dados coletado segue as regras sistêmicas das demais variedades do português, sendo encontrados somente três casos distintos:

41. Empregos do sufixo *-ante*:

- a. *apoiante* ‘assistente, pessoa prestativa’;
- b. *escolante* ‘estudante’;
- c. *carburante* ‘carburador’.

O sufixo *-ante* nas regras sistêmicas do português funciona como formador de substantivos com significado de qualidade ou estado a partir do significado existente no verbo. Em (41a), é possível observar que o lexema é formado simplesmente pelo rompimento do bloqueio lexical, fazendo com que o sufixo *-ante*, que geralmente não é afixado ao radical do verbo *apoiar*, o seja, ocorrendo a forma *apoia + ante > apoiante* ‘assistente, pessoa prestativa’, que ganha até um significado distinto, o de ‘assistente’, fazendo com que o sufixo *-ante* tenha função de formador de agente. Em (41b), ocorre a forma *escolante* ‘estudante’, que provavelmente surge por analogia, considerando como radical *escola/ escolar*⁹⁰ + *ante > escolante* ‘estudante’. No terceiro exemplo encontrado, em (41c), o sufixo *-ante* acaba sendo usado para formar um instrumento com o significado do verbo de maneira semelhante ao que ocorre com o sufixo *-dor*: *carburar + ante > carburante* ‘carburador’. Vale lembrar que foi verificado nos dados

⁹⁰ Foi considerado aqui na análise o fenômeno de analogia pelo fato de que o falante de PTL possivelmente considera *escolar* não como o adjetivo ‘referente à escola’, mas como um verbo no infinitivo *escola-r*.

o uso do lexema *carburante* com seu significado dicionarizado ‘combustível para motores de combustão interna’, porém ocorreram dois casos em que *carburante* foi empregado como ‘carburador’.

Finalmente, o sufixo *-al* é usado como formador substantivo referente a locais e/ou plantações a partir de outro substantivo, ou formador de adjetivo a partir do significado presente no substantivo. Nos dados do PTL, foram encontradas poucas ocorrências, somente os exemplos abaixo, assim como no uso do sufixo *-ante*, analisado anteriormente. Seguem os exemplos:

42. Empregos do sufixo *-al*

- a. *Moedal* ‘capital’;
- b. *Escolal* ‘escolar’;
- c. *Lugal* ‘local’;
- d. *Vidal* ‘vital’;
- e. *Cafeal* ‘cafezal’.

Em (42a), há o lexema *moedal* ‘capital’, formado a partir de *moeda* + *al* > *moedal*, em que ocorre o rompimento do bloqueio lexical, conforme já foi discutido anteriormente. Como o sufixo *-al* é formador de adjetivo, ocorre em (42b) o lexema *escolal* ‘escolar’ por meio do processo de sufixação *escola* + *al* > *escolal*. Nos demais casos, nos exemplos (42) de (c-e), além de ocorrer a sufixação, ocorrem a alomorfa de raiz, em *lugal* ‘local’ e *vidal* ‘vital’, que não são empregadas pelo falante leste-timorense, e a inserção de consoante de ligação *-z*, chamada por Hockett (1947) de morfema relacional, como em *cafeal* (*café* + *al*) ‘cafezal’ (*café* + *z* + *al*), regra sistêmica que também não é usada em alguns casos no PTL.

Do ponto de vista ecolinguístico, o processo de derivação é filogeneticamente posterior aos demais, já que é mais complexo, exigindo o acréscimo ao radical, principalmente à palavra ótima (CVCV) mencionada anteriormente, de outros elementos, no caso aqui analisado do PTL, de sufixos. Porém, a derivação surge como uma necessidade da língua de renovar seu léxico, reciclando elementos existentes, ou seja, para se referir a algo novo em seu ecossistema, ou até de algo provável ou impossível, o falante não precisa criar a todo momento elementos novos na língua, mas apenas de reutilizar/ reciclar elementos que já se encontram nela, por meio de prefixação e sufixação. Este processo também está de acordo com o princípio de

economia da linguagem, pelo fato de o falante não precisar armazenar mentalmente um número enorme de elementos lexicais, mas apenas um número reduzido de elementos que o possibilitam criar novos quando se fizer necessário nos AICs.

Esse processo pode ser explicado também, assim como vários outros na língua, de acordo com a proposta de Makkai (1993, 1996) de formas ativadas e formas não ativadas. As formas ativadas são aquelas em uso na língua, enquanto as não ativadas, apesar de serem gramaticais (ou previstas na gramática), não são usadas. Couto (2007, p. 183) se refere às formas não ativadas como inativadas e refina tal proposta, acrescentando formas reativadas, aquelas que deixaram de ser usadas e retornaram, assim como formas desativadas, que são formas que deixaram de ser usadas, destacando-se neste caso os arcaísmos, que serão analisados mais adiante. No ecossistema mental da língua, os radicais, e da mesma maneira os lexemas, estão associados distributivamente às diversas formas que podem ser derivadas a partir deles (LAMB 1999), e cada uma das formas se associa de maneira distribucional a outra, formando uma teia de formas, ativadas e não ativadas, e de significados⁹¹. Desta maneira, de acordo com o que foi analisado anteriormente, os falantes de PTL ao adquirirem a consciência morfológica de maneira distinta, o ecossistema mental do PTL torna-se distinto, já que as interações que ocorrem dentro do cérebro (T_2) no que se relaciona com o processamento (P_2) da língua como fenômeno mental (L_2) são diferentes. Isso é um fator que explica os usos dos sufixos e as formas existentes em PTL nesta seção.

Sobre o processo de derivação, ainda é possível afirmar que o ecossistema social da língua também influencia neste aspecto das regras sistêmicas, já que por meio de usos e pressões sociais formas ativadas podem passar a ser não ativadas, e formas não ativadas podem passar a ser ativadas/reativadas. Couto (2007, p. 179) cita o exemplo de prefixo *sem-* que passou a ser empregado com frequência maior por meio de pressões sociais e da situação atual brasileira, no caso dos lexemas *sem-terra* e *sem-teto*. É possível citar para o PB outro caso, o do sufixo *-izar*, que por meio de adaptações de empréstimos do inglês, vem se tornando mais frequente seu emprego, principalmente

⁹¹ Apesar de o estudo do ecossistema mental da língua ainda estar em estágio inicial, parece que a linguística cognitiva e a proposta distribucional para análise dos elementos linguísticos, por meio de nós e teias, de Lamb (1999) tem muito a contribuir, principalmente pelo fato de essa proposta de Lamb representar adequadamente as interações entre o cérebro (T_2), a língua como fenômeno mental (L_2) e a parte da mente que processa a língua (P_2), conforme foi apresentado no capítulo anterior o ecossistema mental da língua (Figs. 3 e 8).

em terminologia científica, por causa de questões políticas e sociais do influência norte-americana e da língua inglesa nas publicações acadêmicas e nos aparatos tecnológicos, tanto de hardwares, quanto de softwares, entre os exemplos estão: *estandardizar*, *inicializar*, *equalizar*, *destoxificar*, *embolizar*, *faringalizar* etc.⁹²

5.3.2 Os marcadores verbais de TAM

Os marcadores verbais existentes no PTL sofreram influências principalmente das línguas nativas do local, além de se assemelhar também com os marcadores existentes em crioulos portugueses asiáticos, como o Indo-Português, o Crioulo Português de Malaca e o Crioulo Português de Macau. Esses marcadores se caracterizam por serem pré-verbais, e por se tratar de um lexema, já existente na língua, gramaticalizado para cumprir a função de tempo, modo ou aspecto. Desta maneira, é possível perceber uma influência múltipla na formação dos marcadores de TAM em PTL, sendo tanto do contato com os CPs asiáticos, como transferências das línguas maternas dos falantes leste-timorenses.

Assim, nesta seção, serão apontados os marcadores verbais do PTL que são realizados por meio de lexemas gramaticalizados em posição pré-verbal e pós-verbal, ou seja, a marcação de TAM em PTL distinta do português padrão e também das variedades vernáculas mais conhecidas. De acordo com os dados coletados, foram encontrados os seguintes casos: *já* como marcador de aspecto perfectivo; *ainda* marcador de aspecto progressivo/durativo; *ainda não* como modalizador negativo; *pode* como modalizador deôntico; as formas variáveis *mpode* ~ *nupode* como modalizador deôntico negativo; e os verbos *ir* e *vir* flexionados na 3ª pessoa do singular para indicar direção centrífuga e centrípeta, respectivamente.

O uso de *já* no PTL marca o aspecto perfectivo e ocorre em posição pré-verbal, indicando, assim, uma ação que ocorreu no passado e foi encerrada. A língua Tetun apresenta o lexema *titha* ‘já’ como marcador de aspecto perfectivo, possuindo o traço semântico de algo que foi terminado, sua posição é após o verbo (ALBUQUERQUE 2011e, p. 104). Digno de nota é que em uma publicação anterior, seguindo a teoria da linguística cognitiva, Batoréo (2010b) chegou a resultados similares em sua investigação a respeito do uso do *já* em PTL.

Seguem os exemplos (ALBUQUERQUE, 2010, p.280, adaptado):

⁹² Para a análise dos empréstimos anglófonos no PB, ver Arraes (2006), de onde os exemplos foram extraídos.

43. el **z^ha** ‘sega ‘muitu ‘sedu

‘Ele chegou muito cedo.’

44. A ‘lingwa portu‘geza **ɔʒa** foi kri‘ada no ‘tempu pə‘sadu

‘A língua portuguesa foi criada há muito tempo.’

45. No ‘anu doz mili‘doz u‘zentes de timo‘rense **za** res‘tauran sua
indepən‘dens^hia (...)

‘No ano de dois mil e dois os timorenses restauraram sua independência (...)’

A análise de o uso de *ainda* como marcador de aspecto progressivo, e em alguns casos durativo, é feita também com base no contato do PTL com os CPs asiáticos e a influência das línguas maternas dos falantes leste-timorenses. Assim, as línguas nativas leste-timorenses, que não apresentam morfologia flexional, são tipologicamente bem distintas da complexa flexão verbal portuguesa. Os falantes leste-timorenses de PTL acabam, no período inicial de aprendizagem da língua, por deixar estas categorias vazias, e em um estágio posterior de aquisição e/ou contato com o português acabam por preencher esses vazios com a gramaticalização de lexemas portugueses.

Os exemplos abaixo são do emprego de *ainda* como marcador de aspecto progressivo, ainda os dados dos exemplos (46) a (48), e (49) e (50):

46. Língua portuguesa é uma língua que muito importante que nós **inda**
prendemos.

‘A língua portuguesa é uma língua que é muito importante e nós estamos a
aprender.’

47. Com ela (o português), eu **ainda** desenvolver melhor a minha língua
materna.

‘Com ela, eu estou a desenvolver melhor minha língua materna.’

48. Porque língua tetum até agora **ainda** desenvolvem bem ou as palavras de
tetum todos em prestada ou cópia de língua português.

‘Porque a língua Tetun até agora está a se desenvolver, ou as palavras do
Tetun são todas emprestadas, ou são copiadas da língua portuguesa.’

Em Tetun, observa-se também o mesmo uso do marcador progressivo *daudauk* ‘ainda’. Há aqui algumas diferenças apenas, já que o conteúdo semântico do lexema *daudauk* ‘ainda’ em Tetun marca no ato da fala que o evento expresso pelo verbo está acontecendo ‘ainda’, e sua posição é pós-verbal (ALBUQUERQUE 2011e, p. 104).

A forma *ainda não* é usada como um modalizador negativo em PTL, de maneira distinta do português padrão. Tal desvio do padrão, que é encontrado nos dados, também é interpretado como influência das L1 nativas de Timor-Leste sobre o PTL, já que o mesmo se encontra na gramática da língua Tetun, que usa uma forma própria *seidauk* ‘ainda não’ como modalizador negativo de verbo, como resposta ou como recurso estilístico/ discursivo relacionados à negação (WILLIAMS-VAN KLINKEN, HAJEK e NORDLINGER 2002, p. 81). Seguem os exemplos:

49. Mas muitas pessoas que **ainda não** pode fala português porque a capacidade **ainda não** esta para aprender este língua.

‘Muitas pessoas ainda não podem falar português, porque não têm capacidade para aprender esta língua.’

50. E então os timorenses **ainda não** aprender a língua portuguesa mas timorenses aprender uma nova língua que obrigatoriamente.

‘E, então, os timorenses **ainda não** aprenderam a língua portuguesa, mas eles aprenderão obrigatoriamente a nova língua.’

O verbo *poder*, flexionado em sua forma de 3ª pessoa do singular *pode*, é usado como modalizador deontico e sua forma negativa correspondente é *nupode*, ora variando com outras formas como *mpode*⁹³. Essas formas são encontradas, assim como as demais analisadas nesta seção, em CPs asiáticos e nas línguas locais de Timor-Leste:

51. agora kolega **pode** sai

‘Agora o colega pode sair.’

52. dza **pod** komesa

‘Pode começar!’

⁹³ A forma do modalizador deontico negativo apresenta grande variação nos dados, pois foram encontradas realizações como: *mpode*, *nupode*, *nupode*, *numpode* e *mpode*.

53. profesør **nupode** entrega ozi

‘Professor, não pode entregar hoje!’

Os verbos *ir* e *vir* em suas respectivas formas flexionadas na 3ª pessoa do singular, *vai* e *vem*, são usados como marcadores diretivos o que é comum somente nos CPs asiáticos, já que nas línguas nativas leste-timorenses tais marcadores são pouco produtivos e pouco frequentes, com suas origens provavelmente de calques (adaptação de lexemas estrangeiros à língua do falante) de CPs asiáticos (ALBUQUERQUE 2011e). Holm (2009, p.16) aponta que esta característica também é encontrada em línguas africanas e CPs africanos, corroborando com a hipótese da existência de um pidgin asiático, formado com certa influência linguística da África (CLEMENTS 2000). Seguem os exemplos do PTL:

54. profesør **vai** fala kon kolega?

‘O professor vai falar com o colega?’

55. kuandu senør **vem** vizita em kaza?

‘Quando o senhor vem nos visitar em casa?’

56. **vai** faze kòmpra oze, maun?

‘O irmão vai fazer compra hoje?’

Ecologicamente, a marcação de TAM surgiu com a necessidade de os falantes expressarem outras informações associadas à ação, expressa pelo verbo. Inicialmente, essa marcação não ocorreu por meio da flexão, que é um processo mais complexo e, de uma perspectiva filogenética da linguagem, por isso, surgiu somente em um estágio posterior da língua. Desta maneira, a marcação de TAM ocorreu com o uso de lexemas que expressam um significado próximo ao do tempo, aspecto e/ou modo, sendo colocados antes ou após o verbo, evidenciando também a questão da relação espacial de anterioridade ou posterioridade. A informação básica de tempo provavelmente veio da necessidade do falante expressar se a ação do verbo ocorreu em um momento anterior ao da fala, enquanto a de modo o falante informa se sua informação é real ou não, já no aspecto o falante esclarece se a ação está terminada ou se continua.

Em PTL, assim como em muitas línguas crioulas, pode ser observado que a marcação de TAM é posicionada antes do verbo, indicando a predominância da relação espacial de anterioridade, e que na EIC do ecossistema linguístico local de Timor-Leste a informação de TAM possui certa importância para a comunicação, já que é colocada antes do verbo. Na marcação de TAM em PTL, é possível observar também o uso de lexemas com significados próximos do que o falante quer expressar com TAM, como o emprego de *já, ainda, pode* etc. Observou-se também a predominância da escolha desse traço nos falantes de PTL pelo fato de o uso do processo de flexão não ser frequente no ecossistema linguístico de Timor-Leste, fazendo com que no processo de competição e seleção do fundo de traços (MUFWENE 2001) os falantes escolham o emprego de lexemas gramaticalizados para marcar TAM.

5.3.3 Uso da cópula e de conetivos

Construções que apresentam ausência de cópula, ou variação no emprego desta, estão restritas a poucas variedades da língua portuguesa, e o PTL é uma delas. Labov (1972, p. 228) analisou tal fenômeno para o *Black English Vernacular* e afirma que o ambiente sintático posterior é decisivo, e Holm (1984) expandiu tal análise para alguns crioulos ingleses.

A verificação do ambiente sintático posterior a cópula se revelou válido, já que a identificação da classe do elemento após a cópula é fundamental, pois a classe gramatical do lexema que ocorre após a cópula influencia o emprego ou não desta. No PTL se identificou que duas classes gramaticais tendem a influenciar a variação no uso da cópula, com a tendência da cópula não ser realizada, são elas advérbio (57-59) e verbo (60), conforme exemplos abaixo:

57. Eu também muito contente (...)

‘Eu também estou muito contente (...)’

58. A língua portuguesa é uma língua que muito importante, por isso nós temos de esforçar com maneiras e ideis para nós sabemos nós futuros.

‘A língua portuguesa é uma língua que é muito importante. Por isso, nós temos de nos esforçar de maneiras diferentes e com ideias para nós conhecermos nosso futuro.’

59. A língua português é uma língua que mais importante Timor.

‘A língua portuguesa é a língua mais importante de Timor.’

60. A língua portuguesa em Timor-Leste ligado com a CPLP para-dar informações sobre as acontecimentos, as actividades este.

‘A língua portuguesa em Timor-Leste está ligada à CPLP para dar as informações sobre os acontecimentos e as actividades.’

Na investigação conduzida por Santos (2009, p. 52), a autora aponta que os falantes em estágio inicial de aquisição do PTL acabam por apresentar alta frequência de variação na flexão verbal e a omissão verbal, assim como a concordância variável, são dois dos três tipos principais de ocorrências. A linguista chama atenção de que a omissão verbal na maioria dos dados está ligada à presença de verbos de cópula. Isso também foi verificado nos dados coletados pelo presente autor e utilizados nesta tese.

De maneira distinta, o PTL apresenta o verbo *ter*, flexionado na 3ª pessoa do singular *tem ~ tem ~ tɛŋ*, sendo usado como verbo existencial. Esta é outra característica existente também em CPs asiáticos e nas línguas locais de Timor-Leste de origem austronésia, como o Tetun, Manbae e Galolen. Seguem os exemplos:

61. na timo:r tambem dza **tɛŋ** o kontitwisaun.

‘Em Timor também tem constituição.’

62. Mas muito pessoas que não pode fala português porque a capacidade não **tem** para aprender este língua.

‘Muitas pessoas ainda não podem falar português, porque não têm capacidade para aprender esta língua.’

63. Nas escola desde primária até secundária **tem** língua português (...)

‘Nas escolas, desde as primárias até as secundárias, há a língua portuguesa (...)’

64. Língua portuguesa **tem** em Timor porque Timor-Leste e os portugueses trabalham juntos.

‘A língua portuguesa está em Timor, porque Timor-Leste e os portugueses trabalham juntos.’

A sintaxe de regência do PTL apresenta uma tendência paratática, por influência das línguas nativas leste-timorenses, assim preposições e conjunções tendem a ser omitidas, como em (65). Porém, são também empregues em contextos sintáticos onde não são necessárias, como em (66) e (67). Ocorrem contrações e combinações (de preposições com artigos) de maneira diversa da norma padrão, como em (68) e (69). Deve-se lembrar também de que a parataxe e o emprego reduzido e variável de conetivos é uma tendência universal, podendo ser encontrados nas demais variedades da língua portuguesa. Seguem os exemplos:

65. Eu também **gosto muito falar** a língua portuguesa (...)

‘Eu também gosto de muito falar a língua portuguesa (...)’

66. A nação **de** timorense faz parte de CPLP (...)

‘A nação timorense faz parte da CPLP (...)’

67. Timor Leste é que **alguns sabe de falar** antes da chegada dos portugueses.

‘Em Timor-Leste, alguns sabem falar da chegada dos portugueses.’

68. As portuguesas segaram **da** Timor-Leste em 1515.

‘Os portugueses chegaram em Timor-Leste em 1515.’

69. O país que ocupa Timor-Leste é o país saponesa mas a língua portugues sempre uzar para comunicar **como** outro países.

‘O país que ocupou Timor-Leste foi o país japonês, mas a língua portuguesa sempre foi usada para a comunicação com outros países.’

Até o momento quase nada foi dito a respeito da ecologia dos conetivos e de outros elementos gramaticais que possuem funções relacionais, como a cópula. A respeito das conjunções, Couto (2013c) realizou uma análise importante em que o autor aponta a função principal da classe das conjunções como a de marcar duas relações básicas, conjunção e disjunção, sendo que a primeira relação (conjunção) é a de juntar

de alguma maneira dois elementos, enquanto a segunda, a disjunção, é a de separá-los. Assim, é possível reduzir todos os usos da classe das conjunções em uma ou outra relação. Couto (2013c) afirma que essas relações são ‘espácio-temporais’, já que a “conjunção é uma relação de simultaneidade espácio-temporal. A disjunção é o seu contrário, logo se articula ao longo do mesmo eixo, isto é, é também de natureza espácio-temporal”. Porém, essa relação de espaço e tempo das conjunções não está diretamente ligada ao ecossistema natural da língua como é de se pensar inicialmente. Couto (2013c) afirma que a ligação das conjunções com o mundo extralinguístico, o ecossistema natural da língua, dá-se somente de maneira indireta, já que se reconhece as conjunções somente após elas serem reduzidas a suas bases lógicas. O conetivo que se relaciona diretamente com o mundo extralinguístico é a classe das preposições. Por isso, pode ser argumentado que, de acordo com a abordagem ecolinguística, ocorre o uso variável de conjunções no PTL exatamente pelo fato de que essa classe de palavras relaciona-se indiretamente com a realidade, com o ecossistema natural da língua, fazendo com que os falantes a adquiram somente nas fases finais de aquisição e que o emprego dessa classe aparente certa artificialidade, já que nem sempre são identificadas por eles a lógica em que se baseia tal classe.

A análise ecológica das conjunções, realizada acima, pode ser empregada para explicar o uso variável da cópula em PTL, assim como demais elementos de natureza relacional-gramatical que existem nas línguas, como foi mencionado anteriormente o exemplo do morfema relacional *-z* na derivação em português. Filogeneticamente, esses elementos surgem em momentos posteriores da língua, apresentam um caráter específico de uso, que é regido por uma série de restrições nas regras sistêmicas, e pelo passar do tempo acabam perdendo traços de sua forma e de seu significado, tornando-se, assim, ‘estranhos’ ao ecossistema natural da língua e aos falantes. Ontogeneticamente, esses elementos são adquiridos pelo falante somente nos estágios finais do processo de aquisição, assim como continuarão a ser usados pelos falantes somente se forem compartilhados pelos demais no ecossistema linguístico, já que se o falante adquirir tal traço e se este não for compartilhado pelos demais, com o passar do tempo ele poderá perdê-lo.

De maneira distinta, como foi adiantado acima, as preposições refletem diretamente a relação do falante com o ecossistema natural a sua volta. Couto (2007, p. 139) analisa este fenômeno sob uma perspectiva ecológica, em que nos AICs houve uma necessidade inicial de reconhecer e diferenciar um EU, que fala, do TU, que ouve.

Após isso, vem a necessidade de nomear coisas, ações e qualidades. O próximo passo consiste em o EU tomar seu corpo como referência e demarcar as relações espaciais, que podem ser desenvolvidas com o EU tomando um objeto específico como referência e relações existentes entre EU, TU e este objeto específico. O passo seguinte é a demarcação de relações temporais, que são formadas e derivadas a partir dessas relações espaciais. Couto (2012c) fala de uma semântica taoísta que é semelhante à ecologia das relações espaciais, encarando a língua como a percepção do homem a respeito do mundo, o ser humano, por sua vez, como uma espécie de elo entre o céu e a terra, e esses três elementos (o céu, a terra e o ser humano) refletida a visão tripartida do taoísmo, explicitada por meio dos trigramas. Desta maneira, o ser humano realiza a interação, percepção e construção de significados de maneira tripartida com 1) o EU tomando seu corpo como referência, 2) o EU assumindo como referência um objeto a sua frente e tudo aquilo que se relaciona a este objeto, e 3) o EU se relacionando com demais elementos do mundo visível.

Aplicando a ecologia das relações espaciais ao emprego do PTL, fica evidente nos dados coletados que os falantes em nenhum momento apresentam empregos diferentes das preposições para expressar as relações espaciais existentes em língua portuguesa, como as relações de interioridade-exterioridade, inferioridade-superioridade, dexteridade-sinistridade, entre outras. Porém, o que foi encontrado nos dados do PTL foi um uso variado das preposições quando estas estão marcando as relações de regência nominal e verbal. Partindo de um conceito ecológico da sintaxe, em que ela serve como um meio para o falante relacionar diferentes aspectos do ecossistema natural em que habita, como a subordinação, que nada mais é do que uma relação espacial de superioridade-inferioridade, e a coordenação, que é uma relação de lateralidade de dexteridade-sinistridade (COUTO 2007, p. 163), no caso da preposição sendo empregada na regência, ela não expressa relações espaciais ou temporais, mas apenas uma relação extremamente indireta ao ecossistema natural, que se trata da relação entre elementos gramaticais que é feita pelo uso de preposições, sem seus significados espaço-temporais, por meio do desenvolvimento de certas regras sistêmicas específicas, que não são obedecidas pelos falantes pelo fato de não fazerem parte do ecossistema linguístico local e, assim, é um traço que não é compartilhado entre eles.

5.3.4 Emprego dos pronomes pessoais

O emprego dos pronomes pessoais, nos dados coletados do PTL, apresenta um comportamento único de variação, principalmente devido à influência do contato linguístico com as línguas nativas leste-timorenses, que por serem em sua maioria austronésias, possuem um paradigma pronominal bem distinto da língua portuguesa, com a presença de 1ª pessoa do plural inclusiva e exclusiva, assim como a ausência de pronomes oblíquos átonos e tônicos, e, em algumas línguas, do pronome possessivo, sendo empregue sempre o mesmo pronome, com a função de pronome sujeito e objeto.

Desta maneira, o fenômeno da variação no uso dos pronomes pessoais segue o que foi apresentado em (70) pode ser observado o uso de ‘nós’ com diferentes funções e também a ausência do pronome oblíquo, assim como em (71) e (72):

70. A língua portuguesa é uma língua que muito importante, por isso nós temos de esforçar com maneiras e ideis para nós sabemos **nós** futuros.

71. Antigamente, os países usavam (na) (para) aprender ciência ou história.

72. A língua portuguesa é língua oficial em Timor-Leste agora os professores, as professoras, alunos, utilizam (na) para (se) comunicar.

No exemplo acima (72), além da omissão do pronome oblíquo *na*, observa-se também a ausência do emprego de *se*. De maneira distinta, em (73) e (74), há o caso de substituição do pronome de 3ª pessoa do plural (*eles, elas*), que são pouco usados no PTL, e em seu lugar os falantes empregam lexemas que dão ideia de grupo, de coletividade, como *gente e pessoas*:

73. No ‘anu dozmili‘doz **u‘zentes** de timo‘rense za res‘tauran sua indepen‘dens’ia (...)

‘No ano de dois mil e dois os timorenses restauraram sua independência (...)’

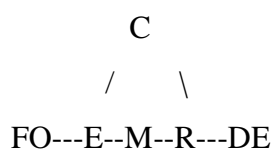
74. Mas muito **pessoas** que não pode fala português porque a capacidade não tem para aprender este língua.

‘Muitas pessoas ainda não podem falar português, porque não têm capacidade para aprender esta língua.’

Os pronomes mais usados, que foram encontrados nos dados do PTL, foram os pronomes pessoais do caso reto *eu*, como nos exemplos (37), (47), (57) e (65) anteriormente, e *nós*, como no exemplo (70) acima. Com uma frequência menor, foi encontrado o pronome de 3ª pessoa do singular *ele/ela*, exemplos (43) (47), pois há uma tendência de os falantes de PTL o substituírem por um pronome de tratamento, ou uma forma de tratamento equivalente, como: *colega, senhor, irmão/maun, mana, professor, labarik* ‘criança’, *nonoi* ‘garota’, *alin* ‘irmã nova, garota mais nova que o falante’, entre outros, que podem ser encontrados em vários exemplos neste capítulo. Conforme apontado no parágrafo anterior, o pronome *eles/elas* é pouco usado, enquanto *vós* foi encontrado somente em registros formais religiosos, o que mostra a evidente influência da educação e da religião católicas, e *tu* não foi encontrado. Esta última evidência enfatiza a artificialidade do emprego de *vós*, que está limitado à modalidade escrita e a situações cerimoniais, na modalidade oral, principalmente relacionadas à igreja católica. Em outras palavras, o *vós* em PTL tem um caráter ritualístico.

Sobre a ecologia dos pronomes pessoais, Mühlhäusler (2003, p. 19) afirma que a escolha de uso desses pronomes geralmente não é determinada pela gramática (regras sistêmicas), mas por uma seleção consciente do falante para posicionar ou representar a si mesmo em relação ao outro, com os demais elementos do discurso, ou seja, a escolha do uso, ou não, do pronome está relacionada com os AICs e as regras interacionais. Em Couto (2012b), há uma relação de diversos problemas na análise dos pronomes nas gramáticas, sendo o principal o posicionamento tradicional de o pronome ser apenas substituto do nome. Couto (2012b) enfatiza também a importância de se contemplar todos os atores (reais e/ou potenciais) de uma interação comunicativa (Fig. 10), sendo (C) o código que deve ser comum entre (E) e (R), com (E) correspondendo ao emissor e (R) o receptor, (FO) a fonte, (DE) destinatário e (M) a mensagem enviada:

FIGURA 10. Participantes da ecologia da interação comunicativa
(COUTO 2012b)



Pois os pronomes nas línguas do mundo marcam as relações entre esses participantes, sendo os principais os seguintes: *eu* que corresponde ao (E); *tu* ao (R); e, desta maneira, há no mínimo dois *ele*, com *ele₁* referente a (FO) e *ele₂* ao (DE). As demais marcações feitas nos pronomes são apenas combinações desses participantes anteriores, assim há:

FIGURA 11. Possibilidades de participantes expressos nos pronomes

$tu + ele_2 = vós_1$

$tu + ele_1 = vós_2$

$tu + ele_2 + ele_1 = vós_3$

$tu + ele_n = vós_n$

$ele_1 + ele_2 = eles_1$

$ele_{n1} + ele_{n2} \dots$

Seguindo a proposta de Couto (2012b), a combinatória de possibilidades de atores da interação comunicativa que podem estar codificados nos pronomes pessoais é infinita, porém nas línguas do mundo somente algumas delas são marcadas por meio de pronomes, enquanto as demais podem não ser marcadas, ou inferidas pelos falantes através do contexto discursivo ou situacional. Há combinações que podem ser marcadas por outras estratégias gramaticais, como locuções, morfologia flexional, morfologia derivacional, conforme foi apresentado no PTL que faz a marcação de 3ª pessoa do singular com diferentes formas e pronomes de tratamento.

Assim, é possível afirmar que é fundamental para o falante do PTL codificar o (E), por isso o uso mais frequente da 1ª pessoa, seja no singular ou plural. Pela EIC e de acordo com as regras interacionais, já que o falante (E) está posicionado diante de (R), não há necessidade de codificá-lo, pois este sabe que o (E) está se referindo a ele. Desta maneira, não há o emprego de *tu*. A 3ª pessoa é usada com menor frequência, isso se explica pelo fato de (E) ora codificá-la no pronome, ora nomeá-la especificamente. O pronome *eles/elas* é pouco usado em PTL pelo mesmo motivo, o falante não sente necessidade de codificar tal participante e apenas nomeia-o com um substantivo ou um pronome de tratamento. Enquanto *vós* marca uma série de participantes que não são pertinentes nos AICs do PTL.

5.3.5 Sujeito nulo

Santos (2009) dedica um capítulo de sua dissertação de mestrado ao estudo do parâmetro de sujeito nulo e da flexão verbal no PTL. Nesta seção, serão apresentados os resultados, assim como a análise conduzida pela autora. Santos (2009, p. 49) dividiu os dados coletados por ela em dois grandes grupos: o grupo 1 consiste de falantes entre 18 e 20 anos que começaram a aprender o português na adolescência, tendo no máximo três anos de contato com o ensino formal da língua; o grupo 2 é formado por falantes entre 40 e 55 anos, tiveram contato com a língua portuguesa desde criança e frequentaram o ensino mais avançado de português. Assim, para o grupo 1 a língua portuguesa tem um caráter de LE, enquanto para o grupo 2, L2.

A autora analisou um conjunto de 20 textos produzidos por cada grupo e quantificou a frequência do uso do sujeito nulo pelos falantes de PTL. No grupo 1 o sujeito nulo foi empregado apenas 15%, enquanto o grupo 2 apresenta uma porcentagem maior de uso: 31% (SANTOS 2009, p. 51).

Foi verificado por Santos (2009), que, no grupo 1, os falantes empregavam pouco o sujeito, optando por usá-lo somente em orações coordenadas com o sujeito correferente (73), enquanto nos demais casos os falantes realizavam o sujeito repetindo-o constantemente (74):

Dados do grupo 1 (SANTOS 2009, p. 52)

75. Timor-Leste é um país pequeno mas tem muitas riquezas.

76. Timor-Leste fazer independência no dia 20 de Maio. Timor-Leste tem muito história. Timor-Leste tem ocupação portuguesa 250 anos e na ocupação indonésia 24 anos. Timor-Leste tem 13 distritos e 64 suco.

Em Busquets (2007, p. 108), a autora chama atenção de que, na conversação em PTL, os fenômenos mais comuns de serem encontrados são as hesitações e as repetições, sendo que as repetições são do tipo heterorrepetições (a estratégia do falante de repetir parte da construção utilizada pelo outro falante durante as interações) e autorrepetições (estratégia do falante de repetir construções já empregadas por ele)⁹⁴. Na fala em PTL, esses recursos são utilizados com diferentes funções pelo leste-timorense, porém os principais são os seguintes objetivos: autocorreção, tempo maior necessário

⁹⁴ Heterorrepetições e autorrepetições serão analisadas nas interações em PTL no capítulo seguinte, o capítulo 6, sendo estes conceitos retomados de maneira mais detalhada.

para o processamento da fala e passagem antecipada de turno conversacional. Assim, todas as funções da repetição, como foi analisada aqui, a repetição do sujeito realizada pelos falantes do grupo 1, se caracterizam como indícios de insegurança linguística. No capítulo seguinte, em (6.2.2), serão analisados os usos das hesitações e repetições na fala em PTL, durante as interações interculturais.

De maneira distinta, os falantes do grupo 2 recorrem constantemente ao sujeito nulo para evitar repetições (75), assim como usam com frequência maior o sujeito nulo em situações de inversão, como em (76):

Dados do grupo 2 (SANTOS 2009, p. 52)

77. O povo timorense sofreu tanto a invasão da Indonésia e perdeu tudo a sua riqueza portanto agora é que começa a reconstruir toda a destruição que aconteceu no ano de 1999.

78. E assim apanhou-o o crocodilo.

Desta maneira, Santos (2009, p. 53) que o uso do sujeito nulo está relacionado com o estágio de aquisição da língua portuguesa, assim como com transferência de padrões da L1 para o PTL. O grupo 1, que teve pouco contato com a língua portuguesa, é considerado pela linguista como em estágio inicial de aquisição da língua portuguesa, por isso realizando repetições excessivas e transferindo a característica da L1, no caso o Tetun, para o PTL que é a realização obrigatória do sujeito. Já o grupo 2 se encontra em estágio final de aquisição, ou já se encontra estabilizado, e não transfere características de sua L1 para o PTL, realizando uma reestruturação do parâmetro sujeito nulo em PT, que não existe Tetun.

De acordo com a linguística ecossistêmica, as relações que ocorrem na língua, e são marcadas na sintaxe, são reflexos das relações, das interações, que ocorrem dentro do ecossistema linguístico. Couto (2007, p. 163) afirma que a sintaxe está estruturada em moldes da estruturação do mundo, já que é possível relacionar o par macho-fêmea, na natureza, com os sintagmas (o par sintagma nominal e sintagma verbal) e com o par nome-adjetivo, as manadas existentes equivalem às frases e as diversas espécies que se relacionam dentro de um ecossistema consistem no léxico de uma língua, além das relações espaciais existentes na subordinação e coordenação, analisadas anteriormente.

Finke (1996) também aponta que há similaridades entre processos naturais e processos linguísticos.

Até o momento nada foi dito a respeito do sujeito nulo na bibliografia ecolinguística, ou sobre a sintaxe em geral. Há apenas estudos sobre o não uso de pronomes pessoais, chamados de ‘pronome zero’ ou ‘pessoa zero’, que é um tema central para a pesquisa da linguística dialética (BANG e DØØR 2007) e da linguística cognitiva ecológica (STEFFENSEN 2012)⁹⁵. Porém, é possível afirmar, com base nos dados do PTL, de que o emprego dessa estratégia pelo falante se trata de uma economia, de acordo com o princípio de economia da linguagem já mencionado (MARTINET 1974), já que nos AICs o falante (EU) está identificado, interagindo com o ouvinte (TU) e se referindo a alguém ou algo determinado (ELE), a repetição do sujeito contribui em quase nada no processo comunicativo, informacional e referencial, podendo até prejudicar tal processo numa situação de interação comum do dia a dia, pois ao ser inserido repetidamente o sujeito este pode deixar a mensagem mais longa e tediosa, não respeitando as regras interacionais e, assim, interferindo negativamente no processo de comunicação.

Todavia, foi observado que no grupo 2, os falantes mais novos do PTL acabam por não empregar o sujeito nulo. Isso pode ser explicado de acordo com as características da evolução da língua, apontadas por Mufwene (2001, p.146), que afirma que a evolução na língua ocorre por seleção natural entre formas alternativas existentes nos idioletos dos diferentes falantes que estão em competição. Assim, é possível argumentar que no fundo de traços da língua portuguesa os falantes mais novos optaram pela repetição, enquanto os mais velhos pelo sujeito nulo, e ocorreu a competição entre os dois traços e por meio da seleção natural deles ocorreu a predominância da repetição, que gerou uma reorganização do sistema, que o autor compara em genética com recombinação genética. Além disso, o traço da repetição no PTL, no lugar do sujeito nulo, acabou por se difundir no ecossistema linguístico local de Timor-Leste por meio

⁹⁵ Em Bang e Døør (2007, p. 116), os autores enfatizam a importância de se identificar as referências das ‘pessoas zero’ para se identificar as opiniões e suposições dos falantes, assim como para se explicar as origens e as implicações dessas suposições de maneira cognitiva e social. Em Steffensen (2012, p. 525), o autor, que apresenta influência da linguística dialética, analisa que a interação por meio do diálogo consiste em um conjunto de sistemas dialéticos, com várias forças contrárias que acabam por anular umas as outras, e que para a manutenção do diálogo faz-se necessário empregar uma série de estratégias, que caso não o sejam o sistema se desintegra, encerrando o diálogo e/ou a comunicação. Segundo o linguista, emprego de ‘pronome zero’ é uma dessas estratégias.

do contato interidioletal, que favoreceu esse mesmo traço que foi selecionado do fundo de traços comum aos falantes (MUFWENE 2008).

Desta maneira, pode-se considerar ambos os traços, sujeito nulo e repetição, como ecológicos. O primeiro por ser um traço que está de acordo com as regras interacionais e acaba por favorecer os AICs, enquanto o segundo, a repetição, consiste em um caso de adaptação recente, que a longo prazo influenciará na evolução do PTL, e que não deixa de ser ecológico ao estar ocorrendo naturalmente por meio da seleção natural e de sua dispersão pelo contato entre os falantes.

5.3.6 Concordância variável

Primeiramente, será analisado o fenômeno de variação na concordância de gênero do PTL, seguem os exemplos abaixo:

79. **Novos autoridades** Timor-Leste identifica língua portuguesa é língua oficial.

‘Novas autoridades de Timor-Leste identificam a língua portuguesa como língua oficial.’

80. **Muito pessoas** que não pode fala português.

‘Muitas pessoas não falam português.’

Assim, em (77) e (78) verifica-se que o PTL apresenta variação na marcação do gênero de acordo com os princípios, apontados por Lucchesi (2009, p. 307), de simplicidade, a marcação é realizada em SNs mais simples, e integração, elementos à esquerda do núcleo tendem a ser mais marcados. Já o princípio de saliência, a marcação mórfica forte influencia a realização do gênero, geralmente não se aplica, conforme pode ser visto em (79). Há também a mudança na ordem do demonstrativo, que é fenômeno único do PTL por se tratar de influência das línguas nativas⁹⁶, e em (80) seguem exemplos de outros SNs:

⁹⁶ Nas línguas leste-timorenses, a ordem é determinado-determinante, como em Tetun Prasa, língua oficial ao lado do português: *asu nee* (cachorro + este) ‘este cachorro’, *ai-fuan nebaa* (fruta + aquele) ‘aquela fruta’.

81. A língua portuguesa em Timor-Leste ligado com a CPLP para-dar informações sobre **as acontecimentos, as actividades este**⁹⁷.

‘A língua portuguesa em Timor-Leste está ligada à CPLP para dar as informações sobre os acontecimentos e as atividades.’

82. O país que ocupa Timor-Leste é **o país saponesa** mas **a língua portugues** sempre uzar para comunicar como outro países.

‘O país que ocupou Timor-Leste foi o país japonês, mas a língua portuguesa sempre foi usada para a comunicação com outros países.’

A concordância de número do PTL é provavelmente o fenômeno que apresentou maior frequência nos dados analisados. Os fatores estruturais principais que influenciam a marcação de número são: a ordem, a classe gramatical e a linearidade dos elementos no SN, pois os elementos que tendem a ser marcados estão à esquerda do núcleo do SN (linearidade), em sua maioria são determinantes (classe gramatical), e geralmente é o primeiro elemento do SN (ordem). Em (81), esses fatores mencionados encontram-se de maneira clara. Em (82) e (83), o primeiro elemento por não ser um determinante ‘muito’, assim, o que recebe a marcação é o núcleo (N), e em (84) o determinante e o N recebem a marcação:

83. **Os cidadão português** é também vivem em timor para ajudar **os professor**.

‘Os cidadãos portugueses também vivem em Timor para ajudar os professores.’

84. Ela é falada em **muito países**.

‘Ela é falada em muitos países.’

85. **Muito anos** em timor deixa a sua língua na este nação.

‘Após muitos anos em Timor, foi deixada a língua nesta nação.’

86. Já que Timor Leste havia **umas dezena de pessoas** existente em Dili.

‘Já que em Timor-Leste havia umas dezenas de pessoas residindo em Dili.’

⁹⁷ Este foi um dos poucos dados em que se apresenta tal fenômeno, assim faz-se necessário um estudo exaustivo desta variação na ordem do PTL para se chegar a conclusões mais exatas.

A complexidade do SN é fundamental para se analisar a realização da concordância de número em variedades linguísticas reestruturadas, como é o caso do PTL. Digno de nota, é que a realização de algumas estruturas linguísticas do PTL é análoga ao comportamento descrito por Baxter (2009) para o português afro-brasileiro e o português de Tonga. Abaixo seguem outros exemplos da realização da concordância de número, e de SNs de diferentes configurações e em diferentes posições:

87. A igreja catolica abriu **mais colégio**, tais como: Ossu Maliana e **mais outros colégio**.

‘A igreja católica abriu outros colégios, tais como: Ossu Maliana e mais outros.’

88. Todos os alunos **nas escola** desde primária até secundária.

‘Todos os alunos nas escolas desde a primária até a secundária.’

89. Meu futuro está **nas minhas mão**.

‘Meu futuro está em minhas mãos.’

A concordância verbal no PTL apresenta um grande número de variantes e ocorre em ambientes linguísticos distintos. Assim, como a quantificação dos dados está em fase inicial, pouco pode ser dito a respeito de como ocorre a variação. Porém, algumas características iniciais podem ser apontadas nos exemplos abaixo. Há uma tendência ao uso do infinitivo, como em (88) e (92); o paralelismo discursivo, proposto por Scherre e Naro (1993), que consiste na repetição das marcas morfológicas ou na ausência destas marcas a repetição destas ausências também ocorre, é utilizado constantemente em diferentes orações, geralmente ocorrendo a marcação do primeiro elemento e depois sua repetição, como em (90); formas verbais tendem também a ocorrer flexionadas de maneira distinta do português padrão pelo fato da concordância ser feita não com o sujeito, mas com o complemento e de maneira ideológica, como em (89), (91) e (92):

88. Naquele tempo também os timorenses **começavam usam** ou **falar** portugues.

‘Naquele tempo, os timorenses começaram a usar e falar o português.’

89. **Língua portuguesa existem** em Timor porque Timor-Leste e os portugueses trabalham juntos.

‘A língua portuguesa existe em Timor, porque Timor-Leste e os portugueses trabalham juntos.’

90. Língua portuguesa é língua oficial porque está **baseando** na constituição. Por isso a língua portuguesa é mais **usando** na nossa nação.

‘A língua portuguesa é a língua oficial, porque está baseada na constituição. Por isso, é a língua mais usada em nossa nação.’

91. Neste momento os portugueses chegaram em Timor-Leste **eles usamos** uma sistema sobre a cidadão timorense, para as cidadãos timorense.

‘No momento em que os portugueses chegaram em Timor-Leste, eles usaram um sistema sobre a cidadão timorense, para as cidadãos timorenses.’

92. Naquele momento o **povo timorensse so entender a língua portugues uzaram** como a língua deles para comunicar com o povo estrangeiru.

‘Naquela época, o povo timorense só falava a língua portuguesa como a língua para se comunicar com o povo estrangeiro.’

Santos (2009, p. 52) aponta que os falantes em estágio inicial de aquisição do PTL acabam por apresentar alta frequência de variação na flexão verbal, sendo 57% o uso de acordo com o português padrão e 43% ocorrências variáveis distintas do padrão. Destes 43%, os tipos de empregos variáveis são três: variação na concordância (68%), uso de infinitivo no lugar do verbo flexionado (18%) e omissão verbal (14%).

Digno de nota é que Santos (2009) aponta que os casos de omissão verbal estão ligados com os verbos de cópula, conforme foi analisado anteriormente em (5.3.3), e também estando de acordo com os dados coletados para a presente pesquisa. O que se verificou nos dados em relação ao uso do infinitivo, não mencionado por Santos (2009), é que está ligado com a ideia de coletivo ou ocorrência da 3ª pessoa do plural.

Na bibliografia ecolinguística, há algumas observações a respeito da concordância e da flexão. Couto (2007, p. 172) analisa a concordância e também chega a conclusão que geneticamente a parataxe surgiu em um momento anterior à hipotaxe e, da mesma maneira que o sujeito nulo, contribui pouco nos AICs, já que se trata da

mesma informação (gênero, pessoa e número) sendo reiterada constantemente no decorrer da oração, ora repetidamente (como o morfema *-s*), ora ligeiramente modificada (como são os casos de alomorfia). Assim, tanto a repetição da mesma informação, como os casos de variação, como o mencionado da alomorfia, acabam por tornar a informação mais longa, podendo até alterá-la, estando em dissonância com as regras interacionais e prejudicando os AICs. Neste caso, os falantes do PTL optaram pela economia da linguagem ao reduzir o paradigma e o emprego da concordância no PTL.

No processo de adaptação e evolução do PTL, é possível retomar a análise feita por Mufwene (2001) em que houve competição e seleção de traços, sendo que esses traços foram retirados pelos falantes do fundo de traços da língua portuguesa, e estão presentes de diversas formas nos idioletos dos diferentes falantes. Assim, com o contato interidioletal entre esses falantes se dá a seleção natural dos traços e a posterior dispersão deles por meio do contato e movimento populacional (MUFWENE 2008). Atualmente, observa-se que alguns desses traços da concordância estão ainda em competição no PTL, não entrando em ação a seleção natural, tratando-se de uma adaptação em andamento.

5.4 Aspectos léxico-semânticos

Um dos trabalhos pioneiros sobre o PTL foi de Thomaz (1974) no qual o autor faz uma análise sócio-histórica e linguística da presença da língua portuguesa em Timor-Leste. Mais de duas décadas depois, o autor retoma seu trabalho, desta vez dedicando-se especificamente ao estudo do léxico do PTL e a elaboração de um glossário de vocábulos específicos dessa variedade (THOMAZ 1995). Thomaz (1995) denomina de elementos luso-timorenses lexemas de origem lusófona que sofreram algum tipo de mudança linguística, em sua maioria de natureza fonético-fonológica ou semântica, ou tratam-se de retenções do léxico quinhentista lusófono. Essas retenções do léxico do PTL, que consiste em um conjunto de arcaísmos, se convencionou denominar de ‘retenções quinhentistas’ (CARVALHO 2001). Algumas dessas retenções são únicas do PTL, enquanto outras são encontradas nos crioulos portugueses vizinhos e até em algumas variedades da língua portuguesa na África. As mudanças semânticas que ocorreram no PTL também serão analisadas aqui. Foi observado nos dados que há a predominância da metáfora e metonímia, porém foram encontrados os demais tipos.

O léxico na ecolinguística, de acordo com Couto (2007, p. 188), pode ser definido como “o inventário de rótulos que os membros da Comunidade criaram para os aspectos do MA que consideraram relevantes no processo de sua adaptação a ele e dele a si mesmos, bem como deles uns com os outros”, ou seja, os indivíduos que habitam um ecossistema, em um primeiro momento, selecionam uma série de elementos com que interagem (este primeiro momento é a organização da semântica da língua) e, em uma fase posterior, começam a dar nome a esses elementos. O léxico de uma língua é formado a partir desta nomeação dos elementos selecionados no ecossistema social da língua, assim o “léxico seria a rotulagem para conceitos já formados socialmente” (COUTO 2007, p. 196).

Deve-se ter em mente que na abordagem ecolinguística “A **semântica** é a delimitação e segmentação diferenciada (específica) da realidade (MA). O **léxico** é a rotulação afixada aos domínios delimitados e segmentados pela semântica (...)” (COUTO 2007, p. 196). Assim, ontogeneticamente, o léxico é formado e desenvolvido a partir das interações entre o indivíduo e o ecossistema, podendo também vir a ser modificado caso o ecossistema ou a natureza das interações seja alterada. Por isso que Couto (2007, p. 196) chama atenção para o seguinte: “Sempre um fato ou coisa surge e desperta o interesse coletivo, recebe um nome. (...) O fato é que sempre que se identifica um referente de interesse (positivo ou negativo) comunitário, os membros de P acabam encontrando um meio de se referirem a ele”. De uma perspectiva filogenética, há, primeiramente, as interações entre indivíduo e ecossistema, depois estas interações precisam ser compartilhadas pelos demais membros da comunidade (P), em seguida ocorre a seleção, que faz parte da semântica, que também precisa ser compartilhada do indivíduo para P e somente após estes processos é que surge o léxico.

Basicamente, a semântica, na teoria ecolinguística, é a língua encarada como sendo a percepção do ser humano a respeito do mundo. Assim, é possível analisar três possibilidades de interação, percepção e construção de significados, que se trata das diferentes formas com que a realidade pode ser delimitada e segmentada para posteriormente ser nomeada no léxico (COUTO 2012c). A primeira, o EU, o indivíduo, toma seu próprio corpo como referência, sendo delimitados aspectos da realidade, como: diversas demarcações espaciais; marcação de noções de tempo, que acabam sendo derivadas dessas demarcações espaciais elaboradas pelo indivíduo; nomeação certos objetos também derivados de suas respectivas posição no espaço. A segunda, o EU assume como referência um objeto a sua frente e tudo aquilo que se relaciona a este

objeto, delimitando o seguinte: outras relações espaciais distintas, assim como as temporais derivadas destas; noções de movimento; surgimento de pronomes, diferenciando o EU do TU; e surgimento de vários dêiticos, para marcar espaço, tempo, pessoa, entre outras. A terceira, o EU se posiciona em relação ao mundo visível, possibilitando: a denominação de vários objetos do mundo; de relações mais abstratas, principalmente entre objetos distintos; nomes de elementos naturais em geral, como corpos celestes, seus movimentos e fases, pontos cardeais, dias e estações do ano etc.

Desta maneira, a visão ecolinguística do léxico e da semântica é predominantemente evolucionária e interacional, enfatizando interações do indivíduo com o ecossistema natural, social e mental e as adaptações que ocorrem nessas mais variadas interações.

De acordo com a abordagem da linguística ecossistêmica (Couto 2012a, 2013b), as mudanças semânticas ocorridas no PTL são encaradas como adaptações do falante e da língua, como espécie biológica parasita (MUFWENE 2001, 2008), ao ecossistema linguístico local de Timor-Leste, principalmente em relação a aspectos do ecossistema natural, e, em menor escala, ao ecossistema social. Já as retenções quinhentistas serão consideradas como um traço específico do processamento cognitivo da língua portuguesa pelos falantes leste-timorenses, ou seja, como um aspecto do ecossistema mental da língua, assim como a origem e difusão dessas retenções se deram a partir do modelo evolucionário proposto por Mufwene (2008).

Assim, essas características do léxico do PTL, que serão analisadas separadamente, já são evidências suficientes para o argumento da existência dessa variedade linguística. Somadas a elas, há também empréstimos de línguas nativas, com a preponderância da língua Tetun, sendo estes chamados de elementos tetunófonos, e outros empréstimos de línguas estrangeiras vizinhas, a saber: malaio, chinês e japonês.

Desta maneira, esta seção se organiza da seguinte maneira: em (5.4.1) serão analisadas as retenções quinhentistas do léxico do PTL, seguidas pelas mudanças semânticas, em (5.4.2); em (5.4.3) serão discutidas as influências das línguas locais; e, em (5.4.4), serão apontados e discutidos os empréstimos de outras línguas existentes no PTL.

5.4.1 Retenções quinhentistas

O PTL mantém várias formas do léxico do português quinhentista, principalmente nas variedades faladas em zonas rurais isoladas e no enclave de Oecussi,

conforme foi atestado por Carvalho (2001). Optou-se pela manutenção do termo ‘retenções quinhentistas’ pelo fato de já ter sido empregue nos estudos de Carvalho (2001, 2002/2003), bem como este ser o termo mais empregado para se referir à questões arcaizantes do léxico, principalmente quando são analisadas variedades reestruturadas ou crioulas do português. O termo ‘retenções quinhentistas’ é empregado aqui como sinônimo de ‘arcaísmos’. Segundo Carvalho (2002/2003), na elaboração de um corpus do português falado no distrito de Lautém (zona rural relativamente isolada no extremo leste da ilha, ver mapa 2 anteriormente) e em Oecussi, a autora verificou uma alta ocorrência dessas formas lexicais quinhentistas. Nos dados linguísticos coletados em pesquisa de campo pelo presente autor, que além de corroborarem com as conclusões anteriores da linguista, foi possível identificar o uso desses lexemas em zonas urbanas, porém com menor frequência. Essas formas do léxico do PTL também foram atestadas no português falado em áreas vizinhas próximas a ilha de Timor, principalmente na ilha de Flores. Basicamente, consistem em lexemas do português falado no século XVI, quando os colonizadores europeus iniciaram as navegações, chegando ao continente asiático. No PE atual, estes lexemas não são mais usados, ou sofreram mudanças semânticas.

Seguem alguns exemplos dessas formas do PTL com seus respectivos significados e alguns comentários:

93. Exemplos de retenções do léxico quinhentista:

carreta: ‘carro’ usado também com o significado de ‘arado’ e ‘qualquer tipo de aparelho puxado por tração’ seja ela animal ou mecânica;

formosura: ‘beleza’, contrastando com a palavra *belo*, que em PTL é empregado como antropônimo masculino, e *bonito(a)* que faz referência a beleza de alguém, porém com conotação sexual e/ou desrespeitosa;

tranqueira: ‘casa com cerca fortificada, ou somente a cerca’, ainda nome de um bairro português de Malaca (*Trankeira*);

regatear: ‘pechinchar’;

gentio: ‘timorense não praticante do catolicismo’, referindo-se à população rural que mantém práticas rituais animistas, ou à pequena parcela da população que pratica o budismo;

saugate ‘dar’, esse lexema também foi atestado por Carvalho (2002/2003) no PM na forma *saguate*;

açafate ‘cesto arredondado e baixo’, aparentemente algumas variedades do português apresentam esse lexema com mesmo significado;

tabaqueira ‘recipiente artesanal para guardar cigarros’ do PE *tabaco* ‘cigarro’;

chumaço ‘almofada, travesseiro’;

tacho ‘tipo de frigideira chinesa’;

cravo ‘brinco pequeno’ por metonímia *cravo* ‘tipo de prego usado para fixar objetos grandes’.

As retenções quinhentistas (Carvalho 2001, 2002/2003) é um termo usado para se referir a lexemas que têm suas origens no português falado no século XVI, o português quinhentista, e levado para as colônias. O que justifica a manutenção de apenas alguns lexemas do português quinhentista, ou seiscentista, no PTL é o modelo evolucionário de Mufwene (2001), em que os falantes leste-timorenses, por meio do processo de competição e seleção dos traços existentes no fundo de traços do português, selecionaram apenas alguns lexemas, tendo em mente a adaptação às mudanças ecológicas que ocorreram, principalmente em relação ao transplante da língua portuguesa para um novo ecossistema linguístico, a ilha de Timor e suas ilhas vizinhas, que é bem distinto do ecossistema linguístico onde ela era falada originalmente.

Segundo Mufwene (2008), o processo de competição e seleção parte dos indivíduos, daí a importância ontogenética na formação das línguas, já que para se adaptar às mudanças ecológicas no meio ambiente, cada indivíduo faz escolhas distintas no fundo de traços, que passam a se realizar no idioleto. Vale lembrar que tais escolhas realizadas pelos indivíduos têm como base a seleção prévia, a semântica, de quais elementos do ecossistema merecem ser nomeados. Posteriormente, o movimento populacional e o contato interidioletal gerará a competição entre os traços e somente aqueles mais aptos prevalecerão e serão dispersos para os demais falantes. Assim, é possível afirmar o mesmo para o PTL, o processo de seleção e competição de traços, neste caso de traços lexicais, se iniciou em um momento anterior à origem dessa variedade da língua portuguesa, que provavelmente veio trazida da ilha de Flores para Timor (ALBUQUERQUE 2013b), no século XVIII. A partir do movimento populacional tanto de uma ilha para outra (Flores para Timor), como dentro da ilha de Timor (de Lifau para Dili e Manatuto, destes dois distritos para os demais), ocorreu o contato interidioletal que moldou o PTL como ele se encontra atualmente.

Outra análise ecológica das retenções quinhentistas pode ser feita com base na proposta de Makkai (1996) e Couto (2007), já mencionada anteriormente, das formas ativadas, não ativadas/inativadas, reativadas e desativadas. As formas ativadas do léxico PTL são as que se encontram em uso pelos falantes, conforme foram registradas nos dados coletados em campo. As formas inativadas são as que estão de acordo com as regras sistêmicas do PTL, porém não são usadas. Digno de nota é que o estudo destas formas em PTL revela-se difícil, já que, como o *continuum* de variação é amplo, isso gera nos falantes leste-timorenses graus diferentes no julgamento de gramaticalidade e de aceitabilidade. Assim, aplicando a proposta evolucionária de Mufwene (2001) às formas inativadas, é possível afirmar que elas ainda estão no processo de competição, com diversas formas convivendo, não sendo alcançada, até os dias atuais, a fase de seleção. Finalmente, as retenções quinhentistas do PTL podem ser encaradas como formas desativadas somente de um ponto de vista de um pesquisador falante/conhecedor de outras variedades da língua portuguesa ou do português padrão pelo fato de as retenções existentes em PTL, sendo algumas apontadas e analisadas em (93), são formas que foram desativadas, ou seja, deixarem de ser empregadas pelos falantes somente de outras variedades e não pelos falantes de PTL. Em outras palavras, tendo uma visão endoecológica das retenções quinhentistas, elas não são formas desativadas, mas formas ativadas, pois nunca deixaram de ser empregadas pelos leste-timorenses.

Em suma, as retenções quinhentistas são lexemas que despertaram o interesse de P na época, no século XVI e anteriores, em que a língua portuguesa era falada em seu ecossistema local, no caso Portugal, mas que com o passar do tempo tornaram-se formas desativadas, já que ao passar o período de adaptação, finalizando a seleção de traços, estes lexemas se revelaram não sendo mais relevantes para os AICs. De maneira distinta, alguns lexemas da língua portuguesa, que foi trazida para um novo ecossistema local, o de Timor-Leste, ainda se mantêm ativos no PTL, pelo fato de os conceitos a que os falantes se referem serem pertinentes ao EFL de Timor-Leste até a atualidade.

5.4.2 Mudanças semânticas

As mudanças semânticas ocorridas no léxico do PTL podem ser classificadas em grupos diferentes. De acordo com a teoria linguística, principalmente com base no trabalho de Ullmann (1964), as mudanças semânticas mais comuns são a metáfora e metonímia. Em certa medida, a extensão e a restrição semânticas podem ser consideradas como subtipos dessas mudanças. Quando se analisa dados de diferentes

povos, outros conceitos mais recentes também servem para descrever certas mudanças semânticas que afetam o léxico de uma língua. No caso do PTL, são eles: a substituição por tabu e o contato de línguas.

Assim, o PTL acaba por ter vários processos de mudanças semânticas, são eles: extensão semântica (*amo*, *serviço*); restrição semântica (*colega*, *morador*); metáfora (*força*, *malandro*); metonímia (*argolinha*, *cravo*); substituição por tabu (*estilo*) e influência do contato de línguas (*bazar*, *mapa*). Seguem alguns exemplos encontrados nos dados e suas respectivas análises:

94. Exemplos de mudanças semânticas:

amo ‘padre católico’ o lexema *amo* serve como base para compostos no PTL e no Tetun Prasa, como *amo-bispo* ‘bispo’ (Tetun Prasa *amu-bispu*), *amo-papa* ‘papa’ (Tetun Prasa *amu-papa*) e *amo-lulik* ‘autoridades do clero’ (Tetun Prasa *amu-lulik*);

serviço ‘profissão, trabalho, trabalhar’, por extensão semântica este lexema passou a significar qualquer atividade feita, sendo ela remunerada ou não, ofícios, entre outros;

valor ‘resultado dos exames escolares’ provavelmente uma extensão semântica do significado do lexema *valor* aplicado ao ‘valor das notas escolares’ e, assim, aos ‘resultados dos exames’;

bazar ‘mercado popular, feira’ (do persa, via malaio), restrição semântica do significado apenas à ‘feira’, já que o lexema *mercado* é que refere-se a ‘supermercados’ ou ‘estabelecimentos maiores de vendas’;

colega ‘tratamento entre amigos íntimos de mesma idade, ou de idade aproximada’, este lexema sofreu restrição semântica, já que se refere apenas a um tipo específico de amizade;

morador ‘milícia nativa, membro dessa milícia’, este lexema sofreu tanto restrição semântica, deixando de significar ‘aquele que mora’ e passando a significar apenas ‘milícia nativa’, quanto por elipse passou a se referir também aos ‘membros da milícia’;

mestre ‘professor de escola’, em oposição a *docente* ‘professor universitário’, ambos sofreram restrição semântica;

aluno(a) ‘estudante em nível escolar’, em oposição a *estudante* ‘estudante universitário’, assim como o exemplo anterior, os lexemas do campo semântico da educação formal acabaram por sofrer restrição semântica em Timor-Leste;

força ‘potência sexual’, a ‘força física’ acaba, por metáfora, a significar a ‘força ou desempenho sexual’;

malandro ‘indivíduo mulherengo’, o atributo ‘malandragem’ por metáfora é usado para se referir ao ‘homem que possui ou corteja muitas mulheres’;

argolinha ‘tipo de brinco em forma de argola’, por metonímia *argola* devido a semelhança da forma passou a designar ‘brinco’, diferencia-se do *cravo* exatamente pelo formato;

cravo ‘brinco pequeno’ por metonímia o lexema *cravo* refere-se aos ‘pregos’ ou ‘ferrolhos’, utilizados em objetos grandes, assim como a um ‘pequeno brinco’ que tem um formato semelhante;

estilo ‘cerimônia tradicional de sacrifício de animais’;

mapa ‘mapa, pasta’, em PTL *mapa* significa também ‘pasta’ por influência do lexema *bahasa indonesia map* ‘pasta’;

irmão [‘ma.un] ‘forma de tratamento para irmão ou amigo mais velho’, o mesmo acontece com *irmã* [‘ma.na] como forma de tratamento para se referir as mulheres. Em ambas as formas é evidente: a redução fonética da sílaba inicial de *irmão/irmã* > *maun/mana* e a desnasalização da sílaba final;

condutor ‘motorista de carro’, neste lexema ocorre restrição semântica, enquanto o lexema *motorista* ‘motorista somente de moto’ pode ser analisado por analogia de *motor*, *motorizada* ‘moto’ > *motorista* ‘aquele que conduz a motorizada’ por extensão semântica.

A análise ecológica das mudanças semânticas efetuada aqui se concentra no processo de adaptação e de evolução do PTL no ecossistema linguístico local de Timor-Leste. Assim, há lexemas que se formam como adaptação dos falantes ao ecossistema social da língua, como *amo* e *gentio* (considerado uma retenção quinhentista) que estão relacionados à crença católica predominante no país, e também outros que se relacionam indiretamente com a religião católica, como *força*, *malandro* e *estilo*, que surgem como uma mudança condicionada por tabu, já que são temas condenados pela igreja, como o sexo e sacrifício de animais, respectivamente. O mesmo é válido para as formas de tratamento, como *maun/mana* e *colega*, já que no ecossistema social da língua estas relações precisavam de modificação pelo fato de as formas de tratamento em Timor-Leste serem distintas das utilizadas no português padrão.

As mudanças semânticas condicionadas pelo contato de línguas/povos podem ser consideradas como um traço do EFL, pelo fato de estarem relacionadas com os três ecossistemas existentes: o ecossistema social, natural e mental da língua. Assim, as

mudanças que ocorreram em lexemas como *mapa*, *valor*, *bazar*, entre outros, estão relacionadas com uma série de fatores envolvidos no contato de línguas: a história, o comportamento e características culturais dos povos envolvidos (ecossistema social); o processamento, armazenamento e realização das mudanças linguísticas específicas (ecossistema mental); fatores biológicos, geográficos e ambientais que possibilitaram o contato (ecossistema natural).

Finalmente, os dois processos principais da mudança semântica, a metáfora e a metonímia, que se encontram em (93), em lexemas como *malandro*, *argolinha*, *cravo*, entre outros, além de serem encadeados pela adaptação às modificações no ecossistema, principalmente no ecossistema social da língua, são efetuados e processados no cérebro do falante, o ecossistema mental da língua, ocorrendo tanto processos já reconhecidos, como na metonímia, em que há a relação parte-todo, como também processos mais complexos, como na metáfora. Vale lembrar das palavras de Couto (2007, p. 195), que afirma o seguinte:

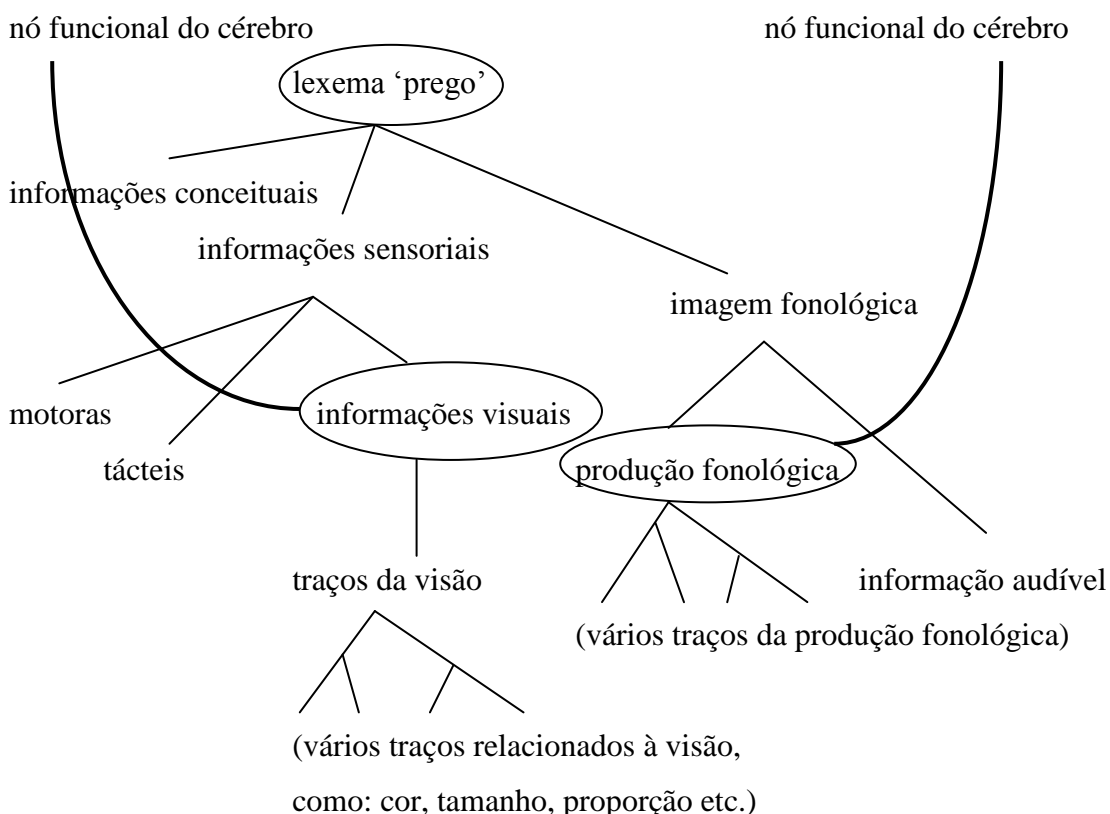
Cada lexema (unidade do léxico) designa aspectos do MA (físico, mental, social) percebido individualmente e compartilhado comunitariamente. O léxico é, portanto, o elenco de experiências coletivas de P. Ele começa na experiência sensorial dos indivíduos que compõem P. Para uma comunicação mais simples, apenas ele (léxico) é suficiente.

Assim, o lexema como se inicia com a experiência sensorial do indivíduo com o meio ambiente, é possível argumentar que se trata de uma relação entre o ecossistema mental e o ecossistema natural, fazendo parte do ecossistema social da língua somente quando está estabelecido e passa a ser compartilhado pelos vários membros de P. A seguir, serão discutidos os processos que ocorrem nos ecossistemas em relação à metonímia e à metáfora.

Na metonímia, há a predominância da relação de substituição, com a seleção de um traço específico para ser vir como parâmetro. No ecossistema mental do falante ocorre uma série de processos, conforme será apontado a seguir: o lexema ‘prego’ > diferentes informações sobre o lexema > informações conceituais > informações sensoriais > imagem fonológica > estabelecimento de uma relação > seleção de uma informação para relação: informação visual > seleção de uma parte do prego para expressar a relação prego-brinco > semelhança na forma prego-brinco > ativação do nó

cerebral de informação visual > denominação de um item lexical por outro > ‘brinco pequeno’ por ‘cravo’. Vale lembrar que este processo não é unidirecional nem hierárquico, mas ocorre por meio de uma rede de processamento neurocognitivo, que pode ser representada de acordo com a fig. (12) abaixo, baseada em Lamb (1999):

FIGURA 12. Representação mental do lexema

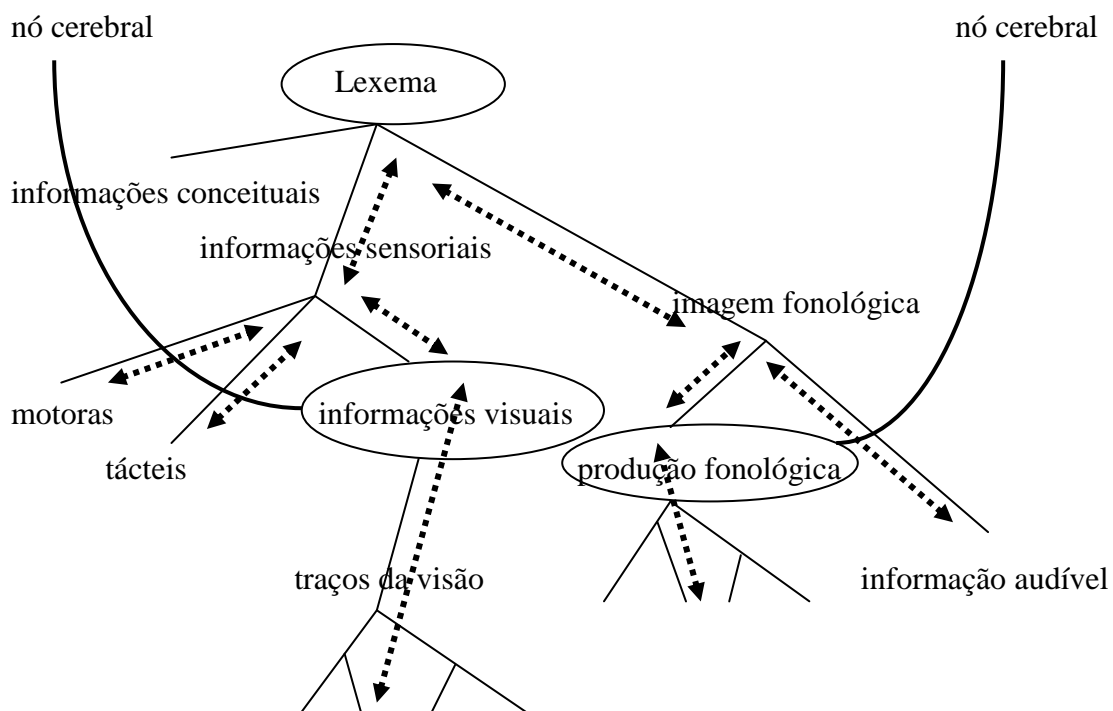


Com o que foi exposto, há uma série de processos no ecossistema mental do falante, organizado de acordo com a fig. 12 acima e explicados anteriormente, que são desencadeados pelo ecossistema natural, no caso do lexema ‘prego’, especificamente pelas ‘informações visuais’. Na metáfora, ocorrem processos semelhantes, porém com a predominância da comparação e a seleção do parâmetro em comum entre os dois lexemas para comparação concentra-se na informação conceitual.

Os processos do ecossistema mental estão relacionados com o ecossistema mental por um dos nós do cérebro: o nó de informação sensorial ou o nó de produção fonológica. A informação sensorial consiste em qualquer estímulo que o ecossistema natural pode enviar ao cérebro do falante, sejam motores, tácteis e/ou visuais. A produção fonológica consiste tanto, por parte do ser humano, nas limitações na

produção dos sons da fala, bem como limitações na audição de diferentes sons, como também no processamento dos mais variados sons existentes no meio ambiente. Isso faz com que o léxico e a semântica sejam formados a partir desses dois ecossistemas de acordo com os movimentos apontados abaixo na fig. 13:

FIGURA 13. Representação mental das informações e da produção fonológica



Assim, há a possibilidade de duas interações com o ecossistema natural, por meio de informações visuais ou informações audíveis. Na primeira, o indivíduo recebe a informação visual do ecossistema natural e, através de sua experiência com o meio ambiente, faz associações mentais entre as diferentes informações sensoriais. Caso o elemento do ecossistema natural (um ser vivo, um objeto, uma relação etc.) tiver relevância para o ecossistema social, este será nomeado, o 'lexema', por meio da produção fonológica. Os processos mentais percorrem o caminho 'traços da visão' > 'informações sensoriais' > 'informações motoras e tácteis' > 'lexema' > 'produção fonológica' > 'nó cerebral'. A outra possibilidade é o indivíduo interagir através de uma informação audível com o ecossistema natural. Caso esta informação audível seja importante no processo de adaptação ao meio ambiente, o indivíduo dará um nome a ela e a associará aos demais tipos de informações: conceituais e sensoriais. Desta maneira,

o caminho percorrido será o inverso ao processo anterior: ‘informação audível’ ou ‘produção fonológica’ > ‘imagem fonológica’ > ‘lexema’ > ‘informações conceituais e sensoriais’ > ‘informações motoras e tácteis’ > ‘informações visuais’ > ‘nó cerebral’.

De acordo com o que foi exposto acima, o léxico e a semântica se organizam no ecossistema mental por meio de interações iniciais com o ecossistema natural, e se estabelecem e se mantêm por meio de interações com o ecossistema social. Os processos mentais apresentados possibilitam a análise de qualquer lexema da língua, assim como a explicação da ocorrência das formas ativadas e desativadas.

5.4.3 Empréstimos das línguas locais

Os empréstimos das línguas locais na formação do PTL são elementos fundamentais para melhor conhecimento dessa variedade. Porém, é notável a influência da língua Tetun, como língua franca local, língua mais falada pela população leste-timorense e, por isso, escolhida para ser usada em certas atividades administrativas e missionárias. Desta maneira, em (5.4.3.1) serão analisados os empréstimos da língua Tetun existentes no PTL, e em (5.4.3.2) será comentada a pequena influência das demais línguas locais e os motivos de não terem afetados a língua portuguesa.

5.4.3.1 Elementos tetunófonos no PTL

A língua Tetun, somados os falantes de L1 e L2 das diferentes variedades, é a língua mais falada na República Democrática do Timor-Leste. As duas principais variedades da língua são o Tetun Prasa e o Tetun Terik. O Tetun Terik é falado em zonas rurais mais isoladas (distritos de Suai e Viqueque) e mantém várias retenções da proto-língua. Já o Tetun Prasa é a língua oficial de Timor-Leste, ao lado do português, e é usada como língua franca entre os diferentes grupos etnolinguísticos em grande parte do território da ilha de Timor, desde um período anterior ao século XVII (ALBUQUERQUE 2009, THOMAZ 2002).

Devido a sua posição prestigiada na sociedade leste-timorense, o Tetun Prasa aparentemente é a única língua nativa de Timor-Leste que influenciou o português lá falado. Os elementos tetunófonos no PTL podem ser classificados em duas formas distintas de acordo com a frequência de suas realizações: a primeira é a classe de itens culturais leste-timorenses usados com maior frequência pelas subvariedades do PTL; a outra se limita a subvariedades mais rurais e a falantes não escolarizados, que realizam certos lexemas em alternância de código, entre o PTL e o Tetun Prasa.

A classe composta por itens culturais leste-timorenses, que não são traduzíveis de maneira exata para a língua portuguesa, possui diversos lexemas oriundos da língua Tetun e que fazem parte da fala cotidiana do PTL, entre eles:

95. Elementos culturais tetunófonos em PTL:

tais ‘pano tradicional, ou vestimenta feita com este pano’, o *tais* em forma de faixa para ser usada em volta do pescoço é um símbolo nacional e ofertado em cerimônias como presente a uma pessoa homenageada (ver foto 26);

liurai ‘rei, régulo, chefe’ (ver fotos 24 e 35 acima, e foto 9 no capítulo anterior);

suco ‘divisão nativa de pequenos territórios, vila’;

tua ‘vinho de palmeira’, o vinho de palmeira de origem nativa possui dois tipos: *tua-sabun* ‘vinho de palmeira incolor com alta concentração de álcool’ e *tua-mutin* ‘vinho de palmeira de cor branca (similar ao leite) com baixa concentração alcoólica’ (ver foto 27 e 28);

alin ‘forma de tratamento para se referir a pessoas mais novas’ em Tetun Prasa *alin* é o termo de parentesco para ‘irmão mais novo’;

dató ‘nobre, ou qualquer pessoa de classe social prestigiada’;

bua ‘substância para mascar feita de cal e noz de areca secos, enrolada na folha de betel (*Piper betle*)’ (ver fotos 29 e 30).

lulik ‘objeto ou local sagrado para as religiões nativas’, como *uma-lulik* ‘casa sagrada’, mas também adaptado à religião católica: *amo-lulik* ‘autoridades do clero’;

suko ‘divisão territorial nativo, similar a aldeias ou vila’.

FOTO 26. Vários *tais* pendurados à venda, no *Dili Tais Market*.

Foto de Gabriela Spaizmann.

(Fonte: <http://naraiz.wordpress.com/2012/04/13/mercado-de-tais-dili-timor-leste/>)



FOTO 27. Extração do *tua* da palmeira. Foto de Augusto Lança.

(Fonte: <http://timorlorosaeceara.blogspot.com.br/2010/11/tuana-laran.html>)



FOTO 28. Venda do *tua mutin* em garrafas plásticas

(Fonte: <http://timorlorosaeceara.blogspot.com.br/2010/11/tuana-laran.html>)



FOTO 29. Palmeira de areca e suas nozes ainda verdes
(Fonte: Araújo 2010, Anexo, p. 17)



FOTO 30. A trepadeira *betel* e suas folhas
(Fonte: Araújo 2010, Anexo, p. 18)



Devido ao intenso contato recentemente entre Portugal e Timor-Leste, com um grande número de acordos sendo assinados entre os países e um fluxo de migração entre a população de ambos, o PE falado também apresenta alguns desses lexemas do PTL de origem tetunófono, como *tais*, *tua*, *liurai* e *suco*. Vale ressaltar que na bibliografia de autores portugueses sobre Timor há esses empréstimos registrados.

A outra classe de lexemas tetunófonos é usada principalmente pela população falante de PTL oriunda das zonas rurais, ou seja, localizada na extrema direita do continuum de variação do PTL (fig.9). No caso de falantes de zonas rurais e de pouca escolaridade, a realização do PTL é marcada por alternância de certas estruturas, lexicais e morfossintáticas, do Tetun Prasa e do indonésio. Dessa forma, o falante possui sua L1 (uma das línguas nativas de Timor-Leste) e adquire em situação de diglossia o Tetun Prasa e/ou o indonésio, tornando-se um indivíduo bilíngue ou multilíngue, fazendo com que o falante transfira certas características de sua L1 ou L2 para o português falado por ele. Tal situação será analisada detalhadamente no capítulo 6. Em Thomaz (2002), o autor chegou a identificar alguns itens lexicais do Tetun Prasa empregados com mais frequência no PTL, no que o autor chamou de ‘situações familiares’:

96. Lexemas usados nas situações familiares:

Vários dos lexemas culturais citados, como: *tais*, *liurai*, *tua*, *tua-sabun*, *tua-mutin*, *lulik*, *suko*;

malae ‘palavra pejorativa para estrangeiro, gringo’;

feto ‘mulher’;

nonoi ‘menina’;

osan ‘dinheiro’;

kota ‘bairro’

labarik ‘criança’

Assim, as ‘situações familiares’ consistem em situações informais, quando o falante leste-timorense, pertencente aos grupos sociais mencionados anteriormente (zona rural e não escolarizada). Assim, quando necessita interagir em língua portuguesa, já que para este falante o PTL não faz parte das interações no ecossistema em que habita e, por isso, um grande número de lexemas do português não faz parte de seu

ecossistema mental, fazendo com que o falante preencha tal lacuna na fala com outros lexemas. No exemplo abaixo, em (97), o falante ao não saber empregar o lexema lusófono *livro*, faz uso do lexema *buku*, em indonésio, e *book*, em inglês:

97. El pego: ... pega: ... buku ... eh: pega book ... (*emite um som*) pega libru, libru.
El pega libru.

Em (97), o falante faz uso das estratégias conversacionais de hesitação e repetição como uma forma para aumentar seu tempo de processamento de fala e realizar a seleção lexical correta para aquela interação (MARCUSCHI 1996, 2006), que é a utilização do léxico lusófono, do lexema *livro*, realizado como *libru*.

De maneira distinta, no exemplo (98), o presente pesquisador (D) ao interagir com um indivíduo leste-timoreense (indivíduo 1), com quem possui intimidade, e em uma situação familiar, ambos fazem uso do lexema tetunófono *ema-boot* em alternância com o equivalente em português ‘pessoa importante, pessoa muito importante’:

98.

D: Ah, lembrei! Conheci ele, sim! Ele é **muito importante**, não é? Quando eu conheci ele, ele mesmo falou que só falava com peixes grandes...

(*ambos riem*)

Indivíduo 1: (*continuando a rir*) sim, ele é assim, é porque tem **cargo grande, função importante**. Ele é **pessoa muito importante**, ele **ema-boot**...

D: (*também rindo*) sim, exatamente, do jeito que ele se comporta é **ema-boot** mesmo!

Assim, não há emprego da hesitação, pois não há sentimento de insegurança linguística na interação ocorrida, porém a repetição, conforme já estudou Marcuschi (1996, 2006) possui várias formas e funções, destacando-se aqui que no excerto do diálogo apresentado anteriormente, em (98), a repetição foi empregada para facilitar a compreensão (por meio da intensificação do item lexical discutido), a organização tópica (ao introduzir um tópico, delimitá-lo e mantê-lo na conversação) e a interatividade (ao deixar clara a expressão de opiniões pessoais e incorporar sugestões do outro). Busquets (2007, p. 108) identifica essas duas estratégias, a hesitação e a repetição, como as mais utilizadas na modalidade oral do PTL. No capítulo 6, em

(6.2.2), será analisada a interação na modalidade oral em PTL e a temática da hesitação e repetição na fala será retomada.

Desta maneira, o que se observou nos dados coletados é que o uso desses lexemas tetunófonos está limitado a situações informais de fala e apresentou uma frequência maior no vocabulário básico da língua portuguesa, que parecia ter sido esquecido pelos falantes, ocorrendo, nesse caso, alternância linguística entre português e Tetun. Os falantes de PTL acabam por empregar na fala os fenômenos de hesitação e repetição como uma forma para auxiliá-los no processamento linguístico durante as interações.

5.4.3.2 Demais línguas locais

De acordo com a descrição feita do ecossistema linguístico local, no capítulo anterior, e conforme será analisada a ecologia dos contatos de línguas em Timor-Leste, no capítulo 7, é possível afirmar que, com exceção da língua Tetun, as demais línguas nativas leste-timorenses não influenciaram o PTL. Além dos argumentos históricos e de contato, foi atestado, por meio do trabalho de campo, que a língua portuguesa possui um papel de pouca importância nas interações comunicativas fora dos centros urbanizados de Timor-Leste e o inverso também é válido, ou seja, as línguas locais dos grupos etnolinguísticos de zonas rurais, ou mais isoladas, não apresentam importância nas interações comunicativas que ocorrem nas zonas urbanas, já que o português, o inglês, o indonésio e o Tetun Prasa é que são vistos pelos falantes leste-timorenses como línguas urbanas.

Nas zonas urbanas de Timor-Leste, há atuação das línguas: português, inglês, indonésio e Tetun Prasa, como já afirmado, tanto que essas línguas são encaradas pela população como línguas ‘urbanizadas’, em contraste com as demais línguas locais que são vistas por seus próprios falantes como línguas que ‘não são boas’, sendo aptas somente para a comunicação grupal, ou familiar. Vale ressaltar que esta é uma atitude comum do falante leste-timorense, que acaba por avaliar elementos da urbanização e da cultura ocidental como coisas boas, e os elementos culturais, rurais, locais e autóctones como coisas ruins, antiquadas, atrasadas, segundo a expressão em PTL são *coisas não boas*, conforme foi mencionado em 4.3.2, em que essa separação ‘urbano x rural’ com os aspectos urbanos sendo prestigiados, enquanto os rurais, denegridos, parece já ser parte da cultura leste-timorense e se reflete linguisticamente, tanto nas regras interacionais, como nas regras sistêmicas do PTL e das demais línguas locais, como o

Tetun e o Manbae (ALBUQUERQUE 2011c). Conforme foi descrito o ecossistema linguístico local de Timor-Leste, no capítulo anterior, isto também é um reflexo do EFL do país, já que os falantes leste-timorenses possuem uma visão dual de mundo, organizando-se socialmente de maneira dual, por meio de casamentos, famílias, clãs, diversos rituais, entre outros (ecossistema social); observando os fenômenos naturais como dualidades, vida x morte, criança x idoso, homem x mulher, dia x noite, sol x lua, entre outros, e dedicando práticas ritualísticas a tais fenômenos (ecossistema natural); pensando a língua e o comportamento humano também como dual (ecossistema mental). Assim, tal distinção ‘urbano x rural’ pode ser considerada como mais um traço da visão dualística dos leste-timorenses.

Todavia, no ecossistema linguístico local duas línguas chegaram a se destacar, além do Tetun, são elas: Manbae e Galolen. O Manbae pelo fato de ser a língua com o maior número de falantes como L1 no país, ocupar uma vasta área na região central e também na época em que a capital foi transferida de Lifau para Dili, em 1769, a região de Dili ser falante originalmente de Manbae, tornando-se tetunófono somente com este movimento populacional. Assim, Esperança (2001) chama atenção para a importância de ser realizada uma pesquisa sobre a influência do Manbae sobre Tetun, já que durante o século XVIII os falantes de Manbae da região sofreram uma troca de língua e, conseqüentemente, transferiram traços de sua L1, o Manbae, para a L2 adquirida, o Tetun. O presente autor não encontrou empréstimos lexicais de origem Manbae no Tetun, somente registros de alternância de código em que os falantes bi- ou multilíngues trocavam em suas falas alguns lexemas em Tetun e Manbae, porém somente lexemas que eram cognatos austronésios muito próximos fonologicamente, como: Tetun *hakerek* ~ Manbae *akerek* ‘escrever’, Tetun *hanoin* ~ Manbae *anoin* ‘pensar’, entre outros, conforme será analisado em (6.2.1), no capítulo seguinte sobre a ecologia do multilinguismo em Timor-Leste. Porém, em Hull e Eccles (2001), os autores afirmam que o Tetun Prasa apresenta a consoante oclusiva bilabial /b/ no lugar da aproximante /w/ do Tetun Terik o apagamento da oclusiva glotal /ʔ/, também do Tetun Terik, como uma influência da língua Manbae sobre a língua Tetun, quando esta foi transplantada para a região daquela. Já a respeito da língua Galolen, há registros históricos de que após ter sido expulsa de Lifau, a administração portuguesa se fixou em Dili, mas houve interesse em se fixar em outra região, sendo escolhido um local logo após Dili, que coincide com o atual distrito de Manatuto, região falante de Galolen, onde se

estabeleceram também colégios católicos. Sá (1961) chega a destacar a importância de uma vasta produção bibliográfica em Galolen, feita pelo padre Manuel Maria Alves da Silva no final do século XIX, incluindo dicionário, gramática, catecismos, cartilhas e traduções. Porém, até o momento não foram encontradas influências do Galolen nas línguas vizinhas, nem no Tetun Prasa.

Desta maneira, ficou evidente que mesmo com o Manbae e o Galolen se destacando localmente por motivos linguísticos e extralinguísticos, essas duas línguas em nenhum momento chegaram a influenciar diretamente a língua portuguesa e a formação do PTL. Por isso, não há dados de empréstimos nem de uma, nem de outra língua em PTL, bem como das demais línguas locais, excetuando a língua Tetun, já analisada anteriormente.

5.4.4 Empréstimos de outras línguas

Entre os povos estrangeiros que tiveram contato com os grupos etnolinguísticos leste-timorenses e que deixaram suas marcas culturais e linguísticas na ilha foram os malaios, chineses e japoneses. Essas influências estrangeiras identificadas nas línguas nativas de Timor-Leste, principalmente no léxico, foram identificadas por Thomaz (1974, 1995, 2002), Esperança (2001) e Albuquerque (2011b, 2012c).

O PTL apresenta pouca influência das línguas estrangeiras mencionadas, possuindo apenas um pequeno número de empréstimos, excetuando o malaio, e que não surgiram no PTL via contato direto com esses povos, mas de maneira indireta, via língua Tetun, ou via língua indonésia, em empréstimos mais recentes. Vale lembrar que alguns empréstimos, principalmente do chinês e do japonês, apareceram nos dados coletados somente uma vez ou poucas vezes, ou seja, com frequência baixíssima e limitando-se a falantes idosos, não escolarizados e de zonas rurais isoladas.

Em (5.4.4.1) será analisada a influência do malaio que, sem dúvida alguma, foi a língua que mais influenciou o ecossistema linguístico local, devido ao histórico de contato entre os povos. Em (5.4.4.2) e (5.4.4.3), serão apontados e analisados os poucos empréstimos encontrados do chinês e japonês, respectivamente.

5.4.4.1 Malaio

Os povos falantes de malaio não eram unificados. Na realidade, esses povos estavam espalhados por uma vasta região do sudeste asiático e eram organizados socialmente de diversas formas, desde as pequenas vilas até os grandes sultanatos. O

malaio desenvolveu-se através de sua variedade pidginizada, conhecida como *Pazar Melayu* (malaio de bazar), cujos primeiros registros escritos datam do século VII da era cristã, assim como no século XV há registros do *Pazar Melayu* apresentando variação dialetal e estas variedades sendo usadas como língua de comércio por toda a região (VERSTEEGH 2007). Esses povos malaios tiveram contato intenso com os habitantes da ilha de Timor desde o século XV (HULL 2001a), afetando o ecossistema linguístico local, conforme foi descrito no capítulo anterior, e influenciaram as línguas e culturas locais, assim como foram catalisadores de diversas mudanças linguísticas.

Posteriormente, essas variedades do malaio de bazar tornaram-se L1 de vários povos do arquipélago indonésio devido a grande influência e circulação durante os séculos citados, entre as regiões que se tornaram língua materna podem ser citadas: Malaio de Kupang, Malaio de Makassar e Malaio de Ambon, sendo Kupang uma cidade no lado oeste da ilha de Timor, e Makassar e Ambon ilhas vizinhas. Destaca-se também a importância que o Crioulo Português de Malaca, crioulo com o substrato malaio, assumiu durante os séculos seguintes da colonização portuguesa, século XVII em diante.

Outra influência do malaio em Timor-Leste, além das influências mencionadas anteriormente, foi já no século XX no período da invasão indonésia (1975-1999), via o a língua indonésia. Atualmente, essa variedade do malaio, o indonésio, também chamada de *bahasa indonesia*, que foi imposta à população é falada por uma parcela significativa da sociedade leste-timorense, assim como há uma geração inteira na faixa etária de 20-40 anos que foi educada e escolarizada usando o indonésio.

Dessa forma, os empréstimos malaios no PTL podem ser separados em duas classes distintas: uma classe formada por lexemas de profundidade histórica maior, que entraram na variedade do português provavelmente via língua Tetun, ou via CPMal e CPMac. A outra classe consiste de lexemas que entraram recente no PTL, via indonésio, que se limitam a campos semânticos específicos ligados a invasão e a administração indonésia.

Vale reiterar que os lexemas malaios, assim como os demais analisados a seguir, chineses (5.4.4.2) e japoneses (5.4.4.3), ocorrem somente em variedades do PTL que estão em posição na extrema direita no *continuum* de variação do PTL (fig. 9). Somente no caso dos empréstimos de origem malaio/indonésia verifica-se também que os falantes estão em estágios iniciais de aquisição do português. Tais empréstimos não

ocorrem em falantes que estão em estágios finais da aquisição ou que tiveram maior contato e/ou escolaridade em língua portuguesa.

Os exemplos de empréstimos do malaio e do indonésio se encontram separados, pelo fato de ser possível datar a maioria desses empréstimos nas línguas locais leste-timorenses, principalmente nos primeiros registros da língua Tetun, bem como nos crioulos portugueses asiáticos e no malaio-português. Assim, os elementos malaios são aqueles que já se encontram modificados pelo fato de terem sido emprestados às línguas leste-timorenses há séculos atrás e também pertencem a diferentes campos semânticos. De maneira distinta, os empréstimos indonésios são recentes e, por isso, não apresentam nenhum tipo de modificação linguística, mantendo-se idênticos a sua forma em indonésio, e também são de campos semânticos específicos: militarismo, alimentação e burocracia indonésia.

98. Lexemas malaios no PTL:

surat ‘documento, carta, papel’;

malae ‘palavra pejorativa para se referir a estrangeiros’;

barlaque ‘dote a ser pago no casamento’, do malaio (mem)beli ‘comprar’ e lelaki ‘homem’;

katuas ‘velho, ancião, marido, homem mais velho conhecedor de histórias e tradições antigas’, no malaio *katuas* significa apenas ‘velho’;

jambata ‘ponte’;

durbasa ‘tradutor, intérprete’ do malaio *juru* ‘encarregado, responsável’ e *bahasa* ‘língua’.

99. Lexemas do indonésio:

pangkat ‘hiperônimo das hierarquias militares’;

tentara ‘soldado indonésio’;

rakitan ‘tipo de arma de fogo caseira’;

bapa ‘termo de tratamento para homens indonésios’, o termo para mulher indonésia é *ibu*;

adat ‘tradições étnicas’;

catupa ‘arroz cozido em folhas de palmeira com tempero doce’;

sate ‘satê, pedaços pequenos de carne temperados e servidos em espeto’ (foto 31);

rendang ‘prato indonésio de carne com leite de côco e pimenta’;

bakso ‘sopa indonésia feita com vegetais e bolas de carne’;

padang ‘estilo indonésio de conservar o alimento pré-cozido através de uma técnica tradicional’ (foto 32);

nasi goreng ‘arroz frito’ (ver foto 33);

mie goreng ‘macarrão frito’;

warung ‘restaurante indonésio, ou qualquer outro tipo de estabelecimento comercial que vende comida oriental’, enquanto o lexema lusófono *restaurante* é usado para se referir a estabelecimentos com comidas ocidentais.

FOTO 31. Satê na bandeja

(Fonte: <http://www.unilab.edu.br/noticias/2013/05/20/unilab-celebra-11-anos-da-independencia-de-timor-leste/>)



FOTO 32. Vitrine de restaurante estilo *padang*

(Fonte: <http://mangolimenappies.blogspot.com.br/2011/09/from-lothlorien-to-21st-century-in-day.html>)



FOTO 33. *Nasi goreng*

(Fonte: <http://www.easttimorlawandjusticebulletin.com/2009/07/rice-rice-and-more-rice-boiled-baked.html>)



5.4.4.2 Chinês

A população de origem chinesa influenciou mais os itens da cultura material dos povos leste-timorenses do que suas línguas. Isso ocorreu por uma série de fatores: o

império chinês foi o primeiro a documentar seus contatos com os povos timorenses que datam do século XIII (PTAK 1983, ECCLES 2004, ALBUQUERQUE 2009); durante o período colonial houve intensa migração chinesa para ilha principalmente de origem Hokkien e de funcionários da administração portuguesa em Macau. Dessa maneira, a população chinesa em Timor-Leste, devido ao seu alto número, foi conquistando paulatinamente espaço nas esferas sociais, como: escolas iniciais para crianças chinesas; liberdade de prática religiosa, com a existência de um templo budista na capital, Dili; manutenção de outros hábitos culturais, além da religião, entre eles: alimentação, uso da língua, importação para venda e consumo de uma série de produtos chineses.

Os lexemas de origem chinesa em PTL possuem ocorrência mínima, sendo usados em variedades rurais não escolarizados e/ou por falantes com ascendência chinesa. Seguem alguns exemplos de empréstimos chineses totalmente adaptados à estrutura silábica do PTL:

100. Exemplos de empréstimos chineses em PTL:

panchon ‘fogos de artifício do tipo foguete para ser lançado ao chão’

dargon ‘jarra de chá, chaleira’

kusi ‘tipo de barril para carregar água’

pahén ‘homem velho, idoso’

kanku ‘hortaliça amarga base da alimentação leste-timorense (somada ao arroz)

5.4.4.3 Japonês

A influência japonesa na ilha de Timor foi breve e, por isso, superficial, porém deixou algumas marcas na população leste-timorense, principalmente nos idosos da região rural que vivenciaram o período da invasão japonesa. O exército japonês invadiu *Timor Português* no início de 1942 e ficou com um contingente fixo de tropas na região até sua derrota no final da segunda guerra mundial, em 1945. O impacto da língua japonesa nas línguas faladas em Timor-Leste poderia ter sido maior, se esta tivesse sido usada durante o período da invasão nipônica. Porém, por motivos de praticidade, segundo Carvalho (1972), o exército japonês usou a língua inglesa em seus documentos direcionados à administração portuguesa local, e provavelmente também a empregava para a comunicação com os residentes da ilha, tanto locais como estrangeiros.

O único contato intenso documentado entre os japoneses e os leste-timorenses ocorreu quando o exército nipônico, com dificuldades de dominar as partes mais

isoladas do território de *Timor Português*, decidiu trazer para seu lado o *elemento indígena*. A vantagem de a população local trabalhar para os japoneses, estes conhecidos como *colunas negras*, eram várias, como o conhecimento do território e dos grupos etnolinguísticos, as técnicas de batalha usadas pelos leste-timorenses eram diferentes, entre outras.

Conseqüentemente, o impacto linguístico da língua japonesa no Tetun e nas demais línguas nativas está restrito a algumas palavras e a campos semânticos específicos, entre eles: armas, doenças, comida, guerra. A maioria dos lexemas de origem nipônica é usada somente pelos cidadãos idosos que tiveram contato com os japoneses durante a invasão. Por isso, sua ocorrência no PTL é restrita, ficando limitada somente à subvariedade do PTL falada nessas regiões rurais mais isoladas que tiveram contato com os japoneses na época da 2ª guerra mundial e a falantes mais idosos que tiveram contato com os japoneses nesse período. A frequência desses empréstimos nos dados é mínima, ocorrendo uma ou duas vezes cada, quando o falante contava suas experiências vividas durante esse período.

101. Exemplos de empréstimos japoneses em PTL:
sutate ‘molho de soja’;
catana ‘espada nativa leste-timorense’, do japonês *katana* ‘espada samurai’ (foto 34);
kempi ‘polícia secreta japonesa’;
sodoku ‘doença causada pela mordida do rato’;
samurai ‘espada longa’, do japonês *samurai* ‘guerreiro nobre do período pré-industrial japonês’.

FOTO 34. Homem segurando uma catana

(Fonte: <http://timor-online.blogspot.com.br/2006/11/passa-tempo-grande-gala-dos-prmios.html>)



Outros dados que se destacaram durante a coleta foram as ocorrências nas línguas locais de Timor-Leste, em Tetun e Manbae, de compostos com a presença de um lexema na língua local seguido de adjetivo pátrio emprestado do português *zapanes* ‘japonês’:

102.

Tetun Prasa *lakeru zapanes* ‘chuchu’;

Manbae *gur zapanes* ‘tipo de vegetação rasteira (*Crassocepharun Crepioides*)’

Estes compostos são somente nome de flora comestível, o que indica que provavelmente foram inseridas na ilha de Timor recentemente pelo povo japonês, ou que o povo japonês é que tinha o hábito de comer essas espécies e passaram tal costume aos timorenses.

O que pode ser observado pelos dados apresentados e pela análise efetuada da presença de empréstimos em PTL de outras línguas, sendo as principais: o malaio, o indonésio, o chinês e o japonês, é que ocorreu o mesmo processo evolucionário descrito anteriormente, em (5.4.1), em que a maioria dos lexemas consiste em formas desativadas, tanto em Tetun, quanto no PTL, e que foram submetidas à competição e seleção. Somente a dispersão desses lexemas é que ocorreu de maneira ligeiramente distinta por meio de contato interidioletal e contato linguístico (outras línguas > Tetun, Tetun > PTL), além de se limitarem a um pequeno território.

CAPÍTULO 6

ECOLOGIA DA AQUISIÇÃO E DO MULTILINGUISMO EM TIMOR-LESTE

Neste capítulo, será analisada a ecologia da aquisição e do multilinguismo do PTL, enfatizando as seguintes temáticas que estão relacionadas com as propostas atuais da ecologia da aquisição, do ensino, da aprendizagem e da socialização linguísticas, são elas: a teoria de sistemas complexos; a interação intercultural; a linguística distributiva; e, a competência simbólica. Digno de nota é que se optou por analisar a aquisição, o multilinguismo e as interações/socializações no mesmo capítulo pelo fato das relações existentes entre estas categoriais serem claras, ou seja, a aquisição, o multilinguismo e as interações são categoriais de fenômenos linguísticos que afetam uns aos outros. Outro fator é que tal análise em conjunto acaba por ser ecológica, já que está de acordo com a bibliografia ecolinguística a respeito destas temáticas, que será comentada em (6.1), e também não separa, nem compartimentaliza, o conhecimento linguístico, encarando o estudo das línguas faladas e empregadas pelos indivíduos de maneira holística.

Desta maneira, em (6.1), será apresentada a bibliografia ecolinguística a respeito da aquisição e multilinguismo, assim como as características das diferentes propostas teóricas; em (6.2), serão apontados dois estudos de caso distintos: o primeiro deles tratará de um estudo de caso específico de um falante leste-timorense multilíngue, que possui como L1 o Manbae, L2 o Tetun, e posteriormente adquiriu o português e o indonésio, sendo observado como uma língua influencia a outra no ecossistema mental do falante; o segundo estudo terá um enfoque nas interações interculturais entre o pesquisador e um falante leste-timorense, para verificar as escolhas de línguas, as atitudes diante das línguas e como outras propriedades extralinguísticas auxiliam o processo de interação. Em (6.3), serão discutidos alguns aspectos das teorias linguísticas tradicionais a respeito da aquisição, do bilinguismo e do multilinguismo, e suas aplicações ao ecossistema linguístico local de Timor-Leste para verificar o status da língua portuguesa como L2, L3 ou LE, assim como, se o português em Timor-Leste se caracteriza como língua adquirida ou aprendida, baseado na análise de certas situações de interação intercultural entre o pesquisador e os falantes nativos.

6.1 Suporte teórico: ecologia da aquisição e do multilinguismo

Foi somente a partir do trabalho pioneiro de Larsen-Freeman (1997)⁹⁸ que, ao aplicar a teoria do caos/teoria de sistemas complexos aos estudos de aquisição de L2 e propor pela primeira vez a unificação dos estudos de aquisição e socialização de línguas, desencadeou uma série de reflexões a respeito de novas propostas teórico-metodológicas a serem aplicadas nessas duas áreas, destacando-se a ecologia e as metáforas ecológicas, além de várias outras, como: as ciências cognitivas, a fenomenologia, a epistemologia e a linguística distributiva. Assim, deve-se levar em consideração que nos estudos de ecologia da aquisição, o termo ‘ecologia’ é empregado metaforicamente, já que a ecologia é a melhor metáfora para descrever a interação dinâmica entre os usuários da língua e o ambiente em que ela é usada, de acordo com Kramsch (2002b) e Kramsch e Steffensen (2008). Vale lembrar que este é um posicionamento dos autores citados da ecologia da aquisição, já que não é partilhado pelo presente autor, que segue a teoria da linguística ecossistêmica, que afirma exatamente o contrário ao considerar o termo ‘ecologia’, e tudo relacionando a ele, de maneira não metafórica (COUTO 2012a, 2013b). As diferentes propostas da ecologia da aquisição e do multilinguismo tiveram origem nas premissas de que as teorias tradicionais que versam a respeito de aquisição de língua e socialização linguística não são satisfatórias para o estudo dessas duas áreas, assim como essas duas áreas não devem ser abordadas separadamente, mas como somente uma (KRAMSCH 2002b, p. 3). Em Leather e van Dam (2002b) há uma análise dos pressupostos tradicionais das teorias de aquisição de L1 e L2, como: a hegemonia do monolinguismo, o inatismo e a gramática universal, o período crítico, a não relação entre aquisição e socialização de línguas, a dicotomia falante-ouvinte, entre outros, em que os autores os criticam, afirmando tais pressupostos têm suas bases em uma visão normativa da língua.

A necessidade de se refletir a respeito de uma nova abordagem, ou nova proposta, para o estudo de aquisição e socialização de língua surgiu a partir das mudanças geopolíticas que ocorreram ultimamente em nosso mundo. São elas: a globalização e a educação multicultural (KRAMSCH 2002b, p. 3). A globalização acabou por alterar a velocidade, o escopo e a quantidade de informação, gerando, assim, modificações tanto no processo de comunicação, quanto nos tipos de comunicação,

⁹⁸ Vale a pena mencionar que a autora continua a desenvolver sua proposta teórica de relacionar os estudos de aquisição com a teoria do caos e de sistemas complexos, como pode ser lido em Larsen-Freeman (2002).

conforme Lemke (2002) analisa, enfatizando a importância do ser humano como um ser sócio-histórico em que tudo se baseia, segundo ele, na trajetória histórica das interações entre o ser humano e o meio ambiente, o que o autor chama de um sistema ecossocial. Digno de nota é que tal proposta de Lemke (2002) possui certas similaridades com a linguística ecossistêmica, já que o autor menciona a temática da interação, que é central na proposta de Couto (2012a, 2013b), e do sistema ecossocial, que se assemelha aos ecossistemas da língua, expostos no capítulo 4, baseado na proposta de Couto (2007, 2013b). Além disso, a globalização também fortaleceu movimentos culturais e/ou locais (nacionalistas, étnicos etc.) exatamente como uma espécie de resistência à homogeneização cultural em escala global, que surgiu com ela. Tais movimentos culturais/ locais vêm causando também alterações nos modelos teóricos tradicionais.

De acordo com essa necessidade teórica, mencionada anteriormente, Kramersch (2002b, p.8) chama atenção de que a metáfora ou o emprego do termo ‘ecologia’ possui diferentes sentidos, como relacional, reflexivo, fenomenológico, entre outros, já que os principais objetivos da perspectiva ecológica nos estudos de aquisição e socialização linguísticas é procurar um modelo teórico e um método de pesquisa que melhor se adequem à visão da metáfora ecológica (KRAMSCH 2002a, p. 16). Assim, na coletânea de estudos compilada pela autora em Kramersch (2002a), há uma série de propostas teórico-metodológicas que supostamente estão de acordo com uma visão ecológica desses fenômenos linguísticos, principalmente os modelos complexos, não lineares e relacionais. Digno de nota é que em nenhum dos estudos é considerada a própria ecolinguística, conforme as diferentes propostas para uma abordagem ecológica da língua apresentadas no capítulo 1.

Além de Kramersch (2002a), há mais dois estudos dedicados à ecologia da aquisição que datam do mesmo ano. São eles: a coletânea de Leather e van Dam (2003a) e a obra de van Lier (2003a) dedicada à ecologia do aprendizado de línguas. Em Leather e van Dam (2003a), há uma série de estudos que abordam a análise das teorias de aquisição de línguas, como o elaborado pelos próprios organizadores (LEATHER e VAN DAM 2003b), citado anteriormente, e o de Fettes (2003), em que o autor propõe uma visão mais agente/participativa do cérebro e da mente humanas, ao mesmo tempo sendo mediadora do conhecimento e elementos integradores das interações entre o homem e o meio ambiente; estudos de caso de aquisição de L1 e L2; e ecologia do ensino/aprendizagem de línguas, como são os estudos de van Lier (2003b), que analisa o uso da computação, especificamente de sites, no ensino de L2, segundo o autor as

tecnologias computacionais educativas não substituirão o professor de língua, mas podem oferecer uma educação-suporte personalizada (ing. *scaffolding*), e de van Dam (2003) em que a autora analisa o diário de duas adolescentes holandesas tendo aulas de quatro línguas estrangeiras diferentes, assim ela conclui que atividades de interação na sala de aula em LE incentivadas pelo professor influenciam na comunicação colusiva entre alunos e também estes passam a internalizar os diferentes sistemas linguísticos⁹⁹ por meio das relações complexas entre os alunos e os alunos e professores. Na obra de van Lier (2003), o autor realiza um estudo em que são enumerados os princípios de uma abordagem semiótica e ecológica do ensino de língua, e também como podem ser aplicados na prática de sala de aula tais princípios. Entre esses princípios, os fundamentais são: o contexto, que é dividido em físico, social e simbólico, sendo que aqui é possível encontrar uma semelhança com os ecossistemas natural, social e mental de Couto (2007, 2013b); a materialização da língua e as estruturas espaço-temporais são dois princípios que estão interligados, que também se assemelham com as relações ‘espaço-temporais’ da EFL de Couto (2007), e que, segundo van Lier, são importantes para criar oportunidades de aprendizagem. Van Lier enfatiza que o ensino semiótico e ecológico visa desenvolver no aprendiz sua identidade individual e social, já que este tipo de aprendizagem está inserido em um tipo de aprendizado democrático e comunitário. Recentemente, Lima Jr. (2012) realizou um estudo sobre a aquisição da pronúncia de língua inglesa por crianças aprendizes brasileiras sob uma perspectiva ecológica da aquisição de L2, que encara o falante e o processo de aprendizagem como um sistema complexo e de caráter dinâmico, levando em conta as interações entre o aprendiz, seu meio ambiente e seu contexto.

Em Kramsch (2007) e Kramsch e Whiteside (2008) estão enumerados os cinco principais aspectos da ecologia da aquisição de língua, que serão úteis na análise a ser conduzida neste capítulo, são eles: relatividade do Eu e do Outro; múltiplas escalas de tempo; propriedades emergentes, também chamado de ‘emergentismo’ (ing. *emergentism*); não finitude (ing. *unfinalizability*); fractais. A relatividade do Eu e do Outro consiste no fato de que os participantes envolvidos nas interações humanas, que se caracterizam como um sistema complexo, afetam uns aos outros de diversas maneiras. Múltiplas escalas de tempo são empregadas para se analisar as interações

⁹⁹ O autor desta tese não compartilha com a visão tradicional de van Dam que, mesmo sendo uma pesquisadora na área da ecologia da aquisição de L1 e L2, encara a língua como um simples sistema a ser internalizado.

humanas, já que há uma série de fatores agindo que possuem diferentes escalas de tempo, como: o tempo ontogenético de cada indivíduo; o tempo de resposta em um diálogo; o tempo de duração de uma conversa; entre outros. Digno de nota é que o estudo das múltiplas escalas de tempo possui um papel fundamental em diferentes abordagens ecológicas da língua, como na linguística dialética (BANG e DØØR 2007, p. 55), na linguística cognitiva ecológica (STEFFENSEN 2012, p. 521), além da ecologia da aquisição e de socialização linguística (KRAMSCH e STEFFENSEN 2008, p. 27). As propriedades emergentes, ou ‘emergentismo’, são aquelas que entram em vigor no processo de aquisição de língua, já que este processo é encarado ecologicamente de maneira dinâmica, não linear e possuindo diferentes escalas de tempo, assim o falante não adquire uma língua por meio de estruturas, esquemas, crenças etc., mas pelas conexões entre seus conhecimentos e ambiente, fazendo com que emerjam várias propriedades da língua. A não finitude se caracteriza pelo fato de as interações humano-humano serem encaradas como eventos que não possuem um limite bem definido e que não são fechados, ao contrário são eventos abertos, com limites imprecisos e propriedades não finitas. A não finitude se assemelha à porosidade da linguística ecossistêmica, conforme apresentado no capítulo 1 e em Couto (2012a, 2013b). A última característica, os fractais, consiste no fato de se analisar eventos que são similares em diferentes escalas, de maneira semelhante aos fractais que formam figuras menores e maiores. Assim, trata-se de analisar um evento em uma situação específica e em uma situação maior, considerar uma interação individual ou em escala global, entre outros.

Finalmente, em Kramsch (2006, 2007), a autora define uma característica, proposta por ela, chamada de competência simbólica, que entra em ação pelo falante multilíngue em situações de interação intercultural. Segundo Kramsch (2007, p. 400), o falante multilíngue, neste caso de interação, acaba não somente possuindo a competência comunicativa, mas uma competência que vai além desta, que é a competência simbólica, já que alterna os códigos linguísticos, mas também diversos aspectos espaciais e temporais que estão ligados aos diferentes códigos. Assim, a competência simbólica, também chamada de competência simbólica distributiva, possui quatro aspectos, são eles: a subjetividade, ou posicionamento do sujeito; historicidade, ou compreensão das memórias culturais evocadas pelos sistemas simbólicos; performatividade, ou a capacidade de criar realidades alternativas; reenquadramento, ou a capacidade de mudar o contexto social.

Desta maneira, na próxima seção, será conduzido um estudo de caso com um falante leste-timorense multilíngue, seguindo as teorias tradicionais de aquisição e multilinguismo, em (6.2.1), para em seguida apresentar um estudo das interações interculturais em Timor-Leste, entre o presente autor e um aluno, em (6.2.2), de acordo com as propostas da ecologia da aquisição e do multilinguismo, sendo eles: os princípios da ecologia da aquisição (KRAMSCH 2007, KRAMSCH e WHITESIDE 2008) e da interação intercultural (URYU, STEFFENSEN e KRAMSCH 2014); a competência simbólica (KRAMSCH 2006, 2007); e da linguística cognitiva ecológica (STEFFENSEN 2012, 2013).

6.2 Aquisição do bilinguismo e do multilinguismo

Nesta seção, serão analisados dois casos distintos. No primeiro, será realizado um estudo de caso com um falante multilíngue leste-timorense, em (6.2.1), enfatizando as situações de aquisição e multilinguismo em Timor-Leste, assim como quais as influências fonológicas, lexicais e morfossintáticas das L1 e L2 do falante tanto umas nas outras, quanto no PTL, que é sua L3. Em (6.2.2), será conduzido um estudo de caso com outro falante multilíngue leste-timorense, desta vez, analisando a temática da ecologia da interação intercultural entre esse falante e o presente pesquisador, observando como ocorrem as diferentes escalas de tempo nas interações e quais as características envolvidas no processo de escolha de língua para interagir.

6.2.1 Estudo de caso nº 1: um falante multilíngue leste-timorense

A pesquisa de campo inicial sobre o multilinguismo em Timor-Leste ocorreu primeiramente no distrito de Aileu, grande área central do mapa. 2, sendo que neste distrito predomina a língua Manbae como L1. Posteriormente, foram comparados os dados coletados, assim como a observação realizada, com as demais regiões visitadas pelo autor, que foram os distritos de Bobonaro, Baucau e a capital, Dili.

É possível afirmar com base nas observações *in loco* que a situação encontrada nos distritos do país foi a mesma, cada distrito possui uma língua dominante (por exemplo: no distrito de Lautém predomina o Fataluku; em Bacau, a língua Makasae; no distrito de Liquiçá, o Tokodede; em Manatuto, a língua Galolen; em Viqueque, a língua Tetun¹⁰⁰), que está relacionada com o território e as práticas culturais de um povo

¹⁰⁰ Para uma distribuição detalhada das línguas de Timor-Leste ver o mapa 1, no capítulo 4, ou o estudo dialetológico de Hull (2001b).

específico. Assim, no processo de aquisição normalmente os pais do indivíduo são falantes da mesma L1 (no caso do distrito observado a L1 é o Manbae) adquirida pela criança. Somente em algumas situações sociais diferenciadas, há o caso do casamento interétnico, fazendo com que o pai do indivíduo possua uma L1 e a mãe outra L1 distinta. Neste caso, a língua adquirida pela criança é a língua da mãe e/ou a língua do território em que se encontra morando, ou ainda caso estejam em um território neutro, em que as pessoas não sejam falantes da língua do pai nem da língua da mãe, a criança adquire o Tetun Praça e, em uma fase posterior, a língua do território em que vive. Albuquerque (2012b, p.6) analisa um caso de casamento interétnico em Hatudu, uma vila falante de Bunak localizada na região central de Timor-Leste, onde predomina a língua Manbae:

Nessa vila, encontramos indivíduos que os pais eram falantes bilíngues, mas falantes de L1 distintas (Bunak-Tetun Prasa e Manbae-Tetun Prasa), ou pais multilíngues que falavam as línguas um do outro, porém com grau de fluência diferente, pois adquiriram a L3 depois de adultos, principalmente por causa do matrimônio (indivíduo 1: Bunak L1, Tetun Prasa L2 e Manbae L3; indivíduo 2: Manbae L1, Tetun Prasa L2 e Bunak L3). (...) observamos crianças que adquiriram o Bunak e o Manbae simultaneamente, assim como indivíduos que nos informaram que haviam adquirido simultaneamente o Bunak e o Manbae, porém devido a pressões sociais deixaram de usar o Bunak, mantendo somente o Manbae e adquirindo, posteriormente, o Tetun Prasa.

É possível afirmar que a língua majoritária do território (T) e a língua Tetun, como língua franca, possuem um papel fundamental no processo de aquisição e socialização de língua e também no cenário multilíngue. A influência da língua majoritária do território e da localização do próprio território onde o indivíduo reside é tamanha que Albuquerque (2012b) realiza um estudo de caso em que o indivíduo possui o Manbae como L1 e o Tetun como L2, mas chegou a apresentar sinais de erosão linguística de sua L1, já que em sua infância mudou-se da região falante de Manbae para estudar na capital, Dili, e não voltou mais a usar sua L1. Mais adiante será analisado um caso semelhante, baseado neste estudo de Albuquerque (2012b). Digno de nota é que quando o Tetun Prasa não é adquirido como L1, ele é adquirido nos anos iniciais de vida da criança como L2, nas primeiras interações sociais do indivíduo.

Os fatores que influenciarão na aquisição, multilinguismo e/ou aprendizagem das seguintes línguas: português, inglês e indonésio, são: os familiares do indivíduo, o local onde a criança viveu, a idade do falante e se frequentou a educação formal ou não, assim como em qual escola. Esses fatores serão explicados a seguir no caso da aquisição e do multilinguismo envolvendo a língua portuguesa. O fator da família do indivíduo é fundamental, pois há casos em que a criança possui um dos pais, assim como familiares, de origem portuguesa, trata-se também aqui de um casamento interétnico em que os indivíduos casados, um é português e o outro leste-timorense. Neste caso, a criança leste-timorense se torna bilíngue, adquirindo nos anos iniciais de vida tanto a língua portuguesa, como a língua Tetun. Tal situação não é comum no ecossistema linguístico local de Timor-Leste, mas durante a observação foram encontradas algumas famílias desse tipo. O local onde a criança viveu é determinante, de acordo com o que foi exposto anteriormente, pois é nele que o indivíduo adquire sua L1 e na maioria das vezes sua L2, assim como sua permanência ou não no local onde nasceu influenciará as escolhas de língua nas interações, o que pode ocasionar tanto a erosão linguística (em casos que o indivíduo não usa mais sua L1), quanto a aquisição de uma L3 (que pode ser por vários motivos, como: o indivíduo residir em uma região falante de outra língua distinta de sua L1 e L2, o casamento interétnico, entre outros). Outra característica relacionada ao território do falante consiste no grau de urbanização, já que locais tipicamente rurais ou isolados tendem a não ter a educação formal e pouco ou nenhum contato com os falantes lusófonos, fazendo com que a presença da língua portuguesa na EFL desses locais seja quase nula. A idade do falante é outro fator importante para a análise da aquisição e do multilinguismo em Timor-Leste, já que a sócio-história do país, durante o século XX e início do século XXI, apresentou uma série acontecimentos marcantes para a população, de acordo com o que foi analisado no capítulo 4. Isso faz com que no ecossistema linguístico local de Timor-Leste, a idade influencie em como este indivíduo interage com os demais. Os indivíduos que são atualmente mais idosos, que viveram na época da colonização portuguesa, até 1974, tinham um contato maior e constantemente interagiam com os portugueses, assim como foram educados no sistema educacional português, tanto em Portugal, como em colégios portugueses em Timor. Isso fez com que esses indivíduos fossem trilíngues, adquirindo primeiramente sua L1, e, em fase posterior, mas ainda criança, adquirindo, quase simultaneamente, o Tetun e o português, ambos como L2. A educação formal influencia nos diferentes processos citados pelo fato de ela ser uma das principais formas de difusão da língua portuguesa

atualmente em Timor-Leste, com uma série de professores nativos de Portugal e do Brasil sendo enviados a Timor-Leste, além de uma série de acordos cooperativos de natureza educacional que são assinados entre Timor-Leste e os dois países, Portugal e Brasil. A educação formal também contribui no uso do Tetun Prasa pelos falantes, já que há uma série de cursos e o ensino na escola da ortografia padronizada dessa língua, o que de certa forma pode reforçar a similaridade entre o Tetun Prasa e o português, auxiliando os indivíduos bilíngues (português-Tetun Prasa) e possibilitando um aprendizado mais eficaz em indivíduos multilíngues.

No estudo de caso realizado a seguir foi observada a dinâmica familiar de um falante leste-timorense. O estudo enfatizou um falante específico, que será chamado aqui de *indivíduo 1*¹⁰¹, sendo o pai da família. Ele era casado, seu casamento era do tipo interétnico, já que ele é nativo de Aileu, região falante de Manbae, assim como Manbae é sua L1. O *indivíduo 1* observado é casado com sua esposa nascida em Fatumaca, distrito de Baucau, e falante de Makasae como L1. Ambos residem fora do território dominante de suas respectivas L1, na capital de Timor-Leste, Dili. O casal possui quatro filhos que adquiriram o Tetun como L1, o indonésio como L2 e o português como L3. Sobre as línguas do *indivíduo 1*, que claramente é multilíngue, além do Manbae L1, o falante adquiriu o Tetun Prasa como L2 ainda quando criança, e o português como L2 ou L3 já que foi educado desde criança até a idade adulta em seminário católico de padres portugueses, em escolas portuguesas, com os professores portugueses, e realizou seu ensino superior em Portugal. Em relação ao indonésio, o *indivíduo 1* informou que aprendeu um pouco na adolescência, mas que se limitou a esse pouco, pois suas interações, e toda sua educação formal, tinha laços com a língua portuguesa.

A observação e coleta de dados foram realizadas de acordo com a proposta da metodologia ecolinguística de trabalho de campo, apresentada no capítulo 3. O presente autor residia próximo à residência da família observada e se tornou amigo deles, já que foi professor da esposa do *indivíduo 1* e era colega de trabalho no INL (Instituto Nacional de Linguística). Após várias visitas de natureza pessoal, foi pedida uma autorização aos membros da família para fazer as próximas visitas como observações para um futuro trabalho científico, o que foi aceito de bom grado por todos, até mesmo porque o *indivíduo 1* tinha interesse nos estudos linguísticos. Além dessa relação

¹⁰¹ Optou-se por chamar de *indivíduo 1* simplesmente porque o autor desta tese perdeu o contato com os membros da família e preferiu por não os identificar sem a prévia autorização de cada um. Vale lembrar que a família era residente próxima a do pesquisador e deu a devida autorização para fazer a observação aqui descrita e analisada.

peçoal, convivendo e fazendo parte da comunidade leste-timorense, seguindo a proposta da metodologia ecolinguística já apontada anteriormente, o autor, em uma fase posterior da coleta, realizou gravações de conversas de natureza informal sobre os mais diversos temas entre o *indivíduo 1* e o presente autor, e o indivíduo 1 com sua família; de cerca de 1h40min de duração e também obteve textos escritos pelo falante em Manbae L1, Tetun Prasa L2 e português L3, que somam um total de aproximado de 28.000 a 35.000 palavras, para cada uma das línguas, com o texto menor sendo em Manbae, o maior em Tetun Prasa e intermediário em português.

A análise dos dados linguísticos coletados, apresentada a seguir, foi baseada no estudo sobre aquisição e multilinguismo em Timor-Leste de Albuquerque (2012b) e tem dois objetivos principais: verificar a interferência da L1 ou L2 sobre o PTL, e classificar os processos de aquisição e o multilinguismo em Timor-Leste à luz das teorias tradicionais. Para isso, primeiramente, será feita uma análise das interferências do Manbae L1 e Tetun Prasa L2 no PTL falado pelo *indivíduo 1*, sendo conduzidas nesta ordem: interferências fonológicas, lexicais e morfossintáticas. Em relação às interferências fonológicas e morfossintáticas, serão apresentados dados comparativos, em que serão baseadas as análises, enquanto para as interferências lexicais, será feita uma análise quantitativa.

Na fonologia, através da análise das gravações, percebeu-se uma influência diferente em que o falante tem como base sua L1, a língua Manbae, e não a L2, tanto para produção dos sons da fala do PTL, sua L3, como do Tetun Prasa, sua L2. Essa característica da aquisição do multilinguismo sequencial observada, a L1 como base de fonemas, é comum, conforme foi estudado por Flege (1991, 1999) em seus trabalhos. Na Tab.3 abaixo estão exemplos da influência do sistema fonológico da L1 na realização do PTL pelo *indivíduo 1*:

TABELA 3. Influência da L1 e L2 na fonologia do PTL

Fonemas	Português padrão	PTL
$\int > s^j$	chegar/chega, chá	'sje.ga, s'ja
$\eta > n^j$	senhor, vinho	sɛ'n'ɔr, 'bin'ju
$e > \epsilon$	escola, velho	ij'kɔla, 'bɛ.liɔ

o > ɔ	velho, ouvir/ouvi	'bɛliɔ, 'ɔbi
v > b ~ β	livro, escrever	'libru, iʃ'krɛβə
p > p ^h	pensar, posto	'p ^h ɛnsa, 'p ^h ɔstu

As seguintes influências apresentadas na tab.3 acima: $\int > s^j$, $\eta > n^j$, $e > \varepsilon$ e $o > \text{ɔ}$, são comuns na maioria dos falantes de PTL, conforme foi analisado no capítulo anterior, principalmente pela característica do ecossistema linguístico de Timor-Leste, em que nenhuma das línguas nativas do país apresenta as consoantes palatais, assim como possuem uma tendência de não diferenciar as vogais médias, variando o uso de $e \sim \varepsilon$ e $o \sim \text{ɔ}$. Em Hull (2001a), há uma análise da *sprachbund* leste-timorense, que corresponde a uma descrição das características tipológicas em comum das línguas do ecossistema linguístico local de Timor-Leste, em que podem ser confirmadas tais características apontadas acima. Desta maneira, Paradis (2007, p.25) afirma que, na situação de multilinguismo, a distância entre o sistema fonológico da L1 e da L2 é um fator que influencia o grau de fluência adquirido por parte do falante multilíngue. Assim, no caso do *indivíduo 1*, a L1 e a L2, o Manbae e o Tetun Prasa, são tipologicamente e geneticamente próximas (HULL 2001a), possuindo, conseqüentemente, um sistema fonológico também próximo. Isso faz com que as quatro primeiras mudanças ocorridas na fala do PTL, apontadas na Tab.3, possam ser influências tanto da L1, como da L2 do falante sobre o PTL. Porém, de acordo com o que será argumentado a seguir, é possível concordar com Paradis (2007), já que se observa uma influência clara da L1, com fones que não fazem parte da L2 do falante.

Nas duas últimas influências sobre o PTL apontadas na Tab.3, a saber: $v > b \sim \beta$ e $p > p^h$, é possível perceber aqui somente a da L1, o Manbae, já que sua L2, Tetun Prasa, não apresenta nenhum dos dois fonemas β e p^h , conforme atestam as gramáticas existentes do Tetun Prasa (HULL e ECCLES 2001, HULL 2002a, WILLIAMS-VAN KLINKEN, HAJEK e NORDLINGER 2002, ALBUQUERQUE 2011e), sendo que esses fonemas foram registrados somente em algumas variedades da língua Manbae, como apontam os estudos de Hull (2003a) e Albuquerque (2013a). Assim, é possível concluir, por meio das evidências linguísticas, que o sistema fonológico do Manbae, adquirido como L1 pelo *indivíduo 1*, é a base para a produção de sua fala, e que este

mesmo sistema fonológico é próximo ao de sua L2, o Tetun Prasa. Por esse motivo, não há grande interferência da fonologia da L1 sobre a L2. Porém, a fonologia do Manbae é distinta da língua portuguesa, com uma série de segmentos consonantais inexistentes, como: as palatais /ʃ, ʎ, ɲ, ʒ/ e a fricativa labiodental /v/, sendo esse um fator determinante que influencia o PTL falado por ele, como L3.

O estudo de Leather (2002) analisa a aquisição da fonologia de acordo com uma perspectiva ecológica. O autor analisa aquisição fonológica do inglês L2 por um menino caribenho de seis anos de idade. Leather (2002, p. 49) aponta que a fonologia é adquirida de maneira emergente e não linear por meio de um composto de fonologia individual e preferências individuais em relação à fonologia, desenvolvimento de um repertório segmental e um alinhamento fonológico entre indivíduo e comunidade. Desta maneira, não são regras, sistemas e fonemas que o falante adquire, mas sua percepção dos sons, já que cada indivíduo escutar e perceber diferentemente os fonemas (LEATHER 2002, p. 52), falados pelos demais membros da comunidade, bem como os usos destes sons dentro da mesma comunidade.

Com base no estudo de Leather (2002), é possível afirmar que o *indivíduo 1* que adquiriu o Manbae como L1, acabou por apenas modificar o meio ambiente da língua, permanecendo no mesmo ecossistema, saindo de seu local de nascimento para a capital de Timor-Leste, e ao adquirir o Tetun Prasa como L2 apenas aplicou suas percepções individuais em relação à língua, aos sons e à comunidade¹⁰². Isto não causou nenhum tipo de adaptação notável, já que o Manbae e o Tetun Prasa são línguas tipologicamente semelhantes e que convivem no mesmo ecossistema local. Porém, em relação à língua portuguesa, o *indivíduo 1* realizou uma série de adaptações e percepções distintas, já que o português é uma língua com uma tipologia bem distinta de sua L1 e L2, assim como é uma espécie exógena ao ecossistema de Timor-Leste.

Desta maneira, as modificações realizadas pelo falante, analisadas aqui, no processo de aquisição do português como L3 são percepções e adaptações que o indivíduo (P) coloca em prática na língua (L) por meio da interação com a comunidade (T), de acordo com a EFL. Assim, todo o processo de percepção e adaptação ao meio ambiente, bem como o ato de colocar tudo isso em prática na língua, envolve os três ecossistemas: o físico, o mental e o social. O ecossistema físico consiste na interação com o falante, que observa e adapta a língua; o ecossistema mental são as percepções do

¹⁰² Todavia, há outra interpretação, em que o local de nascimento do *indivíduo 1* é considerado um ecossistema e a capital, Dili, que ele migrou, outro ecossistema.

falante em relação à língua, aos sons e o processamento disso; o ecossistema social se trata da observação do outro e da comunidade, do uso de certos sons e quais suas funções. Percebe-se aqui uma predominância do ecossistema mental do falante, já que são essas percepções e esse processamento fonológico, que será usado como modelo para aquisição e aprendizagem das demais línguas.

No uso do léxico pelo português falado pelo *indivíduo 1*, verificou-se nas modalidades oral e escrita do PTL a interferência do Tetun Prasa L2, e uma influência indireta do Manbae L1, de acordo com a tab. 4 abaixo, que analisa a frequência em que alguns lexemas do Tetun e do Manbae apareceram no PTL, assim como a frequência do emprego dos lexemas lusófonos correspondentes:

TABELA 4. Frequência dos itens lexicais da L1 e L2 na fala em PTL

Pt. L2/L3	Freq.	Tp. L2	Freq.	Mb L1	Freq.	Glossa
<i>el ~ elə</i>	41	<i>nia</i>	-	<i>ua</i>	-	‘3ª sg’
<i>se'pɔr ~ se'n'ɔr</i>	47	<i>'ema-boot</i>	6	<i>a'taub-tuun</i>	-	‘pessoa importante’
<i>'entra</i>	28	<i>ha'tama ~ 'tama</i>	4	<i>a'tama</i>	1	‘entrar’
<i>'mɔra</i>	16	<i>'hela</i>	3	<i>kdei</i>	-	‘ficar, morar’
<i>es'krebe</i>	12	<i>ha'kerekek</i>	3	<i>a'kerekek</i>	2	‘escrever’
<i>ker, ke'ree</i>	8	<i>ha'karak</i>	3	<i>a'karak</i>	3	‘querer’
<i>'p'hensa</i>	6	<i>ha'noin</i>	4	<i>a'noin</i>	2	‘pensar’

Na Tab.4 acima, pode ser observado que em relação ao emprego do pronome de 3ª pessoa do singular, o falante não apresentou nenhuma interferência, usando somente as variantes *el ~ elə*, no PTL falado, e a forma *ele*, na escrita. Digno de nota é que nos dados em Manbae, o *indivíduo 1* informou que não lembrava do pronome de 3ª pessoa

do singular em sua L1, que é *ua* ‘3ª sg’, lembrando-se somente quando em uma visita posterior o pesquisador mostrou a ele a gramática da língua Manbae, elaborada por Hull (2003a). As demais formas empregadas no PTL apresentam certa regularidade, com a predominância das formas lusófonas e os lexemas do Tetun Prasa, tendo uma frequência reduzida, e sendo empregados em modalidades ou situações de interação específicas do PTL, como *hakerek* ‘escrever’ e *hanoin* ‘pensar’ ocorrendo somente na modalidade escrita, enquanto *ema-boot* ‘pessoa importante’, *hatama* ‘entrar’ e *hela* ‘morar’ ocorrendo na modalidade oral do PTL e em diálogos mais descontraídos em que ocorria a alternância de língua, com muitas vezes o lexema sendo usado na interação tanto em português e repetido em Tetun, ou o contrário, como no diálogo (103) abaixo, com *D* sendo o pesquisador:

103.

D: Ah, lembrei! Conheci ele, sim! Ele é muito importante, não é? Quando eu conheci ele, ele mesmo falou que só falava com peixes grandes...

(*ambos riem*)

Indivíduo 1: (*continuando a rir*) sim, ele é assim, é porque tem cargo grande, função importante. Ele é **pessoa muito importante**, ele **ema-boot**...

D: (*também rindo*) sim, exatamente, do jeito que ele se comporta é **ema-boot** mesmo!

Os lexemas da L1 do falante, Manbae, apresentam uma frequência mínima, ocorrendo entre 1 a 4 vezes nos dados, somente na modalidade escrita da língua e também quando eles são cognatos da L2 do falante, Tetun Prasa, como em: *hakerek* ~ *akerek* ‘escrever’ e *hanoin* ~ *anoin* ‘pensar’. Isso ocorre também porque, conforme o falante mesmo alegou, ele não se lembrava de vários lexemas de sua L1, e até quando foi pedido para ele escrever um texto nela, ele requisitou um tempo longo, pois informou que não escrevia em sua L1 há muito tempo.

O fenômeno da perda linguística já foi atestado e analisado em diversas publicações, assim como seus mais variados casos. Há um estudo importante de Wong Fillmore (1991) em que foram analisadas crianças em séries iniciais (ing. *preschool years*), nas escolas norte-americanas, que possuíam somente a L1 que não era o inglês. A perda da L1 ocorre por uma série de fatores sociopsicológicos, na idade escolar da criança, sendo o principal deles o impacto negativo que o uso da L1 gera nas situações comunicacionais, assim a criança deixa de usá-la, causando a erosão linguística e, caso

persista, a perda linguística. Esse foi um fenômeno notável observado durante a análise, pois o falante adquiriu o Tetun Prasa como L2 nos anos iniciais de sua infância e, logo em seguida, iniciou sua educação formal, passando a interagir, até a idade adulta, somente em Tetun Prasa ou português, não utilizando mais sua L1, o Manbae. Assim, conforme será corroborado com outros mais adiante, o falante apresentou evidências de erosão linguística de sua L1, já que ele tem como base de referência linguística sua L2, em todo tipo de situação multilíngue analisada. Em outras palavras, tanto na erosão linguística parcial de sua L1, quanto nas estratégias de enriquecimento lexical do português L3, o PTL, o *indivíduo 1* recorreu sempre a L2.

Uma abordagem ecológica do léxico revela que este “é o inventário de rótulos que os membros da Comunidade criaram para aspectos do MA que consideraram relevantes no processo de sua adaptação (...)” (COUTO 2007, p. 188). Desta maneira, os itens lexicais são elementos do ecossistema linguístico local que possuem alguma relevância para o falante e que tanto esta relevância, quanto os itens lexicais precisam ser compartilhados nos AICs, caso contrário se trata apenas de uma etiqueta que precisa ser decorada pelo falante, ou de uma palavra inventada que o falante não pode compartilhar com a comunidade (COUTO 2007, p. 199). A análise ecológica da perda linguística de certos itens lexicais da L1 do *indivíduo 1* revela que o falante acabou por esquecer exatamente os itens que não eram mais usados por ele nos AICs, enquanto itens lexicais do Manbae, L1 do falante, que eram cognatos do Tetun Prasa, L2 do falante, sendo que esta língua ainda é falada por ele, continuam a ser empregados. Isso de certa forma é uma evidência da proposta de Leather (2002), discutida anteriormente, de que o processo de aquisição fonológica é fenomenológico, envolvendo uma série de percepções do falante, bem como a interpretação e processamento pelo próprio falante de suas percepções.

Quanto à morfossintaxe, a maioria dos estudos sobre aquisição de bilinguismo tem se dedicado aos processos de aquisição de morfologia flexional. Desta maneira, será analisado aqui este processo morfológico também. As línguas nativas de Timor-Leste em sua maioria não apresentam morfologia flexional, havendo somente algumas línguas específicas que possuem morfemas flexionais, como o Galolen, o Baikenu e o Manbae. De acordo com a proposta de Hull (2001a), Timor-Leste caracteriza-se como uma área linguística (al. *sprachbund*) em que a maior parte das línguas compartilha uma série de traços comuns, entre eles a ausência de morfologia flexional. Assim, a concordância nominal e verbal variável encontrada nos dados do *indivíduo 1*, e já estudada no

capítulo anterior, se caracteriza como uma influência da L2, o Tetun Prasa, que não possui flexão nominal em sua gramática, mas não do Manbae L1, conforme será apresentado a seguir.

O Tetun Prasa apresenta em sua gramática ausência de morfemas flexionais, e expressa os significados marcados por esses morfemas por meio da gramaticalização de alguns lexemas da língua, como os seguintes fenômenos: a posse é marcada pelo pronome *nia* ‘3sg’ como enclítico =*nia*, em (104) e (105); marcação de gênero natural com os lexemas *mane* ‘homem’, *feto* ‘mulher’, *aman* ‘pai’ e *inan* ‘mãe’, sendo gramaticalizados para expressar respectivamente ‘masculino’ e ‘feminino’ para humanos, e ‘macho’ e ‘fêmea’ para animais, de (106) até (109); a definição é marcada pelo lexema *ida* ‘um’, em (110) e (111); o plural é expresso pelo pronome *sira* ‘3pl’ também gramaticalizado, em (112) e (113)¹⁰³:

104. lae, hau =**nia** vizinu maka moras.
 NEG 1sg =POS vizinho TOP doente
 ‘Não, é o meu vizinho que está doente.’

105. hau=**nia** aman foo ruin ida ba asu.
 1sg=POS pai dar osso IND para cão
 ‘Meu pai deu um osso ao cachorro’

106. labarik **mane sira** lalika estuda
 criança MSC PL não.quer estudar
 ‘Os meninos não querem estudar’

107. hau iha oan **feto** nain tolu ho oan **mane**
 1sg EXI cria FEM CL três e cria MSC
 nain rua
 CL dois
 ‘Eu tenho três filhas e dois filhos’

108. toos-nain iha deit fahi **aman**

¹⁰³ Os dados do Tetun Prasa foram extraídos de Albuquerque (2011e, p. 102).

roça-dono EXI somente porco macho
 ho manu **aman**
 e pássaro macho

‘O agricultor tem somente porcos e galos’

109. nia tenke sosa fahi **inan** ho
 3sg tem comprar porco FEM e
 anu **inan** ho animal seluk tan
 pássaro FEM e animal outro mais

‘Ele tem que comprar porcas, galinhas e outros animais.’

110. buat **ida** nee laos ai-nanas!
 coisa IND esta não abacaxi

‘Isto (esta coisa) não é abacaxi!’

111. lafaek **ida** sai hosi nia fatin atu
 crocodilo IND sair de 3sg lugar IRR
 buka hahaan
 procurar comida

‘Um crocodilo saiu de sua toca para procurar comida.’

112. estudante **sira** hola livru atu estuda
 estudante PL ganhar livro IRR estudar

‘Os estudantes ganharam livros para estudar.’

113. malae **sira** ulun-bulak atu bosok timoor oan
 estrangeiro PL cabeça-maluco para enganar Timor cria

‘Os estrangeiros (agem como) malucos para enganar os timorenses.’

De maneira distinta, a língua Manbae possui a presença de morfologia flexional, tanto de morfemas que são resquícios da protolíngua (HULL 2001a), como também os mesmos cognatos gramaticalizados do Tetun Prasa, estando um estágio mais avançado

de gramaticalização em Manbae¹⁰⁴, sendo nesta língua sufixos ou clíticos. Em Hull (2003a) e Albuquerque (2013a), o Manbae apresenta os seguintes afixos e clíticos: prefixo *n-* marcador de 3ª pessoa do singular, em (114); o prefixo *ma-* ‘intransitivizador’¹⁰⁵, em (115); os sufixos *-ga* para marcar definição e *-id* indefinição, em (116), (117) e (119); *-ser* para marcar o definido plural, em (116) e (118); o enclítico *=ni* para marcar posse, em (117) e (119); os sufixos que marcam a flexão de gênero são *man* ‘masculino’ e *hin* ‘feminino’, e *ama* ‘macho’ e *ina* ‘fêmea’¹⁰⁶, em (118) e (120)¹⁰⁷:

114. Flexão pessoal em Manbae

au	ɛt	‘eu vejo’
ɔ	ɛt	‘tu vês’
ua	n-ɛt	‘ele vê’
it/ am	ɛt	‘nós vemos’
im	ɛt	‘vós vedeis’
rɔ	ɛt	‘eles veem’

115. salmatan	ma-lae	pod	atub	met
porta	INT-abrir	para	pessoa	tudo
‘a porta está aberta para todas as pessoas’				

116. mestri- ga	babar	tɛl	iskolanti- ser	man	pada.
------------------------	-------	-----	-----------------------	-----	-------

¹⁰⁴ Os cognatos entre Tetun Prasa e Manbae são os seguintes: Tt. *Ida Mb. -id*, Tt. *sira Mb. -ser*, Tt. *mane Mb. -man*, Tt. *feto Mb. -hin*, Tt. *aman Mb. -ama* e Tt. *inan Mb. -ina*, sendo que em Tetun Prasa são lexemas gramaticalizados, enquanto no Manbae estes mesmos lexemas são usados como formas livres (lexemas propriamente dito) ou formas presas (sufixos).

¹⁰⁵ Esses dois primeiros prefixos, *n-* e *ma-*, são retenções do proto-austronésio, de acordo com Hull (2001a), Hull (2003a) e Albuquerque (2013a). Há vários outros afixos, não citados aqui, apontados nas publicações anteriores, que também são retenções dessa proto-língua.

¹⁰⁶ Hull (2001a) afirma que esses e vários outros traços tipológicos fazem parte da área linguística de Timor-Leste, ou área timórica oriental. Digno de nota é que Timor-Leste encontra inserido em uma área linguística maior, conhecida como Nusantara Oriental (KLAMER, REESINK e STADEN 2007), e compartilha esses mesmos traços com as línguas faladas nela.

¹⁰⁷ Os dados do Manbae foram extraídos de Albuquerque (2013a, p. 269).

professor-DEF mandar PERF estudante-PL para casa
 ‘O professor mandou os estudantes para casa.’

117. au=**ni** ama ne ruif-**id** lao aus
 1sg=POS pai dar osso-IND para cão
 ‘Meu pai deu um osso ao cachorro.’

118. loba-**man-ser** balikan istuda
 criança-MS-PL não.quer estudar
 ‘Os meninos não querem estudar.’

119. leb kdei nei-**ga** it=**ni** sos
 poder deixar LOC-este 2sg=POS compra
 ‘Pode deixar aqui suas compras.’

120. ua tenki sos maun-**ama**
 3sg tem comprar pássaro-macho
 ‘Ele tem que comprar um galo.’

Desta maneira, é possível afirmar que a L2 do *indivíduo 1*, o Tetun Prasa, que não apresenta morfologia flexional, é a língua dominante para a transferência dos traços tipológicos para o PTL, que é o português como L3, bem como se pode afirmar que o Tetun Prasa é a língua dominante do *indivíduo 1* também. O argumento principal é que se o falante não apresentasse indícios de erosão linguística de sua L1, o Manbae, teria a empregado como a língua base para a transferência tanto de traços do léxico, como morfossintáticos, mas não foi isso que foi encontrado nos dados, já que se o Manbae fosse a língua base para a transferência de traços, o PTL apresentaria uma morfossintaxe com a concordância menos variável, assim como a influência no léxico seria distinta da que foi analisada. O que se encontrou nos dados é que a L2 do falante é que foi a língua que transferiu seus traços tanto para o léxico, como para a morfossintaxe do PTL. Isso provavelmente se deu pela erosão da L1 que o *indivíduo 1* apresentava¹⁰⁸. Digno de nota

¹⁰⁸ Neste caso, é possível mencionar a diferenciação entre L1 (primeira língua) e LM (língua materna) para o *indivíduo 1*. Manteve-se aqui o uso de L1 como uma terminologia da linguística para se referir a

é que mesmo com os sinais de erosão, a L1 do falante foi a base para a transferência de traços fonológicos para o PTL, sendo possível afirmar que os sons após adquiridos pelo falante possuem uma função privilegiada em seu ecossistema mental, já que foram os únicos elementos linguísticos que não foram esquecidos e continuaram a influenciar as demais línguas que o falante adquiriu.

6.2.2 Estudo de caso nº 2: ecologia da interação intercultural

A interação intercultural consiste no processo de comunicação, que envolve tanto elementos linguísticos como não linguísticos, entre indivíduos (no mínimo dois) pertencentes a diferentes culturas. Os dados que serão analisados abaixo tratam de interações entre um falante brasileiro e um leste-timorense, ou seja, trata-se de uma interação intercultural, já que os indivíduos possuem culturas distintas e em seus AICs estão envolvidos elementos linguísticos, as regras sistêmicas, e elementos não linguísticos, as regras interacionais, para possibilitar a comunicação entre eles.

A análise que realizada aqui das interações interculturais está dividida em quatro partes: análise da conversação, análise da ecologia espacial do diálogo, análise da ecologia temporal do diálogo e a competência simbólica dos falantes que estão interagindo.

A análise da conversação elaborada aqui é baseada em Marcuschi (1996, 1999, 2005, 2006), assim como nas contribuições da linguística textual, principalmente em Koch (2001, 2005, 2006). De acordo com Busquets (2007), que realizou uma análise de textos orais e escritos do PTL, a autora verificou que na oralidade do PTL há a ocorrência das seguintes características que serão estudadas: a hesitação e a repetição. Sendo que as hesitações já foram estudadas em Marcuschi (1999, 2005) e Koch (2005, 2006), enquanto as repetições em Marcuschi (1996, 2006) e Koch (2001).

Os estudos das ecologias espacial e temporal dos diálogos até o momento não possuem uma metodologia clara e objetiva, porém por meio das várias publicações que abordaram essa temática, como Kramersch (2006, 2007), Kramersch e Steffensen (2008), Kramersch e Whiteside (2008), Steffensen (2012, 2013), e Uryu, Steffensen e Kramersch (2014), foi possível elaborar um guia para análise, que funciona como um rudimento de metodologia a ser aplicado aqui e desenvolvido no futuro.

língua que é adquirida primeiramente, sendo sinônima de língua materna. Porém, ao se pensar nas questões de uso e de erosão de língua, é possível diferenciar LM como a primeira língua adquirida, mas que se difere do conceito de L1, que seria a língua mais usada pelo e em que ele possui maior fluência. Assim, para o *indivíduo 1*, o Manbae seria somente LM, enquanto o Tetun Prasa a L1.

Nas interações linguísticas, a análise da ecologia espacial procura verificar as seguintes características: ocorreu algum tipo de negociação inicial ou prévia à interação; no decorrer do diálogo, teve alguma mistura linguística; há ocorrência de uma língua dominante, e quais fatores que explicam essa dominância; qual a língua local do espaço em que ocorreu o diálogo; há marcas de identidade, ou de resistência, tanto no uso como na escolha das línguas; no espaço em que ocorreu a interação, há línguas que possuem um status ou seu uso é reconhecido como marcado, bem como o não marcado; como se dá a escolha do falante de qual língua é mais adequada para seu ouvinte; qual status possui a língua (ou línguas) utilizada no diálogo (língua de intimidade, língua local, língua nacional ou língua internacional).

Em relação à ecologia temporal dos diálogos, o pesquisador deve observar os seguintes traços: se o falante tem uma concepção prévia de qual língua o ouvinte fala ou não fala; se é possível inferir ou perceber na fala marcas de memórias (biográfica, individual, coletiva, histórica etc.); há menção de perspectivas para o futuro; ocorre o mesmo assunto sendo falado em duas línguas diferentes; verificar como se dão as relações entre os tempos diferentes dos falantes e as redes de relações em que esses tempos estão inseridos; como se conectam os diferentes tempos; a escolha da língua apresenta alguma característica individual, como marcar posição de poder, hierarquia, jactância etc.; verificar se escolha da língua reflete os comportamentos culturais do povo a que o falante pertence, o que se caracteriza como o tempo de um povo específico.

Já na competência simbólica, última característica a ser analisada, consiste em observar como são empregados e alternados os diferentes códigos linguísticos na interação, bem como quais são os traços linguísticos e extralinguísticos envolvidos durante esse processo. Os traços dos diálogos que podem ser analisados, em que se manifesta a competência simbólica são: a subjetividade, a historicidade, a performatividade e o reenquadramento (KRAMSCH 2007, p. 400).

Nesta seção, visando analisar a ecologia da interação intercultural, serão apontados dois diálogos ocorridos entre o presente investigador com um aluno seu leste-timorense e multilíngue, seguidos por seus respectivos estudos. Os diálogos foram baseados em gravações que foram efetuadas em novembro e dezembro de 2008, em duas situações distintas, sendo a primeira uma interação entre o falante leste-timorense, identificado como A. nos diálogos, e este autor, chamado de D., dentro da sala de aula de língua portuguesa, na UNTL. Assim, na situação de interação aquele é o aluno (A) e

este é o professor (D). Este primeiro diálogo se encontra em (121). Já o segundo diálogo, em (122), é outra situação de interação entre o mesmo falante leste-timorense (A) e o autor desta tese (D), sendo que tal situação é mais informal, pois se trata de um diálogo que ocorreu entre eles durante uma confraternização entre várias turmas da universidade.

A respeito do conteúdo dos diálogos, em (121), o excerto de um diálogo em sala de aula apresenta a conversa entre o professor e o aluno sobre o término da aula, a situação de saúde do aluno e outros alunos questionando o professor se este falava a língua Tetun. Já o diálogo em (122), em uma situação mais informal, o mesmo aluno conversa com o professor sobre diferentes tópicos, entre eles: o aluno afirma que não fala muito bem português, questiona o professor se ele gosta da culinária leste-timorense, se o professor fala inglês e também sobre alguns aspectos culturais do país.

A seguir se encontra o excerto do primeiro diálogo (*diálogo 1*), que ocorreu em sala de aula:

121. Diálogo 1 – Sala de aula¹⁰⁹:

(*Após o término de uma explicação, o professor aguarda alguma pergunta da turma*) n.º de linhas

D: (...) Então? ... entenderam? Ou vocês querem que eu fale de novo? 1

(*A. se levanta e se aproxima da mesa do professor*)

A: ahn:... professor:... eh:... é:... professor pode:... __ 2

D: sim, A. O que foi? Pode falar. 3

A: professor pode fala depois? É que... hau... 4

(*o aluno franze as sobrancelhas, emite um som e continua*)

A: eh:... é:... cabeça professor. Cabeça não __ bom! 5

(*uma aluna intervém*)

¹⁰⁹ A fim de simplificar a transcrição dos diálogos, são usadas as pontuações seguindo as regras da gramática portuguesa, sendo empregados de maneira distinta somente os seguintes: *reticências* (...), são usados para marcar pausas e hesitações não preenchidas; e *dois pontos* (:), são usados para marcar alongamento vocálico para preencher algumas das hesitações. Foram inseridos também *dois traços* (__) para indicar que este espaço se encontra vazio, enquanto deveria ser preenchido gramaticalmente por algum elemento. As informações contidas entre parênteses e em itálico são de natureza extralinguística, enfatizando as reações dos falantes. As linhas se encontram numeradas à direita para facilitar as referências a elas durante a análise.

M: ah, professor é que ele não está a sentir-se bem. Está doente.	6
Cabeça doente. Ulun moras. Professor conhece? Ulun moras?	7
A: sim, sim, professor, ulun moras!	8
D: sim, conheço, entendi. Você não está bem, por que está com dor de cabeça, é isso?	9
<i>(falando com pausa para fazê-lo entender)</i>	
A: sim, professor! Pode: __ aula depois?	10
<i>(ao mesmo tempo em que A. responde, M. também fala em um tom de surpresa)</i>	
M: Ah!	11
<i>(expressando surpresa e se referindo às colegas da turma)</i>	
M: kolega sira haree, nenee, professor koalia tetun!	12
<i>(e continua para perguntar ao professor)</i>	
M: Professor fala tetun? Professor conhece tetun de onde?	13
<i>(o professor D. faz um gesto com a mão pedindo-a para esperar e pergunta a A.)</i>	
D: não entendi, você quer que eu deixe você ir ou que eu termine a aula?	14
A: isso!	15
D: isso o quê? Qual das duas opções?	16
A: Dois!	17
<i>(fazendo o gesto do numeral na mão e depois novamente emitindo um som de descontentamento e passando a mão na cabeça)</i>	
A: eh:... segundo... segunda!	18
D: Mas já terminamos a aula. Era só isso!	19
A: só? Já?	20
D: isso!	21
A: isso. ok!	22
<i>(A. retorna a seu assento, e D. responde a M.)</i>	
D: M., falo um pouco de tetun, sim!	23

M: ah, professor D., saber tetun, fala um pouco, uitoan...	24
D: Sim, hau koalia uitoan...	25
M: Oh! (<i>rindo</i>). Professor D. diak!	26

Em Busquets (2007), a autora aponta as seguintes características existentes na fala em PTL: a hesitação com pausas preenchidas, a hesitação com pausas não preenchidas, repetição hesitativa como forma de correção, a heterorrepetição e a autorrepetição. Serão estudadas cada uma dessas características separadamente, apontando os exemplos existentes em (121) e (122).

A hesitação em que ocorrem as pausas preenchidas trata-se do emprego de marcadores conversacionais, como *eh*, *ah*, *oh*, ou do alongamento vocálico para preencher as pausas hesitativas, como nas linhas 2, 4, 5 e 18 do *diálogo 1* acima, em (121), e também nas linhas 6, 9 e 10, no *diálogo 2* abaixo, em (122). Essa característica consiste em uma estratégia utilizada pelo falante para ganhar tempo para realizar uma escolha lexical adequada ou uma construção sintática específica. Busquets (2007, p.110) chama atenção para o fato de que quando essas hesitações ocorrem no início do turno conversacional trata-se de uma estratégia para prolongar o tempo para a elaboração do discurso.

A hesitação com pausas não preenchidas trata-se de uma estratégia utilizada pelo falante em que ele não preenche o item lexical pelo fato de este ser previsível sintaticamente. De certa forma, isso também consiste em uma insegurança conversacional/linguística em que o falante não apenas está passando o turno conversacional ao outro, como está apelando a ele para que complete sua sentença de maneira adequada. Isso ocorreu nas linhas 2, 5 e 10 do *diálogo 1*, em (121), e nas linhas 9, 10, 13 e 18 do *diálogo 2*, em (122). Assim, há construções orais em PTL como: *pode: __ aula depois?* em que a posição deveria ser preenchida como *Pode ter aula depois?*; *professor D. come: ... __? > Professor D. come comida timorense?*; entre outros.

A repetição hesitativa consiste na estratégia em que geralmente o falante utiliza para se corrigir, fazendo uso da hesitação, seguida pela repetição do item falado anteriormente, porém de maneira correta. O único exemplo registrado nos dados foi na linha 18 do *diálogo 1*, em (121), em que o falante ao ser perguntado qual das opções ele escolheria, ele responde *eh:... segundo... segunda!*, realizando a hesitação primeiro, depois a resposta em desacordo com as regras sistêmicas do português (o emprego da

concordância de gênero de maneira incorreta), seguida por outra hesitação e, finalmente, o item lexical corrigido pelo próprio falante. Vale ressaltar que nos dados de Busquets (2007) há um grande número de repetições hesitativas, pois este é um recurso muito utilizado pelos falantes de PTL e também encontrado nos dados coletados, somente foi encontrado um único exemplo por causa do recorte dos diálogos escolhidos realizado pelo presente autor.

A heterorrepetição é a estratégia de repetir parte da construção utilizada pelo outro falante, geralmente ocorre com maior frequência no par pergunta-resposta, em que o falante responde repetindo parte da pergunta. Há ocorrências de heterorrepetições nas linhas 3 e 4 no *diálogo 1*, em (121), e nas linhas 3 e 4, 7 e 8, e 12 e 13 do *diálogo 2*, em (122). Nas linhas 7 e 8 do *diálogo 2* há uma heterorrepetição somente de um elemento, causando o falante a entrar em desacordo com as regras sistêmicas do português: *D: (...) como até em minha casa também! A: ah, como?* empregando o lexema flexionado *como*, no lugar de *come*, e também nas linhas 3 e 4 do *diálogo 2* em que responde e pergunta novamente *D: bem, e você? Como está?* e *A: eu bem. (...)*

A autorrepetição consiste na estratégia do falante de repetir construções já empregadas por ele. Esta pode ser considerada mais uma característica de insegurança linguística, já que o falante ao perceber que realizou uma construção correta começa a repeti-la com medo de não realizar outras construções semelhantes de maneira correta. Isso ocorre no par de linhas 2-4 no *diálogo 1*, em (121), e nos pares 4-6 no *diálogo 2*, em (122). Assim, há as seguintes construções na fala PTL em que ocorre a seguinte construção pelo falante A: *A: (...) professor:... eh:... é:... professor pode:... __* e que lgo depois com o retorno do turno conversacional a A, ele repete: *A: professor pode fala depois? (...)* e também em que A faz uma pergunta: *A: (...) Professor gosta de festa?* E novamente quando retorna seu turno ele faz outra pergunta utilizando a autorrepetição, que está destacada: *A: (...) professor D. gosta de comida de timorense?*

Busquets (2007, p. 100) elabora duas tabelas das funções da hesitação e da repetição, que foram baseadas em Marcuschi (2006). Dessas funções é possível perceber que uma série delas está relacionada com a abordagem ecológica do presente trabalho, conforme será discutido a seguir. Assim, para a hesitação, são apontadas as funções: cognitivas, principalmente em relação à atividade de processamento da fala, aqui se percebe uma relação com o ecossistema mental da língua; interacionais, como o controle de posse de turno em uma conversação, a troca de turno (falante-ouvinte/ouvinte-falante) nos AICs, bem como a controle disso, as relações de poder, entre

outras, envolvem os três ecossistemas da língua (o natural, o mental e o social). Para a repetição são apontadas as seguintes funções, que estão relacionadas com a ecolinguística: coesiva, envolvendo a listagem de palavras, o amálgama sintático e enquadramento sintático-discursivo, sendo essa função coesiva relacionada com o ecossistema mental da língua; compreensiva, marcando a intensificação na fala, a relação tema-rema, enfatizando um esclarecimento etc., a função compreensiva está relacionada tanto com o ecossistema mental da língua, já que há uma série de processos mentais-cognitivos que o falante precisa realizar para auxiliar na compreensão do ouvinte, bem como o ouvinte necessita fazer outros processos para compreender o falante, quanto com o ecossistema social da língua, pelo fato de que a compreensão, a explicação, entre outros, durante os AICs englobam uma série de comportamentos de polidez que são tipicamente sócio-culturais; a interatividade, que consiste na expressão de opinião pessoal, no monitoramento de tomada de turno na conversação, na ratificação do papel do ouvinte, na incorporação de sugestões etc., pela complexidade do processo de interação se percebe que a interatividade está relacionada com os três ecossistemas da língua, a saber: o natural, o mental e o social.

A análise da ecologia do espaço existentes nos *diálogos 1* e *2*, em (121) e (122), será realizada a seguir. No *diálogo 1*, em (121), observa-se que é D., o professor de língua portuguesa, no espaço de sala de aula, localizado na universidade, quem decide a língua que é utilizada tanto neste espaço (a sala de aula), como nas interações (os diálogos em aula entre professor-aluno e aluno-aluno). Essa escolha fica clara logo nos primeiras linhas (1 até 5), em que A., um aluno, apresenta dificuldade para interagir em português, mas permanece usando-a, até que na linha 5 acaba por misturá-la, inserido o pronome em Tetun *hau* '1sg'. Percebendo os problemas para se comunicar em português, M., uma aluna, colega de A., interfere, participando do diálogo e tentando explicar o A. quis dizer, nas linhas 6 e 7, em (121). Porém, M. procura explicar primeiramente em português, se referindo a D., e depois em Tetun, para se referir a A, e procurado saber se pode se referir ao professor D. em Tetun também, já que o Tetun é uma língua utilizada em diferentes tipos de interação e em um grande número de espaços em Timor-Leste, já que é uma língua franca.

Essa alternância entre português e Tetun, que é reduzida na fala de A. e mais evidente na fala de M., é um sinal de resistência linguística contra a língua do colonizador, o português, principalmente por parte de M., já que o Tetun é a língua do oficial e nativa do país, símbolo de identidade nacional e predominante no espaço onde

a universidade se localiza, a capital, Dili. No *diálogo 2*, em (122), tal resistência está mais clara, pois o mesmo aluno A. se sente mais confortável em não utilizar o português para se referir ao professor D., já que ambos estão em um outro espaço, fora da sala de aula, e em momento de descontração, uma festa na universidade, conforme pode ser visto nas linhas 10 – 12. Na continuidade da interação entre A. e D., no *diálogo 2*, em (122), A. também apresenta uma confiança maior ao falar em inglês, bem como certos assuntos específicos, como o motivo da escolha linguística, para A. parece se adequar mais ao inglês, do que demais línguas, a partir da linha 19.

Os comportamentos apontados acima, uma espécie de resistência ao português, têm sua origem na polaridade Tetun-Português, existente nos centros urbanos de Timor-Leste, em que os falantes leste-timorenses, além de apresentarem uma insegurança em relação à língua portuguesa e a encararem como um resquício de uma presença da dominação colonial portuguesa, veem o Tetun como uma língua inferior, quando comparada ao português, e, assim, apelam ao uso do inglês como uma língua ‘superior’, de acordo com a visão dos leste-timorenses, que pode sobrepujar a dominância da língua portuguesa. Na dissertação de Busquets (2007, p. 110), a autora também registra em seus dados a alternância PTL e inglês feita pelos falantes leste-timorenses.

Vale a pena enfatizar a visão de inferioridade que os falantes leste-timorenses possuem em relação ao Tetun, quando esta é comparada a línguas de cultura, a nível mundial, como o português, ou inglês. Na linha 5, do *diálogo 1*, em (121), é possível encontrar uma evidência disso já que o falante é extremamente relutante em empregar a forma tetunófona em sua fala em português, e quando a emprega reage de maneira negativa a si mesmo, emitindo um som de descontentamento e enrugando as sobrancelhas e a testa para expressar sua raiva. No mesmo diálogo, em (121), outra evidência pode ser encontrada nas linhas 9 em diante, em que D. afirma conhecer e falar a língua Tetun, causando tamanha surpresa em M., que de maneira exaltada sente necessidade de compartilhar tal informação com a turma, na linha 12: *kolega sira haree, nenee, professor koalia tetun!* ‘Pessoal, vejam só, vejam! O professor sabe falar Tetun!’. Os alunos, principalmente M., demonstram um espanto ao saber que um estrangeiro aprendeu a falar Tetun, e começam também a questionar o porquê e onde aprendeu. Tal atitude é interpretada, com base em algumas perguntas feitas aos alunos, como um espanto e/ou uma surpresa por parte dos leste-timorenses ao saberem que algum estrangeiro fala Tetun, porque eles mesmos encaram que esta língua não é digna

de ser aprendida por cidadãos de outros países, já que é falada somente em Timor-Leste¹¹⁰.

Outro fator em relação à escolha da língua a ser utilizada para os diálogos é a série de suposições em que os falantes leste-timorenses se baseiam para fazer tal escolha. Essas suposições feitas por eles têm ligação com o que foi analisado aqui, pois o cidadão de Timor-Leste possui uma tendência a pressupor que língua que deve ser utilizada nas interações, fazendo uso apenas de informações visuais dos falantes. Assim, os falantes chegaram a explicar ao presente autor o seguinte: caso o falante possua pele bem clara, cabelos pretos e estatura média ou baixa, eles interagem usando a língua portuguesa, pois por meio da observação das características físicas, partem do pressuposto que a nacionalidade é portuguesa, sendo falante de português; o falante de pele clara, cabelos loiros e estatura alta, pressupõe-se que é australiano e que falam inglês; o falante com traços sino-nipônicos, com os olhos com pálpebras lisas (geralmente conhecidos como ‘olhos puxados’), pele levemente amarelada e estatura baixa, são encarados como de origem malaio-indonésia e que falam o indonésio; enquanto com o falante com traços nativos de Timor-Leste, pele morena escura, cabelos lisos e pretos, e estatura baixa, se interage geralmente utilizando o Tetun Prasa¹¹¹. Assim, a escolha da língua a ser utilizada está ligada a temáticas étnicas, culturais, aos papéis que o falante opta por assumir diante do Outro, bem como diante do grupo do Outro, além de situações de intimidade e familiaridade. Isto fica claro tanto no *diálogo 1*, em (121), quanto no *diálogo 2*, em (122), em que M. e A. demonstram espanto ao saber que D. fala Tetun e inglês.

122. Diálogo 2 – Confraternização na universidade:

<i>(o professor encontra com o aluno em uma festa da universidade)</i>	n.º de linhas
D: olá, A.!	1
A: olá professor D., como está?	2
D: bem, e você? Como está?	3

¹¹⁰ A língua Tetun chega a ser falada na parte oeste da ilha também, que pertence à Indonésia, principalmente em Atambua, cidade localizada na parte oeste da ilha, próxima à fronteira de Timor-Leste.

¹¹¹ Há casos em que os falantes leste-timorenses conseguem identificar o distrito de origem um do outro apenas por informações visuais, e se eles falam a L1 do outro acabam por utilizar uma delas na interação, abandonando o uso do Tetun Prasa no diálogo, que é empregada como língua franca.

A: eu bem. Professor gosta de festa?	4
D: sim, está muito boa.	5
<i>(o aluno observa o que o professor está comendo)</i>	
A: eh:... professor D. gosta de comida de timorenses?	6
D: sim, claro! É muito boa, eu gosto de nasi goreng, como até em minha casa também!	7
A: ah, como?	8
<i>(o aluno emite um som e bate em sua testa)</i>	
A: eh:... é:... professor D. come: ... ___?	9
<i>(D. balança a cabeça positivamente)</i>	
A: Professor... é que:... eu não ___ bom em português. Professor fala tetun?	10
Pode fala inglês? Pode?	11
D: sim, falo um pouco de tetun, sim, e falo inglês também.	12
A: Oh, professor ___ fala inglês também? Onde que fala? Em Austrália?	13
D: Onde que eu aprendi inglês?	14
<i>(o aluno acenando com a cabeça que sim)</i>	
D: Não aprendi na Austrália, não. Aprendi no Brasil.	15
A: Oh (<i>espantado</i>)! Mas Brasil fala inglês?	16
D: Não fala, não, mas tem muitas pessoas lá que estudam a língua inglesa.	17
A: eh:... Eu acho que ___ bom aprende...	18
<i>(o aluno novamente emite um som e balança a cabeça negativamente)</i>	
A: I think is good the people study English, is good for job, money	19
and go to Australia. What professor D. thinks?	20
D: I think it's good, indeed, for a lot of things, but you have to learn the Portuguese as well.	21
A: Portuguese is no good! Portuguese is too difficult for us, Timor people, and have no job,	22
no money. English is better. There is money and Australia.	23

D: Yes, but there are a lot of other things in life besides job and money. 24

You have to think on your country, your history, your family... 25

(antes de o professor D. terminar a sentença, A. acenava com a mão para ele e concordava)

A: But this is what Bahasa for. Indonesia is like a brother... Oh! Professor D. speaks Bahasa? 26

D: No, I don't, I just understand a little. 27

A: Ah... 28

D: But do you still consider Indonesian as brothers? 29

After all they've done to Timor, to you, your family?

30

A: Yes, they give money to Timor people and Portuguese do not. 31

(e o diálogo continuou sobre este assunto até ser interrompido por uma música brasileira antiga que começou a tocar)

A análise da ecologia do espaço efetuada anteriormente revela que há diversas línguas que fazem parte do espaço dos falantes nas interações via diálogos em Timor-Leste, sendo elas: português, inglês, Tetun, indonésio e as demais línguas nativas. Estas línguas se distribuem de maneiras diversificadas em escalas sociais e hierárquicas, bem como se relacionam umas com as outras por uma série de elementos no EFL, gerando uma verdadeira rede de uso linguístico, que reflete a complexidade do ecossistema local de Timor-Leste, em que as diferentes espécies linguísticas interagem de várias maneiras.

As formas que as várias línguas que fazem parte do ecossistema local de Timor-Leste: português, inglês, Tetun, indonésio e as demais línguas nativas, citadas acima, se relacionam no espaço temporal e subjetivo de cada falante serão analisadas a seguir. Inicialmente, é possível partir também da escolha da língua a ser utilizada na interação entre os falantes.

Nos excertos dos dois diálogos apresentados, (121) e (122), percebe-se que não ocorreu nenhum tipo de negociação prévia para a escolha da língua portuguesa, que se estabelece devido ao poder que é atribuído ao indivíduo D. (professor universitário, estrangeiro e falante nativo de português na sala de aula de língua portuguesa), bem como ao poder atribuído pelos falantes, tanto D., quanto os demais, à língua portuguesa.

À dinâmica de poder da língua portuguesa nas interações em Timor-Leste, podem ser atribuídas múltiplas escalas de tempo, que refletem a participação dos vários indivíduos, assim como a interação com os três ecossistemas: o mental, o natural e social, já que há também várias experiências, como: a língua histórica da colonização; a língua que não fez parte da vida do indivíduo leste-timorense da geração mais nova; a língua falada pelos leste-timorenses da geração mais velha, e que às vezes, são encarados pelos mais novos como subservientes à metrópole; a língua materna que fez parte de toda a vida de um falante lusófono estrangeiro, principalmente um cidadão português ou brasileiro; a língua que apresenta toda uma história e representa uma identidade para estes falantes estrangeiros; e assim por diante. Cada uma dessas concepções distintas a respeito da língua é formada por múltiplas escalas de tempo, e são trazidas e atualizadas pelos diferentes nos diálogos.

No *diálogo 2*, em (122), há vários exemplos de múltiplas escalas de tempo relacionadas a experiências dos falantes e a usos da língua, que serão analisadas a seguir.

Nas linhas 6 e 7, quando A. questiona D. se este gosta de comida leste-timorense, o *nasi goreng*¹¹², ele responde positivamente, afirmando que come também em casa. Isso acaba por invocar um tempo subjetivo, pessoal e biográfico referente ao período e as experiências em que D. viveu em Timor-Leste, sendo expresso na língua materna do falante. Enquanto A. parece surpreso ao saber de tal informação pessoal de D., tenta dar continuidade ao assunto, porém não consegue e acaba por pedir cordialmente a D. se pode usar outra língua, o que evidencia tanto à experiência e ao tempo em que A. lembra de D. como seu professor de língua portuguesa, por isso o respeito e a cordialidade, como também suas lembranças de cidadão leste-timorense, que são melhor relatadas em outra língua, que não seja a língua portuguesa.

No intervalo entre as linhas 13 a 17, em (122), a temática é o conhecimento sobre a língua inglesa. A. pretende dar continuidade a sua fala em inglês e pergunta a D. se este sabe falar a língua inglesa, que responde positivamente. Com esta resposta positiva, A. mostra-se surpreso pelo fato de D. ser brasileiro e falar inglês, assim como não acredita na possibilidade de que D. possa ter aprendido a língua inglesa fora da

¹¹² Na realidade *nasi goreng*, que significa ‘arroz frito’, é um prato tradicional da culinária indonésia, que consiste em fritar o arroz com uma série de temperos, legumes, carnes e ovo. Sua origem é controversa, sendo atribuída ora à própria indonésia, ora a tradições antigas de fritar arroz, em regiões do sul da China. Este prato é comum nos países de origem malaia: Malásia e Singapura, e por influência da dominação indonésia, é muito consumido em Timor-Leste.

Austrália, ou seja, no Brasil, e acaba por querer saber se o Brasil também é um país anglófono, da mesma maneira que a Austrália. Nessas linhas citadas, percebe-se o tempo e as experiências do falante em relação ao Brasil, já que, pela distância e desconhecimento, A. pouco sabe a respeito desse país, bem como a importância que ele atribui à língua inglesa e à presença australiana, o que é muito comum entre a geração dos jovens leste-timorenses, por isso ele encara que a língua inglesa somente pode ser aprendida na Austrália e em lugar nenhum fora dela. Da mesma maneira, ao lembrar de todo o período em que aprendeu inglês no Brasil, esta passagem do diálogo evoca as memórias de D. e todas as experiências relacionadas a ela, bem como essas experiências possuem uma escala de tempo própria.

As linhas 19 e 20, em (122), continuam a apresentar certas evidências a respeito das experiências de A. em relação ao inglês. Desta vez, A. realiza uma projeção de que somente com a língua inglesa é que o povo leste-timorense terá um sucesso no futuro. Novamente, este é mais um comportamento cultural da geração dos jovens de Timor-Leste, que acabam por atribuir um papel à língua inglesa como uma espécie de única salvadora do povo, que atualmente passa por uma série de problemas sociais, principalmente pelo fato de eles estarem em um país que necessita se reconstruir e erigir as instituições democráticas desde suas bases. Nas Linhas 22 e 23, em (122), A. continua, reiterando que o povo leste-timorense somente conseguirá dinheiro via língua inglesa e via Austrália, bem como apresenta mais uma forma de resistência ao português, ao afirmar que a língua portuguesa não oferecerá dinheiro nem emprego, além de ser difícil de ser aprendida. Esta visão apresenta, de certa forma, um choque entre múltiplas escalas de tempos, e as experiências envolvidas nelas, entre duas gerações: a geração mais nova, que nasceu e viveu durante o período da dominação indonésia e tendem a ser simpatizantes da indonésia e/ou da Austrália (e também de suas respectivas línguas); e a geração mais velha, que nasceu e viveu parte de sua vida no período da colonização portuguesa, que durou até o ano de 1974, e que, por sua vez, são simpatizantes de Portugal, da língua portuguesa e da lusofonia. De maneira resumida, a geração mais nova, que possui suas próprias experiências e escala de tempo, reclama da dominação portuguesa, assim como da cooperação atual entre os países Portugal e Timor-Leste, pelo fato de os portugueses investirem em aspectos de longa duração no país, como a educação formal, que apresentarão resultados somente no futuro, pelo fato de considerarem mais compensador para ambas as partes ensinarem aos leste-timorenses a serem independentes por si próprios, enquanto a Austrália faz

investimentos monetários mais significativos, que apresentam um retorno mais rápido à população. Desta maneira, é possível perceber que os mais novos optam apenas por questões financeiras e por resultados mais rápidos que podem continuar a manter uma dependência de Timor-Leste, enquanto os mais velhos acreditam que resultados virão em longo prazo e que certos problemas sociais fazem parte da reconstrução do país, inclusive eles mesmo já viveram muitos em períodos de conflitos.

Em meio a essa interação em que A. acaba por valorizar a língua inglesa e resistir à língua portuguesa, na linha 21, em (122), D. reafirma sua identidade como professor de língua portuguesa e falante lusófono, comentando que o ato de aprender a falar português também traz uma série de vantagens, não apenas a língua inglesa, e que a preocupação com a situação financeira de A. é excessiva, já que há outros fatores envolvidos em um bem-estar pessoal ou social. Com isso, D. apresenta evidências de sua própria experiência e múltiplas escalas de tempo, que envolvem a época em que D. morava no Brasil, o período que D. cursou seus estudos para se tornar professor e as experiências de D. em sala de aula tanto no Brasil, como em Timor-Leste.

Finalmente, nas linhas 29 a 31, em (122), há outro choque de experiências e de distintas escalas de tempo, em que A. afirma gostar da Indonésia pelo fato de a Indonésia dar dinheiro a Timor-Leste, chegando a considerar os indonésios irmãos do povo leste-timorense. D. contesta tal posição de A., lembrando-o de toda a violência que marcou o período de dominação indonésia em Timor. Neste exemplo, há o caso de dois indivíduos que não viveram o período sobre o qual estão falando, seja por questão de idade, seja por questão geográfica, e formaram suas visões distintas com base nas experiências pessoais de cada um, o que acarretou também a formação de escalas de tempo diversas em relação a um evento que ocorreu no passado e que não foi experienciado por um, nem pelo outro.

De acordo com o que foi analisado anteriormente, a ecologia do tempo e do espaço permite conhecer melhor as negociações e as interações que acontecem em um cenário multilíngue. É possível perceber que ocorrem não apenas negociações linguísticas, como nos acordos de significados entre os falantes, a cooperação entre as partes para atingir os objetivos comunicacionais e a apelação a recursos semióticos que auxiliam na conversação¹¹³, mas uma série de negociações não linguísticas, que

¹¹³ Alguns destes recursos semióticos foram descritos entre parênteses nos *diálogos 1 e 2*, em (121) e (122), exatamente com o motivo de marcá-los, já que eles serão analisados abaixo como uma das formas da competência simbólica do falante.

envolvem diversos fatores extralinguísticos, os quais são abordados na análise da competência simbólica, já mencionada anteriormente. O que se revela no estudo da ecologia dos diálogos é que nestas interações estão envolvidos os seguintes fatores: a atuação, a reafirmação e até a encenação de práticas linguísticas passadas dos falantes; a reativação dos vários aspectos da memória culturais dos falantes; e a afirmação, reafirmação e negociação da identidade dos falantes (KRAMSCH e WHITESIDE 2008, p. 659).

Para finalizar a análise da interação multilíngue em Timor-Leste, envolvendo o PTL como uma das espécies linguísticas sendo utilizadas, será feito uso da competência simbólica de Kramsch (2006, 2007), já mencionada anteriormente. Esta competência é definida pela autora como um tipo de competência que vai além da comunicativa, já que não se trata de se aproximar ou de se apropriar da língua do outro, mas de moldar a língua nos diferentes formas em que ela pode ser empregada e aprendida (KRAMSCH 2007, p. 660). Os diferentes aspectos que envolvem a competência simbólica, a saber, a subjetividade, a historicidade, a performatividade e o reenquadramento, serão discutidos a seguir.

A subjetividade, ou posicionamento do sujeito, consiste nos sentimentos do indivíduo em relação a cada língua utilizada, bem como o posicionamento diante do poder simbólico e os valores sociais que estão envolvidos com o uso das diferentes línguas durante a interação. Nos diálogos analisados nesta seção, em (121) e (122), é possível observar que D. adota uma posição subjetiva, mas compartilhada por parte da comunidade, que considera a língua portuguesa como dominante, porém este posicionamento de D. é contrastado em relação ao de A. e M., em que o comportamento de A. no *diálogo 1*, em (121), na linha 2 e seguintes, e também nas linhas 10-11, 18-19 e seguintes do *diálogo 2*, em (122), pode ser interpretado não como um sinal de insegurança linguística de usar o português, mas como uma forma de resistência passiva ao poder simbólico da língua portuguesa e de seus falantes, e, de maneira diferente, a atitude de M. é mais evidente, na linha 6 e seguintes, do *diálogo 1*, em (121), em que ela auxilia o colega, questiona D., que é o professor de língua portuguesa em sala de aula, ou seja, o representante do poder simbólico dessa língua, a respeito da língua Tetun e ainda emprega esta língua no diálogo. Da mesma maneira, D. apresenta uma atitude de resistência à língua inglesa, nas linhas 21 e 24-25, no *diálogo 2*, em (122), porém esta resistência é apenas parcial, já que D. anteriormente aceitara dialogar em inglês, a partir da linha 19. Essas são evidências de que os falantes associam diferentes sentimentos às

línguas, bem como seus usos. Por exemplo, D. apresenta sentimentos positivos em relação ao português, que é sua língua materna, fazendo parte de sua história, sua identidade, sua profissão entre outros. Enquanto A. possui uma resistência à língua portuguesa, porém esta resistência é menor quando comparada a de M., ou seja, ambos possuem um sentimento negativo ao português, além de apresentarem posicionamentos distintos em relação ao Tetun, como M. fazendo maior questão de empregar tal língua nos diálogos, já A., não.

A historicidade, ou compreensão das memórias culturais evocadas pelos sistemas simbólicos, relaciona-se com a memória cultural que cada falante traz consigo e deixa transparecer por meio de gestos, postura e da linguagem corporal em geral, além das características linguísticas. Nos *diálogos 1* e *2* analisados, alguns gestos foram descritos entre parênteses exatamente com o objetivo de explicitar essa característica para o presente estudo realizado aqui. É possível perceber os gestos de A., em ambos os diálogos, quando não consegue se comunicar efetivamente em língua portuguesa, ou quando este comete algo que é interpretado pelo próprio falante como erro. Estes gestos foram interpretados como um sinal de reprovação ou descontentamento de A. consigo mesmo, como emissão de sons, o ato de franzir as sobrancelhas e bater com a palma da mão na testa. Da mesma maneira, D. no *diálogo 1* faz um gesto com a mão para M. aguardar e no *diálogo 2* faz um gesto com a cabeça, indicando resposta positiva à pergunta feita por A, sendo que estes gestos são típicos da memória cultural de D., apesar de terem sido entendidos nos diálogos. Porém, diferentes gestos, por trazerem com eles uma historicidade específica de uma cultura, podem não ser compreendidos pelos falantes leste-timorenses, causando situações adversas, desde comicidade até algo ofensivo, conforme foi apontado por Albuquerque (2012d), em que narra algumas situações em que alguns gestos feitos por professores brasileiros, dentro de sala de aula, aos alunos leste-timorenses causaram reações distintas, destacando-se o ato de apontar e de bater palmas:

Na cultura leste-timorense, o ato de apontar não é comum, sendo interpretado como falta de educação ou até como um ato de acusação contra outra pessoa, assim o professor ao apontar para algum aluno, causava certo espanto, deixando o aluno assustado ou surpreso com esta atitude. De maneira semelhante, bater palmas (gesto banal na cultura brasileira, que pode ser usado principalmente para ovacionar alguém, mas também é utilizado de maneira crítica, ou irônica) em Timor-Leste é extremamente ofensivo, já que

faz referência de maneira vulgar ao ato sexual. Assim, o professor que batesse palmas dessa maneira causava na turma ora risos, ora ofensa, a depender do perfil dos alunos. (ALBUQUERQUE 2012d, p. 4)

Além disso, a análise da historicidade revela também que as falas dos indivíduos apresentam resquícios das representações construídas historicamente pelo próprio indivíduo e/ou pela comunidade. Isto foi demonstrado anteriormente, na análise da ecologia temporal dos diálogos, já que há diversas situações, como a conversa entre D. e A., no *diálogo 2*, em (122), sobre a comida leste-timorense, o conhecimento da língua inglesa, a reafirmação da língua portuguesa e as diferentes concepções a respeito da história de Timor e a invasão indonésia, em que podem ser observadas as diferentes experiências e as múltiplas escalas de tempo que estão relacionadas a elas tanto de D., como de A.

A performatividade, ou capacidade de atuar (performar) ou criar realidades alternativas, está relacionada com o fato de que a fala não apenas apresenta significado e representa um papel, mas também traz à tona atos, que de certa forma estão representados no enunciado. Desta maneira, esta característica da competência simbólica está diretamente ligada com a teoria dos atos de fala, da pragmática, especificamente com os atos perlocutórios, que são os efeitos causados pelo ato ilocutório. No decorrer dos *diálogos 1* e *2*, há uma série de exemplos da performatividade, sendo que alguns deles serão apontados a seguir. No *diálogo 1*, entre as linhas 2 e 9, performatividade da fala aparece evidente, já que A. se dirige a D. de maneira hesitativa (linha 2) e D. responde: *sim, A. O que foi? Pode falar* (linha 3), o que causa um efeito em A. que acaba por responder: *professor pode fala depois? É que... hau...* (linha 4). Depois, M. intervém para auxiliar verbalmente A. (nas linhas 6 e 7), que se sente mais seguro e repete o enunciado dela (linha 8), e, finalmente, na linha 9, D. afirma que conseguiu entender o que A. estava querendo dizer a ele. Outros exemplos, se encontram neste mesmo *diálogo 1*, como entre as linhas 9 e 12, em que D. alega conhecer a língua Tetun (linha 9), causando um espanto em M. (linhas 11 e 12), que acaba por divulgar tal informação aos demais colegas (linha 12); e nas linhas 19 a 22, em que D., o professor, afirma que a aula já acabou e questiona se era só isso que A., o aluno desejava saber (linha 19), e A. afirma que era somente isso e ao receber tal resposta de D., retorna ao assento (linha 22). Assim, o que ocorre aqui na competência simbólica é o ato de usar diferentes códigos para criar realidades alternativas diferentes

como opções para tentar equilibrar o poder simbólico.

O reenquadramento, ou a habilidade de mudar o contexto social, é uma característica importante, pois, além de possibilitar a mudança entre diferentes contextos e situações de diálogos, permite a manutenção das interações ao fornecer estratégias que dão continuidade e evitam que o diálogo, como um sistema dialógico, se desintegre (STEFFENSEN 2012). No *diálogo 1*, em (121), há um exemplo de reenquadramento entre as linhas 3 e 10 em que A. não consegue se comunicar, perguntado a D. se pode conversar com ele e ao D. confirmar, A. interage de uma maneira que D. não consegue compreender. Assim, faz-se necessário que M. interfira, realizando um reenquadramento ao alternar os códigos em uso (Português e Tetun) e ao inserir o tópico que A. tentava comunicar, que era a dor de cabeça, para que D. e A. Tal reenquadramento feito M. ocorreu para que D. e A. conseguissem se comunicar e dessem continuidade ao diálogo. No *diálogo 2*, em (122), entre as linhas 19 e 27, há outro exemplo de reenquadramento, desta vez realizado pelo próprio A. em seu diálogo com D. Nas linhas anteriores, A. não consegue se comunicar em língua portuguesa com D. e acaba por alternar o código para a língua inglesa, afirmando que o português não é bom para os leste-timorenses, enquanto o inglês é melhor para o futuro do povo. Isso acaba por causar certa discórdia com D., que procura contra-argumentar de maneira um pouco mais enérgica o que A. disse. Assim, A. acaba por tentar mudar o rumo do diálogo, ou seja, efetuar o reenquadramento, modificando o contexto social da conversa ao inserir a temática da invasão e da língua indonésias.

Assim, de acordo com o que foi analisado anteriormente, a ecologia da interação intercultural em Timor-Leste permite o uso e a alternância de diferentes códigos linguísticos, sendo a língua portuguesa somente um dentre os vários códigos empregados. Essa escolha dos códigos está relacionada com os falantes envolvidos na interação, bem como com a competência simbólica destes nos diferentes AICs, e também com o espaço e o tempo que estão envolvidos durante essas mesmas interações.

6.3 A língua portuguesa em Timor-Leste: L2, L3 ou LE? Situações de diglossia e multilinguismo

Nesta seção será discutido o status da língua portuguesa em Timor-Leste, em outras palavras, serão apontadas as funções e a localização do português na ecologia de Timor-Leste e nas redes de interações existentes. Para tanto, serão feitas considerações a

respeito das temáticas de L2 e LE, diglossia, bi- e multilinguismo, e de como a língua portuguesa pode ser encarada de diferentes maneiras dentro desses temas.

Vale a pena iniciar esta análise explicitando a definição de bi- e multilinguismo adotada no presente trabalho, que se baseia em Cook (2002, p.3) onde a autora define o indivíduo bilíngue como aquele que usa de alguma maneira uma outra língua, que seja distinta de sua L1, que esta outra língua seja empregada nas interações sociais básicas do dia a dia (COOK 2003, p.5) e que a competência do falante nesta outra língua seja de um usuário de L2 comum (ing. *average L2 user*). Assim, este indivíduo que se caracteriza como um usuário de L2 comum está localizado no centro do *continuum* de proficiência de Klein e Perdue (1997), entre os falantes de L2 que utilizam a variedade básica (ing. *basic variety*) e os falantes de L2 que possuem fluência próxima aos falantes nativos. Esta definição é pertinente para a visão ecolinguística, já que desfaz visões ambíguas, idealistas e pejorativas a respeito do bi- e multilinguismo, bem como do falante bi- ou multilíngue, conforme já havia sido apontado por Dewaele (2007, p. 104) a respeito da contribuição de tal definição para os estudos do multilinguismo.

De acordo com Paradis (2007, p.15), além dos fatores linguísticos, vários fatores de natureza sociolinguística, psicolinguística e até extralinguística estão envolvidos no processo de aquisição de L2 e L3. Isto também está de acordo com a ecolinguística, pois é possível relacionar o processo de aquisição e multilinguismo com os diferentes ecossistemas da língua. Na tentativa de representar de maneira científica tal complexidade do processo de aquisição de bi- e multilinguismo, Genesee, Paradis e Crago (2004) formularam duas variáveis que se revelam importantes para o estudo do falante multilíngue, são elas: exposição simultânea ou sequencial a duas línguas, e o status minoritário ou majoritário dessas duas línguas. Digno de nota é que essas duas variáveis servem para a análise do bilinguismo, já que relacionam o indivíduo com duas línguas que são faladas em um ecossistema específico. Ainda no mesmo trabalho (GENESEEE, PARADIS e CRAGO 2004), os autores expandem essas duas variáveis, inserindo mais uma, que consiste na existência de uma ou mais L3, que pode ser adquirida ou aprendida, e geralmente ocorre no contexto escolar. Isso faz com que as variáveis propostas pelos autores deem conta da análise do multilinguismo.

O multilinguismo deve ser analisado também em suas situações de uso e de interações, não apenas suas definições e empregos desta. Desta maneira, são utilizados aqui três parâmetros dos estudos linguísticos dessa área, que são: o bi- ou multilinguismo familiar, a socialização linguística e o status de língua minoritária e

majoritária. Optou-se pela proposta de Lanza (1997) e da tipologia de Romaine (1995) para se analisar o bi- e multilinguismo em ambiente familiar. Em Lanza (1997, p. 10), a autora propõe uma série de recortes de bilinguismo, em que foi adotado aqui o ‘bilinguismo familiar’ (ing. *family bilingualism*). Enquanto, a tipologia da escolha de línguas pela família para a interação entre pai, mãe e a criança são seis (ROMAINE 1995, p. 183):

- *Uma pessoa – uma língua*: os pais falam diferentes L1, possuem certo grau de fluência na língua do outro, a língua comunitária é variedade de um dos pais, e usam cada um sua respectiva língua para se comunicar com a criança;
- *Língua domiciliar não-dominante/ uma língua – um ambiente*: a mesma situação anterior, porém a língua usada é a língua não-comunitária;
- *Língua domiciliar não-dominante sem apoio comunitário*: os pais falam a mesma língua, mas não é a língua comunitária;
- *Língua domiciliar não-dominante dupla sem apoio comunitário*: os pais falam línguas diferentes e ambas não são a língua comunitária;
- *Pais não-nativos*: os pais falam a mesma língua, que é a língua comunitária, porém um dos pais se comunica com a criança usando uma língua distinta;
- *Línguas mistas*: os pais e a comunidade são bilíngues, e cada um deles usam as diferentes línguas para se comunicar com a criança.

Em relação ao status de línguas minoritárias ou majoritárias, adotou-se também a dicotomia de Lanza (2007) entre ‘bilinguismo popular’ (ing. *folk bilingualism*) e ‘bilinguismo elitista’ (ing. *elitist bilingualism*). O bilinguismo popular refere-se aos casos em que as línguas minoritárias não são reconhecidas na comunidade, como as línguas autóctones ou de imigrantes, enquanto o bilinguismo elitista consiste no caso em que o bilinguismo é reconhecido na comunidade, sendo o exemplo prototípico a convivência das línguas inglesa e francesa em Quebec, no Canadá.

A seguir, os conceitos expostos anteriormente, serão aplicados à presença da língua portuguesa nas interações em Timor-Leste.

No ecossistema de Timor-Leste, a situação mais comum é a de o indivíduo ter exposição sequencial, ou seja, ser exposto a duas línguas em sequência, sendo a L1 a língua nativa do local, adquirida em casa pelo pai e/ou pela mãe, e a L2 que é adquirida,

logo em seguida, nas primeiras interações à nível social do indivíduo, fora de casa. Esta L2 é o Tetun Prasa. Nessa situação, que também pode ser chamada de situação prototípica de Timor-Leste, a língua portuguesa é adquirida ou aprendida em situações na escola ou mais formais, se caracterizando como uma L3 ou LE para o falante a depender do grau de formalidade e se o português faz parte dos AICs do falante. Em outras palavras, caso o falante leste-timorense aprenda a língua portuguesa na escola e esta língua é usada em diferentes graus de formalidade pelo indivíduo em pelo menos alguns AICs, o português pode ser considerado como L3, já que de alguma forma é empregado pelo indivíduo leste-timorense nas interações, podendo ser considerada sua competência como a variedade básica de Klein e Perdue (1997) e se localizando na extrema direita do continuum da fig. 9, ou seja, um português semelhante a um crioulo. Enquanto, no caso em que o indivíduo leste-timorense aprende a língua portuguesa em situações formais (no colégio, universidade, em cursos etc.) e não a usa nos AICs, sendo que a língua portuguesa não faz parte de seu meio ambiente, não sendo usada em nenhuma interação comunicativa, o português trata-se de uma LE para este indivíduo e para sua comunidade. As características desse português LE podem ser as mais variadas, desde a formação de uma interlíngua, ou fossilização, até um jargão, ou pidgin instável. Nas situações em que há uma interlíngua, o falante leste-timorense utiliza o português com um grande número de transferências de características de sua L1, já o jargão se caracteriza pelo indivíduo leste-timorense, quando necessita se comunicar com um falante lusófono, utilizar apenas uma série de gestos somados a algumas palavras do português. Esse português que possui um status de LE para o falante leste-timorense não se encontra no continuum de variação do PTL pelo fato de não ser adquirido, nem empregado nas AICs por ele, por esse motivo também não é estudado na presente tese, por se tratar apenas do português como LE.

A situação prototípica de aquisição descrita acima é diferente somente em dois casos específicos, que serão apontados a seguir. O primeiro é quando um dos pais do indivíduo (ou o pai, ou a mãe) é falante nativo de português; e nos indivíduos que nascem no distrito de Dili, capital de Timor-Leste, onde o Tetun Prasa é a língua dominante e é adquirida como L1. Assim, no primeiro cenário, o indivíduo tem uma exposição simultânea, ou seja, é exposto ao mesmo tempo à língua portuguesa, de um dos pais, e ao Tetun Prasa, do outro, que é a língua franca de Timor-Leste, e se torna bilíngue em português-tetun prasa, podendo utilizar ou uma ou outra língua nas interações familiares. Neste caso, em que ocorre a exposição simultânea, não é possível

observar qual língua o indivíduo adquiriu primeiro (o português ou o Tetun Prasa) e, conseqüentemente, apontar qual é a L1 e qual é a L2 do falante. No segundo cenário, como o Tetun Prasa é a língua majoritária do distrito de Dili, o indivíduo adquire-a como L1 e, por uma série de fatores linguísticos e sociolinguísticos, em outras palavras, por influências do ecossistema natural e social da língua, como o centro urbano, a presença do ensino formal, a proximidade entre o Tetun Prasa e o português, entre outros, o português é adquirido como L2.

Em relação ao status de língua majoritária ou língua minoritária, fica claro que a língua portuguesa, no ecossistema linguístico local de Timor-Leste, é uma língua majoritária, tanto por ser a língua oficial do país, quanto pelo prestígio internacional, sócio-econômico etc. que esta língua possui. Isto faz com que em diversos AICs, variando de acordo com os falantes e a competência simbólica destes, bem como o espaço e o tempo em que ocorrem esses AICs, conforme foi analisado na seção anterior, em (6.2.2), haja uma predominância da língua portuguesa. A língua portuguesa convive somente com o inglês e o indonésio, em relação a este status majoritário, sendo que somente a língua inglesa é que oferece certa ameaça ao português como espécie linguística e ao ecossistema local de Timor-Leste. De certa forma, o Tetun Prasa também goza de status de língua majoritária.

Na situação de bilinguismo familiar em Timor-Leste verificou-se, por meio de observação de campo, que a estratégia mais comum utilizada é *uma pessoa – uma língua* (os pais da criança falam diferentes L1, possuem certo grau de fluência na língua do outro, a língua comunitária é variedade de um dos pais, e usam cada um sua respectiva língua para se comunicar com ela). Isso também foi atestado em Albuquerque (2012b) ao analisar o multilinguismo em Timor-Leste. O diferencial observado em campo foi que, apesar de se ter verificado a tipologia de *uma pessoa – uma língua*, as outras estratégias não deixam de ser utilizadas nos AICs familiares e também é possível atestar que ocorrem mudanças de estratégias no decorrer do tempo de uma interação e no espaço de uma mesma residência, ou até o uso de mais de uma estratégia simultaneamente. Lanza (2007, p.49) afirma que esse fato é comum em situações de bilinguismo, principalmente em relação à estratégia *línguas mistas*, que pode ser intercalada com as demais estratégias.

Finalmente, a língua portuguesa possui um local privilegiado na rede de interações multilíngues de Timor-Leste. Apesar de ser falado por uma pequena parcela da população e ter seu uso restrito a alguns AICs específicos, como no ensino formal,

em atividades administrativas e/ou oficiais, na interação com estrangeiros lusófonos, entre outros, o português pode ser L2 ou L3 dos indivíduos leste-timorenses, mas possui o status de língua majoritária e dominante no ecossistema linguístico local e é predominante em uma série de situações de interação comunicativa neste ecossistema.

CAPÍTULO 7

ECOLOGIA DO CONTATO DE LÍNGUAS EM TIMOR-LESTE

Neste capítulo será estudada a ecologia do contato de línguas e povos em Timor-Leste. Os autores mais atuais que abordaram esta temática em suas obras foram Mufwene (2001, 2008) que propôs um modelo evolucionário, mais biológico do que ecológico, do contato e da mudança linguística, inserindo conceitos biológicos, principalmente da genética, como ‘fundo de traços’ (ing. *feature pool*), análogo ao fundo genético (ing. *gene pool*), o processo de competição e seleção, a migração populacional, entre outros, e Couto (2009) que apresenta os contatos sob uma perspectiva da EFL, enfatizando a importância da tríade P-L-T, povo (P), língua (L) e território (T), assim como das interações comunicativas e dos diferentes meio ambientes e seus respectivos ecossistemas (ecossistema mental, social e natural). Por isso, estas serão as obras em que se baseará a análise conduzida neste capítulo.

Digno de nota é que vários outros autores fizeram uso da metáfora da ecologia para descrever o contato de línguas, como Whinnom (1971), Mackey (1979), entre outros, conforme foi apontado no capítulo 1 sobre a bibliografia ecolinguística, porém os estudos realizados por esses autores em suas publicações faziam uso de uma noção restrita da ecolinguística, o da ecologia das línguas, em que interessavam somente questões de contato e/ou de política linguística. De acordo com o que foi exposto na presente tese a respeito da teoria ecolinguística, principalmente da linguística ecossistêmica, o estudo da ecologia das línguas, o que enfatiza questões de contato e política linguística, é encarado como limitado pelo fato de não apresentar uma visão holística de seu objeto de estudo, enfatizando apenas o ecossistema social, onde ocorrem as questões políticas e de ensino de línguas, que eram as maiores preocupações de tais autores. Assim, para análise deste capítulo não serão utilizados estudos dessa natureza, apenas os já citados acima.

Para realizar a análise da ecologia do contato de línguas e povos em Timor-Leste, o capítulo está dividido da seguinte maneira: em (7.1), serão descritas as situações de contato e os elementos povo (P), língua (L) e território (T) que estão envolvidos nessas situações; em (7.2) serão estudados os resultados dos contatos interlinguísticos e intralinguísticos, enfatizando as mudanças realizadas nas línguas para se adaptarem ao ecossistema linguístico local; finalmente, em (7.3), serão relacionadas

questões da ecologia do contato de línguas em Timor-Leste com o PTL, ou seja, como o contato contribui para a formação e adaptação desta variedade do português, bem como certas estruturas que têm sua origem a partir do contato de línguas e povos na região.

7.1 Situações do contato de línguas em Timor-Leste

A ecologia do contato de línguas parte de uma série de pressupostos simples que podem ser observados na realidade do ecossistema linguístico local estudado. Primeiramente, o que entra em contato não são necessariamente línguas, mas os diferentes povos falantes das mais variadas línguas (COUTO 2009, p. 50). O contato se inicia com povos se deslocando em diferentes espaços, sendo que o contato entre as línguas acontece na mente dos falantes, de acordo com Couto (2009), e as mudanças linguísticas são originárias do contato, ou ausência dele, a partir do idioleto e a dispersão deste, ou seja, cada indivíduo modifica a língua à sua maneira, o idioleto, e por meio do contato interidioletal certos traços do idioleto são partilhados pela comunidade, modificando, assim, a língua, conforme Mufwene (2008).

Desta maneira, com o que foi exposto acima, percebe-se que os elementos do EFL, a saber: o povo (P), o território (T) e a língua (L), estão envolvidos com o contato de línguas, bem como os três ecossistemas da língua: o natural, o mental e o social.

Couto (2009, p. 51) elabora uma tipologia das situações de contato, que será exposta a seguir, com o intuito de apontar em qual dos tipos se enquadra a situação de contato em Timor-Leste. A primeira das situações se caracteriza com um povo e sua língua, que possuem um prestígio reduzido, sendo identificados aqui como PL₂, migrando para um território que já possui uma EFL estável, com o povo e a língua sendo dominantes e com prestígio alto, sendo chamados de PL₁. Nesta situação é que a língua PL₂ se caracteriza como minoritária. Na segunda situação ocorre exatamente o contrário, um povo dominante (PL₁) migra para um território em que o PL₂ que o habita originalmente é 'mais fraco', geralmente há também outros povos habitando o local, gerando assim PL₃, PL₄, ... PL_n. Nesta segunda situação é que se encaixam os casos típicos de colonização. A terceira situação consiste em tanto o PL₁ quanto o PL₂ migrarem para um terceiro território que é neutro, ou seja, não era habitado nem por um nem por outro. Esta situação ocorreu em alguns casos de colonização, como a portuguesa, em que o povo colonizador levou consigo o povo colonizado para outro local, como em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. A quarta e última situação se caracteriza pelo deslocamento sazonal de um povo para um território distinto do seu,

podendo ser tanto do povo PL_1 migrando para o território de PL_2 , ou o contrário, o povo PL_2 migrando para o território PL_1 .

A situação de contato que ocorreu em Timor-Leste foi a segunda, em que um povo dominante (PL_1), no caso o colonizador português, migrou para um território, a ilha de Timor, em que os habitantes nativos do local eram ‘mais fracos’, lembrando que não havia somente um povo/língua (PL_2), mas vários povos e línguas distintos (PL_3 , PL_4 , ... PL_n), conforme já foi analisado no capítulo 4, sobre o ecossistema linguístico local de Timor-Leste.

Há também uma série de fatores que influenciam o contato, sendo eles, de acordo com Couto (2009, p. 55), os seguintes: a quantidade, o tempo, a intensidade, o poder, a atitude e a semelhança ou dessemelhança tipológica. Estes fatores são fundamentais para se compreender, bem como contribuem com os resultados do contato de línguas/povos, que serão expostos em (7.2).

A quantidade refere-se ao número de pessoas que se deslocaram de um território para outro. Em relação à ilha de Timor, já foi apontado anteriormente, que a população total de origem portuguesa era reduzida, cerca de 15 pessoas no século XVIII (BOXER 1947, p.16), aproximadamente 20 no início do século XIX (SÁ 1961, p. 215), chegando a 100 indivíduos nos primeiros anos do século XX (THOMAZ 1976). Esta população reduzida de origem portuguesa contribuiu para a formação da variedade crioula falada em Timor, o CPB, assim como com a variedade do português lá falada, que é o objeto de estudo da presente tese, o PTL.

O tempo corresponde ao período de permanência do povo no território, gerando o contato. Na ilha de Timor, os portugueses chegaram no ano de 1515, porém habitaram-na somente no século XVIII, ao perder territórios no sudeste asiático para a Holanda (FIGUEIREDO 2004, p. 122). Assim, é possível perceber a influência do contato entre os povos portugueses e nativos de Timor pelo fato de o tempo de contato entre eles ser de mais de três séculos. Pode-se considerar até um período maior se for contado o tempo em que os missionários portugueses fizeram as primeiras tentativas, que fracassaram, de catequização dos indivíduos autóctones timorenses, a partir de 1550 (HÄGERDAL 2012, p. 30). De maneira distinta, se um povo passa pouco tempo no território pode não haver nenhuma influência, ou uma influência bem reduzida, como foi o caso do povo japonês, que permaneceu apenas alguns anos durante a 2ª guerra mundial, entre os anos de 1942 e 1945 (CARVALHO 1972), deixando pouquíssimos traços de sua presença na atualidade, apenas alguns itens lexicais, lembrados somente

pelos falantes idosos de zonas rurais, de acordo com o que foi analisado no capítulo 5, em (5.4.4.3).

A intensidade está relacionada com vários outros fatores, principalmente com a quantidade do contato. É possível mencionar que a intensidade do contato também está relacionada com o nível de influência de um povo sobre o outro. Assim, com os dados linguísticos analisados no capítulo 5, percebe-se que a intensidade do contato com a língua portuguesa foi alta, que ocasionou modificações nos níveis fonológico, morfossintáticos, semântico e no léxico¹¹⁴. É possível mencionar também as influências culturais em geral de origem portuguesa, como a alimentação, a religião católica, formas de comportamento, vestimenta etc. que vêm junto com o contato de línguas e povos. Outro povo que pode ser mencionado aqui que teve uma intensidade alta de contato em Timor foi o povo de origem malaia.

O poder se caracteriza pela força econômica, política e militar que os povos em contato possuem, o que pode acarretar em um povo dominando e se impondo ao outro. Em Timor, os portugueses eram um povo poderoso, que dominou as diferentes etnias da ilha, impondo sua língua de diversas maneiras, principalmente via a igreja, a administração e o militarismo (BAXTER 1996, p. 312), bem como pela educação formal (THOMAZ 2002), e demais traços culturais. Na ilha de Timor pode ser mencionado também o caso do povo tetunófono, que dominou um vasto território, impondo sua língua, o Tetun, aos povos timorenses dominados, sendo essa a causa principal de que o Tetun, em sua variedade Tetun Prasa, tenha se tornado a língua franca local (ALBUQUERQUE 2009, THOMAZ 2002). Digno de nota é que o poderio indonésio, que acarretou na dominação do país sobre Timor, influenciou bastante, por meio do contato entre o povo indonésio e o povo timorense, a situação linguística em que se encontra atualmente Timor-Leste.

A atitude do povo migrante é um fator que pode alterar as influências entre os povos e línguas em contato, e consiste no comportamento deste povo, e de seus indivíduos, em relação à língua e suas situações de uso. Um caso de destaque, citado por Couto (2009, p. 55), em relação à atitude do povo em contato é a resistência cultural, que pode evitar certas mudanças linguísticas, cultivar purismos, não aprender

¹¹⁴ Vale lembrar que as influências foram mútuas, ou seja, tanto o português influenciou as línguas nativas, como as línguas nativas influenciaram o português falado em Timor-Leste, porém com intensidade menor. O mesmo é válido para itens culturais, principalmente da cultura material, já que alguns itens culturais de origem leste-timorense são levados para os demais países lusófonos, principalmente Portugal, destacando-se o tais.

outras línguas etc. Em Timor, a língua portuguesa, como possui uma intensidade alta de contato no ecossistema linguístico local, acabou por servir até como uma língua de resistência à indonésia e sua língua, por parte de grupos timorenses que não aceitaram a dominação de seu país, durante o período em que Timor foi invadido. No capítulo anterior, principalmente em (6.2.2), constatou-se que a atitude do leste-timorense nos dias de hoje é distinta da citada, com vários sinais de insegurança linguística em relação às línguas locais do país e ao emprego de línguas estrangeiras, bem como uma supervalorização destas línguas estrangeiras que são faladas no país, a saber: o inglês, o português e o indonésio, em detrimento das línguas nativas.

Finalmente, a semelhança, ou dessemelhança, tipológica é um fator que pode influenciar no contato, bem como nos resultados que surgem dos diferentes contatos. Línguas que apresentam semelhanças tipológicas acabam por ser aprendidas com mais facilidade e também os falantes acabam muitas vezes por identificar também certos traços culturais em comum entre os diferentes povos falantes de línguas semelhantes. Como é o caso do indonésio em Timor-Leste¹¹⁵, mesmo com a invasão indonésia e o período violento de dominação deste país sobre Timor, entre 1975 e 1999, os indivíduos leste-timorenses aprenderam a língua indonésia com facilidade e grande parte da população é fluente nela, cerca de 58%, de acordo com os números presentes em *National Board of Statistics* (2006), além disso, os leste-timorenses até hoje consideram os indonésios como um povo irmão de Timor. Quando há dessemelhança tipológica entre as línguas faladas pelos povos em contato, as influências e os resultados são diferentes. Em relação ao contato entre o português e as línguas nativas, que são línguas distintas tipologicamente, os falantes timorenses tiveram pouco contato direto com falantes de português como L1 e ainda eles tiveram um reforço de variedades do português faladas nas regiões vizinhas a ilha, acarretando na formação do CPB e do PTL, que são variedades da língua portuguesa que se adaptaram ao ecossistema linguístico local de Timor-Leste, via contato entre os indivíduos. Os resultados deste mesmo contato foram distintos para as línguas locais. O caso melhor documentado é o da língua Tetun, que em sua variedade Tetun Prasa, passou a ser utilizada como língua franca e também foi adotada em diversas atividades administrativas (ALBUQUERQUE 2009, THOMAZ 2002). Isso fez com que o Tetun Prasa, de certa forma, apresentasse

¹¹⁵ A maioria das línguas nativas de Timor-Leste, assim como o indonésio, chamado por seus falantes de *bahasa indonesia*, que é apenas uma variedade do malaio, são de origem austronésia, por isso a semelhança tipológica. Maiores informações sobre as línguas nativas de Timor-Leste se encontram no capítulo 4, bem como no mapa 1.

algumas características de línguas entrelaçadas, que serão discutidas na seção seguinte, com um alto número de empréstimos lexicais lusófonos, bem como alguns empréstimos gramaticais, como pode ser visto em um capítulo de Esperança (2001) ou nas gramáticas do Tetun de Hull e Eccles (2001) e Albuquerque (2011e). Já a influência do contato com as demais línguas locais foi menor, pelo fato de que os povos lestemorenses falantes de outras línguas por estarem em regiões mais distantes, tiveram uma quantidade, um tempo e/ou uma intensidade menor. O que se observa que a influência do contato com o povo e a língua portuguesa nessas outras línguas nativas de Timor-Leste ocorreu de forma indireta, via Tetun Prasa, que como língua franca, e atual língua oficial, passou a influenciar as outras línguas do país, principalmente por meio de empréstimos para estas de elementos lusófonos existentes no Tetun, conforme apontado em um estudo da língua Manbae de Albuquerque (2013a).

7.2 Os resultados dos contatos de línguas em Timor-Leste

Os resultados dos contatos de línguas são definidos como alterações ocorridas no EFL, visando à adaptação às situações de contato. Caso a situação de contato persista, ocorrerá também a evolução de alguns aspectos do EFL. Antes de se apontar os resultados dos contatos que aconteceram em Timor-Leste, é necessário realizar a distinção entre contato interlinguístico, quando diferentes povos e falantes de línguas distintas entram em contato, que será analisado em (7.2.1), e contato intralinguístico, que consiste no contato de indivíduos falantes da mesma língua, que será estudado em (7.2.2).

7.2.1 Resultados dos contatos interlinguísticos

Os produtos do contato de línguas e povos, ou seja, os resultados do contato interlinguístico mais comuns já estudados pela linguística são a formação das seguintes variedades/línguas: pidgins, crioulos, línguas duomistas, línguas indigenizadas e línguas reestruturadas (COUTO 2009, p. 55).

No ecossistema linguístico local de Timor-Leste, os resultados dos contatos foram a formação de: um crioulo, o Crioulo Português de Bidau (CPB); uma língua entrelaçada, a variedade conhecida como Tetun Prasa, da língua Tetun; do português como língua indigenizada; e das várias línguas nativas locais sendo reestruturadas. Cada um desses resultados será analisado abaixo.

Conforme foi discutido no capítulo 2, em Timor, formou-se um crioulo português, que é conhecido como Crioulo Português de Bidau (CPB), em referência ao bairro onde era predominante, Bidau, que fica localizado na periferia de Dili, capital de Timor-Leste. Inicialmente, este crioulo era considerado apenas como um português ‘corrompido’ pelos leste-timorenses ou como Crioulo Português de Macau, já que era falado pelas famílias de origem macaense residentes em Timor, como pode ser visto em Vasconcelos (1970 [1901], p. 151). Posteriormente, outros autores, como Thomaz (1974), começaram a diferenciar o português falado pelos timorenses e o CPB. O CPB foi formado a partir da migração ocorrida de Lifau para Dili, em 1769, já comentada no capítulo 4. O grupo populacional que migrou para Dili, fundando a nova capital, era formado pela administração colonial e por milícias locais, com indivíduos falantes de português, de malaio, dos Crioulos Portugueses de Malaca e Macau, bem como de variedades reestruturadas do português (e também de L2, L3 e LE). Por sua vez, esse grupo populacional de Lifau, já havia recebido nos séculos anteriores a migração dos grupos populacionais de outras possessões portuguesas na Ásia, como Malaca, Makassar e Larantuka (BOXER 1947). Assim, o contato de línguas e povos na região envolveu diversos elementos linguísticos e extralinguísticos. Com a migração, uma das milícias nativas acabou por se fixar em Bidau, onde foi formado o CPB, que possui uma série de similaridades com os demais crioulos portugueses asiáticos (BAXTER 1990). Porém, o CPB deixou de ser empregado nas AICs, sendo substituído principalmente pelo Tetun Prasa, que funciona como língua franca em Timor-Leste, sendo extinto provavelmente na década de 1960. De certa forma, a formação do CPB pode ser encarada como uma língua de resistência e de identidade deste grupo específico (a milícia local) e que chegou a se dispersar no território deles (o bairro de Bidau), porém acabou sendo substituído paulatinamente a partir do momento que se fez necessário este grupo interagir com os demais, ocorrendo uma mudança de língua em que os falantes abandonaram o CPB para adotar o Tetun Prasa, existindo até algumas evidências desse contato, que acarretou a mudança de língua, por meio da influência do CPB sobre o Tetun Prasa, com alguns empréstimos lexicais de origem lusófona tendo sido inseridos de maneira modificada no Tetun Prasa por ter vindo via CPB, conforme foi estudado por Esperança (2001)¹¹⁶. Entre alguns exemplos citados por Esperança (2001, p. 37) estão:

¹¹⁶ Esperança (2001, p. 26) também aponta alguns itens gramaticais existentes no Tetun Prasa como tendo origem na influência do CPB e dos demais Crioulos Portugueses Asiáticos, sendo: o genitivo, a presença

123. *kreda* ‘igreja’, tal lexema sofreu as seguintes modificações Port. *igreja* > CPB e demais Crioulos Asiáticos *gredʒa* > Tetun Prasa *kreda*¹¹⁷;
124. *dersán* ‘geração, parente, família’, este lexema sofreu modificações semelhantes ao anterior: Port. *geração* > CPB e demais Crioulos Asiáticos *dʒerisaŋ* > Tetun Prasa *dersán*;
125. *karau baka* ‘vaca’, este lexema é um pouco distinto, já que possui a presença do item tetunófono *karau* ‘búfalo’ e o empréstimo do lexema *baka* ‘vaca’, que para os leste-timorenses o boi e vaca, ou seja, o gado ocidental é apenas um tipo de búfalo: Port. *vaca* > CPB e demais Crioulos Asiáticos *baka* > Tetun Prasa *karau baka*.

As línguas duomistas, mais conhecidas como línguas mistas, ou línguas entrelaçadas, trata-se de um resultado do contato de línguas em que ocorre uma fusão de duas línguas-fontes, que são facilmente identificadas, geralmente em um cenário de bilinguismo comunitário (MEAKINS 2013, p. 159). O debate em torno deste tema (se realmente existem línguas mistas ou não? Se são produtos de um tipo específico de contato ou apenas um subtipo de outra classificação existente? Ou, se são um sistema linguístico autônomo ou não?) foi estimulado desde a década de 1990 até os dias atuais, principalmente com as publicações das obras de Bakker e Mous (1994), bem como a de Matras e Bakker (2003), que apresentam esboços gramaticais de diversas línguas que são classificadas como línguas mistas e também com a discussão da tipologia e da sócio-história dessas línguas. Como as línguas nativas leste-timorenses se encontram em um estágio inicial de documentação e de estudos linguísticos pouco se pode afirmar a respeito, porém várias publicações referentes ao Tetun Prasa (língua oficial e língua franca do país) vêm questionando o status dessa variedade da língua Tetun, chegando a ser considerada um crioulo, de acordo com o *Ethnologue* (LEWIS, SIMONS e FENNIG 2013), uma língua que sofreu criouliização (HULL 2001b) e um pidgin (HAGÈGE 2002). Recentemente, Greksakova e Holm (2013) discutem a tipologia das línguas mistas à luz dos dados do Miskito¹¹⁸ e do Tetun Prasa. Meakins (2013, p. 215) afirma

do modal *tenke* e da cópula *san*.

¹¹⁷ Esta mudança ocorreu pelo fato de a língua Tetun originalmente não apresentar em seu inventário os segmentos /g/ e /ʒ/, sendo o primeiro modificado para /k/ e o segundo para [d], [dʲ] ou [d̪].

¹¹⁸ Miskito é uma língua falada na Nicarágua e pertence a uma pequena família linguística local conhecida como Misumalpa. Além do elemento local (Misumalpa), o Miskito apresenta forte influência do inglês e uma influência mais recente do espanhol.

que há uma série de diferenças tipológicas entre as línguas mistas, variando desde línguas mistas que apresentam grande parte de seu léxico de uma língua-fonte e sua gramática de outra até línguas que substituíram somente alguns itens lexicais em situações comunicativas especiais. Caso seja considerado este *continuum* de variação na tipologia das línguas mistas, é possível incluir o Tetun Prasa, já que manteve a gramática tetunófona¹¹⁹, de origem austronésia, mas substituiu grande parte de seu léxico original pelo léxico lusófono, com mais de 6000 itens lexicais do português. Em relação a sua sócio-história, o Tetun Prasa também apresenta as características de língua mista, tendo surgido no contexto de bilinguismo com a presença de uma língua comum ao povo, sendo que a língua mista possui funções de identidade: para manter uma identidade antiga de um grupo, ou para marcar uma identidade de um novo grupo (MEAKINS 2013, p. 216). Desta maneira, o Tetun Prasa se instalou em um grupo que já possuía sua língua, sendo os habitantes de Dili que falavam antigamente o Manbae, e serviu como uma marcação de identidade deste grupo, já que o Tetun Prasa atualmente é falado como L1 somente pelos habitantes de Dili, apesar de ser língua franca e oficial de Timor-Leste.

As línguas indigenizadas são aquelas que foram inseridas em um país de cima para baixo, de acordo com Couto (2009, p. 56), ou seja, a língua indigenizada é aquela que entra em um país pela elite da população e, por isso, se mantém limitada a certas instâncias sociais, como a escola, alguns meios de comunicação, entre outros. O exemplo mais prototípico de uma língua indigenizada é o inglês na Índia. O português pode ser considerado uma língua indigenizada em Timor-Leste, já que em sua variedade padrão o uso está limitado somente a algumas situações formais, como: a escola, a administração pública, os meios de comunicação impressos, entre outros. Em outras palavras, o português padrão é empregado na maioria das vezes pela elite leste-timorense: cidadãos que estudaram em escolas portuguesas existentes em Timor-Leste; cidadãos que moraram e/ou estudaram em países estrangeiros lusófonos, principalmente Portugal ou Brasil; idosos que viveram durante o período de colonização portuguesa¹²⁰.

¹¹⁹ A influência lusófona é tamanha no Tetun Prasa que há também empréstimos de algumas estruturas gramaticais do português, como a marcação de plural com *-s, -es* (*universidade/ universidades, xavi/ xavis, vendedor/ vendedores*) e de feminino com *-a* (*administradór/ administradora, advogadu/ advogada, alunu/ aluna*) em lexemas de origem portuguesa, bem como o emprego de alguns sufixos derivacionais, como o agêntivo *-dór*, analisado por Hajek e Williams-van Klinken (2003).

¹²⁰ Os idosos, que viveram durante o período de colonização portuguesa e, conseqüentemente, tiveram grande contato com cidadãos portugueses, estudaram e falavam português, não é marcada somente pela

As consequências de o português, no caso o português padrão, se apresentar como uma língua indigenizada em Timor-Leste são as mais variadas, entre elas, é possível mencionar: as atitudes negativas dos falantes leste-timorenses diante do português, como língua do colonizador e língua ‘retrograda’ que impede o desenvolvimento do país, conforme foi discutido em (6.2.2); o próprio uso do PTL em diversos AICs que necessitam do uso da língua portuguesa, fazendo deste uma variedade local distinta do português europeu padrão, e também formando um índice de identidade leste-timorense.

Finalmente, um resultado do contato interlinguístico em Timor-Leste foi a reestruturação gramatical parcial das línguas nativas. O conceito de reestruturação gramatical parcial, ou simplesmente reestruturação parcial, foi desenvolvido por Holm (2004) e consiste na formação de uma variedade distinta da língua fonte por fatores sociais e linguísticos. Este tipo de variedade não possui nenhuma relação com os crioulos, que são variedades que sofreram reestruturação gramatical completa, ou total. As variedades parcialmente reestruturadas equivalem ao conceito de semicrioulo (entre a língua fonte e a língua crioula), empregado com maior frequência na crioulistica. Exemplos prototípicos de línguas parcialmente reestruturadas é o Português Popular Brasileiro, o Inglês Afroamericano e o Afrikaans, língua falada na África do Sul e que possui como língua fonte o holandês. O resultado da reestruturação parcial das línguas de Timor-Leste não se assemelha ao conceito de anticrioulo de Couto (2002), já que não ocorreu nenhum tipo de resistência cultural dos povos leste-timorenses, mas o que aconteceu foram migrações distintas e os contatos entre diversos povos de origem austronésia. Segundo Hull (2001a, p.100), ocorreram duas ondas sucessivas de migrações em massa para a ilha de Timor em um intervalo de tempo relativamente pequeno. A primeira aconteceu provavelmente no século XIII com a introdução do *Ambonês Antigo*, um conjunto dialetal inserido na ilha, que teve intenso contato com a língua austronésia já falada em Timor, desde o século X, foi introduzida por meio das migrações das Celebes. A segunda onda de migração foi da língua Malaio, introduzida pelos comerciantes, provavelmente no século XV, que navegavam as rotas comerciais asiáticas. Nesse período, o *Pazar Melayu* tornou-se a língua franca de grande parte do sudeste asiático, pois era a língua usada nas relações comerciais, e também foi uma língua regional de troca. Segundo Hull (2001b, p.101), essas duas ondas migratórias acabaram por fazer com que as línguas nativas do Timor-Leste sofressem um ‘processo

elite, pois em Timor-Leste há idosos que pertencem as diferentes classes econômicas, desde a elite até a pobreza.

de crioulização' intenso e em um curto tempo. É este 'processo de crioulização' que consiste na reestruturação parcial. O resultado da reestruturação parcial nas línguas de Timor foi a perda da morfologia flexional e de alguns afixos derivacionais, levando os constituintes sintáticos a serem marcados somente por suas respectivas posições na sentença. Desta maneira, as línguas leste-timorenses de origem austronésia são encaradas por falantes estrangeiros, bem como pelos falantes de Tetun Terik, que retiveram os afixos e demais elementos gramaticais, como línguas 'simplificadas' pelo fato de terem perdido estas estruturas gramaticais consideradas mais complexas.

7.2.2 Resultados dos contatos intralinguísticos

O contato intralinguístico trata-se do contato que ocorre entre indivíduos falantes da mesma língua e dentro da mesma comunidade de fala, ou seja, dentro do mesmo território (T) e do mesmo ecossistema linguístico local. Podemos nos basear no próprio termo também, que já deixa esclarecido do que se trata nesta temática.

Couto (2009, p. 57) lista quatro tipos de contatos intralinguísticos e discute seus respectivos resultados, sendo eles: o contato de dialetos, o contato intergeracional, contato indivíduo-comunidade e a ausência de contato. Além disso, há também o contato interidioletal (MUFWENE 2001), que pode ser considerado um subtipo de contato de dialetos.

O contato de dialetos é bastante problemático para ser analisado, já que a definição e delimitação do que é 'língua' e do que é 'dialeto' são muito complicadas. Até mesmo os critérios reconhecidos tradicionalmente, como língua pertencer a um estado e dialeto a uma comunidade e a questão da inteligibilidade, se apresentam inapropriados para o ecossistema linguístico local de Timor-Leste. Em relação ao primeiro critério, conforme já foi apresentado várias vezes no decorrer desta tese, a ilha de Timor é um ecossistema multilíngue com várias línguas coabitando territórios próximos, sendo que na República Democrática de Timor-Leste as línguas oficiais são português e Tetun Prasa, as línguas de trabalho são o inglês e o indonésio, enquanto as demais línguas são consideradas línguas nacionais. O número de línguas nativas existentes em Timor-Leste também é controverso, variando desde 16, conforme estudo de Hull (2001b), chegando a números maiores, como 18 ou 20, nas publicações de Fox (2000) e no *Ethnologue* (LEWIS, SIMONS e FENNIG 2013). A língua Tetun pode ser mencionada como um exemplo deste problema, estando relacionada com o critério de inteligibilidade, já que seus dois dialetos principais, o Tetun Prasa e o Tetun Terik, são

ininteligíveis, no entanto continuando a serem considerados como dialetos da mesma língua, com exceção do *Ethnologue*, que considera o Tetun Prasa, chamando tal variedade de Tetun Dili, como um crioulo e as variedades dialetais faladas nas zonas rurais, a língua Tetun. Os resultados dos contatos de dialetos em Timor-Leste ainda precisam ser estudados extensivamente, porém é possível observar certas características tanto na língua Tetun, como no português. Para o Tetun, o resultado principal do contato entre o Tetun Prasa e o Tetun Terik foi o nivelamento de dialetos, fenômeno conhecido como coineização (formação de uma koiné), em que o Tetun Terik, como é um dialeto local, rural e mais isolado, vem apresentando perda de sua rica morfologia flexional e derivacional¹²¹, bem como de outros traços gramaticais, para se assemelhar cada vez mais com a tipologia analítica do Tetun Prasa, que não apresenta morfologia flexional e faz uso amplo de gramaticalização para marcar certas categorias gramaticas, que são marcados por afixos no Tetun Terik¹²². Entre os elementos da gramática do Tetun Terik que estão desaparecendo estão: uma série de prefixos marcadores de sujeito no verbo que varia de acordo com a pessoa, que se perdeu totalmente em TP, nos exemplos (126) e (127); a cópula *nii* que é inexistente em Tetun Prasa, como pode ser visto em (128); o Tetun Terik possui dois verbos existenciais: *iha* e *nɔ*, enquanto o TP manteve somente o *iha* (129) e (130); o sistema de negação complexo do Tetun Terik foi reduzido para a negação verbal *la=*, a negação nominal *laʔas* (na ortografia oficial é representado como *la'ós*) e a negação absoluta *lae*, em (131) e (132):

126. TT oa neʔe oo m-atene lale?
 criança PRX 2sg 2-conhecer não

TP oan nee, ɔ hatene ka lae?
 criança este 2sg conhecer ou não
 ‘você conhece esta criança?’

127. TT sia r-alai r-ola r-ikar loro-saʔe=n baa

¹²¹ Entre alguns traços da morfologia do Tetun Terik que vêm se perdendo estão: o sufixo –r marcador de plural, os prefixos de pessoa, afixos modificadores de valência (intransitivizadores, nominalizadores, agentivos), classificadores nominais etc.

¹²² Para a descrição gramatical do Tetun Terik, ver Van Klinken (1999). Para gramática do Tetun Prasa, ver Hull (2002a), Williams-van Klinken, Hajek e Nordlinger (2002) e Albuquerque (2011e). Hull e Eccles (2001) é uma gramática da língua Tetun em que há diversas informações diacrônicas da língua, bem como comparações entre os diferentes dialetos do Tetun.

- 3pl 3-correr 3-ir 3-back sol-subir=GEN DIST
- TP sira halai ba lorosae
3pl correr CNTF leste
'eles fugiram em direção a leste.'
128. TT lale, tais oo=k nii nia
NEG roupa 2sg=GEN COP 3sg
- TP lae, o=nia hena mak ida neebaa
NEG 2sg=POS roupa FOC um DIST
'Esta roupa não é tua.'
129. TT ai kanoik nee hori rai moris noo kedas
história este desde terra nascer EXI imediatamente
- TP istoria nee iha hori rai moris
história este EXI desde terra nascer
'Esta história existe desde o início do mundo.'
130. TT Ei! Noo feto ida. Noo feto ida noo oa!
EXCL EXIST mulher um EXI mulher um e criança
- TP Ei! Iha feto ida. Iha feto ida ho oan!
EXCL EXI mulher um EXI mulher um e criança
'Ei! Há uma mulher! Há uma mulher e uma criança!' (Dito por um homem que acabou de vê-los em uma ilha distante)
131. TT Oo! Buat e?e Bei Beur ha?i!
oh coisa PRX Sr. enganar não
- TP Oo! Buat nee lae sen^hor bosok.
EXCL coisa este NEG senhor mentira
Oh! Esta coisa (na realidade uma pessoa) não é o Sr. Enganador!
132. TT ne?e lahoos ema lian. Manu lian.
PRX realmente.não pessoa voz pássaro voz

TP nee nee lae ema lian manu lian.
 Isto TOP NEG pessoa voz pássaro voz
 Isto não é a voz de uma pessoa. (É a) voz de um pássaro.

É possível mencionar também o conjunto de afixos operadores de valência e derivação do Tetun Terik que se apresentam pouco produtivos em Tetun Prasa, assim como o extenso uso de reduplicação (Tab. 5). Em Tetun Prasa, há somente resquícios destes mecanismos gramaticais em registros literários ou em lexemas cristalizados.

133. *fahé* ‘dividir’ > *fafahek* ‘divisão’, *la’o* ‘andar’ > *lala’ok* ‘andamento, progresso’, *seluk* ‘outro’ > *saseluk* ‘substituto’, *mii* ‘urinar’ > *mamiik* ‘bexiga’;

Tabela 5. Reduplicação parcial

Sílaba	Base	Glossa	Reduplicação	Glossa
CVV	hoo	‘ter’	ha-hoo-k	‘posses’
CVCVC	sukat	‘medir’	sa-sukat	‘ferramenta para medir’
CCVCVC	krakat	‘ter.raiva’	k-ra-rakat	‘raiva’
Trissílaba	hakees	‘falar’	ka-kees	‘fala (n.)’

134. *ida* ‘um’ > *ida-idak* ‘um por um’, *loron* ‘dia’ > *loro-loron* ‘todo dia’, *loos* ‘certo’ > *loloos* ‘exatamente’, *foun* ‘novo’ > *foufoun* ‘primeiramente’;

Até mesmo alguns fonemas do Tetun Terik, principalmente /w/ e /ʔ/, não são realizados no Tetun Prasa, sendo o primeiro falado como /b/, como (135) e (136), e o segundo não é realizado, em (137) e (138) abaixo:

135. [‘we.e] > [‘be.e] ‘água’
 136. [la.‘wa.rik] > [la.‘ba.rik] ‘criança’
 137. [‘ha.ʔu] > [‘ha.u] ‘1sg’
 138. [‘la.ʔɔs] > [‘la.ɔs] ‘não’

Essa mudança em direção ao Tetun Prasa, e não o contrário, é uma evidência também da dominação do Tetun Prasa que se apresenta como língua oficial, língua franca e é falada por maior parte da população, bem como nos centros urbanos do país. Em relação à língua portuguesa, o maior problema se encontra nos diferentes professores estrangeiros em atuação no país que acabam por ensinar seu próprio dialeto, ou seja, os

professores portugueses ensinam o Português Europeu (PE), os professores brasileiros, o Português Brasileiro (PB), bem como há atuação de professores cubanos e outros professores não lusófonos que também ensinam a língua portuguesa aos leste-timorenses, como LE. Esse problema já foi discutido por Albuquerque (2010b), que acaba por refletir a respeito de qual variedade do português deve ser ensinada e o que deve ser ensinado aos leste-timorenses (gramática, conversação, cultura etc.). Deste contato de dialetos (leste-timorenses falando PE, PB e português como LE) ocorrem vários resultados, sendo que os observados pelo presente investigador foram as divergentes atitudes dos cidadãos leste-timorenses em relação a esses dialetos, com o leste-timorense falante de PE possuindo prestígio maior, quando comparado aos outros dialetos, bem como o fenômeno de desdialealização, que foi verificado em caso de leste-timorenses que frequentaram cursos, ou aulas, com diferentes professores, por exemplo, o aluno frequentou alguns anos o curso de professores portugueses, falando o português próximo do PE, e, posteriormente, cursou mais alguns anos com professores brasileiros, acarretando não a influência do PB, mas a perda de certos traços de seu dialeto aprendido, o mesmo foi observado com os leste-timorenses que frequentaram diversos cursos de português, seja com portugueses, brasileiros, cubanos ou outros professores estrangeiros.

O contato interidioletal consiste no contato entre os vários idioletos de cada indivíduo no interior de um ecossistema linguístico. De acordo com Mufwene (2001, 2008) o contato interidioletal é que possui um papel fundamental na formação da língua falada dentro de uma comunidade, de um ecossistema linguístico, já que é por meio deste contato que as adaptações próprias da língua de cada indivíduo, o idioleto, são mantidas ou descartadas pelo processo de competição e seleção. As adaptações mantidas na língua são aquelas que passam a ser compartilhadas pelos demais falantes e, possivelmente, farão parte da língua no processo de mudança linguística, que caracteriza a evolução linguística. Os resultados específicos do contato interidioletal não serão discutidos aqui, pois já foram analisados para o PTL no capítulo 5. Vale lembrar que o contato interidioletal tem papel fundamental na adaptação e evolução linguísticas em qualquer ecossistema da língua e a situação atual em que se encontra o ecossistema linguístico local de Timor-Leste muito deve à competição e seleção de traços linguísticos do idioleto e que passaram a ser partilhados na comunidade, bem como é possível saber mais também da história da língua ao se ter registros de períodos anteriores em que conviviam diferentes traços e alguns deles foram descartados por este

mesmo processo de competição e seleção. Digno de nota é que a variação linguística, conforme foi apresentada no capítulo 5, a variação de certos aspectos do PTL, pode ser interpretada à luz do modelo evolucionário de Mufwene (2001, 2008) com as variáveis sendo estruturas ainda em fase inicial do processo de competição, em que não se deu a seleção, e pode se afirmar, com base nisso, que o contato interidioletal nessa situação específica é recente.

O contato intergeracional se caracteriza pelo fato de gerações diferentes adquirirem a língua de maneira distinta, bem como de fazerem adaptações também diferentes, o que leva a gerações distantes a terem dialetos/ variedades notavelmente díspares, principalmente quando se observa a língua falada por idosos e por jovens. Na sociolinguística, a importância disso é marcada pela presença da variável não linguística 'idade' nos estudos variacionistas. Na crioulistica, observa-se a lei das três gerações. Em Timor-Leste, o contato intergeracional é notável e o resultado dele, o mais adverso possível. No capítulo 6, o fator 'idade' é considerado importante para a análise do multilinguismo no país, bem como no processo de aquisição de línguas. Basicamente, os resultados desse tipo de contato estão ligados com a própria história do país: há os mais velhos, que viveram no período colonial português (até 1974), falam o PTL próximo à norma europeia, geralmente como L2 ou L3, conforme discutido no capítulo anterior, e apresentam influências linguísticas do PE nas línguas locais faladas por eles, como empréstimos lexicais, fonológicos e até gramaticais; há os adultos, que viveram o período de dominação indonésia (1975-1999), que ou não falam português ou aprenderam esta língua como LE somente adultos, apresentam o indonésio como L2 ou L3 e influência linguística do indonésio sobre as línguas locais faladas por eles; finalmente, há a geração mais nova (2000 até a atualidade), que convive com a reintrodução do português, a valorização do Tetun Prasa, a presença cultural e familiar do indonésio, bem como a introdução do inglês por estrangeiros e órgãos internacionais, tendo como resultado a variação entre a influência lusófona e anglófona nas línguas locais, porém limitadas a falantes mais escolarizados, que tem conhecimento de uma ou de outra língua, ou em situações mais formais e na modalidade escrita, e também a influência contínua do indonésio nas modalidades orais, nos registros informais e nos falantes menos escolarizados. Uma influência gramatical notável do indonésio sobre o Tetun Prasa falado é a presença da reduplicação como opção para marcar o plural, no lugar do uso de sira pronome de 3ª pessoal do plural que é empregado também como

marcador do número plural, conforme o exemplo (138) abaixo, há casos em que o falante emprega as duas estruturas na mesma sentença:

138. estudante **sira** hola buku-**buku** atu estuda
 estudante PL ganhar livro-RED IRR estudar
 ‘Os estudantes ganharam livros para estudar.’

A seguir, em (139), há alguns lexemas utilizados por falantes leste-timorenses, tanto no PTL como no Tetun Prasa, que possuem um cognato lusófono, porém na fala são realizados com clara influência anglófona ou indonésia:

139. Exemplos de lexemas com influências do inglês ou do indonésio:

evaluação ‘avaliação’

leaders ‘líderes’

melayu ‘malaio’

usb (com pronúncia anglófona iu:ezbe ~ iu:ezbi:) ‘pendrive’

pc (com pronúncia anglófona pi:si: ~ p^hi:si:) ~ *computer* ‘computador’

fotokopi ‘xerox, fotocópia’

klasik ‘clássico’

komik ‘engraçado’

magnetik ‘magnético’

polisi ‘polícia’

Em Timor-Leste, a influência do contato intergeracional é tamanha que é possível interpretar a política e planejamento linguísticos do Instituto Nacional de Linguística (INL), órgão oficial responsável pela pesquisa e manutenção das línguas de Timor-Leste, como tendo um de seus objetivos principais a redução do impacto nas línguas e o distanciamento entre as gerações mais nova e mais velha. A política linguística do INL é expressa claramente na *Gramática da Língua Tétum* de autoria dos linguistas australianos Geoffrey Hull e Lance Eccles, sendo o primeiro o chefe, fundador e responsável do INL durante seus anos iniciais. Na obra citada, os autores apresentam os dois principais objetivos da política e do planejamento linguísticos:

A política de planeamento linguístico do Instituto Nacional de Linguística rege-se por dois princípios essenciais. O primeiro reconhece o tétum-praça (o dialecto tétum de Díli, agora considerado segunda língua em todo Timor-Leste) como a base da língua literária nacional. (...)

O segundo princípio do INL é de que as efémeras estruturas e palavras importadas do malaio-indonésio, actualmente encontradas na linguagem coloquial da geração educada nas escolas indonésias, deverão ser excluídas da linguagem literária padronizada, dando-se preferência aos termos tétum genuínos de origem indígena ou portuguesa. (HULL e ECCLES 2001, p. xvi)

Assim, o segundo objetivo da política linguística do INL atua sobre as diferenças existentes no Tetun Prasa oriundas do contato intergeracional. De certa forma, o dialeto e idioletos dos adultos e dos jovens, que possuem influência do indonésio, terão menor prestígio, já que as formas de origem indonésia são consideradas efémeras, devendo ser excluídas, e substituídas pelas formas das línguas locais ou do português, ou seja, atribuindo maior prestígio à fala dos mais velhos, que apresentam fluência ou maior domínio da língua portuguesa. Porém, tal objetivo está limitado somente ao plano da política linguística, já que não é empregado nenhum tipo de medida para colocar isso em prática. Atualmente, ainda é possível observar a predominância da geração dos jovens e de seus interesses. No campo da linguística, conforme já foi mencionado, os jovens apresenta uma influência do indonésio e do inglês. Desta maneira, a política do INL:

(...) evita em particular a tendência de alguns intelectuais não timorenses em ignorar ou impugnar o registo literário do tétum oficial e do seu rico vocabulário de base portuguesa, de modo a tomar como “norma” o idioma de influência indonésia lexicalmente empobrecido e característico de uma seção da população sujeita a um sistema educacional alienado que excluía rigorosamente o estudo do tétum e do português. Tal orientação “realista” e “popular” é tanto de lamentar quando promove a causa daqueles que estão empenhados em destruir a cultura lusófona de Timor-Leste e impor o inglês como uma língua neo-colonial à nova nação. (HULL e ECCLES 2001, p. xvi)

Vale enfatizar aqui, conforme foi analisado anteriormente, que os autores citados acima compartilham da visão do autor deste trabalho ao afirmarem que o indonésio, bem como sua fluência, está limitado a uma parcela da população e de que a língua inglesa, que

vem sendo imposta à população, pode trazer alguns malefícios, como uma nova dominação, desta vez por parte da Austrália, além do caráter glotocida do inglês, que pode acabar com as línguas nativas locais com menor número de falantes. Hull e Eccles (2001) reiteram a importância de que Timor-Leste, como uma nação nova que está se reconstruindo e se reorganizando, deve valorizar seus elementos de identidade e tomar cuidados com certos elementos indonésios que possam vir a apresentar um caráter de dominação:

Numa altura em que Timor-Leste está empenhado em restaurar a sua identidade nacional esforçamo-nos por nos distanciarmos de qualquer orientação que arriscasse perpetuar a cultura e a mentalidade da ocupação indonésia. (...) (HULL e ECCLES 2001, p. xvi)

O contato indivíduo-comunidade é o contato que ocorre entre um indivíduo específico e os demais membros da comunidade em que vive. De acordo com uma visão ecológica mais ampla, ou de acordo com a linguística ecossistêmica, todo tipo de interação será indivíduo-indivíduo ou indivíduo-comunidade, assim este tipo de contato na verdade é uma classificação mais aberta, podendo englobar várias interações e contatos, bem como os resultados destes. Lembrando também que uma abordagem ecológica do contato, como vem sendo apresentada neste capítulo, não considera o contato somente entre línguas, mas entre os indivíduos falantes das línguas. Será enfatizado aqui somente o papel que a comunidade pode ter na formação linguística do indivíduo, conforme foi descrito no capítulo 6 anteriormente, lembrando que o conceito de comunidade usado aqui é o mesmo de ecossistema linguístico local. No capítulo anterior, o capítulo 6, foi descrita a influência do território (T) nos processos de aquisição e socialização linguística, bem como no multilinguismo em Timor-Leste. Os diferentes distritos do país possuem uma língua local dominante, o que é determinante nesses processos qual língua, ou línguas, fará parte da comunidade em que o indivíduo nasceu. Outros fatores territoriais que influenciam o contato indivíduo-comunidade, além da língua ou línguas faladas no território, são: a comunidade localizada no território se caracteriza como mais urbana ou mais rural; as interações com os familiares; os aspectos sócio-culturais específicos da comunidade; o acesso à educação formal e à meios de comunicação em massa; e como se dão as interações com os indivíduos das comunidades de outros territórios. Desta maneira, o indivíduo leste-timorense que nasce em um distrito mais urbanizado, como Dili, Manatuto ou Baucau,

tende a ter interações diferentes com os familiares e com os demais indivíduos da comunidade, quando comparado a um indivíduo da zona rural, já que nas comunidades mais urbanizadas certos traços da cultura material e imaterial leste-timorense foram abandonados, sendo considerados obsoletos, pagãos, selvagens etc. Nas regiões urbanizadas, a educação formal e os meios de comunicação são mais acessíveis, bem como o indivíduo nessas áreas tendem a interagir mais, ou seja, ter mais contato com os indivíduos de outras comunidades leste-timorenses e também com os estrangeiros residentes no país. Nas línguas, o resultado dos contatos indivíduo-comunidade em zonas urbanas é a influência maior do português e/ou do inglês sobre o Tetun Prasa, do português e/ou do indonésio sobre algumas línguas locais, e menor influência dessas línguas locais sobre o português falado, com o PTL se aproximando mais do PE. De maneira distinta, nas regiões rurais observa-se maior influência do indonésio tanto no Tetun Prasa, como nas demais línguas locais, e o português falado ora não é usado nas interações, sendo caracterizado como um jargão ou uma interlíngua quando faz-se necessário nos AICs, ou é falado uma variedade do português semelhante a línguas crioulas, assim o PTL neste caso está bem distante da norma europeia, sendo semelhante a crioulos.

A ausência de contato acontece, como o próprio nome já informa, quando não ocorre interação direta entre os indivíduos falantes das línguas, porém há duas situações distintas de ausência de contato que produzem resultados diferentes. A primeira delas é quando o ocorre um contato indireto que gera, por sua vez, uma influência na língua, tradicionalmente isso se dá por meio da escrita, mas com os avanços tecnológicos também por outros meios de comunicação em massa, como rádio, televisão, telefone, internet, entre outros. O segundo consiste no isolamento de um povo, a ausência de contato propriamente dita, em que ocorrem todos os demais tipos de contatos intralinguísticos (o contato de dialetos, o contato interidioletal, o contato intergeracional e o contato indivíduo-comunidade) limitados dentro da comunidade apenas, o que gera uma série de resultados distintos. Em Timor-Leste, os resultados do contato indireto se dão principalmente via televisão, com a influência da língua indonésia¹²³, e internet,

¹²³ Entre os canais da televisão leste-timorense, há a emissora RTP (Rádio e Televisão Portuguesa) que apresenta programas em língua portuguesa, bem como há outros programas também nesta língua no outro canal, que é a TVTL (Televisão de Timor-Leste). Porém, os programas de maior audiência e que têm um apelo popular, como as novelas, são quase todos de origem indonésia. Até mesmo as novelas brasileiras que começaram a ser transmitidas nesses dois canais, a partir de 2008, foram, em sua maioria, dubladas em indonésio para o povo leste-timorense.

com a influência da língua inglesa¹²⁴. O impacto deste contato indireto nas línguas locais ocorre apenas como uma forma de reforço aos demais contatos já existentes entre povos e línguas falantes de indonésio e de inglês. Os leste-timorenses falantes de indonésio, assim como os aprendizes, acabam tendo maior exposição a esta língua e trazendo certas influências do indonésio falado às línguas de Timor-Leste. Desta maneira, é possível perceber expressões coloquiais e formas de tratamento indonésio, como *bapa* ‘senhor’, *bahasa* ‘qualquer língua’, *lingkungan* ‘local’, *kan* ‘enfim (usado como uma partícula discursiva)’, *snek* ‘lanche’. Situação similar ocorre com a língua inglesa, porém o falante leste-timorense acaba por incorporar em sua fala um vocabulário da internet e de jogos de computador, como *level* ‘nível do personagem do jogo’, *level up* ‘subir de nível do personagem’, *game* ‘jogo’, *gamer* ‘jogador de videogame’, *character* ou *char* ‘personagem montado pelo jogador’, *server* ou *serv* ‘servidor da internet onde se localiza o jogo’, *keyboard* ‘teclado’, *key* ‘tecla’, *press* ‘apertar’, entre outros¹²⁵. O resultado principal do isolamento em Timor-Leste foi que as línguas locais faladas por povos que se mantiveram não sofreram a reestruturação gramatical parcial, analisada anteriormente, fazendo com que essas línguas se apresentem bem distintas das demais. Os povos que se mantiveram relativamente isolados foram somente dois: os falantes do Tetun Terik, no distrito de Viqueque, e os falantes de Baikenu, no enclave de Oecussi. Os falantes da variedade Tetun Terik, da língua Tetun, por se isolarem em uma região montanhosa e pantanosa no distrito de Viqueque, sendo de difícil acesso mantiveram na variedade falada por eles uma série de estruturas gramaticais que se perderam em outras línguas leste-timorenses, chegando ao Tetun Prasa e o Tetun Terik a ser ininteligível entre os falantes. O outro povo, falante de Baikenu, manteve-se isolado tanto geograficamente, pelo fato de Oecussi estar bem distante do resto do território de Timor-Leste e também por ser montanhoso e um pouco mais árido, quanto politicamente, já que Oecussi é um enclave em território indonésio. Esta língua até o momento não possui nenhuma descrição ou estudo de natureza linguística, com exceção apenas de um esboço gramatical elaborado por Hull (2003c). Segundo Hull (2003c, p.1) atesta logo no início de seu esboço gramatical: “Of all the

¹²⁴ O meio de comunicação em massa mais utilizado pelos leste-timorenses é o rádio, porém com é um meio mais acessível, há uma série de emissoras maiores que transmitem em Tetun Prasa e também uma grande quantidade de rádios amadoras e/ou locais que transmitem ou em Tetun Prasa, ou na língua local da comunidade.

¹²⁵ Em falantes leste-timorenses adolescentes de português, foram encontradas formas que misturam o inglês e o português, como *upar* ‘ato de subir de nível com o personagem do jogo’ (*up* + *-ar*) ou *gamear* ‘jogar videogame’ (*game* + *-ar*).

languages of East Timor, Baikenu is grammatically the most complex and is among the richest in vocabulary”¹²⁶, isto acaba por corroborar com o resultado do isolamento discutido aqui. Entre as características da gramática do Baikenu, é possível citar: a dupla negação verbal obrigatória (com a estrutura *ka + V + fa*) e uma negação distinta para nomes, com o marcador *kabuk*; flexão de número marcada pelos sufixos *-in* e *-na*; distinção entre indefinido masculino e indefinido feminino sendo marcada por clíticos *=bes* e *=es* respectivamente; duas séries distintas de pronomes pessoais, uma de pronomes sujeitos e outra de pronomes objetos; duas séries distintas de pronomes possessivos livres, uma singular, outra plural, mais uma série de pronomes possessivos presos; distinção entre nomes alienáveis e inalienáveis, sendo este último marcado pelo sufixo *-f*; distinção entre posse de nomes alienáveis e inalienáveis, com os nomes alienáveis recebendo os pronomes possessivos livres e os nomes inalienáveis perdendo o *-f* ou sendo flexionados com um sufixo pessoal, que varia de acordo com a pessoa (1^a *-k*, 2^a *-m*, 3^a *-n*); os verbos possuem formas longas e curtas, são flexionados por prefixos pessoais e por prefixos modificadores de valência. Estas características da gramática do Baikenu, assim como várias outras, são evidências de que essa língua manteve uma série de retenções (de estágios linguísticos anteriores) pelo fato de seu povo estar isolado e o contato ter ocorrido em sua maioria interno a comunidade.

Desta maneira, os resultados dos diferentes tipos de contatos de línguas e povos em Timor-Leste foram os mais variados, alterando tanto as línguas nativas, ou seja, as espécies endógenas, como as estrangeiras, as espécies exógenas. Os resultados do contato foram uma série de modificações que visava adaptar as espécies ao ecossistema, buscando a homeostase. Algumas dessas adaptações foram momentâneas, deixando apenas alguns resquícios nas línguas, enquanto outras passaram a fazer parte da língua, caracterizando-se como uma evolução.

7.3 A ecologia dos contatos de línguas e a formação do PTL

Os resultados dos contatos de línguas e povos em Timor-Leste foram os mais variados, conforme foi apresentado na seção anterior, em (7.2), tendo repercussão nas diferentes línguas locais, bem como criando novas espécies no ecossistema linguístico local. Nesta seção, será analisada a ecologia do contato de línguas na formação do PTL, enfatizando o papel que o contato de línguas e de indivíduos teve na adaptação do

¹²⁶ “De todas as línguas de Timor-Leste, Baikenu é a mais complexa gramaticalmente e está entre as mais ricas em vocabulário”.

português ao novo ecossistema a que foi trazido, o ecossistema de Timor, quais adaptações são endógenas, ou seja, ocorreram somente em Timor, sendo exclusivas do PTL, e quais adaptações são exógenas, que ocorreram também em outras variedades do português.

No capítulo 4, foi discutida a origem do PTL, datando aproximadamente do início do século XVIII e tendo ocorrido com a migração populacional de Larantuka para Timor. Essa população de Larantuka teve sua origem a partir da migração de Makassar, em 1660, que, por sua vez, foi uma população que teve sua origem com a migração dos habitantes fugidos de Malaca, em que os portugueses perderam o domínio para os Holandeses, em 1641 (BOXER 1947, BAXTER 1990).

Assim, o português falado em Timor teve influências do Crioulo Português de Malaca (CPMal), o crioulo que mais influenciou a região do sudeste asiático, bem como de variedades reestruturadas do português pela Ásia, principalmente na ilha de Flores, onde se localiza Larantuka. Além disso, houve um laço estreito da administração portuguesa entre Macau e Timor, principalmente durante o século XIX, ocorrendo migração populacional de macaenses e, conseqüentemente, a influência do Crioulo Português Macau (CPMac) em Timor. Esta influência era tamanha que o CPB chegou a ser confundido com o CPMac por alguns estudiosos (BAXTER 1990, p. 3). Este cenário torna-se ainda mais complexo quando se leva em conta a hipótese de Clements (2001) da existência de um Pidgin Português Asiático, que possuía traços dos Crioulos Portugueses da África, e que influenciou a formação dos Crioulos Portugueses na Ásia.

Em outras palavras, em relação à influência exógena, o PTL foi formado a partir do contato de povos de diferentes origens dos domínios portugueses e, por esse fator, apresenta traços linguísticos de Crioulos Portugueses Africanos, Crioulos Portugueses Asiáticos e de variedades reestruturadas do português na Ásia.

A influência endógena no PTL veio do contato principalmente com a língua Tetun, que por ser a língua franca, língua dominante e falada pela maioria dos habitantes de Timor, foi a escolhida para ser estudada tanto pelos missionários portugueses, como pela administração portuguesa. Por essa razão é que a influência do Tetun foi maior na formação do PTL. Um processo semelhante aconteceu no Brasil, com os missionários portugueses dedicando-se ao estudo do Tupinambá. De maneira distinta, as demais línguas locais de Timor sempre tiveram um caráter de língua

esotérica¹²⁷, ou seja, língua utilizada para a comunicação somente dentro da comunidade específica a que pertence (THURSTON 1987) e, assim, não influenciaram na formação do PTL, mesmo porque não se recorria às línguas locais na maioria das interações de caráter intercultural, com exceção do Tetun, já mencionado.

Outro fator importante das línguas nativas de Timor-Leste é a área linguística que foi formada nessa região. Segundo Hull (2001a), as línguas leste-timorenses de origem austronésia formaram uma área linguística pelo fato de serem geneticamente próximas, bem como de seus falantes conviverem em proximidade uns com os outros durante séculos. Isso ocasionou um compartilhamento de traços do léxico, da fonologia e da morfossintaxe entre essas várias línguas e também ocorreu a expansão de grande número desses traços para as línguas de origem papuásicas, como: a distinção entre pronomes de 1ª pessoa do plural inclusiva e 1ª pessoa do plural exclusiva; a perda da marcação de pessoa no verbo, da marcação de número e de gênero; o sistema numérico de origem austronésia; presença de marcadores aspectuais como lexemas gramaticalizados em posição pré-verbal ou pós-verbal; entre outros¹²⁸. Tal observação faz-se necessária pelo fato de que certos traços linguísticos do PTL, que são identificados como de origem tetunófono, são encontrados e compartilhados em várias outras línguas locais de Timor-Leste, porém não são encarados, nem analisados, como tendo suas origens nas demais línguas nativas, e não no Tetun, exatamente pelos fatores sócio-históricos já elencados, bem como pela existência da área linguística leste-timorense, conforme foi estudada por Hull (2001a).

A seguir, serão apontadas as influências endógenas existentes no PTL, após estas serão enumeradas as influências exógenas. Serão discutidas também as chamadas influências ambíguas no PTL, que são aspectos linguísticos que são encontrados tanto nas línguas locais, quanto nas demais variedades da língua portuguesa, não sendo

¹²⁷ O conceito de 'línguas esotéricas', vernáculo de uma comunidade específica apenas para ser usado localmente, e 'línguas exotéricas', línguas utilizadas na comunicação intercultural e em grande escala, foi criado por Thurston (1987) e pode ser muito útil para a teoria ecolinguística explorar, principalmente para a linguística ecossistêmica. No presente trabalho, ao encarmos a língua como espécie biológica, de acordo com Mufwene (2001), também podemos expandir tal visão e pensar o processo de dispersão da língua da mesma maneira em que é pensada a dispersão das espécies na biologia e na ecologia. Desta maneira, as línguas esotéricas são espécies aptas para viver apenas em seu nicho ecológico (estas limitações estão relacionadas com os recursos, as condições e as interações que o nicho apresenta), que acaba por corresponder a um território pequeno. Entretanto, as línguas exotéricas são espécies adaptadas para viver em um nicho mais amplo, bem como são capazes de dispersar em um território maior, podendo ser contínuo ou não.

¹²⁸ Para uma descrição das línguas papuásicas de Timor, bem como um estudo comparativo com a presença também das evidências de contato austronésio-papuásico, ver Hull (2004). A respeito do leste da Indonésia como uma área linguística, chamada de Nusantara Oriental, ver Klammer, Reesink e Staden (2008).

possível encontrar uma origem única, bem como sendo provável de que tais aspectos do PTL tenha sua origem em uma fonte, mas foi reiterado por outra, ou seja, os aspectos ambíguos do PTL provavelmente possuem suas origens da influência do contato com as línguas locais, mas que foram reiterados pelo contato com as variedades existentes do português (PE, variedades crioulas, reestruturadas, entre outras) e vice-versa. Vale lembrar que os aspectos linguísticos do PTL estudados aqui são aqueles descritos no capítulo 5, sendo apenas retomados na presente análise.

Os aspectos linguísticos do PTL que possuem a influência endógena, ou seja, que foram formados a partir do contato com as línguas locais leste-timorenses, principalmente o Tetun, são os seguintes:

- Fonético-fonológica:
 - Mudanças fonética: $f > p$;
 - Acentuação;
 - Prosódia.

- Morfossintaxe:
 - Morfemas derivacionais;
 - Uso dos pronomes pessoais;
 - Sujeito nulo.

- Léxico-semântica:
 - Mudanças semânticas;
 - Empréstimos linguísticos.

Os resultados do contato endógeno no PTL no nível fonético-fonológico são um caso de mudança fonética ($f > p$), a acentuação e a prosódia. O PTL possui uma série de mudanças fonéticas como resultado do contato de línguas, bem como pela influência da língua materna dos falantes, conforme já foi analisado no capítulo anterior. Porém, a maioria dessas mudanças tem uma origem ambígua de contato, já que podem ser atribuídas tanto às línguas estrangeiras, como às línguas locais. Somente uma mudança fonética é de influência endógena, sendo o $f > p$. Esta mudança ocorre somente em variedades do PTL mais distantes da norma europeia, principalmente pelo fato de ser também uma influência da língua materna de apenas alguns falantes específicos, já que

algumas línguas leste-timorenses, como o Tetun Terik e o Baikenu, apresentam também morfemas derivacionais e, de maneira distinta do português padrão, não há restrições do emprego dos morfemas nestas línguas, chamados de bloqueio lexical, assim esta característica se apresenta no PTL; não há alomorfia de raiz ou consoante de ligação nas línguas leste-timorenses, o mesmo acontecendo em PTL; há também a influência de línguas locais que não possuem nenhum tipo de morfema derivacional e isto se reflete no PTL também por meio de uma limitação do uso dos morfemas, bem como no número de morfemas que são utilizados e sua produtividade.

O emprego dos pronomes pessoais no PTL é fortemente influenciado pelo contato, principalmente pelo Tetun, conforme foi analisado em (5.3.4) com um maior uso dos pronomes de 1ª pessoa, o não emprego dos pronomes de 2ª pessoa e um uso limitado dos pronomes de 3ª pessoa, optando-se no lugar deste a denominação da pessoa ou objeto, por meio dos substantivos.

O sujeito nulo em PTL, estudado em (5.3.5), também é influenciado pelas línguas locais, já que acaba por ser realizado em posições em que pode ser apagado, por exemplo, quando o sujeito pode ser inferido pela flexão verbal, sendo tal realização influência das línguas locais, que possuem a realização obrigatória do sujeito. Há também o caso da repetição do sujeito correferente em orações coordenadas, sendo que o sujeito nulo geralmente é empregado neste tipo de construções exatamente para evitar repetições. Aqui o emprego ou não do sujeito nulo está relacionado ao grau de fluência do falante de PTL, ou seja, se a variedade do PTL está mais próxima da norma europeia ou não.

As influências do contato no nível léxico-semântico são as mudanças semânticas e os empréstimos linguísticos. Pela própria definição destas influências, elas podem ser tanto endógenas (mudanças e empréstimos de línguas locais), como também exógenas (mudanças e empréstimos de línguas estrangeiras), por isso serão analisadas separadamente, sendo apontadas aqui as influências endógenas delas, e abaixo, a influência exógena.

As mudanças semânticas endógenas do PTL são aquelas que ocorreram somente em Timor-Leste e são típicas somente desta variedade do português, não sendo encontradas nas outras (ALBUQUERQUE 2011b, 2012c). Conforme analisado em (5.4.2), há diversos casos de mudanças semânticas únicas do PTL, entre elas, é possível retomar algumas, como:

141. *colega* ‘tratamento entre amigos íntimos de mesma idade, ou de idade aproximada’, este lexema sofreu restrição semântica, já que se refere apenas a um tipo específico de amizade;
142. *morador* ‘milícia nativa, membro dessa milícia’, este lexema sofreu tanto restrição semântica, deixando de significar ‘aquele que mora’ e passando a significar apenas ‘milícia nativa’, quanto por elipse passou a se referir também aos ‘membros da milícia’;
143. *força* ‘potência sexual’, a ‘força física’ acaba, por metáfora, a significar a ‘força ou desempenho sexual’;
144. *malandro* ‘indivíduo mulherengo’, o atributo ‘malandragem’ por metáfora é usado para se referir ao ‘homem que possui ou corteja muitas mulheres’;
145. *estilo* ‘cerimônia tradicional de sacrifício de animais’;
146. *irmão* [‘ma.un] ‘forma de tratamento para irmão ou amigo mais velho’, o mesmo acontece com *irmã* [‘ma.na] como forma de tratamento para se referir as mulheres. Em ambas as formas é evidente: a redução fonética da sílaba inicial de *irmão/irmã* > *maun/mana* e a desnasalização da sílaba final.

Os empréstimos linguísticos endógenos do PTL, conforme foi discutido no capítulo 5, são de origem tetunófona somente, já que as demais línguas locais de Timor-Leste não tiveram muita influência no cenário sócio-histórico do país. Além de o PTL possuir uma série de lexemas tetunófonos que são usados em situação de interações informais, há alguns empréstimos que são empregados em todas as situações dos AICs, bem como na maioria das variedades do PTL, entre eles estão alguns exemplos abaixo:

147. *tais* ‘pano tradicional, ou vestimenta feita com este pano’;
148. *liurai* ‘rei, régulo, chefe’;
149. *suco* ‘divisão nativa de pequenos territórios, vila’;
150. *dató* ‘nobre, ou qualquer pessoa de classe social prestigiada’;
151. *suko* ‘divisão territorial nativo, similar a aldeias ou vila’.

Terminada a análise da influência endógena sobre o PTL, a seguir serão estudadas as influências exógenas.

Os aspectos linguísticos do PTL possuem influências exógenas de línguas mais variadas, desde o malaio-indonésio até os crioulos portugueses asiáticos e línguas estrangeiras, sendo eles divididos da seguinte maneira:

- Fonologia:
 - Poucas mudanças fonéticas: $ʒ > dʒ$, d , z e $v > b$;
 - Perda do $-r$ marcador do infinitivo nos verbos.

- Léxico-semântica:
 - Mudanças semânticas;
 - Empréstimos linguísticos.

No nível fonético-fonológico, as influências exógenas são apenas poucas mudanças fonéticas ($ʒ > dʒ$, d , z e $v > b$) e a perda do $-r$ marcador do infinitivo nos verbos.

As mudanças fonéticas que podem ser identificadas específicas como influências exógenas são as seguintes: $ʒ > dʒ$, d , z e $v > b$. O fator principal de se identificar tais mudanças como exógenas é que elas são encontradas em todos os crioulos portugueses asiáticos vizinhos a ilha de Timor, como o Crioulo Português de Malaca (CPMal), o Crioulo Português de Macau (CPMac) e o Crioulo Português de Tugu (CPT), e também no Crioulo Português de Bidau (CPB)¹²⁹. A origem dessas mudanças fonéticas provavelmente se deu por influência do malaio, durante a conquista de Malaca por parte dos portugueses, ocorrendo a formação do malaio-português e do CPMal. A partir daí, nos anos do apogeu de Malaca sob o domínio dos portugueses, o CPMal se difundiu por uma vasta região do sudeste asiático, com os demais crioulos asiáticos sendo formados por influência dele (BAXTER 1996), por isso muitas características linguísticas são compartilhadas entre os crioulos portugueses da Ásia, bem como as variedades portuguesas faladas nesse continente, como é o caso do PTL. A mudança fonética de $ʒ > dʒ$, d , z é atestada em CPB, CPMal, CPT e CPMac, como em:

152. $ʒ > dʒ$

¹²⁹ As referências em que se basearam os estudos e análise dos dados dos crioulos citados são as seguintes: para o CPMal, Baxter (1988); para o CPMac, Baxter (2009); para o CPT, Maurer (2011); para o CPB, Baxter (1990).

já > dʒa (PTL, CPB, CPMal e CPMac), dja (CPT);
gente > dʒenti (CPB, CPMal), dʒente (PTL, CPMac), djenti (CPT).

153. ʒ > z

hoje > ʒzi (CPB, CPMal), ojje (CPT), ʒze (CPMac), ozi (PTL);
queijo > kezu (PTL, CPB, CPMal), kejoje (CPT), kedʒo (CPMac).

O mesmo discutido anteriormente pode ser afirmado a respeito da mudança fonética *v > b*, que também é encontrado amplamente nos demais crioulos vizinhos, bem como no CPB, seguem alguns exemplos comparativos:

154. v > b

vaca > baka (PTL, CPB, CPMal, CPT), vaca (PTL, CPMac);
ovo > obu (CPB), obu (PTL, CPMal), oboe (CPT), ovu (CPMac).

Com base nas evidências sócio-históricas e linguísticas apresentadas, argumenta-se que tais mudanças fonéticas são exógenas tendo suas origens principalmente no malaio e no CPMal que teve sua influência também na ilha de Timor.

A perda do *-r* marcador do infinitivo nos verbos em PTL é encarada como uma influência exógena, pois é atestada na maioria das variedades da língua portuguesa falada no mundo, com exceção somente do PE e do português falado em Macau, conforme afirma Baxter (2009). Assim, esta mudança provavelmente foi inserida no PTL por influência dessas variedades. Em relação às línguas nativas de Timor-Leste, não há evidência nenhuma que possa ter sido um contato endógeno, pois mesmo com o grande número de restrições fonético-fonológicas que as línguas leste-timorenses, o *-r* final (seja em final de sílaba ou de palavra) não é um deles, já que é aceito e há uma grande quantidade de lexemas nas mais variadas línguas que apresentam o *-r* final sem variação em sua articulação ou realização, como em Tetun: *lalar* ‘inseto’, *tuir* ‘seguir, obedecer’, *liur* ‘fora’, *fakar* ‘derramar’, *midar* ‘doce’; Galolen *subar* ‘lavar’, *diri-r* ‘reflexivo plural’, *wakar* ‘derramar’, *amsidar* ‘ser forte’, *gelar* ‘espalhar’; Manbae: *ser*, *gar* ‘marcador de plural’, *seir* ‘estes, esses’.

Não há aspectos morfossintáticos que são exclusivos de uma influência exógena sobre PTL, sendo a maioria dos aspectos morfossintáticos ambíguos, ou seja, fazendo

parte de uma possível origem endógena e possuindo um reforço exógeno, ou o contrário, possuindo uma origem exógena e um reforço endógeno. Posteriormente, quando os aspectos linguísticos do PTL que possuem uma influência serem analisados, tais informações serão retomadas.

No nível léxico-semântico, há os casos de mudanças semânticas e empréstimos linguísticos.

As mudanças semânticas classificadas aqui como exógenas são aquelas que consistem em algum tipo de alteração no significado de um lexema do português, sendo acarretada por influência do contato com povos e línguas estrangeiros. Há alguns lexemas notáveis, que estão registrados desde tempos coloniais, como *carreta* ou *topaz/topasses*. O primeiro, *carreta*, é atestado nos mais variados crioulos asiáticos, inicialmente tendo como significado ‘arado, carroça’ e atualmente sendo modificado para ‘carro’, com as seguintes formas: *kareta* (PTL, CPB, CPMal, CPMac) e em CPT há o registro de *caretta*. O segundo, *topaz/topasses*, tem uma origem indiana, provavelmente do Tamil *tupassi* ‘bilíngue, tradutor’ ou do Hindi *topi* ‘chapéu’ fazendo referência aos mestiços que foram aculturados pela cultura europeia, com o chapéu sendo considerado um traço do homem europeu e da cultura europeia. Outros lexemas do PTL possuem mudanças desencadeadas por origens distintas, principalmente do malaio-indonésio, conforme os exemplos abaixo:

155. *valor* ‘resultado dos exames escolares’ do indonésio *valor* ‘nota dos exames escolares’;
156. *bazar* ‘mercado popular, feira’ do persa, via malaio, com a restrição semântica para ‘feira’;
157. *mapa* ‘mapa, pasta’ do indonésio *map* ‘pasta’;

Os empréstimos linguísticos existentes no PTL são uma clara influência exógena, já que é possível encontrar uma série de lexemas estrangeiros, sendo que a maioria é única à variedade do português falada em Timor-Leste, o PTL. Estes empréstimos são evidências do contato do povo falante de português em Timor com povos de origem malaia, chinesa e japonesa. Seguem alguns exemplos de dados do PTL com empréstimos de diferentes origens, sendo malaios (158-160), chineses (161-162) e japoneses (163-165), já estudados no capítulo 5, em (5.4.4):

158. *malae* ‘palavra pejorativa para se referir a estrangeiros’;
159. *barlaque* ‘dote a ser pago no casamento’, do malaio *beli* ‘comprar’ e *lelaki* ‘homem’;
160. *katuas* ‘velho, ancião, marido, homem mais velho conhecedor de histórias e tradições antigas’, do malaio *katuas* ‘velho’;
161. *kusi* ‘tipo de barril para carregar água’;
162. *kanku* ‘hortaliça amarga base da alimentação leste-timorense’;
163. *sutate* ‘molho de soja’;
164. *catana* ‘espada nativa leste-timorense’, do japonês *katana* ‘espada samurai’;
165. *kempi* ‘polícia secreta japonesa’.

A maioria dos aspectos linguísticos notáveis do PTL possui origem ambígua, já que estes aspectos são encontrados tanto nas línguas nativas de Timor-Leste, como também nas línguas faladas pelos povos vizinhos que tiveram contato com os habitantes de Timor, sendo os seguintes:

- Fonologia:
 - A maioria da realização das mudanças fonéticas, com exceção das citadas;
 - Monotongação.
- Morfossintaxe
 - Marcadores TAM;
 - Concordância variável.

No nível fonético-fonológico, a maioria da realização das mudanças fonéticas, com exceção das analisadas anteriormente, que são exclusivamente ou endógenas ou exógenas, possuem uma origem ambígua, já que são encontradas tanto nas línguas locais de Timor-Leste, como nas línguas vizinhas e também em outras variedades da língua portuguesa na África e na Ásia, e em alguns casos até mesmo no PE e no PB. O mesmo pode ser dito também da monotongação.

A maioria da realização das mudanças fonéticas do PTL, como a realização das consoantes palatais, com exceção do *ʒ*, comentado anteriormente, a variação na realização das vogais médias, sofrendo alçamento vocálico quando em posição não tônica, e a monotogação, de acordo com Naro e Scherre (2007) e Carvalho (2002/2003), já ocorriam no PE e, por isso, dispersaram por toda a comunidade de língua portuguesa, ou seja, por todo o mundo lusófono, sendo encontradas no PB, nas variedades crioulas africanas e asiáticas e no português falado nesses continentes. Porém, esses traços são considerados ambíguos pelo fato de eles ocorrerem em PTL também por causa do contato com as línguas nativas do país, que apresentam uma série de restrições fonético-fonológicas aos fonemas portugueses, bem como a processos fonológicos que acontecem no português falado. Nas línguas locais de Timor-Leste não há as consoantes palatais e ocorre também o alçamento vocálico e a monotogação.

Alguns aspectos morfossintáticos do PTL são encontrados em muitas variedades do português pelo mundo, bem como nas línguas locais leste-timorenses. Por isso, os marcadores de TAM, o uso variável da cópula e de conetivos, e a concordância variável, que são traços existentes no PTL e em outras variedades do português, não podem ser atribuídos a uma ou outra influência de contato, sendo classificado como influências ambíguas no PTL.

Os marcadores de TAM encontrados nos dados do PTL que diferem da norma padrão foram analisados em (5.3.2), sendo eles: *já* como marcador de aspecto perfectivo; *ainda* marcador de aspecto progressivo/durativo; *ainda não* como modalizador negativo; *pode* como modalizador deôntico e as formas variáveis *mpode ~ nupode* como modalizador deôntico negativo. Esses marcadores são classificados como influências ambíguas, pois são encontrados tanto nos crioulos portugueses asiáticos, como nas línguas locais de Timor-Leste.

Em relação aos crioulos portugueses, o *já* [dʒa ~ ʒa] é usado para marcar tempo passado e/ou aspecto perfectivo, sendo encontrado no CPB, CPMal e CPMac (NUNES e BAXTER 2004); o *ainda não* é encontrado nos crioulos portugueses, há somente no CPB a forma *teŋ inda* para marcar uma provável forma de futuro, de acordo com Baxter (1990, p. 19); as formas *pode* e *numpodí* são encontradas nos mais variados crioulos portugueses CPB, CPMal, CPT e em CPMal (BAXTER 1990, p. 19) e também possuem valor modal; a forma *ainda não* apresenta alguns correlatos com as mesmas funções modal e negativa em vários crioulos, segundo Baxter (1990, p. 20), há no CPMac *inda nunca*, no CPT *indana* e CPMal *nenaŋ inda*.

As línguas locais de Timor-Leste se caracterizam por formar uma área linguística, de acordo com Hull (2001a), conforme foi mencionado anteriormente, e um dos traços tipológicos compartilhado nesta área é exatamente o emprego de lexemas gramaticalizados, sendo colocados em posição pré-verbal ou pós-verbal, para marcar TAM, bem como o malaio também faz uso de tal estratégia. Assim, a forma *já* é utilizada em Tetun, que apresenta o lexema *tiha* ‘já’, também como marcador de aspecto perfectivo, e o mesmo ocorre nas demais línguas de Timor-Leste com o lexema *já* gramaticalizado para marcar o aspecto perfectivo; o *ainda* utilizado em PTL ocorre em Tetun como marcador progressivo *daudauk* ‘ainda’ e também com o lexema *sei* ‘ainda’ para marcar futuro; a forma *ainda não*, de acordo com Baxter (1990, p. 20) tem sua provável origem no marcador perfectivo negativo do malaio *belum* ‘ainda não’ e ocorre também nas línguas locais de Timor-Leste, como em Tetun *seidauk* ‘ainda não’; a forma *pode*, usada como modalizador deôntico, e sua forma negativa, *nupode*, são encontradas nas línguas leste-timorenses como verbos modais, sendo em Tetun respectivamente *bele* ‘poder’ e *la=bele* ‘não poder’.

A concordância variável é outro fenômeno, assim como os marcadores de TAM, que é encontrada tanto no PE, como no PB e nas demais variedades da língua portuguesa pelo mundo, conforme atestaram Naro e Scherre (2007). Desta maneira, é possível afirmar que as variedades da língua portuguesa faladas na Europa, na América, na África e na Ásia possuem concordância variável, sendo um fenômeno extensivamente estudado pelos linguistas em cada variedade do português. Assim, pode-se afirmar que o português que chegou a ilha de Timor, já apresentava concordância variável e se desenvolveu para o PTL com esta característica. Da mesma maneira, as línguas leste-timorenses por não apresentarem flexão, ou nenhum tipo de mecanismo de concordância, também pode ter influenciado no processo da concordância variável do PTL, já que os falantes podem tanto ter se baseado em suas respectivas línguas maternas e no convívio, o contato, com as demais línguas e falantes.

Não há influências ambíguas no nível léxico-semântico do PTL, já que as evidências neste nível de análise linguística são claras, sendo possível identificar, conforme a análise conduzida aqui nesta seção (7.3), se as mudanças semânticas e os empréstimos são de origem endógena ou exógena.

Finalmente, é possível afirmar que os resultados do contato de línguas/povos na formação do PTL são evidentes, ocorrendo contatos com as línguas locais de Timor-Leste, bem como com línguas estrangeiras e também com outras variedades

portuguesas. As situações de contato e os resultados dos contatos intra- e interlinguísticos tanto do PTL, como das demais línguas faladas em Timor-Leste, foram decisivos para a configuração do ecossistema linguístico local atual e da ecologia da língua portuguesa em Timor-Leste, com a existência de uma variedade nacional própria, o objeto de estudo aqui, o PTL, que possui uma sócio-história própria, assim como uma série de características linguísticas únicas e outras compartilhadas com variedades crioulas ou reestruturadas do português.

CAPÍTULO 8

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

PARA UMA ECOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE

Este capítulo final da tese procura retomar as perguntas, os objetivos e as hipóteses do capítulo introdutório, em (8.1); fazer sugestões de pesquisas futuras com base nas limitações do presente estudo, em (8.2); destacar a relevância e a aplicação desta pesquisa, enfatizando as contribuições para a os estudos da ecolinguística, da língua portuguesa e para a manutenção da linguodiversidade do ecossistema linguístico local de Timor-Leste, principalmente das interações entre o PTL e as línguas locais.

8.1 Revisitando perguntas, objetivos e hipóteses

O objetivo principal deste estudo, que está contido também na pergunta principal da pesquisa, foi o de investigar a língua portuguesa falada pelos leste-timorenses para verificar se o português falado em Timor-Leste pode ser considerado, ou não, uma variedade da língua portuguesa própria do país, ou se é apenas a língua portuguesa aprendida como L2/ LE. Este objetivo foi alcançado por meio da análise dos dados linguísticos e a hipótese principal, a da existência de uma variedade da língua portuguesa falada pelos leste-timorenses, chamada aqui de Português de Timor-Leste, ou PTL, foi confirmada.

A análise e interpretação dos dados linguísticos do português falado pelos leste-timorenses fundamentaram-se na abordagem ecológica da linguagem, existente na teoria ecolinguística, especificamente na linguística ecossistêmica. De acordo com esta teoria, o objeto de estudo é analisado holisticamente, sendo contempladas na presente tese diversas áreas e níveis linguísticos, como a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a história da língua, a descrição gramatical, a filologia, a aquisição de línguas, o multilinguismo, a sociolinguística e o contato de línguas. Esta visão holística do objeto investigado, o PTL, seguiu também a proposta multimetodológica, em que são empregadas diferentes metodologias (das diversas áreas mencionadas acima) tanto para que haja relações entre estas metodologias escolhidas, como também para que se possa verificar se os resultados alcançados pelas diferentes metodologias são os mesmos, o que acaba por reforçar ainda mais os resultados encontrados.

A escolha da teoria ecolinguística (linguística ecossistêmica) e da multimetodologia se justifica por causa da pergunta principal, bem como pelas perguntas secundárias, já que para se verificar a existência de uma variedade do português falada em Timor-Leste não basta realizar apenas um estudo descritivo, ou um estudo de um aspecto específico do português falado nesse país, mas realizar um estudo holístico, em que vários aspectos linguísticos e extralinguísticos são contemplados.

A metodologia empregada aqui foi a ecometodologia, que se baseia na multimetodologia, em que são utilizadas diferentes metodologias que possuem alguma relação entre si, sendo que estas metodologias podem pertencer à mesma disciplina ou a disciplinas afins. A vantagem da ecometodologia é que, ao empregar diferentes metodologias para a análise do mesmo objeto, os resultados alcançados são mais acurados, já que, no caso do investigador alcançar os mesmos resultados nos diferentes métodos, ele terá segurança no que foi encontrado como resultado, ou seja, o investigador atingiu o ponto de chegada fazendo uso de caminhos diferentes. Para isso, neste estudo foram utilizadas as metodologias da linguística tradicional, da fonologia, morfossintaxe, semântica, contato de línguas, e aquisição e multilinguismo, bem como alguns aspectos da biologia, ecologia e de diferentes teorias e metodologias da ecolinguística.

As perguntas secundárias giram em torno de quais são as evidências que justificam a existência do PTL; caso esta variedade exista, quais aspectos linguísticos e extralinguísticos contribuíram para sua origem e formação; e, se há diferenças entre o PTL e a língua portuguesa aprendida via educação formal.

Desta maneira, neste estudo foi realizada primeiramente uma revisão bibliográfica da ecolinguística e da língua portuguesa em Timor-Leste, delimitando a teoria a ser empregada, a da linguística ecossistêmica, nos capítulos 1 e 2 respectivamente. Assim, foi enfatizado que a visão de língua usada aqui é diferente da tradicional, já que é dada importância aos aspectos das diferentes interações entre indivíduo e mundo, que são mediadas pela língua, aos ecossistemas no indivíduo, na comunidade e na língua, e também aos conceitos de adaptação, evolução, porosidade, entre outros. No capítulo 3 foi discutida a metodologia em ecolinguística, a multimetodologia que foi empregada na presente tese, bem como foram feitas as coletas de dados. Os aspectos extralinguísticos foram abordados principalmente no capítulo 4, em que se descreveu o ecossistema linguístico local de Timor-Leste, onde a língua portuguesa está inserida, foram analisadas questões históricas, sociais, culturais,

políticas, educacionais, tecnológicas etc. As análises linguísticas dos dados foram conduzidas nos capítulos seguintes. No capítulo 5, foram analisados os níveis linguísticos da fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e o léxico. No capítulo 6, foram investigados como se dão os processos de aquisição, multilinguismo e interação intercultural em Timor-Leste. E, no capítulo 7, foram estudados os contatos de línguas em Timor-Leste.

Após as diferentes análises conduzidas, foi possível verificar a existência de uma variedade da língua portuguesa falada em Timor-Leste com traços fonológicos, morfossintáticos e léxico-semânticos próprios, sendo alguns compartilhados por variedades crioulas vizinhas a ilha de Timor, enquanto outros são exclusivos do PTL. A formação do PTL se deu no início do século XVIII com as migrações para a ilha de Timor e os traços linguísticos típicos do PTL que foram descritos aqui têm duas origens: no contato de línguas e povos que ocorreram durante nessa migração e nos séculos anteriores a ela, com o português sendo influenciado principalmente pelos Crioulos Portugueses Asiáticos; e nos processos de aquisição e multilinguismo, em que a língua portuguesa foi influenciada pelas línguas nativas de Timor-Leste.

Outras evidências apresentadas nos capítulos 6 e 7, e que corroboram a existência do PTL, serão comentadas a seguir. Essa variedade do português é distinta da língua portuguesa aprendida na educação formal em Timor-Leste, já que o processo de aprendizagem do português acaba por gerar, quando bem sucedido, indivíduos leste-timorenses falantes próximos do PE, enquanto que na aprendizagem que não foi bem sucedida ocorrem falantes de português interlíngua ou até variedades pidginizadas. A língua portuguesa apresenta também alguns falantes bilíngues, principalmente na capital, Dili, em que ela foi adquirida nos estágios iniciais do indivíduo, geralmente são casos de casamentos interétnicos, com um dos indivíduos sendo falante de português L1 (português, brasileiro etc.) e o outro sendo leste-timorense. Finalmente, há algumas interações linguísticas específicas, como as interações interculturais, em que os indivíduos leste-timorenses usam o PTL para se comunicar.

Todas as evidências apresentadas neste estudo, e reiteradas neste capítulo, apontam a existência do PTL, que é em alguns casos adquirido como L2, falado por uma parcela significativa da população e empregado em algumas interações comunicativas específicas. O PTL acaba também por se diferenciar da língua portuguesa aprendida como LE pelos leste-timorenses.

8.2 Limitações deste estudo e sugestões para pesquisas futuras

Conforme foi discutido no capítulo 2, existem poucos estudos a respeito da língua portuguesa em Timor-Leste e, conseqüentemente, há muito ainda a ser feito para um melhor conhecimento tanto dessa variedade (o PTL), como também de suas relações com as demais línguas faladas no país. Desta maneira, as limitações desta investigação serão apresentadas em forma de sugestões para estudos futuros.

A primeira sugestão é de pesquisas que investiguem separadamente os traços linguísticos do PTL estudados no capítulo 5, em outras palavras, é necessário que sejam feitos estudos para cada traço específico do PTL: na fonologia, a realização dos fonemas, o acento, a sílaba, a prosódia¹³⁰; na morfossintaxe, o emprego dos morfemas, o uso da cópula, das preposições e conjunções, a sintaxe de concordância e de regência; na semântica, as mudanças semânticas que ocorreram no PTL; no léxico, a temática dos empréstimos e das retenções quinhentistas. Assim, investigações que se dediquem a estes tópicos separadamente poderão oferecer um melhor conhecimento de cada um deles, fornecendo informações do funcionamento, do uso, da distribuição, da frequência e da origem dos aspectos gramaticais notáveis do PTL.

Outra sugestão é com relação ao estudo do contato de línguas em Timor-Leste, especificamente o da língua portuguesa na ilha de Timor. Conforme foi estudado aqui, a língua portuguesa foi inserida em Timor principalmente no início do século XVIII com a migração portuguesa de Laratuka para Lifau. Porém, vários fatores ainda necessitam de estudos aprofundados, entre eles: as influências prévias existentes na língua portuguesa falada em Larantuka; como se deu a presença da língua portuguesa em Lifau durante o século XVIII; qual foi o impacto da migração de Lifau para Dili na segunda metade do século XVIII; as influências dos crioulos portugueses asiáticos em Timor (Malaca, Macau, Tugu e as variedades do Indo-Português); as influências do contato com as línguas nativas de Timor-Leste; quais foram (são) as marcas deixadas por línguas estrangeiras faladas em Timor, tanto em tempos passados, quanto na atualidade, como: o chinês, o japonês, o malaio-indonésio, o inglês etc.; verificar o impacto, ou não, do fluxo migratório de origem africana (Moçambique e Cabo Verde) para Timor, e quais línguas eram faladas por esses indivíduos (o PE, variedades locais dos Crioulos Portugueses Africanos, variedades reestruturadas do português, ou línguas nativas da África); verificar se o Pidgin Português Asiático desempenhou algum papel na

¹³⁰ Até o momento é possível citar somente o estudo de Albuquerque (2014), que se dedicou à descrição do acento em PTL, com suas prováveis origens e influências nas línguas locais de Timor-Leste.

formação do português em Timor-Leste. Sobre o contato de línguas em Timor-Leste, ainda pode ser sugerida também uma investigação dedicada ao Crioulo Português de Bidau e suas relações com o PTL.

Uma terceira sugestão é de como se dá a aquisição do PTL pelos falantes. Pesquisas desta temática poderiam verificar a aquisição de português em Timor-Leste como L2 e L3, nas mais variadas idades (crianças, jovens e adultos), diferenciando os aspectos linguísticos de como se dá a aquisição do português em diferentes faixas etárias, bem como a influência da L1 na aquisição do português, e as diferenças do indivíduo bilíngue (que adquiriu Tetun Prasa e português) do indivíduo multilíngue (que adquiriu português como L3, após outras línguas). Na área da aquisição, podem ser realizados também estudos contrastivos, que diferenciem os traços linguísticos do português adquirido e falado pelos leste-timorenses, o PTL, da língua portuguesa aprendida nas escolas com professores portugueses e brasileiros, o português como LE. Outro assunto importante a ser investigado dentro desta temática é o português interlíngua de alguns falantes leste-timorenses, bem como formas pidginizadas do português empregadas por alguns falantes específicos, geralmente das zonas rurais isoladas de Timor-Leste, em que o cidadão leste-timorenses tem conhecimento de poucas palavras lusófonas e as emprega misturando-as com gramática de sua L1 e do Tetun Prasa.

Várias outras questões podem ser feitas, não por causa das limitações da presente tese, mas pela escassez existente sobre estudos linguísticos que abordem de alguma maneira Timor-Leste. Apenas para mencionar duas áreas importantes, que foram mencionadas apenas algumas vezes durante este trabalho, são: os estudos históricos e filológicos da língua portuguesa na ilha de Timor, e a descrição das línguas nativas de Timor-Leste. Em relação aos estudos históricos e filológicos quase nada foi feito, há somente um panorama em Thomaz (1974), que é revisado pelo autor em Thomaz (2002), e, recentemente, Albuquerque (2013b) deu um passo à frente, analisando manuscritos do século XVIII (que são quase todos correspondências), que são de origem holandesa e escritos em língua portuguesa por timorenses. Porém, a grande quantidade de documentação da administração portuguesa na ilha de Timor ainda permanece sem estudos, apesar de já ter sido amplamente investigada e usada em uma série de pesquisas de historiadores portugueses. De maneira semelhante, a descrição das línguas nativas leste-timorenses ainda se encontra em estágio inicial, já que pouco são os estudos realizados, bem como são dedicados a somente algumas línguas específicas,

sendo que até a atualidade várias línguas leste-timorenses não possuem um estudo linguístico sequer. Entre as línguas que possuem estudos linguísticos disponíveis estão: Tetun, Manbae, Galolen, Makuva, Fataluku, Makasae, Makalero e Bunak. Há outras línguas que possuem somente um ou outro artigo disponível, são elas: Baikenu, Waimaha (do complexo dialetal Kawaimina), Resuk (do complexo dialetal Wetarês) Kemak e Bekais. Já as línguas que não possuem estudos linguísticos até o momento são: Habun, Tokodede, o complexo dialetal Idalaka (Isni, Idate e Lakalei), Lolein, parte do complexo dialetal Kawaimina (Kairui, Midiki e Naueti) e parte do complexo dialetal Wetarês (Raklungu e Rahesuk).

Uma limitação no presente estudo também é a apresentação reduzida de dados linguísticos. Isso ocorreu pelo fato de a presente investigação abarcar uma série de fenômenos linguísticos distintos e a apresentação de um grande número de dados do PTL tornaria este estudo, que já se apresenta denso, extremamente longo e de uma leitura árdua. Além disso, devido às formalidades acadêmicas e textuais, há uma limitação de espaço para a redação desta investigação. O autor desta investigação possui uma série de dados linguísticos disponíveis, tanto orais, quanto escritos, somando uma grande quantidade de horas gravadas e de textos elaborados pelos leste-timorenses, conforme foi apresentado no capítulo 3. Para tentar preencher tal hiato, o Anexo apresenta uma amostra de oito textos escritos em PTL.

Finalmente, nas sugestões de pesquisa, diferentes teorias e métodos poderão ser usados para os mais variados resultados serem alcançados. Primeiramente, conforme já mencionado, estudos descritivos tanto dos traços linguísticos do PTL, como das línguas nativas de Timor-Leste terão muito a acrescentar para a comunidade científica. Estudos qualitativos do PTL fornecerão maiores informações e detalhamento de como certos traços dessa variedade estão distribuídos social e geograficamente, bem como de seus respectivos funcionamentos dentro das regras sistêmicas do PTL. Em relação à metodologia e coleta de dados, já que são sugeridos estudos descritivos e qualitativos, um maior número de informantes e de dados pode ser incluído, bem como a realização de recortes, para que o pesquisador se concentre em algum grupo social específico e possa coletar um maior número de dados de mais informantes. A ecolinguística também poderá contribuir, pois como uma disciplina recente que a cada dia expande seus aspectos teóricos e também procura a aplicação deles, o estudo do PTL seguindo a teoria ecolinguística pode revelar um maior conhecimento tanto desta variedade, como

dos indivíduos falantes dela e de seus ecossistemas, e também pode contribuir para o desenvolvimento da disciplina da ecolinguística.

8.3 Relevância e aplicação desta pesquisa

Em primeiro lugar, esta pesquisa contribui para a linguística em diferentes áreas, como linguística portuguesa, contato de línguas, aquisição e multilinguismo, ao documentar dados do português falado pelos leste-timorenses, analisá-los e compará-los com as línguas locais do país e com as variedades crioulas vizinhas, além da relevância dos resultados já discutidos e resumidos neste capítulo. Outro fator importante, é que como é necessário estudos futuros de aspectos gramaticais do PTL, como foi discutido em (8.2) anteriormente, os dados apresentados aqui estão disponíveis para referências e possíveis aplicações e/ou replicações em outras investigações que venham a ser feitas.

A aplicação desta pesquisa se dá na comunidade científica principalmente para enfatizar a existência de uma variedade da língua portuguesa ainda pouco estudada e conhecida, a língua portuguesa falada pelos cidadãos leste-timorenses, o Português de Timor-Leste (PTL), que se apresenta como uma variedade que possui tanto traços gramaticais únicos, como outros traços compartilhados pelas demais variedades do português pelo mundo. Esta variedade outrora era considerada apenas como um português aprendido ‘errado’ pelos leste-timorenses, ou como português sendo aprendido e falado como LE (PLE), portanto não possuindo características próprias, sendo igual a ao PLE de qualquer outro falante não nativo do português. Desta maneira, além de apresentar uma série de evidências que comprovam a existência do PTL, como há uma série de investigações em andamento que relacionam os estudos descritivos, de contato de línguas e de crioulistica, que possuem a língua portuguesa como objeto, a presente pesquisa se caracteriza como uma contribuição para a academia e para os pesquisadores, já que contemplam essas áreas e podem revelar informações e dados importantes para as investigações em andamento citadas.

A abordagem ecolinguística utilizada aqui acaba por empregar uma visão ecológica do mundo, até mesmo para os estudos linguísticos. Assim, o PTL foi encarado tanto como uma variedade da língua portuguesa, mas também como um processo em longo prazo de adaptação e evolução da língua portuguesa ao novo ecossistema a que foi transplantada, o ecossistema de Timor-Leste. Este processo se deu de forma complexa, envolvendo os indivíduos e suas diversas interações: do indivíduo consigo mesmo (ecossistema mental), entre indivíduos (ecossistema social) e entre

indivíduos e o mundo (ecossistema natural). Outra característica da visão ecológica de mundo é a linguodiversidade, que no presente estudo foi apresentado como uma documentação da variedade do português falado pelos leste-timorenses (PTL), visando seu melhor conhecimento e enfatizando que a língua portuguesa em Timor-Leste já é uma espécie adaptada ao ecossistema e que convive em equilíbrio com as demais espécies linguísticas locais, não apresentando perigo a elas. Vale enfatizar que para a preservação do PTL, o primeiro passo já foi dado com a presente investigação, que é o reconhecimento dele como uma espécie existente no ecossistema linguístico local de Timor-Leste.

Finalmente, no ecossistema linguístico local de Timor-Leste, a situação que é observada é exatamente a contrária do que o senso comum prega: são poucas as espécies locais que estão ameaçadas; estas espécies ameaçadas se encontram em tal estado mais por fatores abióticos, do que bióticos; os únicos fatores bióticos são a presença do indonésio e do inglês que ameaçam as espécies locais e o equilíbrio do ecossistema; a língua portuguesa é uma espécie que também é ameaçada tanto por fatores abióticos, como bióticos. Porém, mesmo com poucas espécies ameaçadas, é possível afirmar que o ecossistema linguístico local de Timor-Leste está em equilíbrio, portanto se encontra estável. Todavia, esta estabilidade é frágil, já que basta apenas a alteração de algum fator biótico ou abiótico para que ela seja quebrada, ocorrendo a perda de algumas espécies (como as línguas locais com número de falantes reduzidos e o próprio PTL) e a dominação de outras (como a língua inglesa, o indonésio ou o Tetun Prasa). Desta maneira, para que seja mantida a ecologia da língua portuguesa em Timor-Leste, que consiste na manutenção do PTL, sua transmissão para as gerações futuras e sua convivência em equilíbrio com as demais espécies e com os ecossistemas do país, serão necessários uma série de fatores bióticos e abióticos, ou seja, linguísticos (política e planejamento linguísticos, aquisição, multilinguismo, ensino e aprendizagem etc.) e extralinguísticos (sociais, econômicos, políticos, internacionais etc.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGASSI, Joseph. *Science and Society*. Studies in the Sociology of Science. Berlim: Springer, 1981.
- AGOSTINHO, Sto. *A cidade de Deus*. Vol. I. Trad. Oscar Paes Leme. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.
- ALBUQUERQUE, Davi B. Pré-história, história e contato linguístico em Timor Leste. *Domínios de Linguagem*, v.6, n.2, p.75-93, 2009.
- _____. Peculiaridades prosódicas do português falado em Timor Leste. *ReVEL*, v.8, n.15, p.270-285, 2010a.
- _____. O Ensino de Língua Portuguesa em Timor Leste: Variedades e Dificuldades. *Interdisciplinar*, Ano 5, v. 12, p. 31-47, 2010b.
- _____. Elementos para o Estudo da Ecolinguística de Timor Leste. *Domínios de Linguagem*, Ano 4, v. 1, 1º sem, p. 21-36, 2010c.
- _____. O Português de Timor Leste: contribuição para o estudo de uma variedade emergente. *Papia*, v. 21, n.1, p.65-82, 2011a.
- _____. O elemento luso-timorense no português de Timor Leste. *ReVEL*, v. 9, n. 17, p. 226-243, 2011b.
- _____. O ensino de língua portuguesa em Timor-Leste: uma análise dos livros didáticos. In: *II Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura 2011*. Anais do II ENILL. Itabaiana: Departamento de Letras - UFS, v. 2, p. 1-11, 2011c.
- _____. Língua e meio ambiente na literatura oral em Tetun, Timor Leste. *Language & Ecology*, v. 3, p. 1-18, 2011d.
- _____. *Esboço gramatical do Tetun Prasa*: língua oficial de Timor Leste. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2011e.
- _____. Esboço Morfosintático do Português Falado em Timor-Leste. *Moderna Sprak*, v. 106, n. 1, 2012a.
- _____. Bilinguismo e Multilinguismo em Timor-Leste: Aquisição, Interação e Estudo de Caso. *Revista PerCursos Linguísticos*, v.2, n.6, p. 1-17, 2012b.
- _____. Especificidades do léxico do português de Timor-Leste. *Papia*, v. 22, n. 1, p. 201-223, 2012c.

- _____. Interferências culturais no ensino-aprendizagem de língua portuguesa em Timor-Leste. In: *Anais do III ENILL – Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura*, v.3. Itabaiana: Departamento de Letras – UFS, 2012d. p. 1-10.
- _____. Ecologia dos contatos linguísticos em Manbae, Timor-Leste. In: COUTO, Elza K. N. N.; ALBUQUERQUE, Davi B.; ARAÚJO, Gilberto P. (Org.). *Da Fonologia à Ecolinguística*. Ensaios em homenagem a Hildo Honório do Couto. Brasília: Thesaurus, 2013a. p. 251-283.
- _____. Manuscritos do século XVIII sobre o português em Timor. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 15, n. 2, p. 407-428, 2013b.
- _____. Restrições métricas da língua Tetun no português falado em Timor-Leste: o acento e a variação. In: MAGALHÃES, José S. (Org.). *Linguística in Focus 10: Fonologia*. Uberlândia: Editora UFU, 2014. p. 73-90.
- ALBUQUERQUE, Davi B.; TAYLOR-LEECH, Kerry. Política linguística para as línguas oficiais em Timor-Leste: o português e o Tétum-Praça. *Gragoatá (UFF)*, v. 32, p. 153-169, 2012.
- ALEXANDER, Richard. *Framing Discourse on the Environment: A Critical Discourse Approach*. New York: Routledge, 2009.
- ALGEO, J. Stratificational Grammar. In: MAKKAI, A.; LOCKWOOD, D. G. *Readings in Stratificational Linguistics*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1972. p. 9-14.
- ALLAN, Keith. *The Oxford Handbook of History of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- ALMEIDA, Nuno. A LP na escola: uma polémica virtual, ou Língua Portuguesa: uma ponte para o mundo. Comunicação apresentada ao *III Simpósio Mundial de Língua Portuguesa*, em 31 de Agosto, Macau, 2011.
- _____. *Língua portuguesa em Timor-Leste: ensino e cidadania*. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa. 2008.
- ANDRADE, Ernesto. Ainda sobre o acento e o ritmo em português. In: *Actas do IV Encontro da associação portuguesa de linguística*. Lisboa: APL, 1989. p. 3-15.
- ANDRADE, Ernesto; LAKS, Bernard. Na crista da onda: o acento de palavra em português. In: *Actas do VII Encontro nacional da associação portuguesa de linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 1992. p. 15-26.

- ANDRADE, Ernesto; VIANA, Maria C. O ritmo e o acento em português. Comunicação apresentada no *Encontro regional da associação portuguesa de linguística em homenagem ao professor Lindley Cintra*. Lisboa: 1988.
- ANSALDO, Umberto; CARDOSO, Hugo. Introduction. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 8, n. 2, p. 3-10, 2009.
- ARAÚJO, Valente. *Um estudo sobre o rito de tradição oral ai-hulun e as suas actuais práticas religiosas e mágicas no suco de Mauchiga*. Dissertação (Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2010.
- ARENAS, Alberto. Education and Nationalism in East Timor. *Social Justice*, v. 25, n. 2, p.131-148, 1998.
- ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Cambridge/ Massachusetts: MIT Press, 1976.
- ARRAES, Flávia C. C. L. *Empréstimos lingüísticos do inglês, com formativos latinos, adotados pelo português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- AVRAM, A. A. An Overview of Reduplication and Compounding in Tetun Dili. *Revue Roumaine de Linguistique*, v.53, n.4, p.427-448, 2008.
- BACELAR DO NASCIMENTO, F. (coord.). *Português Falado, Documentos Autênticos, Gravações áudio com transcrições alinhadas, em CD-ROM*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/ Instituto Camões, 2001.
- BACHELARD, Gaston. A filosofia do não. Trad. Joaquim José M. Ramos. In: *Bachelard*. Coleção ‘Os Pensadores’. São Paulo: Ed. Abril, 1979.
- _____. *O novo espírito científico*. Trad. Antônio José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1996.
- BAKKER, Peter; MOUS, Maaten (eds.). *Mixed languages: 15 Case Studies in Language Intertwining*. Amsterdam: Uitgave IFOTT, 1994
- BARBEIRO, Luís Filipe *et al.* *Relatório de Avaliação do Projecto de Reintrodução da Língua Portuguesa (PRLP) em Timor-Leste 2003-2009*. Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, 2010.
- BANG, Jørgen C.; DØØR, Jørgen. *Language, Ecology and Society. A Dialectical Approach*. Editado por Sune Vork Steffensen e Joshua Nash. Londres: Continuum, 2007.

- BANG, Jørgen C.; DØØR, Jørgen; ALEXANDER, Richard J.; FILL, Alwin; VERHAGEN, Frans C. (eds). *Language and Ecology: Eco-Linguistics: Problems, Theories and Methods (AILA '96)*. Odense: Research Group for Ecology, Language and Ideology, 1996.
- BASTARDAS I BOADA, Albert. *Ecologia de les llengües. Medi, contactes i dinàmica sociolingüística*. Barcelona: Proa, 1996.
- _____. The Ecological perspective: Benefits and risks for Sociolinguistics and Language Policy and Planning. In: FILL, Alwin; PENZ, Hermine; & TRAMPE, Wilhelm (eds.). *Colourful Green Ideas*. Bern: Peter Lang, 2002. p. 77–88.
- _____. Ecology and diversity: A comparative trip from Biology to Linguistics. In: BOUDREAU, Annette et al. (eds.). *Colloque international sur l'Écologie des langues*. Paris: L'Harmattan, 2003. p. 33-43.
- _____. Linguistic sustainability for a multilingual humanity. *Glossa. An Ambilingual Interdisciplinary Journal*, v. 2, n. 2, p. 180-202, 2007.
- _____. Towards a global model of linguistic ecology. *Catalan International View*, v.5 (Inverno de 2009-2010), p. 14-17, 2010.
- _____. Sociolinguistics: Towards a Complex Ecological View. In: MASSIP-BONET, A.; BASTARDAS-BOADA, A. (eds.). *Complexity perspectives on language, communication and society*. Berlin: Springer, 2013. p. 15-34.
- BATESON, Gregory. *Mind and Nature: A Necessary Unity*. New York: Hampton Press, 1979.
- BATORÉO, Hanna J. A Língua Portuguesa em Timor: de que forma deve o ensino de Português adaptar-se às diferentes realidades nacionais. *Estudos Linguísticos (CLUNL/ FCSH-UNL)*, v. 4, p. 51-62, 2009.
- _____. Ensinar Português no Enquadramento Poliglóstico de Timor-Leste. *Palavras (Associação de Professores de Português)*, v. 37, p.55-65, 2010a.
- _____. Funções do marcador polissémico 'já' no Português de Timor-Leste: Importância do conhecimento da(s) língua(s) materna(s) dos aprendentes do Português L2 no processo da aquisição/aprendizagem da língua não-materna. In: *Textos seleccionados do XXV Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, 2010b. p. 211-224.
- _____. Funções da construção 'é que' no Português de Timor: Para conhecimento das características linguísticas da(s) língua(s) materna(s) (L1) dos aprendentes do Português LNM. In: *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. CD-ROM. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011.

- BATORÉO, Hanna J.; CASADINHO, Margarida. O Português – uma língua pluricêntrica: O Caso de Timor-Leste. *Revista Portuguesa de Humanidades - Estudos Linguísticos*, v.13, n.1, p. 63-79, 2009.
- BAXTER, Alan. *A grammar of Kristang (Malacca Creole Portuguese)*. Camberra: Pacific Linguistics, 1988.
- _____. Notes on the Creole Portuguese of Bidau, Timor. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v.5, n.1, p.1-38, 1990.
- _____. Portuguese and Creole Portuguese in the Pacific and Western Pacific rim. In: WURM, Stephen A.; MÜHLHÄUSLER, Peter; TYRON, Darrel T. (ed.). *Atlas of Languages of Intercultural Communication in the Pacific, Asia, and the Americas*. Vol. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996. p. 299-338.
- _____. O português em Macau: contato e assimilação. In: CARVALHO, Ana Maria (ed.). *Português em Contato*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Editorial Vervuert, 2009. p. 277-312.
- BAY, Dorte; DØØR, Jørgen; STEFFENSEN, Sune V. Modality, ecology, metaphor. *Metaphorik.de*, v. 4, 30-44, 2003.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Campinas: Pontes/Ed. da UNICAMP, 1995.
- BERTHE, Louis. *Bei Gua, Itinéraire des ancêtres*. Paris: Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1972.
- BICKERTON, Derek. *Roots of Language*. Ann Arbor: Karoma Publishers, 1981.
- _____. *Language and Species*. Chicago/ Londres: University of Chicago Press, 1990.
- _____. *Language and Human Behaviour*. Seattle: The University of Washington Press, 1996.
- BISOL, Leda. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 22, p. 69-80, 1992.
- _____. O troqueu silábico no sistema fonológico (Um Adendo ao Artigo de Plínio Barbosa). *D.E.L.T.A.*, v.16, n. 2, p. 403-413, 2000.
- BLANCHET, Philippe. *Linguistique de terrain. Méthode et théorie*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2000.
- BOLINA, Mariette. *Situação Educativa e Formação de Professores em Timor-Leste- Breve Diagnóstico*. Faro: Universidade do Algarve, 2000.
- _____. Timor e a Língua Portuguesa no seu Projecto Educativo. *Revista Lusófona de Educação* v. 6, p. 179-193, 2005.

- BOPP, Franz. *Vergleichende Grammatik des Sanskrit, Zend, Griechischen, Lateinischen, Litthauischen, Altslawischen, Gotischen und Deutschen*. Berlin: Elibron Classics, 2005 [1833].
- BORNHEIM, Gerd. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- BORMANN, Aliete; SILVEIRA, M. A língua portuguesa em Timor-Leste: lugar de poder e transformação. In: *I Colóquio Nacional de Estudos da Linguagem*, 2007, Natal. p. 1-7.
- BORMANN, Aliete; BARBOSA, M. S. A língua portuguesa em Timor-Leste: o conflito do idioma nacional. In: *X Congresso Luso-Afro Brasileiro das Ciências Sociais*, v.1. Braga: Universidade de Minho, 2009. p. 637-643.
- BORTONI-RICARDO, Stella M. *Do campo para a cidade*. Estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011.
- BOTHA, Rudolph. On the Galilean style of linguistic enquiry. *Stellenbosch Papers in Linguistics*, v.7, p.1-69, 1994.
- BOXER, Charles R. *The Topasses of Timor*. Amsterdam: Indisch Instituut, 1947.
- BOYER, Henri. *Sociolinguistique. Territoire et objets*. Lausanne: Delachoux et Niestlé, 1996.
- BRANDÃO, Carlos R. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO, Carlos R. (org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 7-14.
- BRITO, Regina H. P. Reflexões sobre o português em Timor-Leste. *Revista Mackenzie* v. 2, n. 1, p. 87-95, 2003.
- _____. A língua adormecida: o caso Timor-Leste. In: Neusa Bastos. (Org.). *Língua Portuguesa em calidoscópio*. São Paulo: EDUC / FAPESP, 2004. p. 319-327.
- _____. Difusão em português: uma ação em contexto timorense. *Revista Interdisciplinar de Extensão Universitária* v. 2, p. 7, 2007.
- BRITO, Regina H. P.; BASTOS, Neusa M. O. Hello mister, obrigado barak: desafios da expressão lingüística em Timor-Leste. *Revista ACOALFAPLP*, v. 3, p. 235-247, 2007.
- BRITO, Regina H. P.; CORTE-REAL, Benjamin. Algumas especificidades fonético-fonológicas da variante do português timorense. *Actas do VIII Simpósio internacional de comunicación social*, v. 1, p. 147-151, 2002.
- BROWN, Roger L. *Wilhelm von Humboldt's Conception of Linguistic Relativity*. Haia: Mouton & Co., 1967.
- BUSQUETS, Vera Lúcia C. “Eu queria muito aprender português mais”: aspectos da língua portuguesa em uso em Timor-Leste pós-independência. Dissertação (Mestrado

em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Educação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2007.

CALVET, Louis-Jean. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.

CAMPBELL, Lyle. *Why Sir William Jones got it all Wrong, or Jones' Role in how to Establish Language Families*. Ms. 2005. Disponível em: http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CFgQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.hum.utah.edu%2Flinguistics%2FFaculty%2FoldFacultyPages%2Fcampbell%2FCampbell%20Jones%20for%20Trask.doc&ei=9bW7T86jJI2A6QH-NrpHoCg&usq=AFOjCNHsA1i5DgG_2_gswQwdZSDaeZKM5A&sig2=aJpTP_mw_dmw08qKWw1IIQ. Acesso em: 13 de abr. 2007.

CAPELL, A. Peoples and Languages of Timor (I). *Oceania*, v.14, n.3, p.191-219, 1943a.

_____. Peoples and Languages of Timor (II). *Oceania*, v.14, n.4, p.311-337, 1943b.

_____. Peoples and Languages of Timor (III). *Oceania*, v.15, n.1, p.19-48, 1944.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1998.

_____. *O tao da física*. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARLISLE, J. F. Morphological awareness and early reading achievement. In: FELDMAN, L. (Ed.). *Morphological aspects of language processing*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1995. p. 189-209.

CARLISLE, J. F.; NOMANBHOY, D. Phonological and morphological awareness in first graders. *Applied Psycholinguistics*, v. 14, p. 177-195, 1993.

CARNAP, Rudolf. *The Logical Structure of the World*. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press: 1967.

CARNEIRO, Alan S. Políticas linguísticas em Timor-Leste: tensões no campo da formação docente. *Cadernos do CNLF*, v. XIV, n.4, t. 3, p. 3167-3179, 2010.

_____. Política linguística em Timor-Leste: uma reflexão acerca dos materiais didáticos. *Anais do XI CONLAB*. Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308361930_ARQUIVO_ArtigoAlanCarneiro.pdf. Acessado em: 03 de Maio de 2012.

CARVALHO, Maria José. Timor Lorosa'e, características das línguas crioulas e do português conservado na zona – contribuição para a língua oficial. *Studies of Language and Cultures of East Timor*, v.4, p.20-36, 2001.

_____. Aspectos lexicais do português usado em Timor Leste. *Studies of Language and Cultures of East Timor* v.5, p. 25-40, 2002/2003.

- CARVALHO, José S. *Morte e vida em Timor durante a Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Livraria Portugal, 1972.
- CARVALHO, Olavo. *Aristóteles em nova perspectiva. Introdução à teoria dos quatro discursos*. Rio de Janeiro: Top Books, 1996a.
- _____. *A nova era e a revolução cultural – Fritjof Capra e Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1996b.
- CASTRO, Affonso de. *As possessões Portuguezas na Oceania*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867.
- CASTRO, Alberto F. A Religião em Timor-Leste a partir de uma Perspectiva Histórico-Antropológica. In: NÁCHER, Alfonso. *Léxico Fataluco-Português*. Dili: Salesianos de Dom Bosco Timor-Leste, 2012. p. 79-120.
- CASTRO, Alberto O. *A ilha verde e vermelha de Timor*. Lisboa: Edições Cotovia, 1996 [1943].
- CHAUDENSON, Robert. *La francophonie: représentations, réalités et perspectives*. Aix-en-Provence: Institut d'études créoles et francophones de l'université de Provence, 1991.
- _____. *Grille d'analyse des situations linguistiques*. Paris: Agence Universitaire de la Francophonie, 2004.
- CLAMAGIRAND, Brigitte. Le travail du coton chez les Ema de Timor portugais. *Archipel*, v. 3, p. 55-80, 1972.
- _____. The Social Organization of the Ema of Timor. In: FOX, James J. (ed.) *The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*. Cambridge: Harvard University Press, 1980. p. 134-151.
- CLEMENTS, Joseph C. Evidência para a existência de um pidgin português asiático. In: D'ANDRADE, Ernesto; PEREIRA, Dulce; MOTA, Maria Antónia (eds.). *Crioulos de base lexical portuguesa*. Braga: Associação Portuguesa de Lingüística, 2000. p. 185-200.
- COLLINSCHONN, Gisela. O acento em português. In: BISOL, Leda (org.) *Introdução a estudos do português brasileiro*. 2ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p.125-158.
- COLLINS, Sean. *The Ethnobotany of East Timor*. Dissertação (Mestrado em Biologia). Carleton Institute of Biology, Carleton University, Ottawa. 2005.
- COOK, Vivian. Background to the L2 user. In: COOK, Vivian. (ed.). *Portraits of the L2 User*. Clevedon: Multilingual Matters, 2002. p.1-28.

- _____. Introduction: The changing L1 in the L2 user's mind. In: COOK, Vivian (ed.). *Effects of Second Language on the First*. Clevedon: Multilingual Matters, 2003. p.1-18.
- CORDEIRO, Luciano. *Questões Coloniais I*. Documenta Historica 6. Lisboa: Editorial Vega, s.d.
- CORREIA, Adérito José Guterres *et al.* *Dicionáriu Nasionál ba Tetun Ofisiál*. Díli: Instituto Nacional de Linguística/Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, 2005.
- CORTE-REAL, Benjamim A. Social order and linguistic symmetry: the case of Mambai, Suru-Ainaro. *Studies of Language and Cultures of East Timor*, v. 3, p. 31-56, 2000.
- CORTE-REAL, Benjamin A.; HULL, Geoffrey. First texts in Mambai-Ainaro. *Studies in languages and cultures of East Timor*, v. 1, p. 69-87, 1998.
- COSTA, Leão. A luta pela preservação da identidade cultural timorense no tempo da ocupação. *Studies of Language and Cultures of East Timor*, v.5, p. 11-17, 2002/2003.
- COSTA, Luis. O português em Timor e o português de Timor. *Revista Internacional de Língua Portuguesa* v.14, p.51-52, 1995.
- _____. *Dicionário de tétum-português*. Lisboa: Colibri, 2000.
- COUTO, E. K. N. N do. *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.
- _____. *Ecolinguística: Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas: Pontes, 2013.
- COUTO, Hildo H. *Fonologia e fonologia do português*. Brasília: Thesaurus, 1997.
- _____. *Anticrioulo*. Manifestação linguística de resistência cultural. Brasília: Thesaurus, 2002.
- _____. *Ecolinguística. Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. *Linguística, ecologia, ecolinguística*. Contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. *Linguística ecossistêmica*. 2012a. Disponível em: <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2012/06/linguistica-ecossistemica.html>. Acesso em: 26 Jun. 2012.
- _____. *A emergência dos pronomes pessoais na ecologia da interação comunicativa*. 2012b. Disponível em: <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2012/03/emergencia-dos-pronomes-pessoais-na.html>. Acesso em: 26 Jun. 2012.
- _____. *O tao da linguagem*. Campinas: Pontes, 2012c.

- _____. *Análise do discurso ecológica*. 2013a. Disponível em: <http://www.meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2013/04/analise-do-discurso-ecologica.html>. Acesso em: 08 Abr. 2013.
- _____. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013b.
- _____. *As conjunções e as relações entre linguagem e mundo extralinguístico*. 2013c. Disponível em: <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2013/10/as-conjuncoes-e-as-relacoes-enbtre.html>. Acesso em 12 Jan. 2014.
- _____. Ecological approaches in linguistics: a historical overview. *Language Sciences*, v. 41, p. 122-128, 2014.
- _____. Linguística ecossistêmica. In: COUTO, Hildo *et al.* (org.) *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: Uma coletânea de ensaios*. No prelo.
- COWIE, Ian. *A Survey of Flora and Vegetation of the Proposed Jaco-Tutuala-Lore National Park, Timor-Leste (East Timor)*. Palmerston: Department of Natural Resources, Environment and the Arts, 2006.
- DEUS, Ana Sofia; OSÓRIO, Paulo. *A Língua Portuguesa como Factor de União Cultural em Timor-Leste: Um Estudo de Caso*. Porto: Edições Ecopy, 2010.
- DEWAELE, Jean-Marc. *Becoming bi- or multilingual later in life*. In: In: AUER, Peter e WEI, Li (eds.). *Handbook of Multilingualism and Multilingual Communication*. Berlim/Nova York: Mouton de Gruyter, 2007. p.101-130.
- DIDERICHSEN, Paul. The foundation of comparative linguistics: revolution or continuation. In: HYMES, Dell (ed.). *Studies in the history of linguistics: traditions and paradigms*. Bloomington: Indiana University Press, 1974. p. 277-306.
- DINNEEN, F.P. *An Introduction to General Linguistics*. Nova York: Holt Rinehart e Winston: 1967.
- DINIZ, Izabel C.; SILVA Luana F. Língua Portuguesa em Timor-Leste: contexto de ensino e crenças sobre aprendizagem. *Revista Multidisciplinar Acadêmica Vozes dos Vales*, v. 4, n.2, p.1-20, 2013.
- DORES, Raphael. *Diccionario teto-português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1907.
- DÖRING, Martin; NERLICH, Brigitte. Assessing the Topology of Semantic Change: From Linguistic Fields to Ecolinguistics. *Language and Logos* v. 6 n. 1, p. 55-68, 2005.
- DÖRING, Martin; PENZ, Hermine; TRAMPE, Wilhelm (eds.). *Language, Signs and Nature. Ecolinguistic Dimensions of Environmental Discourse*. Tübingen: Stauffenburg, 2008.

- DØØR, Jørgen; BANG, Jørgen Christian. Language, ecology and truth – dialogue and dialectics. In: FILL, Alwin (org.) *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996. p.17-25
- _____. Dialectics, ecology, and order. In: KETTEMANN, Berndhard; PENZ, Hermine (orgs.) *ECONstructing language, nature and society: Essays in honor of Alwin Fill*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 2000. p. 49-61.
- _____. Ecology, Ethics and Communication. An Essay in Ecolinguistics. In:FILL, Alwin; PENZ, Hermine; TRAMPE, Wilhelm (eds.). *Colourful Green Ideas*. Bern: Peter Lang, 2002. p. 415-433.
- DRAKARD, Jane. *A Kingdom of Words: Language and Power in Sumatra*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- DUARTE, Jorge B. *Vocabulário Ataúro-Português-Ataúro*. Macau: IPOR, 1990.
- ECCLES, Lance. Early Chinese accounts of Timor. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v.6, p. 178-187, 2004.
- ENGELHOFEN, Aone van. Ktunu: Clues in the quest of the Sailfish: linguistic insights in southwest Malukan narratives. In: LANDER, Y. Lander; OGLOBLIN, A. (eds.). *Language and text in the Austronesian World*. Munique: Lincom, 2008. p. 311-325.
- _____. On derivational processes in Fataluku, a non- Austronesian language in East-Timor. In: WETZELS, Leo (ed.) *The Linguistics of Endangered Languages*. Contributions to Morphology and Morphosyntax. Utrecht: LOT, 2009. p. 333-362.
- _____. The Makuva Enigma: Locating a hidden language in East-Timor. *Revue Roumaine de linguistique* vol. 80, n. 2, p. 161-181, 2010a.
- _____. The War of the Words: lexical parallelism in Fataluku ritual discourse. In: SARMENTO, Clara (ed.). *From here to Diversity: Globalization and Intercultural Diversity*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishers, 2010b. p. 241-252.
- ESPERANÇA, João Paulo T. *Estudos de Lingüística Timorense*. Aveiro: SUL, 2001.
- _____. Um brevíssimo olhar sobre a literatura em Timor. In: ESPERANÇA, João Paulo T. et al. *O que é a lusofonia? Saida maka luzofonia?* Dili: Instituto Camões, 2005. p. 42-50.
- FASOLD, Ralph. *The Sociolinguistics of Society*. Londres: Blackwell, 1984.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- FERNANDES, Agostinho A. *Estudo comparativo entre os professores que fizeram e*

que não fizeram curso de formação docente na República Democrática de Timor-Leste. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília. 2006.

FETTES, Mark. Critical realism, ecological psychology, and imagined communities: foundations for a naturalist theory of language acquisition. In: LEATHER, Jonathan; VAN DAM, Jet (orgs.). *Ecology of language acquisition*. Dordrecht: Kluwer, 2003. p. 31-47.

FEYERABEND, Paul. *Knowledge, Science and Relativism: Philosophical Papers*. Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

FIGUEIREDO, Fernando A. *Timor. A presença portuguesa (1769-1954)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto. 2004.

FILL, Alwin. *Wörter zu Pflugscharen. Versuch einer Ökologie der Sprache*. Viena: Bölow, 1987.

FILL, Alwin. *Ökoinguistics: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Nach, 1993.

_____. (org.) *Sprachökologie und Ökoinguistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996.

FILL, Alwin; PENZ, Hermine. *Sustaining Language: Essays in Applied Ecolinguistics*. Münster: LIT Verlag, 2007.

FILL, Alwin e MÜHLHÄUSLER, Peter (ed.). *The ecolinguistics reader. Language, Ecology and Environment*. Londres: Continuum, 2001.

FILL, Alwin; PENZ, Hermine; TRAMPE, Wilhelm (ed.). *Colourful Green Ideas*. Bern: Peter Lang, 2002.

FILL, Alwin; STEFFENSEN, Sune V. Editorial: the ecology of language and the ecology of science. *Language Sciences*, v. 41, p. 1-5, 2014.

FINKE, Peter. Politizität. Zum Verhältnis von theoretischer Härte und praktischer Relevanz in der Sprachwissenschaft. In: FINKE, Peter (ed.). *Sprache im politischen Kontext*. Ergebnisse aus Bielefelder Forschungsprojekten zur Anwendung linguistischer Theorien. Tübingen: Niemeyer, 1983. p. 44-75.

_____. Sprache als *missing link* zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. Überlegungen zur Weiterentwicklung der Sprachökologie. In: FILL, Alwin. (org.) *Sprachökologie und Ökoinguistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996. p. 27-48.

_____. Identity and Manifoldness: New Perspectives in Science, Language and Politics. In: FILL, Alwin e MÜHLHÄUSLER, Peter (ed.). *The ecolinguistics reader. Language, Ecology and Environment*. Londres: Continuum, 2001. p. 84-90.

_____. *Die Ökologie des Wissens. Exkursionen in eine gefährdete Landschaft*. Alber: Freiburg, 2005.

_____. The Ecology of Science and its Consequences for the Ecology of Language. Potentials for a Major Scientific Change. *Language Science*, v.41, p.71-82, 2014.

FLEGE, James. Age of learning affects the authenticity of voice-onset time (VOT) in stop consonants produced in a second language. *Journal of the Acoustical Society of America*, v.89, p.395-411, 1991.

_____. Age of learning and second language speech. In: BIRDSONG, David (ed.). *Second Language Acquisition and the Critical Period Hypothesis*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1999. p.101-132.

FOGAÇA, Helem A. O. *Estudo fonético e fonológico do Mambae de Same*. Uma língua de Timor-Leste. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FONSECA, Sabina. *Análise dos manuais de língua portuguesa utilizados no ensino primário em Timor-Leste*. Dissertação (Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2010.

FORBES, Henry O. On some of the tribes of the island of Timor. *Journal of the Anthropological Institute*, v.13, p. 402-430, 1884.

FORMAN, Shepard. Descent, Alliance, and Exchange Ideology among the Makassae of East Timor. In: FOX, James J. (ed.) *The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*. Cambridge: Harvard University Press, 1980. p. 152-177.

FOX, James J. Models and metaphors: Comparative research in Eastern Indonesia. In: FOX, James J. (ed.) *The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*. Cambridge: Harvard University Press, 1980. p. 327-333.

_____. *To Speak in Pairs. Essays on the Rituals Languages of Eastern Indonesia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. Tracing the path, recounting the path: historical perspectives on Timor. In: FOX, James J.; SOARES, Dionisio B. (eds.) *Out of the ashes: destruction and reconstruction of East Timor*. Hindmarsh: Crawford House Publishing, 2000. p.1-29.

_____. Drawing from the past to prepare for the future: responding to the challenges of food security in East Timor. In: COSTA, H. et al. (Eds.). *Agriculture: New Directions for a New Nation - East Timor (Timor-Leste)*. Canberra: The Australian National University, 2003. p. 105-114.

_____. Ritual languages, special registers, and speech decorum in Austronesian languages. In: ADELAAR, K. A.; HIMMELMANN, P. (eds.), *The Austronesian languages of Asia and Madagascar*. Londres: Curzon Press, 2005. p. 87-109.

_____. The Transformation of Progenitor Lines of Origin: Patterns of Precedence in Eastern Indonesia. In: FOX, James J.; SATHER, Clifford. (ed.). *Origins, Ancestry and Alliance*. Explorations in Austronesian Ethnography. Canberra: The Australian National University Press, 1996. p. 133-156.

FRANKLIN, Karl J.; STEFANIW, Roman W. The Pandanus Languages of the Southern Highlands Province, Papua New Guinea: A Further Report. In: DUTTON, Tom E. (ed.) *Culture Change, Language Changes: Case Studies from Melanesia*. Canberra: Pacific Linguistics, 1992.

FREIRE, Everaldo. *O lugar da língua portuguesa em Timor-Leste: poder, controle e acesso*. Dissertação (Mestrado em Letras). Núcleo de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2011a.

_____. Aspectos de políticas linguísticas: o caso de Timor-Leste. *Anais do XI CONLAB*. Salvador: UFBA, 2011b. Disponível em: [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308404106_ARQUIVO_Aspectosdepoliticasinguisticas\[CONLAB\].pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308404106_ARQUIVO_Aspectosdepoliticasinguisticas[CONLAB].pdf). Acessado em: 03 de Maio de 2012.

FRIEDRICH, Paul. The Tao of Language. *Journal of Pragmatics*, v.13, p. 833-858, 1989.

GALVÃO, Vânia C.; REZENDE, Tânia F.; SOUZA FILHO, Sinval M. *Anais do IV SIMELP*. Língua portuguesa: ultrapassando fronteiras, unindo culturas. Goiânia: FUNAPE, 2013.

GARNER, Mark. *Language: An ecological view*. Oxford: Peter Lang, 2004.

_____. Language ecology as linguistic theory. *Kajian Linguistik dan Sastra*, v.17, n. 33, p. 91-101, 2005.

GENESE, Fred, PARADIS, Johanne e CRAGO, Martha. *Dual Language Development and Disorders: A Handbook on Bilingualism and Second Language Learning*. Baltimore: Brookes, 2004.

GOATLY, Andrew. Green Grammar and Grammatical Metaphor, or Language and Myth of Power, or Metaphors We Dye by. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (eds.). *The Ecolinguistics Reader*. Londres/ New York: Continuum, 2001. p. 203-225.

GOBARD, Henri. *L'Aliénation linguistique: analyse tétraglossique*. Paris: Flammaron, 1976.

- GOLDSMITH, John A. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- GOMES, Francisco de Azevedo. *Os Fataluku*. Tese de doutorado. Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1972.
- GOMES, Nuno S. *A literatura popular de tradição oral, em Timor-Leste: caracterização, recolha e modos de escolarização*. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga. 2007.
- GOMES, Pinharanda. *Filosofia grega pré-socrática*. Lisboa: Guimarães editores, 1980.
- GREENE, John C. The Kuhnian paradigm and the Darwinian revolution in natural science. In: ROLLER, Duane H. (ed.). *Perspectives in the history of science and technology*. Norman: University of Oklahoma Press, 1971. p. 3-25.
- GREKSAKOVA, Zuzana; HOLM, John. *Tetun and Miskito: Refining our typology of mixed languages*. Comunicação apresentada à Conferência conjunta da Society for Pidgin & Creole Linguistics (SPCL) e da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBLPE). Lisboa, 2013.
- GUMPERZ, John; HYMES, Dell. *Directions in sociolinguistics: The ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart e Winston, 1972.
- GÜNTHER, Hartmut; ELALI, Gleice A.; PINHEIRO, José Q. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. *Série Textos de Psicologia Ambiental*, n. 23, Laboratório de Psicologia Ambiental, UnB, 2004.
- GÜNTHER, Hartmut; ROSESTRATEN, Reinier J. A. Psicologia ambiental: considerações sobre sua área de pesquisa. *Série Textos de Psicologia Ambiental*, n. 10, Laboratório de Psicologia Ambiental, UnB, 2005.
- HAGÈGE, Claude. *L'homme de paroles*. Contribution linguistique aux sciences humaines. Paris: Arthème Fayard, 1985.
- _____. *Morte e Rinascita delle Lingue*. Milão: Feltrinelli, 2002.
- HÄGERDAL, Hans. Servião and Belu: Colonial conceptions and the geographical partition of Timor. *Studies on Asia*, v.3, n.3, p.49-64, 2006.
- _____. *Lords of the Land, Lord of the Seas*. Conflict and adaptation in early colonial Timor, 1600-1800. Leiden: KITVL Press, 2012.
- HAJEK, John. Language planning and the sociolinguistic environment of East Timor: colonial practices and changing language ecologies. *Current Issues in Language Planning*, v. 1, p. 400-413, 2000.

- HAJEK, J; HIMMELMANN, N; BOWDEN, J. Lóvaia, an East Timorese language on the verge of extinction. *International Journal of Sociology of Language*, n. 160, p. 155-167, 2003.
- HAJEK, J; WILLIAMS VAN-KLINKEN, C. Um sufixo românico numa língua austronésia: -dór em Tetum. *Revue de linguistique romane*, n. 67, p. 55-65, 2003.
- HALLE, Morris; VERGNAUD, Jean-Roger. Stress and the cycle. *Linguistic Inquiry*, n.18, p. 45-84, 1987.
- HALLIDAY, Michael A. K. New Ways of Meaning: the Challenge to Applied Linguistics. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (ed.). *The ecolinguistics reader*. Language, ecology, and environment. Londres: Continuum, 2001. p.175-202.
- HAARMANN, Harald. *Multilingualismus II: Elemente einer Sprachökologie*. Tübingen: Gunter Nach, 1980.
- _____. Language in Ethnicity: a view of basic ecological relations. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986.
- HARRÉ, Rom; BROCKMEIER, Jens; MÜHLHÄUSLER, Peter. *Greenspeak*. A Study of Environmental Discourse. Londres: SAGE, 1999.
- HARRIS, Roy; TAYLOR, Talbot J. *Landmarks in linguistic thought: the Western tradition from Socrates to Saussure*. Vol.1. Londres: Routledge, 1989.
- HAUGEN, Einar. *The Ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.
- HAYES, Bruce. *A Metrical Theory of Stress Rules*. Tese (Doutorado em Linguística), MIT, Massachusetts, 1980.
- _____. Extrametricality and English stress. *Linguistic Inquiry*, n. 13, p. 227-276, 1982.
- _____. Compensatory Lengthening in Moraic Phonology. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 2, p. 253-306, 1989.
- HEMPEL, Carl G. *Fundamentals of Concept Formation in Empirical Science*. Chicago: University of Chicago Press, 1952.
- HICKS, David. *Tetum Ghosts and Kin*. Fertility and Gender in East Timor. 2ª ed. Long Grove: Waveland Press Inc., 2004.
- HIMMELMANN, Nikolaus P. Notes on Waima'a Intonational Structure. In: EWING, Michael; KLAMER, Marian (eds.). *Typological and Areal Analyses: Contributions from East Nusantara*. Leiden: KITLV Press, 2008.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- HOCKETT, L. *Structural linguistics*. Chicago: Phoenix Books, 1947.

- HOLM, John. Variability of the Copula in Black English and Its Creole Kin. *American Speech*, v. 59, n.4, p. 291-309, 1984.
- _____. *Languages in Contact. The Partial Restructuring of Vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- _____. Atlantic features in Asia varieties of Creole Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v.8, n. 2, p. 11-22, 2009.
- HYMES, Dell *Foundations of Sociolinguistics*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.
- HUBER, Juliette. *A grammar of Makalero*. A Papuan language of East Timor. Utrecht: LOT, 2011.
- HULL, Geoffrey. A Morphological Overview of the Timoric Sprachbund. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v.4, p.98-205, 2001a.
- _____. O mapa linguístico do Timor-Leste: uma orientação dialetológica. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v.4, p.1-19, 2001b.
- _____. *Dili Tetum*. Sydney/Dili: Sebastião Aparício da Silva Project/Instituto Nacional de Linguística/Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, 2002a.
- _____. *Standard Tetum-English Dictionary*. 3ª ed. Sydney: Sebastião Aparício da Silva Project, Dili: Instituto Nacional de Linguística/Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, 2002b.
- _____. *Southern Mambai (Manbae-Ainaru Nor Same)*. Dili: Instituto Nacional de Linguística/ Universidade Nacional Timor Lorosa'e, 2003a.
- _____. *Galoli*. Dili: Instituto Nacional de Linguística/ Universidade Nacional Timor Lorosa'e, 2003b.
- _____. *Baikenu*. Dili: Instituto Nacional de Linguística/ Universidade Nacional Timor Lorosa'e, 2003c.
- _____. The Papuan Languages of Timor. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, n.6, p. 23-100, 2004.
- _____. The Malay Lexical Element in Tetum. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v.7, p.84-124, 2005.
- HULL, Geoffrey; BRANCO, Sabil J. O Enigma da Língua Macuva. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v. 5, p. 107-134, 2002/2003.

- HULL, Geoffrey; ECCLES, Lance. *Tetum Reference Grammar*. Sydney/Dili: Sebastião Aparício da Silva Project/Instituto Nacional de Linguística/Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, 2001.
- HUSSERL, Edmund. *Ideas: A General Introduction to Pure Phenomenology*. Trad. W. R. Boyce Gibson. New York: Collier Books, 1963.
- _____. *A Crise Das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*. São Paulo: Forense Universitária, 2012.
- INSTITUTO NACIONAL DE LINGUÍSTICA (INL). *Hakerek Tetun tuir Banati, Kursu Ortografia Patronizada nian*. Dili: Instituto Nacional de Linguística, Universidade Nacional Timor Lorosa'e, 2002.
- _____. *Matadalan Ortográfiku ba Tetun-Prasa*. Dili: Instituto Nacional de Linguística, Universidade Nacional Timor Lorosa'e, 2003.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- _____. *Fonema e fonologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.
- KLAMER, M; REESINK, G; STADEN, M. East Nusantara as a Linguistic Area. In: MUYSKEN, Peter. (ed.). *From linguistic areas to areal linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 2008. p. 95-149.
- KLEIN, Wolfgang; PERDUE, Clive. The Basic Variety. *Second Language Research*, v. 13, n. 4, p.301-347, 1997.
- KLINKEN, Catharina van. *A Grammar of the Fehan Dialect of Tetun, an Austronesian Language of West Timor*. Canberra: Pacific Linguistics, 1999.
- _____. *Oral traditions in Tetun Fehan*. Trabalho apresentado *East Nusantara 2º Workshop Questionnaires on Oral Traditions*. 2000. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&ved=0CD0QFjAC&url=http%3A%2F%2Fchl.anu.edu.au%2Flinguistics%2Fprojects%2FConferences%2FEastNusantara%2FOralTradTetun.rtf&ei=3eypUv6pGszIkAez_oCgDw&usg=AFQjCNH7gMH5Q0zgFI1QH1RTIMv-IHzlQ&bvm=bv.57967247,d.eW0.
- Acesso em 30 Mai 2011.
- KRAMSCH, Claire. (ed.) *Language acquisition and language socialization: Ecological perspectives*. Londres: Continuum, 2002a.
- _____. Introduction. How can we tell the dancer from the dance? In: KRAMSCH, Claire. (ed.) *Language acquisition and language socialization: Ecological perspectives*. Londres: Continuum, 2002b. p. 1-29.

_____. From communicative competence to symbolic competence. *The Modern Language Journal*, v. 90, n.2, p.249-252, 2006.

_____. *Ecological perspectives on foreign language education*. *Language Teaching*, v.41, n.3, p.389-408, 2007.

KRAMSCH, Claire; STEFFENSEN, Sune V. Ecological perspectives on second language acquisition and socialization. In: HORNBERGER, N.; DUFF, P. (Eds.). *Encyclopedia of language and education*. Vol. 8. Language and socialization. Heidelberg: Springer Verlag, 2008. p. 17-28.

KRAMSCH, Claire; WHITESIDE, Anna. Language Ecology in Multilingual Settings. Towards a Theory of Symbolic Competence. *Applied Linguistics*, v. 29, n. 4, p. 645-671, 2008.

KETTEMANN, Berndhard; PENZ, Hermine (orgs.) *ECONstructing language, nature and society: Essays in honor of Alwin Fill*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 2000.

KLINKEN, Catharina. Oral traditions in Tetun Fehan. Trabalho apresentado ao *East Nusantara – 2º Workshop Questionnaires on Oral Traditions*. Canberra: ANU, 2000.

KLOSS, Heinz. *Research possibilities on group bilingualism: a report*. Québec: Centre International de Recherche sur le Bilinguisme, 1969.

KOCH, Ingedore G. V. A Repetição e suas Peculiaridades no Português Falado no Brasil. In: URBANO, U. et al. (org). *Dino Preti*. Seus Temas: Oralidade, Literatura, Mídia e Ensino. São Paulo: Cortez, 2001. p. 118-127.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KRAMSCH, Claire. 2002. *Language acquisition and language socialization*. Londres: Continuum.

KUHN, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: CUP, 1962.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. *Sociolinguistics Patterns*. Oxford: Basil Blackwell, 1972.

LAMB, Sydney. *Pathways of the Brain: The Neurocognitive Basis of Language*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

LANZA, Elizabeth. *Language Mixing in Infant Bilingualism: A Sociolinguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

_____. Multilingualism and the family. In: AUER, Peter e WEI, Li (eds.). *Handbook of Multilingualism and Multilingual Communication*. Berlim/Nova York: Mouton de Gruyter, 2007. p.45-67.

LAPE, Peter V.; O'CONNOR, Sue; BURNINGHAM, Nick. Rock Art: A Potential Source of Information about Past Maritime Technology in the South-East Asia-Pacific Region. *The International Journal of Nautical Archaeology*, v. 36, p. 1-16, 2007.

LARSEN-FREEMAN, Diane. Chaos/complexity science and second language acquisition. *Applied Linguistics*, v.18, n. 2, p. 141-165, 1997.

_____. Language acquisition and language use from a chaos/ complexity theory perspective. In: KRAMSCH, Claire. (ed.) *Language acquisition and language socialization: Ecological perspectives*. Londres: Continuum, 2002. p. 33-46.

LAYCOCK, Donald N. Linguistic Diversity in Melanesia: A Tentative Explanation. In: FILL, Alwin e MÜHLHÄUSLER, Peter (ed.). *The ecolinguistics reader. Language, Ecology and Environment*. Londres: Continuum, 2001. p. 167-173.

LEATHER, Jonathan. Modeling the acquisition of speech in a 'multilingual' society: An ecological approach. In: KRAMSCH, Claire. (ed.) *Language acquisition and language socialization: Ecological perspectives*. Londres: Continuum, 2002. p. 47-66.

LEATHER, Jonathan; VAN DAM, Jet (orgs.). *Ecology of language acquisition*. Dordrecht: Kluwer, 2003a.

LEATHER, Jonathan; VAN DAM, Jet. Towards an Ecology of Language Acquisition. In: LEATHER, Jonathan; VAN DAM, Jet (orgs.). *Ecology of language acquisition*. Dordrecht: Kluwer, 2003b. p. 1-29.

LECHEVREL, Nadegè. *The intertwined histories of ecolinguistics and ecological approaches of language(s). Historical and theoretical aspects of a research paradigm*. Trabalho apresentado ao Symposium on Ecolinguistics-Ecology of Science. Odense: University of Southern Denmark, 2009.

_____. *Les approches écologiques en linguistique. Enquête critique*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant, 2010.

LEE, Seung-Hwa. A regra do acento em português: outra alternativa. *Letras de Hoje*, p. 37-42, 1994.

LEITÃO, Humberto. *Os Portugueses em Solor e Timor de 1515 a 1702*. Lisboa: Tip. da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1948.

_____. *Vinte e oito anos de história de Timor (1698 a 1725)*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952.

- LEMKE, Jay. Language development and identity: Multiple timescales in the social ecology of learning. In: KRAMSCH, Claire. (ed.) *Language acquisition and language socialization: Ecological perspectives*. Londres: Continuum, 2002. p. 68-87.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- LEWIS, M. Paul; SIMONS, Gary F.; FENNIG, Charles D. (eds.). *Ethnologue: Languages of the World*. 17a ed. Dallas: SIL International, 2013. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 27 Nov. 2013.
- LIBERMAN, Mark. *The Intonational system of English*. Nova York: Garland Press, 1975.
- LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, n. 8, p. 249-336, 1977.
- LIMA JR., Ronaldo M. *A influência da idade na aquisição da fonologia do inglês como língua estrangeira por brasileiros*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- LINDØ, Anna Vibeke; BUNDSGAARD, Jeppe (eds.). *Dialectical Ecolinguistics. Three essays for the symposium 30 Years of Language and Ecology in Graz december 2000*. Nordisk Institut: University of Odense, 2000.
- LOURENÇO, Soraia V. M. *Um quadro de referência para o ensino de português em Timor-Leste*. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa). Departamento de Língua e Cultura Portuguesa, Universidade de Lisboa, Lisboa. 2008.
- LOVELOCK, James. *Gaia. Um novo olhar sobre a vida na terra*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EdUFBA, 2009.
- MAFFI, Luisa (ed.). *On Biocultural Diversity. Linking Language, Knowledge, and the Environment*. Washington/ Londres: Smithsonian Institution Press, 2001.
- MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics. ¿Toward a New **Paradigm** for the Science of Language?* Londres: Pinter Publishers Ltd., 1993.
- _____. Die Welt als Bewußtsein und Paraphrase: zur gesamtökologischen Fundierung des menschlichen Sprachverständnisses mit besonderer Rücksicht auf die Sprachphilosophie Wilhelm von Humboldts und ihre Relevanz für die theoretische Sprachwissenschaft des 21. Jahrhunderts. In: FILL, Alwin (org.) *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996. p. 77-102.

- _____. The role of the human voice in the eco-semantics of human interaction. In: FILL, Alwin; PENZ, Hermine; & TRAMPE, Wilhelm (eds.). *Colourful Green Ideas*. Bern: Peter Lang, 2002. p. 219-236.
- MALKIEL, Yukov. Friedrich Diez's debt to pre-1800 linguistics. In: HYMES, Dell (ed.). *Studies in the history of linguistics: traditions and paradigms*. Bloomington: Indiana University Press, 1974. p. 315-330.
- MARCOS, Artur. *Timor Timorese*. Com suas línguas, literatura, lusofonia. Lisboa: Colibri, 1995.
- MARCUSCHI, Luiz A. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p. 95-129.
- _____. *Análise da Conversação*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. A oralidade no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a fala. In: MARCUSCHI, Luiz A.; DIONISIO, Ângela P. (Org.). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 57-84.
- _____. *Repetição*. In: JUBRAN, Clélia A. S.; KOCH, Ingedore G. V. (Org.). *Gramática do português falado no Brasil: construção do texto falado*. Vol. I. Campinas: Ed. Unicamp, 2006. p. 219-254.
- MARQUES, A. H. Oliveira. *História dos portugueses no Extremo Oriente*. Vol. 2: Macau e Timor. O declínio do império. Lisboa: Fundação Oriente, 2001.
- MARTINET, André. *Elementos de lingüística general*. Madri: Gredos, 1974.
- MARTINS, João B. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. *Semina: Ciências Sociais/Humanas*, v. 17, n. 3, p. 266-273, set. 1996.
- MATOS, Artur T. *Timor Português (1515-1769): Contributos para a sua história*. Lisboa: Instituto Infante D. Henrique/ Faculdade de Letras, 1974.
- MATEUS, Maria H.; D'ANDRADE, Ernesto. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- MATRAS, Yaron; BAKKER, Peter (eds.). *The Mixed Language Debate: Theoretical and Empirical Advances*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2003.
- MAURER, Philippe. *The former Portuguese Creole of Batavia and Tugu (Indonesia)*. Londres: Battlebridge Publications, 2011.
- MEAKINS, Felicity. Mixed Languages. In: BAKKER, Peter; MATRAS, Yaron (eds.).

- Contact Languages. A Comprehensive Guide*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2013. p. 159-228.
- MORIN, Edgar. *Paradigma Perdido: a natureza humana*. Lisboa: Europa América, 1979.
- _____. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.
- MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. *Language Evolution. Contact, Competition and Change*. Londres: Continuum, 2008.
- MÜHLHÄUSLER, Peter. *Linguistic Ecology: Language Change and Linguistic Imperialism in the Pacific Region*. Londres/ NovaYork: Routledge 1996.
- _____. Humboldt, Whorf and the roots of ecolinguistics. In: PÜTZ, Martin; VESPOOR, Marjolijn H. (ed.). *Explorations in linguistic relativity*. Amsterdam: Benjamins, 2000. p. 89-100.
- _____. *Language of environment, environment of language: a course in ecolinguistics*. Londres: Battlebridge, 2003.
- MÜLLER, Max. *Science of Languages*. Londres: Longman, 1875.
- NAESS, Arne. The shallow and the deep, long-range ecology movement: a summary. *Inquiry* v. 16, p. 16-100, 1973.
- NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.
- NASH, Joshua. *Insular toponymies: pristine place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island, South Australia*. Tese (Doutorado em Linguística). School of Humanities, University of Adelaide, Adelaide, Austrália. 2011a.
- _____. Norfolk Island, South Pacific: An empirical ecolinguistic case study. *AUMLA – Journal of the Australasian Universities Language and Literature Association*, v. 116, p.83-97, 2011b.
- _____. *Insular Toponymies. Pristine Place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2013.
- NATIONAL BOARD OF STATISTICS. *Timor-Leste Census of Population and Housing 2004*. Priority Tables Editions: National Board of Statistics and the United Nation Fund for Population, 2006.

- NELDE, Peter H. Sprachokologische Überlegungen am Beispiel altbelgiens. In: OKSAAR, E. (ed.). *Spracherwerb-Sprachkontakt-Sprachkonflikte*. Berlin: De Gruyter, 1984. p. 167-79.
- NORDHOLT, Schulte. *The political system of the Atoni of Timor*. Haia: Nijhoff, 1971.
- NUNERS, Mário P.; BAXTER, Alan N. Os marcadores pré-verbais no crioulo de base lexical portuguesa de Macau. *Papia* v. 14, p. 31-46, 2004.
- O'CONNOR, Sue; SPRIGGS, Matthew; VETH, Peter. Excavation at Lene Hara Cave establishes occupation in East Timor at least 30,000–35,000 years ago. *Antiquity*, v. 76, p. 45-50, 2002.
- ODUM, Eugene P. *Fundamentals of Ecology*. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1971.
- OLIVEIRA, Luna de. *Timor na história de Portugal*. vol. 1. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1948.
- _____. *Timor na história de Portugal*. Vol. 2. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1953.
- OSTLER, Nicholas. *Little Jack Homer's Christmas Pie*: Review of Alwin Fill & Peter Mühlhäusler eds. *The Ecolinguistics Reader: Language, Ecology and Environment*. Foundation for Endangered Languages, 2001. Disponível em: <http://www.ogmios.org/1711.htm>. Acesso em 19 de Out. 2013.
- PARADIS, Johanne. Early bilingual and multilingual acquisition. In: AUER, Peter e WEI, Li (eds.). *Handbook of Multilingualism and Multilingual Communication*. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 2007. p.15-44.
- PAYNE, Thomas E. *Exploring Language Structure*. A Student's Guide. Cambridge: CUP, 2006.
- PERCIVAL, W. Keith. The Applicability of Kuhn's Paradigm to the History of Linguistics. *Language*, v. 52, n. 2, p.285-294, 1976.
- PINKER, Steven. *The Language Instinct*. How the Mind Creates Language. New York: William Morrow and Company, 1994.
- PINTO, Filomena I. C. *A percepção da língua portuguesa por estudantes timorenses do ensino superior português*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2010.
- POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Relatório do Desenvolvimento Humano de Timor Leste*. Dili: UN Agency House, 2002.

- PTAK, Roderich. Some references to Timor in old Chinese records. *Ming Studies*, v. 17, p.37-48, 1983.
- QUINE, Willard V. O. *From a Logical Point of View*. Boston/ Massachusetts: Harvard University Press, 1953.
- RAMOS, Rui. Ecolinguística: um novo paradigma para a reflexão sobre o discurso? In: OLIVEIRA, Fátima; DUARTE, Isabel Margarida (orgs.). *Da Língua e do discurso*. Porto: Campo das Letras, 2004. p. 545-562.
- _____. Heterogeneidade enunciativa no discurso sobre o ambiente na imprensa portuguesa: funcionamento e efeitos do discurso directo. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 1, p. 45-70, jan/abr, 2007.
- _____. *O discurso do ambiente na imprensa e na escola*. Uma abordagem linguística. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian /Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009.
- REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE. *Constituição da República Democrática de Timor-Leste*. Dili, 2002. Disponível em: http://timor-leste.gov.tl/wp-content/uploads/2010/03/Constituicao_RDTL_PT.pdf. Acesso em: 21 de nov. 2010.
- REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE. *Decreto do Governo n.º 1/2004. O padrão ortográfico da língua Tétum*. Dili, 2004. Disponível em: http://www.jornal.gov.tl/public/docs/2002_2005/decreto_governo/1_2004.pdf. Acesso em: 22 de nov. 2010.
- ROEVER, Arend de. *De jacht op sandelhout*. De VOC en de tweedeling van Timor in de zeventiende eeuw. Zutphen: Walburg Pers, 2002.
- ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 1995.
- ROSA, Frederico D. Uruvatju e Tjiapu: Genealogias Invisíveis da Etnografia Missionária em Timor-Leste. In: NÁCHER, Alfonso. *Léxico Fataluco-Português*. Dili: Salesianos de Dom Bosco Timor-Leste, 2012. p. 11-40.
- RUBIN, H. Morphological knowledge and early writing ability. *Language and Speech*, v. 31, p. 337-355, 1988.
- SÁ, Artur B. *A planta de Cailaco 1727*. Valioso documento para a história de Timor. Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1949.
- _____. (ed.). *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente Insulíndia*. Vol. 4: (1568-1579). Lisboa: Agencia Geral do Ultramar, 1956.
- _____. (ed.). *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente Insulíndia*. Vol. 5: (1580-1595). Lisboa: Agencia Geral do Ultramar, 1958.

- _____. *Textos em teto da literatura oral timorense*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961.
- SADNYANA, I Nengah Semeta *et al.* *Struktur Bahasa Galolen*. Jakarta: Pusat Pembinaan dan Pengembangan Bahasa/ Departemen Pendidikan dan Kebudayaan, 1994.
- SANTOS, Ana Sofia. *O ensino da língua portuguesa em Timor-Leste: o método Português em Timor e a importância do Tétum (L1) na aquisição do português (L2)*. Dissertação (Mestrado em Ensino do Português como L2 e LE). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2009.
- SANTOS, Domingos. *A experiência de um aprendiz de português como segunda língua em ambiente de imersão*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília. 2010.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Cultrix, 2000 [1916].
- SCHAPPER, Antoinette; HUBER, Juliette; ENGELHOFEN, Aone. The historical relation of the Papuan languages of Timor and Kisar. In: HAMMARSTRÖM, Harald; HEUVEL, Wilco (eds.). *Journal of the Linguistic Society of Papua New Guinea*. Special Issue 2012. Part 1. History, contact and classification of Papuan languages, p. 192-240, 2012.
- SCHLEGEL, August W. F. *Über die Sprache und Weisheit der Indier*. Heidelberg: Mohr und Bimmer, 1808.
- SCHLEICHER, August. *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. Weimar: H. Boehlau, 1861.
- SERRÃO, J.; MARQUES, A. H. Oliveira (eds). *Nova história da expansão portuguesa*. Vol. 5, 2: O império oriental 1660- 1820. Lisboa: Editorial Estampa, 2006.
- SEUREN, Pieter. *Western Linguistics: An Historical Introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 1998.
- SILVA, Manuel M. A. *Noções da grammatica galoli, dialecto de Timor*. Macau: Typographia do Seminário de São José, 1900.
- SILVA, Sebastião A. *Dicionário de Português-Tétum*. Macau: Tipografia do Seminário, 1889.
- SILVA NETO, Serafim. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

- SMITH, David W. Phenomenology. In: ZALTA, Edward N. (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (2008 Edition). Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/phenomenology/>. Acessado em: 12 Jul. 2013.
- SMITH, Barry; SMITH, David W. Introduction. In: SMITH, Barry; SMITH, David W. (eds.) *The Cambridge Companion to Husserl*. Cambridge/ New York: Cambridge University Press, 1995. p. 1-44.
- SMUTS, Jan C. *Holism and evolution*. Londres: MacMillan, 1926.
- SOARES, Lúcia V. Haverá horta na horta? A importância dos aspectos sócio-culturais na produção de suportes didáticos. In: *Textos do Seminário Metodologias e Materiais para o Ensino do Português como Língua Não Materna*. Lisboa: ILTEC/ Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. p. 59-64.
- _____. *Ensino/aprendizagem do português no contexto plurilíngue de Timor-Leste: rola ou lakateu? rola e lakateu!* In: MARÇALO, Maria J. et al. (ed.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Anais do II SIMELP. Évora: Universidade de Évora, 2010. p. 23-40.
- _____. Qual o papel da Língua Portuguesa na Política Educativa em Timor Leste. In: COSTA, Ana B; BARRETO, Antónia (coord.). *Portugal e os Palop: Cooperação na área da Educação*. p. 95-102. Lisboa, 2011. Disponível em: http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/2993/1/Soares_COOPEDUI_2.6.pdf. Acesso em: 07 Jan. 2012.
- SOUSA, Lúcio M. G. *An tia: partilha ritual e organização social entre os Bunak de Lamak Hitu, Bobonaro, Timor-Leste*. Tese (Doutorado em Antropologia). Especialidade de Antropologia Social, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal. 2010.
- SOUSA, Socorro C. T.; SILVA, Maria M. E. Políticas Linguísticas e Ensino de Língua Portuguesa: o Caso de Timor-Leste. In: *Diversidade Linguística e Políticas de Ensino*. Anais do II Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística. São Luís: EDUFMA, 2012. p. 716-729.
- STEFFENSEN, Sune V. Care and conversing in dialogical systems. *Language Sciences*, v. 34, n. 5, p. 513-531, 2012.
- _____. Human Interactivity: Problem-Solving, Solution-Probing and Verbal Patterns in the Wild. In: COWLEY Stephen J.; VALLÉE-TOURANGEAU, F. (eds.). *Cognition Beyond the Brain*. Londres: Springer, 2013. p. 195-221.

- STIBBE, Arran. The Tao of language: Parallels between contemporary linguistics and Eastern mysticism. *Bulletin of the International Cultural Research Institute of Chikushi Jogakuen University*, v.14, p.15-30, 2003.
- _____. Environmental education across cultures: beyond the discourse of shallow environmentalism. *Language & Intercultural Communication*, v. 4, n. 4, p. 242-260, 2005.
- _____. Deep ecology and language: The curtailed journal of the Atlantic salmon. *Society & Animals*, v.14, n.1, p.61-77, 2006.
- _____. *Animals erased: discourse, ecology and reconnection with the natural world*. Middletown: Wesleyan University Press, 2012.
- STEVENS, Alan M. Kemak: An Austronesian Language. *Anthropological Linguistics* v. 9, n. 1, p. 26-32, 1967.
- STIBBE, Arran; ZUNINO, Francesca. The discursive construction of biodiversity. In: DÖRING, Martin; PENZ, Hermine; TRAMPE, Wilhelm (eds.). *Language, Signs and Nature: Ecolinguistic Dimensions of Environmental Discourse*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 2008.
- STROHNER, Hans. Die neue Systemlinguistik: Zu einer ökosystemischen Sprachwissenschaft. In: FILL, Alwin (org.). *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996. p. 49-58.
- TAYLOR-LEECH, Kerry. The ecology of language planning in Timor-Leste. *Development Bulletin*, v. 63, p. 116-120, 2005.
- _____. *The Ecology of Language Planning in Timor-Leste*. A study on language policy, planning and practices in identity construction. Tese (Doutorado em Linguística). School of Language and Linguistics, Griffith University, Brisbane, Austrália. 2007.
- _____. Language and identity in East Timor: The discourses of nation building. *Language problems and language planning*, v.32, n.2, p.153-180, 2008.
- _____. The language situation in Timor-Leste. *Current issues in language planning* v.10, n.1, p.1-68, 2009.
- _____. Language choice as an index of identity: Linguistic landscape in Dili, Timor-Leste. *International Journal of Multilingualism* v.9, n.1, p.15-34, 2011a.
- _____. Timor-Leste: Sustaining and maintaining the national languages in education. *Current Issues in Language Planning* v.12, n.2, p.289-308, 2011b.
- TAYLOR-LEECH, Kerry; CAET, Agostinho. Mother tongue-based multilingual education: A new direction for Timor-Leste. In: LEACH, Michael et al. (Eds.). *New*

- Research on Timor-Leste*. Proceedings of the Communicating New Research on Timor-Leste Conference. Dili: Timor-Leste Studies Association, 2012. p. 295-301.
- TEIXEIRA, Manuel. *Macau e a sua diocese. Vol. VI. A missão portuguesa de Malaca*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1963.
- TEIXEIRA E SILVA, Roberval et al. (orgs.) *III SIMELP. A formação de novas gerações de falantes de português no mundo*. Macau: Universidade de Macau, 2012. CD-Rom.
- THERIK, Tom. *Wehali, the female land*. Traditions of a Timorese ritual centre. Canberra: Pandanus Books/ Australian National University, 2004.
- THOMAZ, Luis Filipe. Timor: Notas histórico-linguísticas. *Portugaliae Historica*, vol.2, p.167-300, 1974.
- _____. O afluxo ao meio urbano no Timor Português. *Revista da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa*, v. 4, n. 1, p. 495-553, 1976.
- _____. Notes sur le ‘Dictionnaire français et timorien’ de F. E. de Rosily. *Archipel*, vol. 23, p.105-108, 1982.
- _____. A língua portuguesa em Timor. *Actas do Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*, vol. 1, p. 313-319. Lisboa: Instituto de cultura e língua portuguesa, 1985.
- _____. *De Ceuta a Timor*. Carnaxide: Difel, 1994.
- _____. Elementos para um glossário luso-timorense. In: LOUREIRO, Rui Manuel. *Onde Nasce o Sândalo: Os Portugueses em Timor nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1995.
- _____. *Babel Loro Sa'e: O Problema Lingüístico de Timor Leste*. Lisboa: Instituto Camões, 2002.
- THURSTON, William R. *Processes of change in the languages of north-western New Britain*. Canberra: The Australian National University, 1987.
- TRAMPE, Wilhelm. *Ökologische Linguistik. Grundlagen einer ökologischen Wissenschafts- und Sprachtheorie*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.
- _____. Ökosysteme und Sprache-Welt-Systeme, in: FILL, Alwin (ed.). *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenberg, 1996. p. 59-75.
- _____. Von einer Ökologie der Sprache zu einer Ökologie der Zeichen. In: KETTEMANN, Berndhard; PENZ, Hermine (eds.). *ECONstructing Language, Nature*

- an Society. The Ecolinguistic Project Revisited*. Tübingen: Stauffenberg, 2000. p.84-104.
- _____. Language and Ecological Crisis: Extracts from a Dictionary of Industrial Agriculture. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (eds.). *The Ecolinguistics Reader*. Londres/ New York: Continuum, 2001. p. 232-240.
- _____. Zur Notwendigkeit einer ökologischen Semiotik. In HESS-LÜTTICH, E. W. B. (ed.). *Eco-Semiotics. Umwelt- und Entwicklungskommunikation*. Tübingen/ Basel: Francke, 2006. p. 57-76.
- _____. Sign – World – Systems. In: DÖRING, Martin; PENZ, Hermine; TRAMPE, Wilhelm (eds.). *Language, Signs and Nature: Ecolinguistic Dimensions of Environmental Discourse*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 2008.
- TRAUBE, Elizabeth. *Cosmology and social life. Ritual exchange among the Mambai of East Timor*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.
- _____. Unpaid Wages: Local Narratives and the Imagination of the Nation. *The Asia Pacific Journal of Anthropology*, v.8, n. 1, p. 9-25, 2007.
- TRAUOGOTT, Elizabeth C.; DASHER, Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- TREIMAN, R.; CASSAR, M. Effects of morphology on children's spelling of final consonant clusters. *Journal of Experimental Child Psychology*, v. 63, p. 141-170, 1996.
- TREIMAN, R.; CASSAR, M.; ZUKOWSKY, A. What kinds of linguistic information do children use in spelling? The case of flaps. *Child Development*, v. 65, p. 1318–1329, 1994.
- TRUBETZKOY, Nikolai S. *Principles of Phonology*. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press, 1969.
- ULLMANN, Stephen. *Semantics: an Introduction to the Science of Meaning*. Oxford: Basil Blackwell, 1964.
- URYU, Michiko; STEFFENSEN, Sune V.; KRAMSCH, Claire. The ecology of intercultural interaction: timescales, temporal ranges and identity dynamics. *Language Sciences*, v.41, n.1, p. 41-59, 2014.
- VAN DAM, Jet. Language acquisition behind the scenes: collusion and play in educational setting. In: LEATHER, Jonathan; VAN DAM, Jet (orgs.). *Ecology of language acquisition*. Dordrecht: Kluwer, 2003. p. 203-222.
- VAN KLINKEN, Catharina. *A grammar of the Fehan dialect of Tetun: an Austronesian language of West Timor*. Canberra: Pacific Linguistics, 1999.

- VAN LIER, Leo. *The Ecology and Semiotics of Language Learning. A Sociocultural Perspective*. Dordrecht: Kluwer, 2003.
- VAN WELZEN, Peter C.; SLIK, J. W. Ferry; ALAHUHTA, Janne. Plant distribution patterns and plate tectonics in Malesia. *Biol. Skr.*, v.55, p. 199-217, 2005.
- VASCONCELOS, José L. *Esquisse d'une dialectogie portugaise*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970 [1901].
- VERSTEEGH, Kees. Non-Indo-European Pidgins and Creoles. In KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John V. (eds.) *The Handbook of Pidgin and Creoles Studies*. East Sussex: Wiley-Blackwell, 2008. p. 158-186.
- VOEGELIN, C. F.; VOEGELIN, F. M.; SCHUTZ, Noel W. The language situation in Arizona as part of the Southwest culture area. In HYMES, Dell; BITLLE, William E. (eds.). *Studies in Southwestern Ethnolinguistics: Meaning and history in the languages of the American Southwest*. The Hague: Mouton, 1967. p. 403-451.
- WALLACE, Alfred R. *The Malay Archipelago: The Land of the orang-utan and the Bird of Paradise: A Narrative of travel with studies of Man and Nature*. Londres: Macmillan, 1869.
- WENDEL, J. N. Notes on the Ecology of Language. *Bunkyo Gakuin University Academic Journal*, n. 5, p. 51-76, 2005.
- WEST, Martin Litchfield. *Early Greek Philosophy and the Orient*. Oxford: Clarendon Press, 1971.
- WHYTE, William F. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Trad. Maria L. Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- WINFORD, Donald. *An Introduction to Contact Linguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2003.
- WILLIAMS-VAN KLINKEN, Catharina; HAJEK, John. Patterns of address in Dili Tetum, East Timor. *Australian Review of Applied Linguistics*, vol. 29, n. 2, p. 1-18, 2006.
- WILLIAMS-VAN KLINKEN, Catharina; HAJEK, John; NORDLINGER, Rachel. *Tetun Dili: A grammar of an East Timorese language*. Canberra: Pacific Linguistics, 2002.
- WONG FILLMORE, Lily. When learning a second language means losing the first. *Early Childhood Research Quarterly*, v. 6, p. 323-346, 1991.

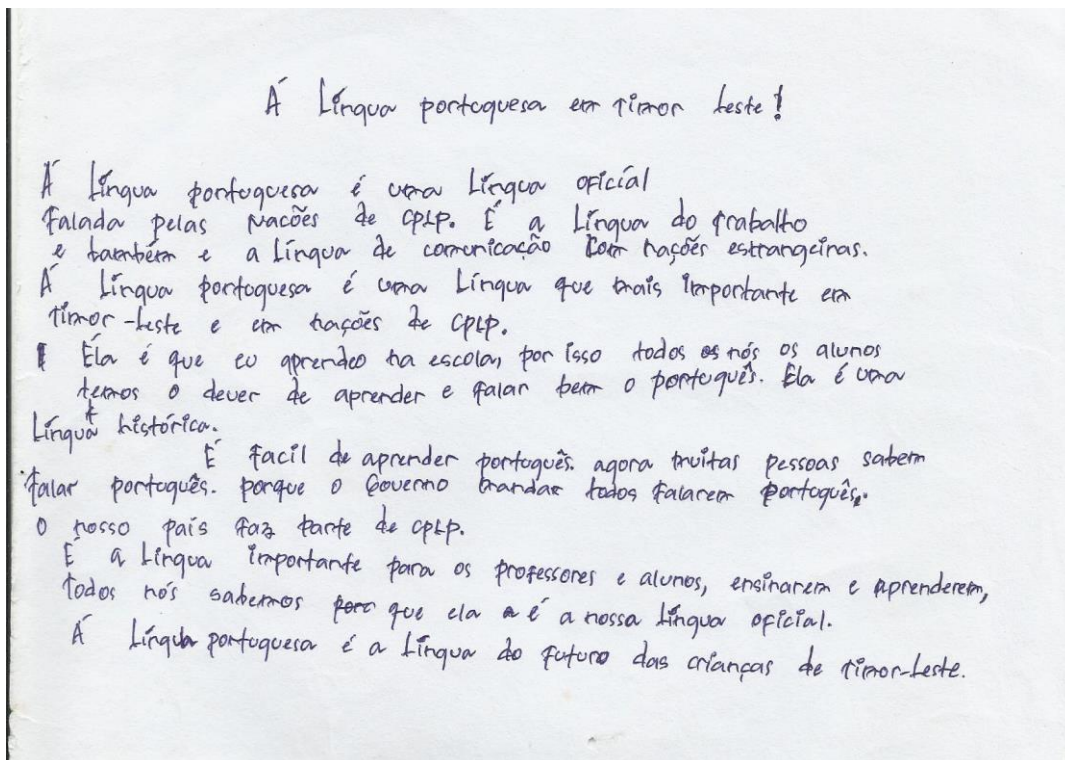
ZANTEN, E; GOEDEMANS, R. A functional typology of Austronesian and Papuan stress system. In: HEUVEN, V. J; ZANTEN, E. (eds.). *Prosody in Indonesian Languages*. Utrecht: LOT, 2007. p.63-87.

ANEXO.

AMOSTRA DE TEXTOS EM PTL

Neste anexo se encontra uma amostra de oito textos digitalizados de falantes leste-timorenses de português. Os textos foram elaborados como tarefas de sala de aula, aplicadas pelo autor deste trabalho quando trabalhava em Timor-Leste como professor de língua portuguesa, entre os anos de 2008 e 2009. Os indivíduos leste-timorenses autores dos textos não foram identificados, já que não foram encontrados para solicitar seus respectivos consentimentos para a divulgação de seus nomes.

Texto 1:



Texto 2:

No. : _____
Date: _____

A língua portuguesa em Timor-Leste

Timor-Leste é uma nação que nova. Timor-Leste a independência em século XXI (um século sem 100 anos). ONU transfere independência para novo governo Timor-Leste em 20 de Maio de 2002 e aquela tempo novos autoridades Timor-Leste, identifica língua portuguesa é língua oficial de Timor-Leste.

Língua portuguesa vem em Timor-Leste primeiro foi os missionários em 500 anos atrás. Durante 500 anos os missionários e o governo português em Timor-Leste, educa os Timorenses com língua portuguesa.

A língua portuguesa já foi criada no tempo passado, porque no tempo passado, os intelectuais e o governo já identifica ou preferer língua portuguesa com língua oficial em Timor-Leste.

A língua português para evita os conflitos, os interesses, de outra nação por exemplo. Bahasa Indonesia, língua Inglês, e outra nação de língua português importante em Timor-Leste, porque língua sempre até agora ainda

No. : _____
Date: _____

desenvolvem bem ou as palavras de

sempre todos em pressada ou cópia de

língua português. Ao fim a língua português pode ajudar os Timorenses, porque fácil de aprender ou estudar.

Texto 3:

A língua portuguesa em Timor-Leste.

A língua portuguesa é a língua que é muito importante em Timor-Leste. Ela é falada em muitos países como Portugal, Brasil, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Macau incluindo Timor-Leste.

Eu gosto muito da língua portuguesa. De ser de aprender e falar bem porque, ela é a nossa língua oficial, a certa pelo povo e escrita na constituição RDTL.

Todos os alunos nas escolas desde primária até secundária tem o dever de estudar português porque está escrita na nossa constituição de RDTL.

Por isso estou muito alegre de esforçar de falar bem ou mal porque o meu futuro está nas minhas mãos. E quero aperfeiçoar melhor o meu português.

Texto 4:

No. _____
Data: _____

A língua portuguesa em timor- leste.

A língua portuguesa é a língua nativa de Portugal

timor- leste fala esta língua desde o início

quando Portugal descobriu timor- leste em 1416.

Naquela altura podemos contar já que timor- leste

ou timor oriental havia umas dezenas de

pessoas existentes em diti que tentam ou

esforçam de falar português, mas sem verbos

nem tempos.

Em 1904, os portugueses através dos padres Jesuítas

vieram outra vez a timor- leste.

Neste mesmo ano 1904 os missionários aiaís

Jesuítas chegaram em colbada e começaram

a construir a igreja assim como a escola

missionário.

Em 1908 quando a respectiva escola encontra-se

pronta, os missionários começaram a contactar com

os autoridades locais e começaram a socializar e

por sua vez começaram a abrir escola assim, como


ensinar doutrina católica.

E no mesmo ano 1908 os missionários começaram

a ensinar os estudantes por volta de uma centena

em tanto de sexo masculino e feminino, mas

não há discriminação de idade.



Passado uns anos a igreja catolica abriu mais colégios, tais como: colégio de ossu maliana, e assim sucessivamente mais outros colégios até que houve um grande sucesso por último abriu mais o seminário de Dare.

Não é só por o esforço da igreja, mas sim por outra parte, o estado através do governo também abriu escolas tais como: escolas primárias, pré-secundária, escolas dos professores, técnicas e liceu.

Além das escolas acima designados houve mais ouvintes nas escolas particulares.

Por meio destes programas da igreja, do governo assim como particular e que houve uma grande avaliação porque nos vimos antes da invasão da indonésia já vimos milhares de pessoas que já pode ler, escrever, e fala bem português.

A pesar do invasor governo timor-leste, a igreja católica tentou de abrir outras a escola Externato, São José com a sua política de meter mais no seu curriculum a língua portuguesa.

Durante 450 anos que timor-leste foi colonizado por Portugal, milhares / centenas de milhares de pessoas timorenses é que batizaram com a identidade tal igual como cidadã portuguesa.

Por causa da curta história acima relatada com a nossa própria identidade é que a nossa assembleia constituinte, defende e mantém a língua portuguesa como a nossa língua oficial, fim de desenvolver a nossa língua tétun.

A lém da língua, os nossos líderes tais do governo assim como dos partidos decidiram e por último submetemos também ou fazemos parte também na (CPLP) comunidade da língua portuguesa fim de desenvolver melhor a nossa querida e amada (RDTL) República Democrática de Timor-Leste.

Antes de terminar, desejava-me de fazer chegar os meus colegas, que temos de fazer com tantos esforços de estudar a língua portuguesa, fim desenvolver melhor a nossa nação, porque o futuro está na mão de todos nós estudantes.

Texto 5:

A LÍNGUA PORTUGUÊS EM TIMOR-LESTE

A língua portuguesa em timor, porque esta língua é mais importante e também como língua oficial, na nação de timor para esta população.

Na timor também já tem a constituição PRTL da esse língua.

É as pessoas falam português, e as matérias na cidade de dili e nos distritos, nas escolas também os alunos e os professores falam português, e os materiais, os livros na biblioteca são como língua portuguesa.

Mas muito pessoas que não pode fala português, porque a capacidade não esta para aprender este língua.

O tempo passado o português entra em timor faz a guerra até 450 anos. Muito anos em timor deixa a sua língua na este nação e até agora a língua portuguesa é muito importante de nação timor-leste.

Timor-leste é uma pequeno mas o portugal não feira os olhos para esse nação.

Os cidadão português e também vivem em timor para ajudar os professores de português em timor-leste.

Texto 6:

A Língua Portuguesa em Timor-leste.

A língua Portuguesa é a língua oficial de Timor-leste.

Esta escrita na nossa constituição como nossa língua oficial.

É a língua que acho [difícil], mas nós temos obrigação de aprender.

Todos nós temos o dever de aprender, escrever e falar na escola e em casa.

Para mim português é muito importante para nossa aprendizagem por que está servindo de [base] para desenvolver a nossa língua materna.

Eu gosto muito de aprender e falar português.

Sinto contente por ter aprendido uma língua da Europa também como inglês.

Texto 7:

A LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE

A Língua Portuguesa é uma língua muito importante, para nossa nação. Esta escrita na nossa Constituição como língua oficial do nosso país. Timor-Leste tem duas línguas oficiais, Língua Tetum e Língua Portuguesa.

A Língua Portuguesa foi aprendida no tempo colonial português. Durante esse tempo foi estabelecido como a primeira língua no território de Timor. Por isso ela é uma língua histórica do povo de Timor-Leste, porque os nossos bisavós que aprenderam e estudaram esta língua, usaram-na para fazer comunicação com os outros países.

Até a ocupação dos indonésios em Timor-Leste, durante 24 anos, a Língua Portuguesa serviu-se como uma ponte de comunicação a Portugal e os países irmãos da CPLP. Para alcançar a independência a Língua usada pelos líderes para a libertação nacional do povo Timorense.

Eu gosto muito de aprender e estudar esta língua porque é muito rica na gramática. Com ela eu posso desenvolver melhor a minha língua materna. Eu vou esforçar de estudar muito português porque o nosso país inclui a comunidade dos países de língua portuguesa.

Sinto-me orgulhoso de falar esta língua porque é falado em muitas partes do mundo.

Texto 8:

A língua portuguesa em Timor - Leste.

A língua portuguesa em Timor - Leste é muito importante para os estudantes.

A língua portuguesa é a língua oficial que existe aqui em Timor, que todos nós aprendemos a ler e escrever, e principalmente para os Analfabetos.

A língua portuguesa é uma língua que muito importante que nós aprendemos em Território de Timor - Leste.

por isso, nós temos de esforçar com Maneiras e Ideias para nós sabemos nós futuros Anos próximos.

A língua portuguesa é uma linda língua que hoje nós todos aprendemos no nosso país, e principalmente para os estudantes.

Eu gosto muito de aprender a língua portuguesa porque, é uma língua Nova aqui em Timor.